

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Thalita Nogueira Dias

PREDICAÇÃO AUTONÔMICA: uma abordagem enunciativa

Belo Horizonte
2022

Thalita Nogueira Dias

PREDICAÇÃO AUTONÔMICA: uma abordagem enunciativa

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Linguística.

Área de concentração: Linguística teórica e descritiva.

Linha de pesquisa: Estudos da Língua em Uso

Orientador: Prof. Dr. Luiz Francisco Dias

Belo Horizonte

2022

D541p

Dias, Thalita Nogueira.

Predicação autonômica [manuscrito] : uma abordagem enunciativa / Thalita Nogueira Dias. – 2022. 209 f., enc.: il.

Orientador: Luiz Francisco Dias.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de Pesquisa: Estudos da Língua em Uso.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 204-209

1. Língua portuguesa – Verbos – Teses. 2. Enunciação – Estudo e ensino – Teses. 3. Funcionalismo (Linguística) – Teses. I. Dias, Luiz Francisco. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 415



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Predicação autonômica: uma abordagem enunciativa

THALITA NOGUEIRA DIAS

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudos da Língua em Uso.

Aprovada em 03 de maio de 2022, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Luiz Francisco Dias - Orientador

UFMG

Prof(a). Luciani Dalmaschio

UFSJ

Prof(a). Waldemar Duarte de Alencar Neto

IFPI

Prof(a). Sueli Maria Coelho

UFMG

Prof(a). Eduardo Roberto Junqueira Guimarães

UNICAMP

Belo Horizonte, 03 de maio de 2022.



Documento assinado eletronicamente por **Sueli Maria Coelho, Diretor(a) de unidade**, em 04/05/2022, às 13:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

Documento assinado eletronicamente por **Luiz Francisco Dias, Membro**, em 04/05/2022, às 14:00,



conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Waldemar Duarte de Alencar Neto, Usuário Externo**, em 04/05/2022, às 15:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eduardo Roberto Junqueira Guimarães, Usuário Externo**, em 06/05/2022, às 16:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luciani Dalmaschio, Usuário Externo**, em 09/05/2022, às 09:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1363567** e o código CRC **3B979525**.

AGRADECIMENTO

Agradeço a todos que direta e indiretamente me ajudaram a concluir esta tese de doutorado em Estudos Linguísticos.

Ao meu marido e orientador Luiz Francisco Dias, pelo apoio incondicional, e principalmente pela paciência e dedicação na condução deste trabalho. Companheiro zeloso que se faz presente em todos os momentos da minha vida pessoal e acadêmica.

Aos professores membros da banca Sueli Maria Coelho, Luciani Dalmaschio e Waldemar Duarte pelas importantes contribuições ainda durante o processo de qualificação. Agradeço ainda as professoras suplentes Priscila Brasil Gonçalves Lacerda e Neuza Benedita da Silva Zattar, minha eterna orientadora, por quem eu guardo um carinho especial.

Ao professor Eduardo Junqueira Guimarães por ter aceitado prontamente o convite para participar banca de defesa deste trabalho.

Aos membros do Grupo de estudos **Enunciar**, cujos trabalhos foram de suma importância no desenvolvimento desta tese.

Ao POSLIN (Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos) da Universidade Federal de Minas Gerais, o qual contribuiu de forma valorosa para minha formação.

E a CAPES, por financiar esta pesquisa.

RESUMO

Os estudos gramaticais defendem, de maneira geral, que os verbos de fenômenos da natureza são classificados como impessoais, não aceitando a determinação de sujeito nas sentenças de que participam. Nesses estudos, o argumento que sustentaria essa classificação é o de que não há uma “entidade” que se vincula às ocorrências do tipo “choveu muito hoje”. Em casos como “choveram aplausos”, o argumento para a ocorrência do sujeito (aplausos) estaria no caráter figurado do verbo, segundo visões convencionais. Abordando o grupo de verbos que representam “fenômenos da natureza”, vamos desenvolver um estudo semântico enunciativo das relações sintáticas de verbos como “chover”, “nevar”, “trovejar”, “relampejar”, “ventar” entre outros. Nesse trabalho, será discutido os fundamentos da predicação, mostrando que sentenças constituídas por esses verbos apresentam uma predicativa de caráter enunciativo, correspondendo ao sujeito sintático. Com base em Ducrot (1984) e Guimarães (2002), o aparato teórico desse trabalho se fundamenta na semântica da enunciação desenvolvida por Dias (2018) a partir do conceito de formação nominal, constituída na relação do memorável enunciativo (referencial histórico) com a demanda do presente da enunciação (pertinência enunciativa). Considerando esses fundamentos, Dias (2018) estabelece que a predicação de uma sentença ocorre quando uma formação nominal retira o verbo do infinitivo. Respalhando-nos nessa concepção, propomos que as sentenças constituídas de verbos de “fenômeno da natureza” realizam uma predicação autonômica. Nesse sentido, o conceito de “predicação autonômica” se aplica aos verbos que têm a capacidade de incorporar essa formação nominal. Para concretizar essa proposta, utilizaremos o dispositivo operativo de ordem teórico-metodológico denominado “rede enunciativa” (DIAS, 2018), procedimento de organização sistemática de dados com vistas ao estudo das relações linguísticas do ponto de vista da enunciação. Desse modo, nossas análises demonstram que, por exemplo, em “chove”, temos uma predicação autonômica, pois a formação nominal “chuva”, que retira o verbo do infinitivo, está incorporada no verbo.

Palavras-chave: Enunciação. Predicação. Predicação autonômica. Verbos de fenômenos da natureza. Predicado meteorológico.

ABSTRACT

Grammatical studies generally defend that verb of nature phenomena are classified as impersonal, not accepting the determination of subject in the sentences in which they participate. In these studies, the argument that sustains this classification is that there is no "entity" that is attached to occurrences of the type "it rained a lot today". In cases like "it rained applauses", the argument for the occurrence of the subject (applause) would be in the figurative character of the verb, according to conventional views. Focusing on the group of verbs that represent "phenomena of nature", we developed a semantic enunciative study of the syntactical relations of verbs such as "rain", "snow", "thunder", "lightning", "wind", among others. In this paper, the fundamentals of predication we discussed, showing that sentences constituted by these verbs present a predication of enunciative character, corresponding to the syntactic subject. Based in Ducrot (1984) and Guimarães (2002), the theoretical apparatus of this work is substantiated in the semantics of enunciation developed by Dias (2018) from the concept of nominal formation, constituted in the relation of the enunciative memorable (historical referential) with the demand of the present of the enunciation (enunciative pertinence). Considering these grounds, Dias (2022) establishes that the predication of a sentence occurs when a nominal formation removes the verb from the infinitive. Supported by this conception, we propose that sentences consisting of "nature phenomenon" verbs perform an autonomic predication. In this sense, the concept of "autonomic predication" applies to verbs that have the ability to incorporate this nominal formation. To concretize this proposal, we used the operative device of theoretical-methodological order called "enunciative network" (DIAS, 2018), a procedure of systematic organization of data with a view to the study of linguistic relations from the point of view of enunciation. In this way, our analyses show that, for example, in "it rains", we have an "autonomic predication", because the nominal formation "rain", which removes the verb from the infinitive, is incorporated into the verb.

Keywords: Enunciation. Predication. Autonomous predication. Verbs of nature phenomena. Weather predicate.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1: CONSTITUIÇÃO DOS CAMPOS DE ESTUDO DA ENUNCIÇÃO E DA PREDICAÇÃO	14
1.1 Constituição do campo dos estudos enunciativos	15
1.2 Constituição do campo dos estudos predicativos	44
Síntese	68
CAPÍTULO 2: METODOLOGIA	70
2.1 Teoria fundamentada	70
2.2 Rede enunciativa	76
Síntese	84
CAPÍTULO 3: PREDICAÇÃO AUTONÔMICA: FUNDAMENTOS	86
3.1 Acontecimento de enunciação: referencial histórico e pertinência enunciativa	86
3.2 Forma linguística, formação nominal e lugar sintático	89
3.3 Enunciação e articulação predicativa	95
3.4 Articulação predicativa: pressuposição de informação interlocutiva	100
3.5 Predicação autonômica: o fundamento da análise	104
Síntese	107
CAPÍTULO 4: PREDICAÇÃO AUTONÔMICA: APROXIMAÇÕES	108
4.1 A constituição de sentenças com predicados de fenômenos da natureza em língua portuguesa	108
4.2 A constituição de sentenças com predicados de fenômenos da natureza em línguas estrangeiras	120
Síntese	158
CAPÍTULO 5: PREDICAÇÃO AUTONÔMICA: AFLUÊNCIAS	161
Síntese	181
CAPÍTULO 6: PREDICAÇÃO AUTONÔMICA: OCORRÊNCIAS E PERIODIZAÇÕES	182
Síntese	198
CONSIDERAÇÕES FINAIS	199
REFERÊNCIAS	204

INTRODUÇÃO

Os eventos da natureza são parte dos fenômenos sobre os quais o homem não pode ter domínio. Atualmente é possível, por exemplo, saber quando vai chover, mas não é possível fazer com que a chuva cesse ou ainda programar o exato momento em que começará a chover. Os fenômenos naturais ainda são amplamente estudados pela ciência. No que se refere à linguística, especificamente à sintaxe e à semântica, esses fenômenos são abordados quanto a sua predicação.

Tomando essa ideia como ponto de partida, esta pesquisa se fundamenta no campo teórico da semântica da enunciação para analisar o caráter sintático-semântico dos verbos que expressam fenômenos da natureza, no sentido de validar a tese de que sentenças com esses verbos admitem uma base de predicação, concebida do ponto de vista dos estudos enunciativos, a qual se constitui como sujeito, na sintaxe. A partir de uma análise crítica de estudos em diferentes áreas da linguística que explicam a constituição desse grupo verbal, vamos refutar a concepção de que a predicação desses verbos não apresenta um sujeito participante. Para isso, vamos formular uma nova sistematização para esses verbos de fenômenos da natureza. Dessa nova sistematização, nasce o conceito de “predicação autonômica”.

O desenvolvimento desse trabalho surgiu de questionamentos sobre a natureza sintático-enunciativa dos verbos de fenômenos da natureza, cuja classificação é amplamente aceita pelos estudos gramaticais. Em muitos estudos, o funcionamento de sintagmas nominais como sujeito em predicções “meteorológicas” é concebido como “mudança de sentido” do verbo, que passa a apresentar sentido figurado (‘Choveram elogios’). Frente a isso, foram-nos surgindo perguntas tais como: a dicotomia sentido literal/figurado é suficiente para explicar a existência de sujeito na predicação desses verbos? Nesse sentido, haveria mudança no estatuto lexical do verbo? Se o sujeito é um termo essencial¹ da oração, como explicar uma sentença sem sujeito? Como uma abordagem enunciativa pode contribuir para a concepção de predicação na sintaxe?

Objetivo geral

¹ A noção de essencialidade do sujeito advém da tese Aristotélica de que a predicação extrai propriedades essências do sujeito, isto é, as “propriedades contidas no núcleo de características que determinam o que o sujeito, afinal, em si mesmo, é.” (ANGIONI, 2006, p. 25).

Definir a propriedade sintático-semântica dos predicados constituídos por verbos que normalmente são compreendidos como de “fenômenos da natureza”, especialmente quanto ao regime enunciativo de predicação, com vistas à constituição do conceito de predicação autonômica.

Objetivos específicos

1. Formular a concepção de predicação autonômica com base nos conceitos de referencial histórico e pertinência enunciativa.
2. Configurar uma sistematização para a categoria de verbos de fenômenos da natureza, com base na concepção de predicação autonômica.
3. Demonstrar a validade do conceito de formação nominal, em lugar de sintagma, na constituição da base predicativa no acionamento de verbos que realizam uma predicação autonômica.
4. Definir, por meio de redes enunciativas, a concepção de base de predicação, com fundamentos na dimensão enunciativa do lugar sintático de sujeito.

Justificativa

Em termos da sua justificativa externa, a presente tese nasce como necessidade de aprofundamento da abordagem enunciativa que desenvolvemos na dissertação de Mestrado. Nela, estudamos a significação do ponto de vista da Teoria da Enunciação. Trabalhamos com a análise da constituição de sentido de itens lexicais isolados. Contudo, não empreendemos uma análise dos aspectos da articulação sintática desses termos do ponto de vista enunciativo. O contato com as pesquisas do Núcleo ENUNCIAR (Núcleo de Estudos da Enunciação) nos proporcionou instrumentos teóricos para desenvolver uma abordagem enunciativo-sintática da materialidade linguística.

Como justificativa interna, observando as perspectivas apresentadas na introdução, consideramos que os enunciados com verbos de fenômenos da natureza ainda não possuem uma definição satisfatória, principalmente do ponto de vista semântico. Por exemplo, temos sentenças como “O dia amanheceu nublado”, de caráter recorrente entre os falantes do português brasileiro, ao lado de ocorrências como “choveram críticas”, “Nevaram

pétalas de rosas brancas” e “A plateia trovejou aplausos ao fim da apresentação”, em que se produz um efeito de deslocamento de sentidos. No entanto, até que ponto esses verbos ‘amanhecer’, ‘trovejar’ e ‘nevar’ mudam de regime lexical, tornando-se outro verbo, frente a sentenças como “amanheceu nublado hoje”, “trovejou ontem” e “neva muito agora”? Isso indica a necessidade de uma profunda análise do estatuto lexical desses verbos, fundamentada em uma abordagem do seu funcionamento enunciativo em ocorrências as mais variadas possíveis, com vistas a uma compreensão ampla dos fundamentos semânticos que produzem suporte para o seu regime de predicação e do eventual estatuto de lugar de sujeito agregado a essa classe de verbos.

Além disso, falta uma terminologia adequada para essa classe verbal, visto que o termo “fenômeno da natureza” não abrange todas as ocorrências desse grupo como em “amanheceu” e “eu amanheci me sentindo a última bolacha do pacote”. Além disso, o verbo ‘amanhecer’, nessas sentenças, não pode ser classificado como fenômeno “meteorológico” ou “climático”. Em suma, podemos afirmar que ainda não foi produzido um estudo capaz de produzir inteligibilidade e racionalidade acerca da verdadeira condição predicativa desses verbos.

Hipóteses

A nossa hipótese básica é a de que o conceito de predicação autonômica se aplica ao conjunto de verbos de fenômenos da natureza, cuja delimitação é pouco clara. A razão para os problemas com a descrição desses verbos está na dificuldade de reconhecimento do papel da dimensão enunciativa na explicação das articulações predicativas. Desse modo, entendemos que, ao deixarem o estado de infinitivo, os verbos de fenômenos da natureza têm a autonomia para condensar a base predicativa, realizando uma predicação autonômica, apenas com o verbo. Por isso, o nome que estamos propondo para esse grupo de verbos: predicação autonômica.

O papel do enunciativo na explicação das articulações predicativas advém dos seguintes conceitos da semântica da enunciação: referencial histórico, pertinência enunciativa e formação nominal. Esse arcabouço teórico fornece as ferramentas necessárias para uma abordagem mais precisa das relações sintático-semânticas, principalmente no que se refere à delimitação da categoria “fenômenos da natureza”, a partir da proposição do conceito de predicação autonômica.

Nessa direção, a construção de redes enunciativas se mostra como um procedimento primordial para a análise enunciativa da língua, pois permite visualizar a

extensão enunciativa-lexical do verbo, e também mostrar a projeção enunciativa do lugar sintático de sujeito, explicitando novas pertinências enunciativas a partir de um mesmo referencial histórico.

Estrutura da tese

Organizamos o resultado final deste estudo em seis Capítulos.

No primeiro Capítulo, “Constituição dos campos de estudo da enunciação e da predicação”, apresentamos uma abordagem das questões fundamentais para o surgimento de uma semântica da enunciação, baseadas na crítica da divisão do sentido em literal e metafórico/figurado. Essa proposição permite que uma dinâmica enunciativa seja concebida no processo de constituição do sentido na linguagem. Nesse sentido, as teses de Bally (1965), Benveniste (1988, 1989) e Ducrot (1984) estabelecem o domínio dos estudos da enunciação, os quais ganham, no Brasil, uma nova orientação a partir da semântica do acontecimento, formulada por Guimarães (2002). Nessa perspectiva teórica, o processo de constituição de sentidos na enunciação se dá pelo acontecimento de linguagem.

Além disso, apresentamos estudos fundantes da predicação, desde a proposição lógica de Aristóteles até as concepções mais centradas na abordagem de fatos da língua. Arrolamos ainda perspectivas contemporâneas da predicação, surgidas pelo avanço científico nos estudos da linguagem como a pragmática, o cognitivismo, e as semânticas argumentativa e do acontecimento.

No segundo Capítulo, “Metodologia”, discutimos, com base nos pressupostos da Teoria fundamentada-TF elaborada por Glaser e Strauss (1967) e discutida por Frago *et. al* (2011), o procedimento de análise denominado “rede enunciativa”. Conforme formulada por Dias (2018), a rede enunciativa se constitui como um procedimento capaz de produzir foco para as articulações linguísticas, por meio da relação entre os parâmetros sintático-semânticos de ocorrências linguísticas agrupadas em rede. Por meio da rede enunciativa, podemos estudar as articulações subnominais, intranominais, internominais e as articulações predicativas, as quais produzem foco nas relações entre a formação nominal de base predicativa e o verbo. Considerando esse protocolo de análise, nossos dados foram coletados no Twitter, dada a facilidade no acesso a ocorrências reais da língua em uso.

No terceiro Capítulo, “Predicação autonômica: fundamentos”, discorreremos sobre o modo como a dinâmica enunciativa, apresentada no Capítulo 1, norteia a abordagem que

Dias² faz das relações sintáticas da língua, na perspectiva da enunciação. Nesse sentido, Dias (2022) desenvolve o conceito de predicação considerando que uma formação nominal ocupa o lugar sintático de sujeito na sentença pela relação entre o referencial histórico e a pertinência enunciativa. A partir dessa formulação, propomos o conceito de predicação autonômica, segundo o qual os verbos de “fenômenos da natureza” apresentam autonomia para concentrar ou expressar uma formação nominal no lugar sintático de sujeito.

No quarto Capítulo, “Predicação autonômica: aproximações”, abordamos como estudos em língua portuguesa e estrangeira concebem a predicação de verbos de fenômenos da natureza a partir de ocorrências em diferentes línguas. Ao final desse Capítulo, apresentamos uma síntese crítica envolvendo aspectos que se relacionam com a abordagem de predicação autonômica que desenvolvemos. Além disso, mostramos incongruências nos argumentos que fundamentam a visão desses estudos sobre predicação de fenômenos da natureza, demonstrando, assim, a necessidade de se produzir uma abordagem que tenha condições de se sustentar tanto do ponto de vista sintático como semântico.

No quinto Capítulo, “Predicação autonômica: afluências”, analisamos a predicação autonômica voltada para os seguintes verbos afetados pelo referencial histórico de “afluência”: chover, chuvejar, neblinar, garoar, gear e nevar. Para isso, apresentamos 13 redes enunciativas com ocorrências variadas desses verbos em enunciados correntes da língua portuguesa. Esses enunciados foram abordados pela relação entre referencial histórico e pertinência enunciativa.

No sexto Capítulo, “Predicação autonômica: ocorrências e periodizações”, analisamos, pelo referencial de “ocorrências”, as confluências de formações nominais nas predicações com suporte orgânico nos verbos trovejar, relampejar, ventar, nublar, esfriar, esquentar, ensolarar e estiar. Por sua vez, quanto às “periodizações”, analisamos as confluências em predicações com suporte nos verbos amanhecer, entardecer, anoitecer e sextar. Para isso, apresentamos 12 redes enunciativas com ocorrências desses verbos em enunciados correntes da língua portuguesa.

Por fim, nas Considerações Finais, realizamos uma avaliação de todo o desenvolvimento do trabalho, apontando os aspectos teóricos que confirmam a nossa hipótese.

² Dias estuda as relações sintáticas da língua sob o ponto de vista enunciativo desde Dias (1998). Por esse motivo, a referência a Dias, sem a especificação do ano, sempre estará relacionada ao conjunto da obra.

CAPÍTULO 1

CONSTITUIÇÃO DOS CAMPOS DE ESTUDO DA ENUNCIÇÃO E DA PREDICAÇÃO

O presente capítulo se estrutura em duas partes. Na primeira, temos uma apresentação dos estudos que fornecem precedentes e raízes da semântica da enunciação. Na segunda parte, realizamos a construção de um panorama teórico do fenômeno da predicação.

Na primeira parte, especificamente, temos dois itens. No primeiro item, apresentamos um panorama de estudos que abordam criticamente a dicotomização do sentido em literal e metafórico, apontando que essas perspectivas críticas servem de base para o modo como concebemos o ‘sentido’ nesta pesquisa, tendo em vista a dinâmica do dizer que se instala no processo de constituição do sentido na linguagem. No segundo item, delimitamos o campo de estudos da enunciação, com origem na França, fundamentado pelas teses de Bally (1965), Benveniste (1988, 1989), e Ducrot (1984)¹. Tendo em vista o modo como esse arcabouço teórico conduz a dinâmica do dizer, mostramos como se dá, no Brasil, o desenvolvimento da semântica do acontecimento em Guimarães (2018)². Esse autor concebe a enunciação como um acontecimento de linguagem que se dá pelo agenciamento enunciativo, concentrando os seus estudos na configuração da cena enunciativa e nos processos de articulação e reescrituração.

Na segunda parte, especificamente, fornecemos um percurso da predicação, o qual começa com a predicação lógica formulada por Aristóteles. Para esse filósofo, a sintaxe da sentença estava centrada no conceito de verdade, baseado em fatos do mundo. A partir disso, o conceito de predicação vai sofrendo mudanças até chegar a uma abordagem de predicação de cunho mais linguístico, isto é, com fundamentos sintáticos baseados apenas em fatos da língua.

Apresentamos ainda um rompimento com essas perspectivas, pelo surgimento de novas abordagens sobre a predicação, com base no avanço dos estudos em linguística. Nesse sentido, a predicação passa a ser estudada sob o ponto de vista do ato ilocutório, da argumentação, do cognitivismo entre outros.

¹ Posteriormente Carel (2005) passa a desenvolver os estudos enunciativos de Ducrot, com base no conjunto da obra desse autor.

² A formulação da teoria semântica do acontecimento foi elaborada em Guimarães (2002). Neste trabalho, consultamos a obra *Semântica; enunciação e sentido* (GUIMARÃES, 2018) que se constitui como um desenvolvimento dessa teoria.

1.1 Constituição do campo dos estudos enunciativos

1.1.1 Rompimento de paradigmas: do literal/figurado à dinâmica do dizer

A ideia de que a linguagem tem a função de representar a realidade sustenta a concepção de que as palavras apresentam dois sentidos, o literal e o figurado. Estudos de diversas áreas do conhecimento sobre a linguagem têm buscado desfazer esse equívoco. Nesse item, vamos mostrar argumentos a favor da tese de que o sentido na linguagem não se fundamenta na distinção entre o literal e o figurado. Nesse sentido, autores como Lakoff & Johnson (2002) afirmam que o sentido³ se configura pelas práticas de linguagem na vida social. De outro modo, Orlandi (2012) considera que o sentido é constituído socio-historicamente. Abrahão (2017), por sua vez, argumenta que o sentido se manifesta pela enunciação.

Passemos agora a observar como esses e os demais autores se posicionam sobre a dicotomia literal/figurado.

Lakoff & Johnson (2002) se manifestam contra essa diferenciação quando defendem a generalização do conceito de metáfora na vida cotidiana. De acordo com esses autores, a metáfora não está apenas na linguagem, ela está presente também no pensamento que rege as ações da vida social. Nesse sentido, a metáfora é desencadeada pela construção e práticas de linguagem. Ela passa a funcionar ancorada no fato de que não há um sentido antecedente ao uso das palavras. Em conformidade com essa proposição, Beber Sardinha (2007, p.169) afirma que “a metáfora deixou de ser uma figura de linguagem para ser um processo estruturador do pensamento”.

Ainda nessa direção, na perspectiva dos estudos cognitivistas, Smith e Höfler (2015, p. 124, tradução nossa) afirmam que

a metáfora não é um caso especial desviante de uso da linguagem, nem o uso literal é a configuração padrão para a linguagem; o uso da linguagem metafórica é frequentemente considerado especialmente excepcional apenas por causa da suposição sedutora e errônea de que a linguagem é uma ferramenta que permite ao falante codificar o significado e ao ouvinte decodificá-lo (Wilson e Sperber 2012). A comunicação linguística, entretanto, não é simplesmente um processo de codificação-decodificação, nem mesmo um processo de engenharia reversa no qual o ouvinte reúne o significado original do falante (Mufwene 2002; Brighton, Smith e Kirby 2005); ao contrário, é

³ “Sentido” e “significado” são dois termos que apresentam especificidades no âmbito da significação. A abordagem de Lakoff & Johnson se desenvolve com fundamento no conceito de “sentido”.

caracterizado pelos processos complementares de ostensão e inferência (Sperber e Wilson, 1995)⁴.

Pela visão desses autores, compreendemos que a linguagem não pode ser concebida como código. A distinção entre sentido figurado e sentido literal está fundamentada nessa perspectiva, a qual não se sustenta no atual estágio da ciência da linguagem.

Ainda sobre a oposição entre denotação (sentido literal) e conotação (sentido figurado), estabelecida por uma parte da literatura voltada para o ensino, Abrahão (2017, p. 106-107) argumenta que

a conotação não pode ser vista como modo de classificação de alguns usos das palavras na língua, como num rótulo, [pois] a todo o momento estão ocorrendo deslocamentos no sentido das palavras cuja propulsão são as variações conotativas. [...] Além disso, não há um sentido real, original, verdadeiro e outro figurado, simbólico, pouco verdadeiro. Também a denotação passa a ser da ordem do fortuito, no movimento mesmo da linguagem, sendo ela compreendida como um significado de base, num determinado momento, que ganha outros sentidos associados, na medida do seu uso. A linguagem é, então, colocada no movimento da enunciação.

Do ponto de vista discursivo, para Orlandi (2012, p. 16), essa dicotomia está influenciada pelo “uso”, pela “história” e pela “literalidade”. O uso tem a ver com o fato de que o falante não trabalha com literalidade de modo estático, ele lida com um inventário de sentidos, que são empregados conforme o domínio da interlocução. Na perspectiva de Orlandi (2012, p.16), isso significa que “a cada vez que produzimos linguagem, instauramos a dominância de um sentido em relação aos outros e nesse mesmo gesto distinguimos explícito e implícito”.

A autora diz ainda que a literalidade é produto da história. Nessa direção, Orlandi (1984, p. 22) afirma que “a literalidade é, assim, efeito de discurso. Dizer, então, é estabelecer este e não aquele sentido, através desse e não de outro enunciado, para este e não para aquele interlocutor, etc, no interior de relações que são sócio-históricas”. Essa afirmação pode ser compreendida considerando que os sentidos vão se

⁴ metaphor is not a deviant special case of language use, nor is literal use the default setting for language; metaphorical language use is often speciously considered exceptional only because of the seductively erroneous assumption that language is a tool which enables the speaker to encode meaning and the hearer to decode it (Wilson and Sperber 2012). Linguistic communication is, however, not simply an encoding-decoding process, nor is it even a process of reverse-engineering in which the hearer puts the speaker's original meaning back together again (Mufwene 2002; Brighton, Smith, and Kirby 2005); rather it is best characterized by the complementary processes of ostension and inference (Sperber and Wilson 1995).

institucionalizando na e pela história. Assim, “os ‘fantasmas’ da história habitam o presente e os sentidos dizem (indicam) por onde circularam os seus diferentes usos. Daí a tensão entre um sentido e os vários possíveis, isto é, a polissemia” (ORLANDI, 2012 p. 16). Em relação à noção de literalidade, no tocante à completude, Orlandi argumenta que ela se liga à percepção de que a linguagem e o sujeito seriam independentes, o que não se sustenta. Esse último argumento mantém paralelo com a abordagem de Smith e Höfler (2015), apresentada anteriormente, a qual nega a visão instrumental da linguagem, configurada na diferença entre codificação/decodificação.

Desse modo, segundo Orlandi (2012), (1984), é possível compreender que o sentido literal é um efeito ideológico do discurso: não existe, portanto, um sentido fixo (literal). O que há, conforme a autora, são “vários sentidos em seus usos diversos”.

Veremos agora a visão de Punter (2007) sobre a essencialidade da metáfora na constituição da significação.

Punter (2007, p.3) afirma que a linguagem é permeada pelo processo metafórico. Nesse sentido, ela se constitui num encadeamento de “atos de tradução”, isto é, “traduzir coisas que são difíceis de apreender em coisas que podemos apreender, conceituar ou visualizar mais facilmente”. Para o autor, o uso da linguagem resulta em ações de comunicação através dos atos de tradução. Em toda atividade comunicativa há uma motivação implícita envolvendo leitor e ouvinte. Isso é o que permite o sucesso ou fracasso da comunicação. A metáfora opera, assim, nesse processo de engajamento. E é por isso que toda a linguagem é essencialmente metafórica.

Nessa direção, Punter (2007, p. 3, tradução nossa) afirma

mesmo se pudéssemos conceber uma linguagem sem metáfora, o que seria difícil ao ponto da impossibilidade, seria uma linguagem profundamente monótona e extremamente restrita. Poderia ser, e tem sido argumentado que tal linguagem imaginária se aproximaria da condição da matemática, mas mesmo isso parece duvidoso; certamente o sistema de numeração romana é em certo sentido metafórico, ou pelo menos "figurativo", na medida em que o número de marcas no papel faz alguma tentativa de representar figurativamente as noções de unidade, dualidade e assim por diante⁵.

⁵even if we could conceive of a language without metaphor, which would be difficult to the point of impossibility, it would be a deeply drab and extremely restricted language. It could be, and has been, argued that such an imaginary language would approach the condition of mathematics, but even this seems doubtful; certainly, the Roman numeral system is in a sense metaphorical, or at least ‘figurative’, in that the number of marks on the paper makes some attempt to represent figuratively the notions of oneness, two-ness and so on.

Acompanhando essa linha de reflexão, Zir (2009), a partir da leitura do filósofo italiano Vico (1953), observa que as metáforas fazem parte da linguagem do homem em seu cotidiano, do seu modo de pensar e viver. Nesse contexto, a constituição da linguagem metafórica ocorre por uma relação de predicação entre termos. Isto é, a metáfora “estabelece o significado de A em termos de B, predicando B de A (ZIR, 2009, p.113).

Nesse sentido, Zir argumenta que, para Vico,

as metáforas dizem respeito mais à “predicabilidade” do que à “proporção”. São um tipo de predicação que gera uma classificação de nível superior, que expande o significado trivial das coisas dadas na sentença. (ZIR, 2009, p.114).

Com base em experiências concretas externas e internas (de natureza desconhecida), no choque do homem com a sua realidade, a predicação geraria uma espécie de categorização das coisas, a qual resultaria em protótipos. De acordo com Vico, as antigas leis, que tomavam como referência casos concretos, são exemplos de protótipos. Para ilustrar essa proposição, Zir cita um recorte no qual Vico (1953) diz sobre “castigos exemplares”⁶.

O modo como um caso concreto constitui um protótipo através da metáfora é explicado por Zir (2009, p. 123) da seguinte forma:

as leis mais antigas consistem no uso de determinados casos particulares como modelos, exemplos normativos, protótipos, para reger a conduta dos seres humanos. [...] É aquele caso, na sua especificidade, que é usado, transportado como um modelo normativo, sobre outros casos, também particulares, específicos. Esse transporte de um caso particular sobre outro pode ser dito metafórico, na medida em que, entre o caso usado como exemplo e o caso a ser normatizado, existem, ambos tomados concretamente, elementos em parte comuns e em parte diferentes.

Nessa direção, Vico considera que o homem se estruturou em comunidade a partir de histórias e mitos, os quais possuem um caráter essencialmente metafórico. Apenas depois disso é que o homem pode desenvolver uma reflexão filosófica, fundamentada na literalidade. Nesse sentido, Zir (2009) argumenta que o metafórico precederia o literal, sendo necessário reconsiderar o modo como o figurado se distingue do literal no que se refere a aspectos pragmáticos e retóricos do conhecimento. Dessa

⁶ Conforme Zir (2009, p.123), os “castigos exemplares” têm origem naqueles que [...] devem ter sido os primeiros exemplos que usou a razão humana (o que convém com aquilo que ouvimos de Aristóteles, que ‘nas repúblicas heroicas não existiam leis a respeito dos erros e das ofensas privadas’); e, desta forma, primeiro existiram os exemplos reais, depois, os racionalizados, de que se servem a lógica e a retórica. (1953, §501). (sic).

forma, Zir (2009, p. 128) argumenta que “a chave dessas questões parece estar na flexibilização ou mesmo na superação (antes do que mera inversão) de uma série de dicotomias, entre as quais estão não apenas literal/figurativo, retórica/epistemologia, mas também a ficção/verdade, físico/mental, etc.”

Ao encontro dessa proposição, segundo a qual o metafórico precederia o literal, encontramos em Ricoeur (2000, p. 40) a seguinte colocação:

Não conhecemos outro funcionamento da linguagem senão aquele no qual uma ordem já está constituída; a metáfora gera apenas uma nova ordem produzindo desvios em uma ordem anterior; não poderíamos, contudo, imaginar que a própria ordem nasce da mesma maneira que muda? não haveria, segundo a expressão de Gadamer, uma "metafórica" em ação na origem do pensamento lógico, na raiz de toda classificação? Esta hipótese vai mais longe que as precedentes, que pressupõem, para o funcionamento da metáfora, uma linguagem já constituída.

Buscando um paralelo entre a metáfora e a mentira, Davidson (1978, p. 35) propõe que não há diferença entre sentido literal e sentido figurado. Nesse sentido, afirma que “as metáforas significam aquilo que as palavras, na sua interpretação mais literal, significam, e nada mais do que isso”. A metáfora constitui sentido pelo seu uso, e o seu sentido está relacionado ao sentido das palavras utilizadas para expressá-la. A atribuição de um sentido metafórico para as palavras, para além de seu uso habitual, não contribui, na visão do autor, para explicar o funcionamento da metáfora, isto é, como as palavras constituem sentido na metáfora.

Quanto ao uso, a metáfora pode ser em parte comparada à “mentira”. Para Davidson (1978), uma mesma frase pode ser empregada tanto metaforicamente como para se dizer uma mentira. O autor exemplifica essa proposição da seguinte maneira: uma mulher que acredita em bruxas pode acusar sua vizinha de ser uma bruxa (mesmo sabendo que ela não o seja), produzindo a frase “minha vizinha é uma bruxa”. Ao fazê-lo a mulher pode estar empregando essa frase metaforicamente ou a utilizando para uma outra finalidade.

Nessa direção, Davidson (1978, p. 21) afirma

o que distingue a metáfora não é o sentido, mas o uso – neste aspecto é como asseverar, insinuar, mentir, prometer ou criticar. E o uso especial que fazemos da linguagem na metáfora não é – não pode ser – «dizer algo especial», por mais indiretamente que o façamos. Pois uma metáfora diz apenas o que mostra facialmente – habitualmente uma falsidade evidente ou uma verdade absurda. E esta verdade ou falsidade manifestas não precisa de paráfrase – é dada no sentido literal das palavras.

A abordagem saussuriana da língua também envolve uma formulação sobre a metáfora. Observemos a seguir.

Saussure (2002, p. 67) aponta que não há diferença entre sentido figurado e sentido próprio, tendo em vista que “o sentido é eminentemente negativo”. Isto é, o sentido se constitui numa relação de oposição entre signos, e não numa relação com uma exterioridade linguística. Assim, para Saussure, ao dizer que uma pessoa “era o sol da existência de outra”, o sentido de sol se constitui em oposição a termos como “estrela, astro, claridade, unidade, objetivo, alegria, encorajamento”. Desse modo, conforme Saussure, não é possível afirmar que a expressão ‘sol’ tenha sido empregada com um sentido próprio ou figurado.

Pela visão desses autores, sob diferentes perspectivas teóricas, pudemos observar que a migração do estado literal para figurado/metafórico não afeta a natureza lexical dos verbos. O nosso ponto de vista vai ao encontro dessas abordagens. Conforme a nossa concepção teórica, o sentido se estabelece no acontecimento enunciativo, pela relação entre o referencial histórico e a pertinência enunciativa. O referencial histórico guarda certa estabilidade lexical (formação subnominal que condensa enunciados), que necessariamente se apresenta em causa nas atividades de pertinência do dizer⁷. Esses conceitos serão detalhados posteriormente no capítulo três.

Desse modo, o nosso entendimento é o de que estabelecer uma divisão antagônica, na concepção do sentido, entre literal e figurativo (metafórico) impede uma abordagem enunciativa, e, especificamente, não permite uma explicação da natureza sintático-enunciativa da predicação de verbos que expressam fenômenos da natureza.

Concebemos a relação entre a estabilidade de significação em referenciais históricos, ancorada em certa estabilidade lexical, e as saliências da pertinência da formulação, presentificadas na enunciação, como uma ‘dinâmica do dizer’ que se atualiza na atividade linguística, tendo em vista esse domínio de mobilização.

Essa dinâmica do dizer, conforme Dias (2018), é configurada de maneira diferente pelos autores mais significativos dos estudos enunciativos, como veremos a seguir.

⁷ Achard (1999, p. 14-17) apresenta uma visão paralela a essa abordagem.

1.1.2 Enunciação e a dinâmica do dizer: múltiplos olhares

No âmbito dos estudos da linguagem, o termo enunciação foi empregado de modo geral como equivalente a ‘coisa enunciada’, ‘proposição’ e ‘modo de enunciar’. Somente a partir do século XVIII, a expressão ‘enunciação’ ganha um sentido distintivo na tese de Girard (1747). Segundo o autor, ela “opera a relação entre as palavras com vistas à formação da frase como uma unidade”. (DIAS, 2013, p. 225-226). Essa concepção fundante do conceito de enunciação ganhou novas dimensões nos estudos dos autores que vamos apresentar a seguir.

Considerando o campo de estudos da enunciação, os fundamentos teóricos desta pesquisa estão voltados para uma abordagem semântica, de natureza enunciativa, desenvolvida na França, por meio das teses de Bally (1965), Benveniste (1966; 1974) e Ducrot (1984). As perspectivas teóricas desses autores sobre a enunciação diferem entre si, mas mantêm em comum o fato de que a constituição de sentidos na enunciação ocorre tendo em vista uma dinâmica do dizer.

Começando por Bally (1965), veremos nesse item como cada um desses autores contribui para o desenvolvimento dos estudos enunciativos.

Na visão de Bally (1965), a dinâmica de constituição de sentidos se dá pela presença inerente de um *modus* no *dictum*. O autor parte da ideia de que a enunciação é uma comunicação do pensamento⁸ pela fala. E que a frase apresenta a forma material da enunciação. Para Bally (1965, p. 35), o pensar consiste na maneira de “reagir a uma representação observando-a, apreciando-a ou desejando-a.”. Essa reação pode ser percebida pelo sentido, memória ou imaginação, sendo do tipo intelectual (concordar ou rejeitar), sentimental (alegrar ou se entristecer) ou volitiva (no sentido de querer ou temer), entre outras. É por isso, conforme o autor, que “acreditamos que está chovendo ou não acreditamos, ou duvidamos, estamos felizes por estar chovendo ou lamentamos, desejamos que chova ou não”. Portanto, para Bally (1965) toda representação do pensamento expressa pela enunciação tem a participação do sujeito pensante.

Nessa direção, o pensamento comunicado nem sempre coincide com o do falante. Por exemplo, na frase “eu odeio chocolate”, o pensamento enunciado significa uma ‘rejeição alimentar diante do chocolate’. E não que essa frase equivale a uma caracterização de um tipo de sentimento pelo ‘chocolate’.

⁸ Cf. Bally (1956) o pensamento é uma perspectiva comunicável sobre o referente.

Bally (1965) propõe que o significado da frase se constitui da seguinte maneira: “X tem uma reação ante a uma representação”. Nesse sentido, no *modus* temos X, sujeito que reage, junto a reação, expressão do pensamento por palavras (enunciação). E no *dictum*, o objeto de representação da reação. Ou seja, a frase se constitui a partir do “*Modus* (sujeito em ‘modus’ + verbo em ‘modus’) + *dictum*”. Assim, a frase “eu odeio chocolate” apresenta o *modus*: sujeito em ‘modus’ (eu) + verbo em ‘modus’ (odiar) + *dictum* (eu odeio chocolate). Nesse caso, há uma coincidência entre sujeito em ‘modus’ e sujeito falante.

Bally (1965) afirma ainda que a frase pode dispor de mais de um sujeito, um que reage e o outro que fala. As frases nas quais é possível separar o *modus* do *dictum* e conseqüentemente o sujeito da reação do sujeito falante são chamadas pelo autor de frases explícitas.

Segue abaixo a apresentação do *modus/dictum* das seguintes frases:

Quadro 1: constituição da frase

frase	<i>Modus</i>	Verbo em ‘modus’	Sujeito em ‘modus’/ pensante	Sujeito falante	<i>dictum</i>
(a) Eu acredito que a terra é redonda	Eu acredito	acreditar	Eu	—	A terra é redonda
(b) Nós acreditamos que a terra é redonda	Nós acreditamos	acreditar	Nós	—	A terra é redonda
(c) Os cientistas dizem que a terra é redonda	Os cientistas dizem	dizer	Os cientistas	Eu	A terra é redonda

Fonte: autoria própria

Observando esses exemplos, é possível notar que a frase (c) demonstra uma distinção mais aparente entre sujeito em ‘modus’ e sujeito falante, tendo em vista que o pensamento expresso no *dictum* é atribuído ao sujeito em ‘modus’ e não ao sujeito falante. No entanto, Bally (1965) acredita que, mesmo em casos nos quais há “coincidência” entre sujeito falante e sujeito em ‘modus’, é preciso levar em consideração que o pensamento expresso pelo sujeito em ‘modus’, por exemplo em (a) e (b), pode não condizer como o sujeito falante, tratando-se, assim, de um pensamento comunicado e não um pensamento de fato real, como na ironia ou mentira. Essa

distinção mostra que a significação está no signo linguístico, independente do sujeito que fala. Nesse sentido, Bally (1965, p. 37) afirma que “o sujeito falante pode comunicar um pensamento que não é próprio de si mesmo, sendo assim, uma verdadeira duplicação da personalidade”

Além das enunciações explícitas, Bally (1965) analisa uma série de formas implícitas da enunciação do pensamento. Para o autor, toda e qualquer frase possui um orador. Portanto, em frases como “A terra é redonda” há uma modalidade implícita, a qual equivaleria, por exemplo, a “Eu digo que a terra é redonda” ou ainda a “Os cientistas dizem que a terra é redonda”. Bally (1965, p.50) cita ainda exemplos de frases com modalidade implícita como “É proibido fumar” ou ainda “Está chovendo?”, as quais correspondem às formas explícitas: “a administração diz que é proibido fumar” e “Eu pergunto se está chovendo”.

Desse modo, a significação, conforme a perspectiva de Bally (1965), se apresenta como uma significação em ‘modus’, isto é, a dinâmica de constituição de sentidos se dá pelo modo como o pensamento sobre o referente é representado na língua pela enunciação. Nessa direção, veremos, no Capítulo 3, que a concepção de que a linguagem não representa o mundo é relevante para a maneira como Dias (2018) concebe o referencial histórico.

Na sequência, observaremos como Benveniste (1966), (1974) concebe a dinâmica enunciativa, a partir do ato individual de utilização da língua.

Para Benveniste (1966), a dinâmica do dizer, isto é, da constituição de sentidos se situa na passagem da língua ao discurso. O autor argumenta que a linguagem não é um instrumento de comunicação, apesar da impressão de servir como instrumento, pela troca da palavra, na prática social. Nesse sentido, a linguagem é empregada na comunicação quando posta em funcionamento por meio do discurso.

Compreendemos que ao negar que a função da linguagem seja prioritariamente a da comunicação, utilizada essencialmente para fazer referência, Benveniste (1966) se aproxima da visão de Bally (1965), segundo a qual a linguagem como modo de referência só é relevante para a constituição da significação quando consideramos a sua enunciação.

Benveniste (1966, p. 286) afirma ainda que “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito”. E que a subjetividade “é a capacidade do homem de se propor como sujeito”. A partir dessa concepção, o autor considera que o homem só pode dizer “eu” em consonância com um “tu”. Sendo assim, “eu” e “tu” são

formas linguísticas categóricas para se designar a pessoa do discurso. Benveniste sustenta, portanto, que não importa qual seja a língua, a condição temporal ou localidade, não há como conceber uma língua sem a manifestação de pessoa pronominal.

Nesse sentido, “a linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como eu no seu discurso” (BENVENISTE, 1966, p. 288). O “eu”, concebido como indivíduo linguístico, não faz referência a uma unidade lexical, e nem a pessoas no mundo. O “eu” linguístico, segundo o autor, “se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e lhe designa o locutor”. Desse modo, a subjetividade prevê o ato de enunciação, por parte do locutor, ao se designar como “eu”. (BENVENISTE, 1966, p. 288).

Portanto, Benveniste (1974, p.82, 83) afirma que “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”, considerando que o ato de mobilização da língua, por parte do locutor, apresenta três importantes aspectos: “a realização vocal da língua”, “a conversão individual da língua em discurso [...] como o sentido se forma em palavras”, e ainda “a definição da enunciação no seu quadro formal de realização”. Com base nesse último aspecto, Benveniste (1974) apresenta a constituição formal da enunciação a partir de sua própria manifestação individual.

Nesse sentido, o autor explica que o ato individual de utilização da língua, isto é, a enunciação, é desenvolvida por um locutor, tendo em vista que, antes da enunciação, a língua é apenas perspectiva. Depois da enunciação, a língua se converte em discurso. O locutor é, assim, o responsável por conduzir essa atualização.

Benveniste (1974, p. 84) argumenta, assim, que

a enunciação pode se definir, em relação à língua, como um processo de apropriação. O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro. [...] desde que ele se declara locutor e assume a língua, ele implanta o outro diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este outro.

Além do exposto, Benveniste (1974, p.84) considera ainda que “na enunciação, a língua se acha empregada para expressão de uma certa relação com o mundo”. Assim, o locutor se apropria da língua e enuncia pela necessidade de referenciar o mundo discursivamente para si e para o outro. Por isso, “a referência é parte integrante da enunciação”.

Nessa direção, a enunciação introduz aquele que fala em sua própria fala, diz Benveniste (1974). Esse processo envolve as seguintes questões: a apresentação da relação eu-tu, compreendida pelos pronomes pessoais; os índices de ostensão, isto é, pronomes demonstrativos marcadores de localização espacial em relação ao dizer do locutor; e a temporalidade verbal, tempo presente da enunciação que se renova a cada produção de discurso. Esses aspectos se constituem, conseqüentemente, como modos de referenciar pela enunciação.

Em síntese, “o aparelho formal da enunciação” comporta as formas da língua (pronomes pessoais, pronomes demonstrativos e verbos), as quais constituem o “modo semiótico da língua” enquanto signos linguísticos que, conforme Benveniste (1974, p. 65), são a “base significante da língua, material necessário para a enunciação”.

Portanto, através desse aparelho, pela apropriação das formas da língua, o locutor se designa como ‘eu’, projetando como contraparte enunciativa um ‘tu’. Esse movimento constitui a enunciação pela qual o locutor transforma a língua em discurso. Isso é chamado por Benveniste (1974) de modo “semântico da língua”, o qual se apresenta como uma transposição do modo semiótico para o discurso.

Em Benveniste (1966), (1974), vimos que a constituição da significação se dá pela subjetividade do homem na língua. Nesse sentido, as formas da língua, base necessária para a enunciação, pela união do significante e do significado, constituem o modo semiótico da língua. Na passagem da língua para o discurso, o modo semiótico mantém relação com o modo semântico pela apropriação das formas da língua na enunciação. Notamos que essa perspectiva se assemelha à de Bally (1965), no que se refere à relação de concomitância da significação. Isto é, para Bally (1965), o *modus* e *dictum* se integram para constituir a significação. Já em Benveniste (1974), o processo de constituição de sentidos se dá pela relação conjunta entre o modo semiótico e o modo semântico.

A seguir vamos observar como Ducrot (1984), diferentemente de Bally (1965) e Benveniste (1966), (1974), compreende a dinâmica enunciativa a partir da configuração do acontecimento de enunciação.

Do ponto de vista de uma dinâmica do dizer, Ducrot (1984) explica que constituição de sentidos é determinada pelo acontecimento de produção do enunciado. E que o fundamento do acontecimento está no conceito de realização, enquanto ‘uso metalinguístico’ de uma entidade linguística. Sendo assim, numa ocorrência como

“vou-me embora” teríamos, de um lado, uma sequência de entidades de ordem abstrata (frase), e, por outro lado, as diferentes realizações dessa mesma frase (enunciados).

Nessa direção, Ducrot (1984, p.368, 369) explica que o termo ‘realização’ deve ser compreendido a partir de três sentidos. O primeiro sentido de realização consiste em algo já realizado, concluído, como no exemplo, “As realizações do atual governo são muito inferiores às do anterior”. (DUCROT, 1984, p.368). Numa perspectiva linguística, esse sentido de realização corresponde ao enunciado ou discurso, enquanto uma ocorrência sonora ou gráfica num certo espaço/tempo.

O segundo sentido de realização consiste no “fato de algo ter sido realizado, o acontecimento que constitui a sua aparição, a sua inserção na sucessão dos fenômenos”, como pode ser observado em “Ninguém acredita que seja possível a realização desse projeto”. A relevância, nessa perspectiva, consiste na possibilidade de realização do projeto, e não na realização em si. Nesse sentido, Ducrot (1984, p.368) afirma “tratar-se-á, nesse caso, menos de algo que existe do que de sua existência”. Do ponto de vista linguístico, esse segundo sentido representa a própria enunciação, isto é, o “facto de terem sido emitidos alguns sons ou traçado alguns desenhos”.

Por fim, o terceiro sentido de realização se constitui pelo “processo em que algo é realizado”, como em “A realização desse projeto durou vários anos”. O processo de produção do enunciado, nesse sentido, se dá pela atividade linguística, isto é, pelo “conjunto de mecanismos que produz a enunciação de um enunciado ou de um discurso”. Portanto, Ducrot (1984, p. 369) afirma que o termo “realização linguística” deve ser entendido como “atividade psicofisiológica que conduziu o locutor a dizer aquilo que disse, e cujo produto são as palavras pronunciadas ou escritas”.

No quadro a seguir, podemos observar os três sentidos de realização:

Quadro 2: sentidos de realização

sentido 1: o que é realizado	Enunciado	discurso
sentido 2: acontecimento de realização do enunciado	enunciação	
Sentido 3: processo de produção do acontecimento de enunciação	atividade linguística	

Fonte: autoria própria

A partir desse quadro, Ducrot (1984, p. 379) argumenta que é necessário especificar o que é o acontecimento: “o acontecimento linguístico é a enunciação [enquanto] aparecimento do enunciado ou do discurso [...] a sua erupção num lugar determinado da história.” Nessa direção, destaca que o sentido do enunciado se constitui, em parte, por pontos de vista da própria enunciação. Ou seja, para o autor “não se pode falar sem se falar da sua própria fala [...] aquilo que se diz tem como elemento constituinte uma certa qualificação do dizer”. Esse modo de conceber o processo de constituição de sentidos da enunciação nos permite dizer que a relação entre enunciado e enunciação proposta por Ducrot (1984) equivale à concepção de Bally (1965), segundo a qual há no *dictum* uma presença intrínseca do *modus*.

Nessa conjuntura, Ducrot (1984, p. 379, 380) afirma que a referência à exterioridade é dependente de duas circunstâncias: do ponto de localização e dos personagens da enunciação, os quais conferem à enunciação um caráter polifônico⁹. Essa proposição faz da enunciação um acontecimento histórico, o qual Benveniste (1966) concebeu como “instância do discurso”. No entanto, essa concepção mostra apenas, conforme o autor, que o “enunciado utiliza a enunciação para falar do mundo”. Ducrot (1984), de outra forma, concebe a enunciação como um acontecimento particular, pois a temporalidade do enunciado é única e irrepetível.

Assim, considerando o exemplo: “Sinceramente, o Pedro veio”, é possível compreender, de acordo com Ducrot (1984, p.380), que “o advérbio qualifica o acto que o locutor realiza ao empregar a frase. [...] O que é qualificado como sincero é a enunciação da frase. O enunciado, nesse caso, fala da sua enunciação, e apresenta-a como sincera”. Desse modo, o acontecimento enunciativo vem a ser tema do enunciado “Sinceramente, Pedro veio”.

Em relação ao aspecto histórico, Ducrot (1984, p. 383) explica que a enunciação exerce influência na constituição do léxico no decorrer da história (sucessão dos fenômenos), isto é, que as palavras dão origem à fórmulas enunciativas, no sentido de “realizar o ato efetuado ao enunciar”. Isso representa o que o autor chama de “erupção num determinado momento da história”. Ducrot (1984, p.383) cita, por exemplo, o substantivo “Quirites! derivado da forma verbal “Quiritare” (delocutivo), o qual significa “pedir socorro, ou seja, fazer o que se faz quando se grita Quirites”. Esse substantivo se constitui, portanto, como uma fórmula coletivamente uniforme pela qual

⁹ A teoria da polifonia foi estruturada posteriormente em Ducrot (1987).

se pede socorro. Nessa direção, Ducrot (1984, p. 385) afirma que a língua apresenta uma propensão para “incorporar nas suas significações, ao longo da sua evolução, o papel social conferido às suas frases”.

A partir da explicação do conceito de realização, vimos que a dinâmica enunciativa em Ducrot (1984) é concebida no acontecimento de enunciação enquanto um acontecimento histórico. Observamos ainda que a concepção de Ducrot (1984), na qual a língua marca na forma linguística a visão social do homem sobre o mundo, está relacionada com o conceito teórico ‘referencial histórico’ que, de acordo com Dias (2018), comporta visões sociais de mundo.

A seguir, veremos como Carel (2021) concebe a dinâmica enunciativa, a partir de novos desdobramentos no conceito de enunciação.

Com base nos estudos de Ducrot (1984), Carel (2021)¹⁰ produz uma atualização da concepção de ‘realização linguística’, compreendendo-a como enunciação linguística. Essa nova visão é empreendida a partir da teoria argumentativa da polifonia-TAP. Nesse sentido, a enunciação passa a apresentar “um ponto de vista de quem enuncia”, e não uma afirmação sobre um estado de coisas. A enunciação só se constitui como tal sob a responsabilidade daquele que enuncia, o qual, conforme a autora, pode ser heterógeno em si.

Para assegurar essa concepção, Carel (2021, p.354) utiliza a seguinte simulação: uma senhora que está almoçando num restaurante pede autorização para que o seu cachorro possa se juntar a ela no ambiente. Ao receber uma resposta afirmativa do garçom, o cachorro da senhora entra no restaurante. Em seguida, ela diz ao garçom: “Eu me chamo Jeffrey”. A partir dessa narrativa, a autora explica que, considerando o fato de Jeffrey ser um nome masculino, portanto, do cachorro, a senhora é a responsável pela concretização do enunciado (Locutor-sujeito falante). No entanto, a responsabilidade dessa enunciação é atribuída ao cão (Locutor1). Esse exemplo, conforme Carel (2021), demonstra a alteridade do locutor. Nessa direção, o exercício do falante, sujeito da “enunciação atual”, é chamado de enunciação linguística. Já o locutor da enunciação pode ser identificado pelas marcas de primeira pessoa.

A autora ressalta ainda que o enunciado pode ter mais de um sujeito falante, por exemplo, quando um chefe dita uma carta para sua secretária (ela escolhe as palavras) há dois sujeitos falantes, o chefe e a secretária. Contudo, a responsabilidade da

¹⁰ Carel desenvolve o conceito de “enunciação linguística” em outras obras. Neste trabalho, consultamos apenas Carel (2021), (2017), (2005).

enunciação, nesse cenário, cabe ao chefe. Carel (2021, p.355) afirma também que pode ocorrer de o enunciado apresentar dois locutores, por exemplo, nos casos em que há discurso relatado direto, como em: “Ele me disse: ‘Eu não faria mal a uma mosca’”. Nessa ocorrência, o primeiro locutor, que dá voz ao enunciado, introduz um segundo locutor responsável por parte do enunciado ‘Eu não faria mal a uma mosca’.

Considerando essa abordagem, Carel (2021) explica que a disparidade do locutor faz com que o dizer do falante, na forma de discurso, nem sempre reflita a sua perspectiva. Por isso, a autora argumenta ainda que o “discurso apenas revela sua construção e as implicações que seu locutor declara ter na aparência do conteúdo”.

O modo de conceber o sujeito falante e o locutor mostra, conforme Carel (2021, p. 365), que

a enunciação de conteúdo é caracterizada por pelo menos dois parâmetros: a "função textual", que descreve o papel que o conteúdo terá na construção do discurso; e "modo enunciativo", que descreve o envolvimento do locutor na condição de locutor.

Nessa direção, conforme a teoria argumentativa da polifonia (TAP), o arranjo do conteúdo textual no discurso se constitui tendo em vista três aspectos: pôr em primeiro plano, pôr em segundo plano e exclusão (CAREL, 2021, p. 357). Assim, para o enunciado “o reencontro dos cientistas na universidade foi filmado”, Carel (2021, p. 367) considera como “primeiro plano” o fato de a reunião ter sido filmada, e como “segundo plano”, isto é, como pressuposto o fato de que houve um encontro entre os cientistas na universidade.

Sobre a exclusão, Carel (2021, p. 359) a exemplifica considerando o seguinte exemplo: “Nenhum demônio levará os pecadores ao inferno”. Para a autora, a negação permite que parte do conteúdo seja excluído, pois, no enunciado em questão, não é possível saber ao certo se os condenados ainda irão para o inferno, caso não sejam levados pelo demônio.

Além da função textual, a enunciação do conteúdo apresenta o que a autora chama de “modo enunciativo”, o qual se caracteriza pelo engajamento do locutor no seu dizer. O modo enunciativo pode apresentar três formas: modo concebido, modo encontrado, modo recebido. O “modo concebido” se constitui pelo envolvimento do locutor naquilo que ele diz, na forma de discurso relatado, como, por exemplo em: “Eu digo: ‘Eu me chamo Jeffrey’” ou “Eu digo: ‘o árbitro apita um tiro livre’”. Conforme Carel (2021, p. 362), nesse segundo exemplo, “o locutor toma a palavra para agir sobre

seu interlocutor”. Nessa direção, o “modo concebido” se constitui naquilo que Benveniste estabeleceu como enunciação discursiva.

O “modo encontrado”, representado pelo que Benveniste chamou de enunciação histórica, ocorre quando o dizer não apresenta marcas do locutor, dando a impressão de que o enunciado tem autonomia. No entanto, Carel (20121, p. 364) afirma que o locutor sempre está presente no seu dizer, o que pode ser confirmado pelo seguinte exemplo:

Les ajoncs éclatants, parure du granit, dorent l’âtre sommet que le couchant allume ; **[au loin]** brillante encore par sa barre d’écume, la mer sans fin commence où la terre finit. [Os tojos resplandecentes, surgidos na rocha, douram a bruta montanha que o pôr do sol acende; **[ao longe]**, ainda brilhando por sua borda de espuma, o mar sem fim começa onde a terra termina].

O trecho em destaque [*au loin*], que pode ser traduzido como ‘ao longe’, deve ser entendido, conforme a autora, como ‘longe de mim’. Esse fragmento poético expõe o engajamento do locutor, compreendendo, portanto, o “modo encontrado”, já que locutor se constitui como um observador de uma paisagem.

O “modo recebido” se constitui pela recepção, por parte do locutor, de um conteúdo cujo ponto de vista remete ao enunciador. Nesse sentido, o modo recebido está previsto no que Ducrot concebeu como polifonia. Para exemplificar essa proposta, Carel (2021, p. 364) utiliza as seguintes ocorrências: “Parece que o Tarantino é um fracasso” e “Eu acho que o Tarantino é um fracasso”. Estabelecendo uma comparação, é possível observar que a primeira ocorrência orienta para a perspectiva de que “o fracasso de Tarantino” é um conteúdo recebido pelo locutor, o qual assume uma visão enunciativa externa. De outro modo, a segunda ocorrência se constitui pelo “modo concebido”, tendo em vista que o conteúdo apresenta as marcas de engajamento do locutor (eu).

Considerando, portanto, a função textual e modo enunciativo dos enunciados é possível descrever, de acordo com Carel (2021), o enunciado linguístico. A autora destaca, por exemplo, que em “Eu me chamo Jeffrey” a função textual se constitui pelo conteúdo de primeiro plano e pelo modo concebido.

Já o conteúdo textual de “O reencontro dos cientistas na universidade foi filmado” apresenta duas funções textuais. A primeira, relacionada ao “fato de o reencontro ter sido filmado”, expressa um conteúdo em primeiro plano, cujo modo enunciativo pode ser tanto “concebido” como “encontrado”, dependendo da interpretação que é dada ao pretérito no francês (*été filmée*). Assim, se o verbo for compreendido como “foi filmado”, orientando para “Eu corro para vê-lo na videoteca”,

temos o modo concebido. Caso tenha sido lido como “tinha sido filmado”, argumentando para a “a existência de um filme sobre o reencontro”, temos o modo encontrado.

A segunda função textual é relativa ao pressuposto, “pôr em segundo plano”, de que só foi possível filmar a reunião porque os cientistas se reuniram. Observado dessa perspectiva, esse enunciado apresentaria apenas o modo enunciativo encontrado.

Desse modo, o enunciado linguístico é apresentado da seguinte forma:

Quadro 3: constituição do enunciado linguístico

Enunciado linguístico	Função textual		Modo enunciativo	
Eu me chamo Jeffrey	primeiro plano		modo concebido	
O reencontro dos cientistas foi filmado	primeiro plano	plano de fundo	modo concebido	modo encontrado

Fonte: autoria própria

Carel (2021, p. 368) considera ainda que toda “enunciação linguística” convoca argumentos enunciativos, os quais se constituem como argumentos normativos e argumentos transgressores. Assim, enunciados como “Eu me chamo Jeffrey” convocam argumentos normativos em “portanto: “Nos encontramos, portanto, eu digo eu me chamo Jeffrey”. Já enunciados como “Sem querer fazer previsão, Donald Trump será reeleito” evocam uma argumentação transgressora em “no entanto”: “Sem querer fazer previsão, no entanto, digo que Donald Trump será reeleito”.

Nesse sentido, os argumentos enunciativos aludem aos modos enunciativos, tendo em vista o conteúdo da enunciação. Isto é, o modo enunciativo está presente na argumentação do bloco semântico. A autora nota, desse modo, que o argumento: “Nos encontramos, portanto, eu digo eu me chamo Jeffrey” revela de modo concebido [enunciação discursiva] o conteúdo [eu me chamo Jeffrey]. De maneira distinta, o argumento normativo “Dizem que o último Tarantino foi um fracasso, portanto, eu digo que o último Tarantino foi um fracasso” manifesta de modo recebido [enunciação polifônica] o conteúdo [Parece que o Tarantino foi um fracasso].

Para Carel (2021, p. 369), quando a função textual da argumentação enunciativa é apresentada em segundo plano, ela expressa um tom direto ou indireto de envolvimento do locutor. Por exemplo, o enunciado “Eu me chamo Jeffrey” argumenta para “nos encontramos, então eu digo eu me chamo Jeffrey”. Nesse caso, o tom de envolvimento do locutor é direto, já que o modo enunciativo é concebido. Por outro

lado, o enunciado “o mar sem fim começa onde a terra termina” apresenta o modo enunciativo encontrado, já que argumenta em direção a “Eu olho além da dura cimeira para saber que o mar começa onde a terra termina”. Nesse sentido, o tom de envolvimento do locutor é colocado de forma indireta, visto que se constitui como perspectiva de observação.

A argumentação enunciativa pode ainda aparecer em primeiro plano. Nessas ocorrências a autora afirma que não há modo enunciativo ou tom de envolvimento do locutor. Nesse sentido, a argumentação enunciativa representa uma atividade performativa do locutor. Ocorrências como “eu aconselho você a vir” indicam que o verbo aconselhar (na primeira pessoa do presente) coloca em prática uma atividade performativa do falante. Ou seja, não apresenta um conteúdo, como em “eu aconselhei você a vir”, cujo conteúdo expressa a existência de um conselho. Nesse sentido, Carel (2021, p. 370) afirma “um enunciado performativo explícito apresenta um argumento enunciativo e, portanto, representa a atividade do falante”. Contudo, diferentemente, por exemplo, de Austin (1962), que considera a atividade do locutor como uma ação do sujeito falante no mundo, Carel (2021) propõe que a atividade performativa do falante “pertence ao significado da afirmação e participa apenas da troca linguística”.

Além disso, quando o enunciado apresenta as marcas do locutor como em “Eu me chamo Jeffrey” e “Eu aconselhei Mary a vir”, é necessário que a situação conversacional seja conhecida para que os argumentos “nos encontramos, portanto, eu digo que eu me chamo Jeffrey e “Você me pergunta, portanto, eu lhe digo que eu aconselhei Marie a vir” sejam evocados. Nesse sentido, a autora diz que nem sempre o significado linguístico dos enunciados é satisfatório para a determinação dos argumentos. (CAREL, 2021, p. 371). Ou seja, é preciso que as palavras sejam consideradas pelo esquema argumentativo do bloco semântico.

Nessa direção, a argumentação enunciativa foi formulada, conforme Carel (2017), a partir da concepção de que a significação das palavras é essencialmente argumentativa. Essa perspectiva culminou no desenvolvimento da teoria dos blocos semânticos-TBS. Sobre o aspecto argumentativo da enunciação, a autora diz que falar não é persuadir ou descrever o mundo, mas sim construir um texto pelo entrelaçamento de palavras, seja generalizando-as, exemplificando-as ou opondo-as, para produzir discurso. Nesse sentido, Carel (2017, p.3) afirma que “um texto pode, em função de sua sintaxe ou de suas palavras gramaticais, dizer mais que os próprios termos lexicais, dizer mais e, até mesmo, veremos, dizer algo contrário a suas palavras lexicais”.

Ao dizer que a significação das palavras é argumentativa, Carel (2017, p. 4) considera que a significação é “constituída por elementos que permitem prever o sentido dos enunciados.” Isto é, as palavras apresentam direcionamentos argumentativos que determinam a sua significação, a partir de paráfrases constituídas pelas conjunções *donc* (se, porque, pois, ...) e *pourtant* (no entanto, ainda que, mesmo se, ...). Nesse sentido, Carel (2017, p. 6) afirma “a significação das palavras, associada à sintaxe e à estrutura do texto, permite prever essas paráfrases”.

Essa proposição pode ser exemplificada, conforme Carel (2017, p.4), a partir das possibilidades de encadeamentos da palavra ‘sabre’:

Quadro 4: encadeamento da palavra ‘sabre’

Enunciado	Encadeamento argumentativo	Esquema argumentativo/significação
(1) Pedro tem um <i>sabre</i>	(3) Até mesmo se encontrar alguém forte, Pedro poderá feri-lo.	FORTE <i>PT</i> FERÍVEL
(2) O pirata empunhou um <i>sabre</i> com o qual se lançou sobre o tenente do Rei	(4) Até mesmo se o tenente do Rei fosse forte, o pirata poderia feri-lo.	

Fonte: autoria própria

No entanto, Carel (2017, p. 7-9) explica que o encadeamento (4) não é suficiente para parafrasear o enunciado (2), apesar de se sustentar no esquema argumentativo FORTE *PT* FERÍVEL. Nesse sentido, palavra ‘sabre’ apresenta outras orientações, e são elas que determinam o encadeamento (4). Na oposição entre as palavras “sabre” e “pistola”, em: “O pirata empunhou um *sabre* com o qual se lançou sobre o tenente do Rei” e “O pirata empunhou uma *pistola* com a qual se lançou sobre o tenente do Rei”, é possível observar, por exemplo, que o ‘sabre’ se constitui como uma arma cuja função está ligada à luta corporal, diferentemente de pistola, embora ambas possam ser empunhadas.

Assim, Carel (2017) argumenta que a orientação argumentativa de (4) deve ser buscada para além da descrição da palavra ‘sabre’, pois a argumentação de (4) é orientada pela definição de ‘sabre’, enquanto sua funcionalidade. Isso permite que a palavra ‘sabre’ apresente o esquema argumentativo: NEG CONTATO *DC* NEG EFEITO, o qual evoca a seguinte argumentação: “Se o pirata não se aproximasse, ele

não feriria o tenente do Rei”. A partir dessa explicação, Carel afirma ser possível mostrar que a significação das palavras é essencialmente argumentativa.

Em Carel (2021), foi possível observar que o conceito de enunciação linguística concebido pela TAP, o qual mostra que a enunciação pode apresentar diferentes perspectivas, se constitui como suporte da TBS. Nesse sentido, enquanto a TAP descreve o conteúdo comunicado, isto é, as funções textuais que constituem o discurso, os modos enunciativos, no envolvimento ou não do locutor pelo tom enunciativo direto ou indireto, e as atividades performativas, a TBS descreve a enunciação argumentativa desse conteúdo por meio dos encadeamentos argumentativos parafrásticos. (CAREL, 2017).

Considerando que a constituição de sentidos na enunciação é movida por uma dinâmica enunciativa, em Bally (1965), ela se dá pelo modo em que o referente é representado na língua pela enunciação; Benveniste (1966), (1974) apresenta essa dinâmica pela forma como o modo semiótico é convertido em modo semântico na apropriação das formas da língua pela enunciação. Em Ducrot (1984), é concebida na constituição do acontecimento histórico de enunciação. Nessa direção, Carel (2017), (2021) passa a situar a enunciação no quadro de esquemas argumentativos do bloco semântico.

Tendo em vista esse panorama teórico que sustenta os estudos da enunciação, numa dinâmica do dizer, a seguir apresentaremos como Guimarães (2018) compreende as relações de sentido na dinâmica do dizer da semântica do acontecimento.

1.1.3 Semântica do acontecimento

Em *Semântica: enunciação e sentido*, Guimarães (2018) concebe a Semântica como uma disciplina científica que estuda a significação da linguagem, enquanto um processo de constituição de sentidos. O autor considera necessário especificar o que deve ser entendido por significação. Nesse sentido, Guimarães (2018, p.14) explica que a significação das palavras é fundada na enunciação. Ela não se manifesta no significado dicionarizado, etimológico ou ainda pelo significante das palavras. Nessa perspectiva, sentido e significado não são tomados como sinônimos.

Segundo essa perspectiva, a enunciação tem como objeto de análise o enunciado, isto é, “uma unidade de linguagem que apresenta, no seu funcionamento, uma consistência interna, aliada a uma independência relativa”. Essa definição é produzida

por Guimarães (2018, p. 15-18) a partir do exemplo “Beijo pouco, falo menos ainda”, extraído do poema de Manuel Bandeira *Neologismo*¹¹. O autor entende que esses dois enunciados “(eu) beijo pouco” e “(eu) falo menos ainda” apresentam uma relação predicativa (autossuficiente), o que garante a consistência interna dos enunciados. Em relação à independência relativa, Guimarães (2018) considera, por exemplo, que “falo menos ainda” só significa tendo em vista o que é dito no primeiro enunciado. Esse entendimento pode ser demonstrado pela seguinte paráfrase “o quanto falo é menos que o pouco que beijo”. Com base nesse raciocínio, o autor concebe “o sentido como a significação do enunciado, constituído pela integração do enunciado ao texto,” enquanto um acontecimento de enunciação. Ou seja, “o sentido de um enunciado é sua relação de integração ao texto em que está”. (GUIMARÃES, 2018, p.42).

Nessa direção Guimarães (2018, p. 14, 22,23) afirma que

a enunciação é o que ocorre quando alguém diz algo, quando um falante de uma língua diz uma sequência que é, de alguma maneira, reconhecida pelos falantes dessa língua. [...] corretamente o falante não é uma pessoa física, é um lugar de enunciação determinado pela relação com a língua, no que chamamos espaço de enunciação[...] considerando a questão desse modo, dizer algo, produzir significação, se dá num acontecimento numa certa língua. [...] diante do que acabamos de colocar, a enunciação é o acontecimento de funcionamento da língua no espaço de enunciação, [isto é], espaço de relações de línguas no qual elas funcionam na sua relação com os falantes.

A partir dessa concepção de enunciação, Guimarães (2018) estrutura a semântica, por ele praticada, como ‘semântica do acontecimento’. Nesse sentido, Guimarães (2018, p. 37, 38) julga importante delimitar o que deve ser compreendido por acontecimento de enunciação. Esse conceito tem inspiração em Ducrot (1984). No entanto, veremos a seguir que o modo como Guimarães (2018) situa o acontecimento de enunciação toma um caminho diferente do de Ducrot (1984), principalmente no que se refere à temporalidade do acontecimento no agenciamento político da cena enunciativa.

Em princípio, um “acontecimento” se constitui quando uma entidade ou evento, como por exemplo, a colisão de um ônibus num prédio, “faz diferença na sua própria ordem”, isto é, se destaca de alguma forma na ordem natural das coisas. Contudo, para

¹¹ Beijo pouco, falo menos ainda.

Mas invento palavras

Que traduzem a ternura mais funda

E mais cotidiana.

Inventei, por exemplo, o verbo teadorar.

Intransitivo:

Teadoro, Teodora

que esse evento ganhe o status de “acontecimento de enunciação” é necessário, na visão do autor, que esse “fato seja relacionado a uma certa ordem que lhe [atribua] uma significação”, ou seja, é preciso que esse fato, na e pela enunciação, se torne um fato de linguagem.

Assim, o acontecimento de enunciação se estabelece pela produção de significação. Além disso, Guimarães (2018, p.38) afirma que

a diferença que constitui a especificidade do acontecimento é uma temporalidade de sentidos: um passado um presente e um futuro[enunciativos]. Nesta medida, o acontecimento não está no tempo, o acontecimento constitui uma temporalidade.

Com o propósito de explicar como a temporalidade fundamenta o acontecimento de enunciação, o autor apresenta como exemplo o conjunto da obra de Mattoso Câmara na linguística brasileira. Para Guimarães (2018), a temporalidade da produção científica de Mattoso, enquanto um acontecimento de enunciação, carrega um passado enunciativo constitutivo de sentidos a partir das “formulações sapirianas”. Já o presente, se instala tendo em vista esse passado, pelo qual se considera a “relação da obra como a enunciação do autor” (GUIMARÃES, 2018, p. 38). O futuro, por sua vez, se fundamenta nas possibilidades de sentidos que a obra pode expressar em novas enunciações. Assim, o trabalho de Mattoso Câmara na linguística é um acontecimento de enunciação porque apresenta um passado enunciativo, advindo de outras formulações, que significa no presente pela enunciação do autor, projetando novas possibilidades de enunciação, isto é, novos entendimentos sobre a linguística.

Nessa direção, com a finalidade de elucidar a constituição do acontecimento de enunciação, Guimarães (2018) retira do poema *Neologismo* o seguinte fragmento enunciativo: “falo menos ainda”, que integra sequência (1) “Beijo pouco, falo menos ainda”. O autor considera que esse fragmento também pode ocorrer num enunciado como (1a) “Penso pouco, falo menos ainda”. A partir disso, Guimarães (2018) afirma que a significação de “falo menos ainda” não se constitui da mesma maneira nas ocorrências (1) e (1a), pois a construção de sentidos depende da relação que o enunciado “falo menos ainda” mantém com outros enunciados do texto em que aparece, isto é, com o presente da enunciação. Essa perspectiva pode ser confirmada pelo que Guimarães (2018, p.39) diz “o acontecimento do dizer, o acontecimento do funcionamento da língua no espaço de enunciação precisa levar esse presente do texto em conta”.

Em relação à temporalidade própria do acontecimento enunciativo do poema *Neologismo*

Beijo pouco, falo menos ainda.
Mas invento palavras
 Que traduzem a ternura mais funda
 E mais cotidiana.
 Inventei, por exemplo, o **verbo teadorar**.
 Intransitivo:
Teadoro, Teodora.

Guimarães (2018, p. 40) diz que a articulação concessiva, realizada por meio do “mas”¹², entre os dois primeiros enunciados do poema é fundamental para a compreensão do texto como um acontecimento de enunciação. Segundo o autor, “esta articulação faz significar que, no enunciado, há um passado de sentidos segundo o qual a invenção de palavras é algo não comum [no] funcionamento da língua”.

No entanto, o autor afirma que os três últimos versos são marcados pela “invenção da palavra”, pelo “neologismo” (teadorar) e ainda que a criação desse novo verbo na língua produz, por sua vez, uma futuridade de sentidos. Ou seja, “a língua passa a ser outra e poderá levar a se dizer com ela outras coisas.” A partir da análise de *Neologismo*, Guimarães (2018) conclui que esse texto, enquanto acontecimento de enunciação, apresenta como passado “o sentido da não invenção, da estabilidade da língua “, como presente “a articulação da concessiva” e como futuro “algo que se poderá dizer [...] em virtude do neologismo”. (GUIMARÃES, 2018, p. 40). Assim, toda e qualquer enunciação, seja uma conversa, um texto, uma gravação, entre outros, só se constitui em acontecimento porque é dotada de temporalidade, isto é, concebida por um passado, presente e futuro enunciativo.

Além da temporalidade, como fundamento do acontecimento de enunciação, Guimarães (2018, p. 43) argumenta ainda que o sentido, enquanto “modo de integração do enunciado, e seus elementos linguísticos, ao texto”, se constitui no acontecimento pelo agenciamento do falante. Ou seja, a alocação enunciativa, do lugar social de falante, é também um aspecto fundamental para a compreensão do acontecimento de enunciação.

Nesse sentido, Guimarães (2018) exemplifica o funcionamento do agenciamento da enunciação por meio da carta escrita por Pero Vaz de Caminha, a qual relata a enunciação de Cabral sobre a chegada dos portugueses ao Brasil. Nessa carta,

¹² O “mas” (conjunção adversativa) está sendo utilizado na argumentação do autor com valor de “embora”.

Guimarães (2018) destaca duas nomeações, “Monte Pascoal” e “Terra de Vera Cruz”. A escolha desses nomes é agenciada pelo lugar social e político ocupado por Pedro Alvarez Cabral, autorizado como representante de um “império católico” a nomear, em língua portuguesa, as terras recém descobertas. Nessa direção, Guimarães (2018, p. 44) afirma que a enunciação dos nomes “Monte Pascoal” e “Terra de Vera Cruz” “não se caracteriza por intenções de alguém. O sentido se constitui exatamente pelos modos de agenciamento do acontecimento de linguagem”.

O agenciamento enunciativo do falante produz uma divisão dos lugares de enunciação, que, conforme Guimarães (2018, p. 44, 45, 58), pode ser configurada da seguinte forma:

o falante é agenciado em Locutor [Pedro Alvarez Cabral]. E ao ser agenciado como aquele que diz, o Locutor (ou L simplesmente) diz somente na medida em que o falante é também agenciado por um lugar social e político, o de representante do império português. [...] o falante se divide em lugar que diz e lugar social do dizer (chamamos este lugar de alocutor). [...] ou simplesmente al-x, onde o x é uma variável a ser preenchida pela consideração do lugar específico em que o falante é agenciado. [...] o agenciamento do falante a dizer constitui o que chamamos de cena enunciativa.

Ao afirmar que o lugar social de dizer é também político, Guimarães (2018, p. 50) argumenta a favor de que o “agenciamento do falante a dizer, estabelece uma divisão dos lugares de enunciação”, um conflito que instala uma desigualdade no direito ao dizer, isto é, o político se constitui como a base do agenciamento do falante no acontecimento de enunciação.

Nessa direção, Guimarães (2018, p. 50) passa a definir o político¹³ como

oposição entre a afirmação da igualdade em conflito como uma divisão desigual do real produzida enunciativamente pelas instituições que o organizam: organizam os lugares sociais e suas relações, identificando-os (ou seja, atribuindo-lhes sentido), e recortam o mundo das coisas, significando-as. Por este conflito o real se divide e redivide, se refaz incessantemente em nome de pertencimento de todos no todos.

Para demonstrar o funcionamento do político na enunciação, Guimarães (2018, p. 49, 51) toma um fragmento enunciativo da carta de doação de terras feita por Martim

¹³ A concepção de político na enunciação tem origem na abordagem de Orlandi (1990, p. 35), na qual o político é definido como “relação de confronto”, e na de Rancière (1995) por meio da noção de política como desentendimento. (GUIMARÃES, 2018, p. 50, 51).

Affonso de Souza, em 1532¹⁴. Nessa sequência, o autor considera que o nome indígena “Gohayó” marca, no espaço de enunciação, espaço de distribuição desigual das línguas para os seus falantes, uma disputa pelo direito a dizer. Esse embate é notado pela presença da língua indígena, não oficial, funcionando em oposição à língua portuguesa oficial, visto que a ilha de São Vicente é referida como “donde chamam Gohayó”.

Conforme Guimarães (2018, p. 53), essa disputa concebe o caráter político da enunciação, tendo em vista que

o nome São Vicente não deixa de significar, naquelas condições, um outro nome (Gohayó) em outra língua: aqueles que foram impedidos de falar, falam ainda o nome que deram à ilha, significando uma divisão de lugares sociais de dizer, uma outra divisão do real.

Considerando ainda que o espaço de enunciação é determinante para a constituição da cena enunciativa, Guimarães (2018, p. 53) afirma também que a cena enunciativa é “produzida pelo agenciamento político da enunciação. Em outras palavras, o falante é agenciado politicamente e assim constitui a cena enunciativa: o acontecimento de enunciação produz sentidos ao constituí-la”.

O agenciamento político da enunciação tem a ver com o que Guimarães (2018, p. 58, 65) chama de politopia, isto é, com a divisão dos lugares de enunciação. O agenciamento do falante em “Locutor” se dá tendo em vista o lugar social e político do dizer “alocutor-x”, o qual aponta ainda o lugar de dizer, denominado “enunciador”, responsável pela perspectiva da enunciação. Sendo assim, o enunciador é “um lugar X que se relaciona com o que se diz no acontecimento. Tem-se assim na cena enunciativa um lugar de dizer cuja relação é com o modo como se diz o que se diz, e nesta medida uma relação com o que se diz”.

Com objetivo de mostrar os diferentes pontos de vista que a enunciação do alocutor-x pode assumir, Guimarães (2018, p. 58) apresenta uma sequência enunciativa que diz sobre um novo paradigma para a ciência linguística do século XX¹⁵, a qual ele parafraseia da seguinte forma:

[5.3a] (nós sabemos que) a linguística da primeira metade deste século é um inter-regno

¹⁴ (1) Martim Affonso de Souza (...) Faço saber que havendo respeito em como Pedro Góes, (...), servio muito bem Sua Alteza nestas partes (...) Eu hei por bem de lhe dar e doar terras de Taquararira com a serra de Taperovira que está na banda donde nasce o sol com águas vertententes com o rio Jarabatyba o qual rio e terras estão defronte da ilha de S. Vicente donde chamam **Gohayó**.

¹⁵ (LEMLE, 1984, p.55)

[5.3b] (nós sabemos que) a linguística brasileira da primeira metade deste século tem cultivado valores positivos: a consciência da necessidade da precisão formal e acuidade observacional, por exemplo.

[5.3c] No entanto, (Eu afirmo que) a linguística da primeira metade deste século sofreu de uma certa estreiteza de vistas no que concerne a suas posições epistemológicas.

Essas paráfrases, conforme o autor, mostram diferentes maneiras de se expressar o dizer do alocutor-cientista. Nessa direção, as paráfrases [5.3a] e [5.3b] mostram um ponto de vista coletivo da enunciação, isto é, um conjunto de dizeres dos linguistas em “nós sabemos”. Em contrapartida, a paráfrase [5.3c] representa um lugar de dizer individual, tendo em vista que produz uma perspectiva de pessoalidade evidenciada tanto pelo elemento de ligação “no entanto” como pela expressão “estreiteza de vistas”.

Em síntese, Guimarães (2018, p. 62) descreve o funcionamento da cena enunciativa da seguinte forma:

[...] o Locutor (L) ao ser agenciado, institui um Locutário (LT) (L é o lugar que diz (eu) para alguém (tu); o alocutor (al-x) ao ser agenciado, institui um alocutário (at-x) (al-x é o lugar social de dizer que se apresenta para um at-x, o lugar social para o qual um certo al-x diz); o enunciador , o lugar de dizer , que se apresenta como quem diz de um lugar coletivo, individual, universal, ou genérico [entre outros]. O enunciador não projeta um tu, é um modo de o eu se apresentar na sua relação com o que se diz (o que se diz por quem diz). [...] esta configuração das cenas nos espaços de enunciação traz para reflexão, [...] a exterioridade da língua, sua historicidade [...] estas relações são o fundamento da enunciação e assim do sentido.

Considerando esse esboço teórico, Guimarães (2018, p.75) afirma que o acontecimento de enunciação “se dá pelo funcionamento da língua no espaço de enunciação” tendo em vista que o falante é agenciado como lugar político de enunciação e que o “agenciamento enunciativo produz textos que integram enunciados”.

Com a finalidade de analisar a constituição do acontecimento enunciativo, Guimarães formulou um procedimento específico de análise do enunciado integrado ao texto, denominado “sondagem”, a partir do qual ele observa duas relações fundamentais: a articulação e a reescrituração.

Guimarães (2018, p. 76) descreve a sondagem da seguinte maneira:

a sondagem se caracteriza por encontrar, por exemplo, um enunciado, em um recorte [fragmento do acontecimento de enunciação] do acontecimento de enunciação, e explorar este enunciado enquanto elemento deste recorte e assim integrado ao texto que se recorta. Cada sondagem pode ser relacionada a outras sondagens que possam indicar

a necessidade de modificação na análise, que possa eventualmente reformulá-la, que possa colocá-la em questão.

De modo geral, o procedimento de sondagem consiste em escolher um recorte enunciativo de um determinado texto, com base numa proposta de análise. Em seguida, observar, nesse recorte, o funcionamento de uma expressão qualquer (objeto analítico). E, se necessário, relacionar essa sondagem a outras já realizadas, construindo, dessa forma, uma interpretação que mostre o funcionamento do recorte enunciativo.

Sobre a sondagem, Guimarães (2018, p. 18) afirma ainda que

não se trata de constituir corpora específicos para buscar a garantia empírica dos dados e dos resultados, não se trata também de criar exemplos (frases/ enunciados) que podem servir como guia, ou norma. Trata-se, no caso, de encontrar acontecimentos de enunciação específicos que apresentem uma relevância para se refletir sobre a questão da linguagem e o seu modo de produzir sentido.

Guimarães (2018, p. 77-79) demonstra o funcionamento do procedimento de sondagem considerando o recorte enunciativo “Dunga xinga jornalista Alex Escobar da Globo”, extraído de uma matéria jornalista esportiva. A partir desse exemplo, o autor produz paráfrases (“Dunga xinga jornalista” / “O jornalista é Alex Escobar da Globo”) no intuito de “explorar”, isto é, mostrar que o funcionamento do aposto “Alex Escobar da Globo” se filia à relação de articulação (caracterização) do enunciado.

Desse modo, para Guimarães (2018, p. 80), faz parte das relações de articulação, as relações de contiguidade enunciativa, como a “predicação, a complementação, a caracterização (relação determinante-determinado). A articulação é, portanto, “uma relação local entre elementos linguísticos que significam pela relação com os lugares de enunciação agenciados pelo acontecimento”.

No exemplo “O litoral brasileiro oferecia excelentes condições para a produção de açúcar” (GUIMARÃES, 2018, p. 80), é possível observar as seguintes relações de contiguidade: relação de predicação entre “oferecia excelentes condições para a produção de açúcar” e o “litoral brasileiro”, relação de caracterização entre “litoral” e brasileiro” e ainda entre “litoral” e “o”, sendo esta última uma relação de determinante para determinado. Para o autor, são essas relações que organizam os enunciados, garantindo a sua consistência interna, isto é, a autossuficiência do enunciado. Na perspectiva de Dias (2015), como veremos à frente, essa consistência é atestada pelos lugares sintáticos da sentença.

As relações de articulação podem se constituir de três formas, por dependência, coordenação ou incidência. A articulação por dependência se forma quando “os elementos contíguos se organizam por uma relação que constitui, no conjunto, um só elemento”, como no exemplo “(eu) Beijo pouco”, no qual “pouco” se articula a “beijo, constituindo uma unidade predicativa. A articulação por coordenação ocorre “por um processo de acúmulo de elementos numa relação de contiguidade” como em “Beijo pouco, falo menos ainda”. Assim, a organização desses enunciados se dá num processo que os coordena “como se fossem um só”. (GUIMARÃES, 2018, p. 80, 81).

Já a articulação por incidência se caracteriza por ser uma relação “que se dá entre um elemento externo a outro que, ao se articular com ele, forma um elemento do segundo tipo”. Isto é, a incidência é uma relação de articulação que apresenta um comentário/avaliação da própria enunciação, como no exemplo: “Poeta ruim que na arte da prosa Envelheceu na infância da arte, E até mesmo escrevendo crônicas, Ficou cronista de província¹⁶”. Nesse trecho a expressão “até mesmo” sustenta o dizer do alocutor, que, nesse acontecimento, significa o poeta como um mal escritor. (GUIMARÃES, 2018, p. 82).

Além disso, no que se refere ao agenciamento enunciativo, Guimarães (2018) propõe que nas articulações por dependência e coordenação o Locutor relaciona elementos do enunciado, já na articulação por incidência o Locutor relaciona a enunciação a diferentes perspectivas de dizer, isto é, diferentes enunciadores. Nesse sentido, Guimarães (2018, p. 84) afirma que as relações de articulação são “relações de contiguidade que fazem do enunciado um elemento que se integra ao texto”.

Guimarães (2018, p. 84, 85) explica ainda que as relações de articulação, seja por dependência, coordenação ou incidência, não possuem uma relação direta com a constituição de sentidos, pois a construção do sentido envolve também “os lugares de enunciação que se constituem no acontecimento cuja temporalidade é o fundamento do sentido”.

Nessa direção, o autor produz o seguinte quadro com exemplos possíveis para se associar os modos de articulação e sentido:

¹⁶ Verso do poema *Auto-retrato* de Manuel Bandeira.

Quadro 5: relação entre modos de articulação e sentido

Modos de articulação	Sentido
Dependência	- Referência: <i>o litoral brasileiro</i> - Caracterização: <i>de litoral por brasileiro em litoral brasileiro.</i>
Coordenação	- Enumeração: com em “ <i>que recam, enlaça, alegre o mais que pode a nudez das cousas, enfeita as paredes tristes, aprimora os trastes modestos e poucos</i> ” (M.de Assis, 1892, <i>Quincas Borba</i> , cap. XLIII). - Relações argumentativas: <i>Beijo pouco, falo menos ainda/ Mas invento palavras/ Que traduzem a ternura mais funda/ E mais cotidiana</i> (em virtude do funcionamento do <i>mas</i>).
Incidência	- Relações argumentativas: <i>Até mesmo escrevendo crônicas /ficou cronista de província</i> (em virtude do funcionamento do <i>até mesmo</i>).

Fonte: Guimarães (2018, p.85).

Além da articulação, Guimarães (2018, p.85) explica que a sondagem das relações enunciativas dos textos também pode ser realizada por meio do procedimento de reescrituração, o qual consiste no “modo de relação pelo o qual a enunciação rediz o que já foi dito. [...] O elemento que reescritura atribui (predica) sentido ao reescriturado”. O autor sustenta o argumento de que a reescrituração ocorre quando uma expressão linguística X reporta a outros lugares do texto Y, numa relação expressa por “Y reescritura X”. Nesse sentido, Guimarães (2018, p. 86, 87) afirma “a operação enunciativa de reescrituração [...] pode ser por repetição, substituição, elipse, expansão e condensação”. Observamos que as relações segmentais ou de contiguidade de um texto não fazem parte da reescrituração. Por esse motivo não descreveremos todos os detalhes desse procedimento. Além disso, apenas o procedimento de articulação guarda relações com a abordagem de Dias (2018), a qual será exposta no capítulo três.

Estabelecido esses parâmetros, Guimarães (2018, p. 94) afirma que o enunciado, “unidade de análise que se caracteriza por apresentar consistência interna e independência relativa”, se constitui como objeto de estudo da semântica do acontecimento tendo em vista os processos de articulação (produção de consistência interna), e reescrituração (produção de independência relativa), isto é, os modos de relação enunciativa que os enunciados estabelecem com o texto que os integra.

Em suma, Guimarães (2018) fundamenta uma concepção de acontecimento que se constitui por uma temporalidade específica de um passado enunciativo que projeta no

presente da enunciação uma futuridade de sentidos. Além disso, para Guimarães (2018), o acontecimento de enunciação se sustenta no agenciamento político da cena enunciativa. Nesse sentido, o acontecimento de enunciação pode ser apreendido por meio do que o autor chama de sondagem, com a qual é possível observar as relações de sentido do enunciado: a articulação e a reescrituração. Essa é a especificidade da dinâmica do dizer na concepção de Guimarães (2018), constituindo o modo como ele compreende a enunciação.

Veremos a seguir a segunda parte deste capítulo, em que apresentamos um panorama dos estudos sobre a predicação.

1.2 Constituição do campo dos estudos predicativos

1.2.1 Da predicação lógica à predicação linguística

O conceito de predicação, formulado inicialmente pelo filósofo grego do período clássico Aristóteles, tem como base um enunciado declarativo¹⁷, no qual se observa condições de verdade atribuídas a fatos do mundo. Essa concepção de predicação está dispersa em diferentes escritos de Aristóteles, como *Tópicos* I 5-8, *Segundos analíticos* I 4, *Metafísica* (livros IV e VII), *Da interpretação* e *Categorias* entre outros. (ANGIONI, 2006)¹⁸.

Nesse sentido, Angioni (2006, p. 18,19) explica que o fundamento da predicação está alicerçado em três conceitos: (1) sujeito, nome que constitui o assunto da fala; (2) predicado, grupo verbal que exprime uma proposição sobre o sujeito; (3) operador copulativo (verbo ser), o qual nas formas ‘é’ (verdadeiro) e ‘não é’ (operador negativo – não verdadeiro) estabelece uma relação de união (é) e de separação (não é) entre sujeito e predicado, em referência a um estado de coisas constatável no mundo. Desse modo, a função da predicação é comprovar, pela correlação entre sujeito e predicado, uma pretensão de verdade em relação ao mundo, observando a constituição da essência das coisas. Isso permite discutir, por exemplo, a predicação tanto no nível abstrato como em “Sócrates é corajoso”, quanto no nível concreto em “Um homem é animal”.

¹⁷ Na forma S é P.

¹⁸ Consideramos que apenas um especialista em grego antigo, e na filosofia de Aristóteles, tem condições de agrupar comentários, observações e formulações indiretas, no sentido de evidenciar conceitos diretos sobre a abordagem do filósofo grego. Por essa razão, a perspectiva da predicação, desenvolvida por Aristóteles, será abordada a partir de Angioni (2006). Nesse trabalho, o autor caracteriza, comenta e produz uma visão consistente e unificada da teoria da predicação desenvolvida por Aristóteles em diversas obras como as citadas acima.

Desse modo, Angioni (2006, p. 20-25) afirma que a teoria da predicção de Aristóteles abrange apenas enunciados ditos declarativos, isto é, enunciados que retratam uma observação de uma situação real. Nesse grupo, estão incluídos todos os enunciados que apresentam a proposição lógica “S é P”, como em “Sócrates corre”, que, apesar de não apresentar a forma do verbo ser ‘é’, apresenta uma “forma equivalente e redutível” de “Sócrates é corredor”. Por outro lado, Angioni (2006) afirma que enunciados “normativos/desiderativos”, tais como “feche a porta” e “que chova”, não fazem parte da teoria da predicção de Aristóteles, devendo, por isso, ser estudados pela retórica ou poética.

De acordo com Aristóteles, pela perspectiva de Angioni (2006), a predicção dos enunciados declarativos pode expressar dois tipos de unidade entre sujeito e predicado. Na primeira delas, a predicção externa um “ente em si mesmo”, como em “Um homem é animal”, pois apresenta uma composição homogênea, isto é, o sentido de animal já se encontra constatado no sujeito ‘homem’. Na segunda relação, a predicção expressa um “ente por concomitância”, como em “Um homem é musical”, tendo em vista que o sentido de ‘musical’ não se encontra integrado ao homem, ou seja, há, nesse caso, uma composição heterogênea marcada pelo acréscimo de uma nova informação na relação sujeito/predicado. (ANGIONI, 2006, p. 24, 25).

A relação de predicção estabelecida entre sujeito e predicado perpassa pela compreensão de que

a teoria da predicção aristotélica envolve uma teoria semântica, que busca delimitar as regras e condições pelas quais os termos, combinados nas proposições, podem objetivamente remeter a situações verificáveis no mundo e, por isso, precisamente, podemos dizer que ela se apresenta, ao mesmo tempo como uma ontologia: a teoria da predicção é uma teoria a respeito das correlações entre, de um lado, as estruturas objetivas pelas quais as coisas se dão no mundo e, de outro, as estruturas lógico-linguísticas pelas quais pretendemos constatar-las e remeter a elas. (ANGIONI, 2006, p. 20).

Assim, a classificação da predicção com base na unidade da composição entre sujeito e predicado se fundamenta, conforme Angioni (2006), em ‘pressupostos metafísicos peculiares’. Dentre esses pressupostos, Angioni (2006, p.25) apresenta apenas o conceito de *ousia* (substância e/ou essência) por entendê-lo como fundamental para a compreensão da teoria da predicção. Dessa maneira, são as ‘formas do ente’ (estado de coisas/fatos complexos) que determinam os modos de predicar. A predicção que expressa um ‘ente em si mesmo’ é aquela que analisa a essência do sujeito, isto é,

as “propriedades contidas no núcleo de características que determinam o que o sujeito, afinal, em si mesmo, é.[...] tais predicções são predicções essenciais” (ANGIONI, 2006, p. 25).

Por outro lado, a predicção que refere um ‘ente por concomitância’ deve obedecer a dois critérios. Além da heterogeneidade da composição, conforme Angioni (2006, p.26), esse tipo de predicção precisa apresentar algo “subjacente, já previamente identificado em si mesmo”, ou seja, é necessário que o sujeito seja uma substância. Desse modo, na linguagem ordinária, é possível, numa primeira visão, que qualquer termo se coloque como sujeito. O autor exemplifica esse juízo com a frase “o musical é justo”. Essa predicção só pode ser considerada no modo ‘ente por concomitância’ se for possível recuperar o termo ao qual ‘musical’ e ‘justo’ fazem referência. Assim, teríamos algo como “ x é musical” e “ x é justo”, se “ x é Sócrates”. Conforme Angioni (2006), a predicção que exprime um ‘ente por concomitância’, em casos como esse, contém mais de uma predicção.

Angioni (2006) observa ainda que, conforme Aristóteles, cada forma de predicção possui um sujeito específico. Para a predicção que expressa um ‘ente em si mesmo’, qualquer entidade pode se colocar como sujeito, desde que possa receber um predicado essencial. Já na predicção que apresenta um ‘ente por concomitância’, o sujeito corresponde a qualquer entidade que possa ser identificada previamente.

De modo geral, Angioni (2006, p. 27-31) menciona que Aristóteles não apresentou, em nenhuma de suas obras, uma lista completa de tipos de predicados¹⁹. Nesse sentido, Angioni (2006) aponta que os tipos de predicado tendem a obedecer, como base numa descrição lógica, “o critério de implicação entre sujeito e predicado e o critério de estar um deles contido na definição do outro”, submetendo-se a seguinte regra:

suponha-se, que além do sujeito S e do predicado P de uma dada sentença, um terceiro item, denominado x , e atribuam-se a x os elementos da sentença inicial: teremos duas proposições, (i) “ x é S ” e (ii) “ x é P ”. Um modo eficaz para classificar tipos de predicado é justamente a conexão lógica entre essas duas proposições. Há quatro possíveis relações lógicas entre elas: ou ambas se implicam

¹⁹ Aristóteles menciona os seguintes tipos de predicado: em *Tópicos* I 5-8, (i) a definição, (ii) o próprio, (iii) o gênero e (iv) o concomitante; em *Segundos analíticos* 4 as classes de predicados são consideradas diversas [...] há predicados que se atribuem a um sujeito *em si mesmo*, isto é, na medida em que esse sujeito é tomado ‘nele mesmo, enquanto é apenas ele mesmo’, que se subdivide em (a) o primeiro tipo de atributo *per se* (b) o segundo tipo de atributo *per se* [...] há o concomitante, delimitado estritamente por oposição aos predicados que se atribuem a um sujeito em si mesmo. (ANGIONI, p.28).

mutualmente; ou a verdade da primeira implica a verdade da segunda [primeiro tipo de predicado *per se*]; ou ao contrário, a verdade da segunda implica a verdade da primeira [segundo tipo de predicado *per se*]; ou, finalmente, nenhuma delas implica a outra [predicado concomitante] (ANGIONI, 2006, p. 27).

Essa proposta é um bom começo para se definir tipos de predicado, considerando, segundo Angioni (2006, p.34), duas grandes classes de predicados: os “predicados essenciais capazes de [...] identificar o sujeito a que se atribuem” [...] e os predicados concomitantes, “predicados heterogêneos não capazes de efetuar tal identificação e, por isso, sempre pressupõem que ela já esteja dada por predicados essenciais”. Com isso, Angioni (2006, p.35) diz que Aristóteles propõe “uma espécie de catálogo semântico-ontológico, no qual, delimitando classes de termos aptos a compor uma proposição, Aristóteles almeja delimitar as classes de coisas que estão dadas no mundo”.

Dessa maneira, pela abordagem de Angioni (2006), podemos compreender que a teoria da predicação de Aristóteles não estava fundamentada na linguagem. A predicação se colocava como um parâmetro de distinção entre o verdadeiro e o falso. As reduções das formulações efetivas da língua a estruturas passíveis da análise lógica (capazes de expressar as essências) caracterizam essa concepção de predicação. Observemos a seguir a perspectiva de um gramático posterior, ainda no período da Grécia Antiga.

Ao encontro da perspectiva de Aristóteles, Apolônio Díscolo (1987)²⁰ desenvolveu um estudo elementar sobre as partes da oração, denominado *Sintaxis* (libro I). Nessa obra, o autor discute as relações sintáticas das partes da oração na construção da frase tendo em vista a constituição de uma oração perfeita, coerente quanto ao significado de suas partes. Apolônio Díscolo (1987), assim como Aristóteles, considera que a oração perfeita tem como componentes essenciais o nome e o verbo. Para demonstrar isso, o autor utiliza o seguinte exemplo: “O mesmo homem que outrora escorregou caiu hoje”²¹. Nessa ocorrência, apenas nome e verbo são essenciais, podendo-se suprimir as demais partes (advérbio, particípio e pronome), conforme as reformulações a seguir:

²⁰ Gramático grego nascido no século II. Apolônio Díscolo (1987) corresponde a obra consultada.

²¹ Tradução aproximada de “el mismo hombre resbalando hoy cayó”, originalmente em grego. (APOLÔNIO DÍSCOLO, 1987, p.81).

Quadro 6: componentes essenciais da oração

O mesmo homem que outrora escorregou caiu .
O mesmo homem caiu .
homem caiu .
Ele caiu .

Fonte: autoria própria

No caso de ‘Ele caiu’, o autor considera que, apesar dessa oração não dizer nada de ‘concreto’, ela faz alguma referência a ‘homem’. Para Apolônio Díscolo (1987), os pronomes podem substituir os nomes de forma dêitica ou anafórica sem prejuízo sintático, isto é, se houver possibilidade de identificação do nome, conforme o exemplo acima. De acordo com Apolônio Díscolo (1987), substituições como essa seriam aceitáveis também em casos como “Yo paseo” ou “Paseo” [eu ando/ando], no qual o nominativo-sujeito está implícito no verbo. Contudo, em ocorrências como “Relampaguea” ou “Truena” [Relampeja/Troveja], o autor considera que a terceira pessoa “él” [ele] não determina o verbo, pois faz referência a Zeus, entidade que realiza a ação expressa no verbo. (APOLÔNIO DÍSCOLO, 1987, p. 82).

Tendo em vista que o nome e o verbo são essenciais para as relações sintáticas da oração, Apolônio Díscolo (1987) explica que o nome deve necessariamente anteceder o verbo, pois a propriedade do verbo (ação ou paixão) advém do nome, o qual designa um ‘ser’ que exerce a função de agente ou paciente. Desse modo, a realização da oração deve expressar um sentido perfeito e funcional, apresentando assim coerência sintática. Em relação ao sentido funcional da oração, Apolônio Díscolo (1987, p.40) diz “os casos oblíquos se conectam aos casos retos por meio de um verbo interposto entre eles²²”.

Conforme esse gramático, nas sentenças “Teão maltratou o homem” e “Um cavalo escoiceou o homem”, os verbos ‘maltratar’ e ‘escoicear’ fazem, respectivamente, a relação sintática entre o caso oblíquo (homem) e os casos retos (Teão/cavalo). Ou seja, é por intermédio do nome e do verbo que as outras partes da oração (objeto) se conectam. Nessa direção, Apolônio Díscolo (1987) mostra que, enquanto o oblíquo está distante do verbo, isto é, não coincide com a mesma pessoa verbal, o nominativo-sujeito concorda com a pessoa verbal. (APOLÔNIO DÍSCOLO, 1987, p. 147).

²² “Los casos oblicuos se conectan con los rectos por medio de un verbo inserto entre ambos, la acción del cual pasa del nominativo recto al oblicuo”. (APOLÔNIO DÍSCOLO, Libro I, 137).

Considerando o modo como Apolônio Díscolo (1987) concebe as relações sintáticas, é possível compreender que a relação de coerência entre nome-verbo, na qual as propriedades do verbo derivam do nome, se assemelha à relação sujeito-predicado desenvolvida por Aristóteles, na qual o predicado é extraído do sujeito. Além disso, ambos concordam com o fato de que o nome designa o ser, sendo o ponto de partida em função do qual as demais partes da oração se organizam. No trabalho de Apolônio Díscolo (1987), afirmações sobre ordem das palavras na oração, concordância e constituição das partes da oração indicam uma aproximação de uma perspectiva linguística da predicação com a abordagem lógica de Aristóteles.

Nessa direção, a *Gramática de lá lengua castellana* de Nebrija (1492) dedica os livros III e IV para tratar das partes e da sintaxe da oração. No livro III, cap. II e X, o autor explica que o nome se constitui como uma das dez partes da oração. E que a sua função é a de nomear o ‘corpo ou coisa’. O verbo, por sua vez, é apresentado como a palavra sem a qual é impossível construir uma sentença. Tendo em vista o modo de conceber nome e verbo, Nebrija (1492)²³ diz que, para todas as línguas, é natural concordar o nominativo com o verbo a fim de formar frases, sendo o verbo a principal palavra da sentença com a qual o nominativo deve sempre concordar em número e pessoa.

Nebrija (1492) afirma ainda que as partes da oração devem obedecer a uma certa ordem conforme os casos gramaticais. Assim, antes do verbo, teríamos o nominativo e depois o acusativo e dativo, os quais representam respectivamente os lugares de sujeito, objeto direto e objeto indireto. Conforme Nebrija (1492, p.94)²⁴, “o verbo passa algo para o objeto, isto é, a sua significação”, conforme o exemplo “eu amo a Deus”, em que a significação do verbo ‘amar’ desloca-se para o dativo ‘Deus’. Esse movimento só é possível porque o nominativo ‘eu’ pratica a ação expressa pelo verbo ‘amar’.

Em Nebrija (1492), observamos uma abordagem mais ampla da constituição da oração, pela consideração de como as partes da oração se organizam para compor a sintaxe da sentença. Ainda é possível notar que o trabalho de Nebrija (1492) mantém a concepção aristotélica, segundo a qual verbo expressa uma propriedade do sujeito, isto é, se o verbo expressa ação, essa ação tem origem no sujeito. Nesse sentido, a predicação é caracterizada por um essencialismo na relação entre o sujeito e verbo.

²³ (Libro, IV, I)

²⁴ (Libro, IV, III)

Por sua vez, Arnauld e Nicole (1662, p. 141, 142), na obra intitulada *A lógica ou arte de pensar*²⁵, conhecida também como *Lógica de Port-Royal*, explicam sobre como o pensamento, o juízo e o julgamento dos homens se articulam em proposições integradas por palavras. Para os autores, o nome, o pronome e o verbo são as principais palavras para demonstrar o que acontece no ‘espírito do homem’. Nesse sentido, tudo o que pensamos recebe um nome e um modo, um ‘nome substantivo’ como ‘terra’ e ‘sol’ para significar objetos e coisas, e um ‘nome adjetivo’ como ‘redonda’ e ‘vermelho’ para apresentar o modo como as coisas são significadas: ‘terra redonda’, ‘sol vermelho’.

Já o verbo, na visão de Arnauld e Nicole (1662, p. 149, 150), tem a função de conectar os termos que formam uma proposição, constituindo-se como a “palavra cujo principal uso é significar uma afirmação”. Essa visão vai ao encontro do que Arnauld e Lancelot (1660, p.81)²⁶ argumentam. Segundo esses autores, em “A terra é redonda”, o termo ‘terra’ é o sujeito sobre o qual se afirma um atributo ‘redonda’. Do mesmo modo, na proposição “Pedro vive”, a forma verbal ‘vive’ contém a afirmação de que Pedro ‘está vivo’. Nesse sentido, Arnauld e Lancelot (1660, p. 126) afirmam que não há “verbo que não tenha seu nominativo expresso ou subentendido, porque, sendo próprio do verbo afirmar, é indispensável haver alguma coisa de que se afirme, que é o sujeito ou nominativo do verbo”.

Observamos nessa perspectiva de predicação que, em relação a Nebrija (1492), no qual o predicado contém um atributo do sujeito, o predicado passa a apresentar uma afirmação sobre o sujeito, não sendo necessário que essa afirmação seja algo inerente ao sujeito. Em Barbosa (1822), essa ideia é especificada.

Conforme a *Grammatica philosophica da lingua portugueza*, Barbosa (1822, p. 97-191) diz que a língua é um instrumento de comunicação, na qual as partes da oração são formadas por palavras que significam nossas ideias e pensamentos. Para o autor, o substantivo é palavra, que expressa tudo o que existe por si mesmo, apta a ser o sujeito de uma oração. E o verbo é a palavra que associa o atributo da proposição ao sujeito da oração. Essas palavras, substantivo e verbo, fazem parte das classes de palavras imprescindíveis do discurso, isto é, palavras que organizam as relações discursivas entre os indivíduos.

Para Barbosa (1822, p. 363, 364), toda oração tem necessariamente três termos: o sujeito, ser ou coisa, sobre o qual se enuncia, o atributo, que expressa a enunciação

²⁵ Obra original: *A lógica ou arte de pensar* Arnauld e Nicole (1662).

²⁶ Versão traduzida (1992) do original *Grammaire générale et raisonnée* (1660).

sobre o sujeito, e o verbo, responsável por estabelecer uma relação entre sujeito e atributo. Assim, no exemplo “eu sou amante” há o sujeito ‘eu’, o atributo ‘amante’ e o verbo ‘ser’.

Além disso, Barbosa (1822, p. 362, 363) considera que a forma como sujeito, atributo e verbo se coordenam não altera a sintaxe da oração, tendo em vista que

a sintaxe é uma ordem sistemática das palavras, fundada nas relações das coisas que elas significam, e a construção uma ordem local, autorizada pelo uso das línguas. Assim a construção pode ser ou direta ou invertida, e ter, contudo, a mesma sintaxe.

A compressão da sintaxe como uma coordenação flexível entre sujeito, atributo e verbo pode ser observada nos seguintes exemplos do autor “Alexandre venceu a Dario” e “A Dario venceu Alexandre”. (BARBOSA, 1822, p. 362, 363).

Na perspectiva de Barbosa, segundo Dias (2008a), o predicado ‘venceu a Dario’ advém de um atributo de ‘Alexandre’. Nesse sentido, não seria concebível um enunciado como “Dario venceu a Alexandre”, uma vez que pertence a Alexandre o atributo de ser vencedor, com base no fato de que a sintaxe se fundamenta na relação entre as palavras e as coisas, logo não seria possível expressar no predicado um atributo que Dario não possui, pois essa oração estaria ‘fora’ da sintaxe.

As gramáticas tradicionais de língua portuguesa, desde o século XIX, perderam parte da carga essencialista da predicação, mas trouxeram da Gramática de Port-Royal a concepção de predicação como afirmação. Por isso, ainda hoje o predicado é definido como uma afirmação sobre o sujeito, e o sujeito como ‘aquilo’ que é afirmado no predicado, embora já não se busque mais determinar a afirmação pelos atributos inerentes ao sujeito. Conforme Dias (2015a), a concepção do predicado como uma afirmação sobre o sujeito se constitui na atividade de comunicação, na qual afirmar significa comunicar algo sobre sujeito. Assim, a predicação não seria mais uma relação lógica no estilo aristotélico e nem uma operação do pensamento, mas uma cena de comunicação.

No item a seguir, abordamos novas perspectivas teóricas de predicação que rompem com os estudos clássicos que acabamos de apresentar.

1.2.2 Perspectivas contemporâneas da predicação

Com o surgimento de novas formas de abordar a predicação, a perspectiva essencialista, ancorada no conceito de verdade e de pensamento, vai cedendo espaço

para novas concepções como ato de linguagem, na abordagem de Searle (1981), como direcionamento argumentativo, na perspectiva de Carel (2005), como relação conexão, na semântica da enunciação de Guimarães (2018), ou como interação, em Halliday (2004)

Além dessas perspectivas, apresentamos neste item como o conceito de predicação pode ser compreendido a partir dos estudos cognitivistas de Langacker (2008), (1991) e de Talmy (2000). Nessa direção, podemos observar um rompimento com a trajetória histórica da concepção da predicação, tradicionalmente ancorada na relação sujeito/predicado.

Com fundamentos na teoria dos atos de fala, Searle (1981) considera que a predicação apresenta um conteúdo proposicional realizado por meio de um ato ilocutório. Nessa concepção, a predicação é constituída a partir de uma inflexão sobre o sujeito, não sendo, portanto, um ato de fala independente. A proposta do autor é a de que o ato ilocutório é responsável por concretizar a predicação.

Para explicar essa proposta, Searle (1981, p.163,164) apresenta os exemplos “Você vai sair”, “Saia!”, “Quer sair?”, “Sugiro que saia”. Nessas frases, as formas do verbo ‘sair’ se constituem como predicado da referência ‘você’, obedecendo à seguinte proposição F (R-P), isto é, Força ilocutória (Referência-predicado):

O termo F opera sobre o termo predicado de forma a determinar o modo pelo qual ele se relaciona ao objeto referido pelo termo referencial: se a frase é interrogativa, o seu caráter interrogativo (termo F) determina que a força da emissão consiste em perguntar se o predicado (termo P) é verdadeiro do objeto referido pelo sujeito (termo R). Se a frase é imperativa, o dispositivo indicador de sua força ilocucionária imperativa (termo F) determina que o objeto referido pelo termo R deve executar o ato especificado pelo termo P;

Conforme a visão de Searle (1981, p. 164) a força ilocutória age sobre uma expressão neutra com o objetivo de levantar a verdade da expressão predicativa do objeto referido pela expressão-sujeito, seja afirmando, interrogando ou determinando a verdade da aplicação do predicado. A força ilocutória não atua sobre a referência, mas sim sobre o seu predicado. Nesse sentido, o autor diz que a predicação “jamais se apresenta sob forma neutra, mas sempre sob um determinado modo ilocutório, seja ele qual for”.

Portanto, para Searle (1981), a condição essencial de realização da predicação, por meio do ato ilocutório, está no desdobramento de um conteúdo sobre a referência, o

qual se coloca como possibilidade de verdade. Conforme as palavras de Searle (1981, p. 165): “Predicar uma expressão «P» de um objeto R é levantar a questão da verdade da expressão predicativa com respeito ao objeto referido”.

Como visto, a predicação em Searle (1981) está fundamentada no ato ilocutório, no qual as condições de verdade do ato de fala sobre a referência são determinadas pela força ilocucionária que opera sobre o predicado. Sendo assim, a verdade da proposição que até o século XIX era determinante na constituição da predicação, em Searle (1981) passa a ser condicionada pela força ilocutória, atuando apenas como pano de fundo na sintaxe da predicação.

Na sequência, observaremos como Carel (2005), do ponto de vista argumentativo, concebe a predicação.

Considerando a teoria dos “blocos semânticos”, Carel (2005) compreende a predicação como uma relação de significação entre sujeito e predicado, constituindo o que ela chama de “operação de predicação”.

Nessa perspectiva, é importante ressaltar que o conceito de predicação está dissociado de uma visão referencialista, tendo em vista que a autora considera contraditória a ideia de que o sujeito é um ser no mundo. Isso é demonstrado por Carel (2005, p.117) a partir da ocorrência “A vontade do povo deve ser respeitada”, na qual a autora afirma não ser possível identificar no mundo um ser que seja referência para ‘a vontade do povo’. Para Carel (2005), o sujeito ‘a vontade do povo’ é um ser linguístico evocado pelo discurso.

Assim, a posição de Carel (2005) se distingue da concepção clássica pela consideração de que a predicação é uma ‘operação de predicação’. Em Carel (2005), a autora desenvolve dois tipos de operação de predicação, a ‘predicação centrada’ e a ‘predicação conectiva’.

A predicação centrada ocorre quando o bloco semântico²⁷, presente na predicação, advém de apenas um dos grupos que a constitui: o grupo sujeito ou o grupo verbal. Nesse sentido, no exemplo ‘Pedro é prudente’ (CAREL, 2005, p.131), temos uma predicação centrada no verbo, conforme a sentença a seguir:

²⁷ Bloco semântico relação de significação fundamentada numa argumentação do tipo DC portanto (normativo) e PT no entanto (transgressivo) ou seja, o bloco semântico comporta dois segmentos que têm sua relação expressa por um conector) X CON Y (portanto)/ X CON’ Y (no entanto), em que X=suporte Y=aporte.

Quadro 7: predicação centrada no verbo

sujeito	predicado	
Pedro	é prudente	
	AI	perigo PT precaução
	AE	prudente PT possibilidade de viver muito

Fonte: autoria própria

Ou seja, esses encadeamentos da argumentação AI²⁸ e AE²⁹ se aplicam à Pedro. Por isso, a predicação está centrada no verbo + apensos, tendo em vista que não há indicação de que o fato de ser Pedro leve a ser prudente. Nesse sentido, a predicação centrada no verbo insere Pedro na classe daquilo que significa ser prudente.

Para explicar a predicação centrada no grupo sujeito, tomamos o exemplo de Carel (2005, p.139) “A melhora é leve”, conforme o quadro abaixo:

Quadro 8: predicação centrada no sujeito

sujeito		predicado	
A melhora		é leve	
AI	Estava mal NT está bem	AI	Estava mal PT NEG está bem
AE	melhora PT NEG preocupado	AE	NEG melhora PT preocupado

Fonte: autoria própria

De acordo com a autora, a argumentação desse enunciado apresenta uma controvérsia na intensidade da ‘melhora’, sem, contudo, apresentar uma alteração de sentido. O predicado ‘é leve’ participa apenas da aplicação parcial da melhora em dada situação. Por isso, a predicação está centrada no grupo sujeito, que é o lugar em que se define o sentido de melhora.

De outro modo, a predicação conectiva ocorre quando AI (argumentação interna) do enunciado se dá por uma relação de dependência entre elementos do grupo sujeito com o grupo verbal. Considerando o nosso exemplo: ‘Bons estudantes passam no vestibular’ temos:

²⁸ AI= paráfrase de X

²⁹ AE= X argumenta para Y

Quadro 9: predicação conectiva

Sujeito		predicado	
Bons estudantes		passam no vestibular	
AI	qualidade positiva	PT	sucesso
AE	ser bom estudante	PT	passar no vestibular

Fonte: autoria própria

Desse modo, é possível observar que o significado do sujeito ‘bons estudantes’ participa dos encadeamentos argumentativos. Portanto, há uma relação de conexão entre ser ‘bom estudante’ e ‘passar no vestibular’, na qual a predicação conecta o significado do sujeito com o significado do verbo + apensos.

Em Carel (2005), pudemos observar que a predicação é uma operação de ordem argumentativa, pois com ela operam-se encadeamentos de natureza enunciativa. Nessa perspectiva, diferente da de Searle (1981), a questão da verdade não toma parte na organização sintática. O foco explicativo da sintaxe da predicação está numa relação do locutor com a língua, tendo em vista direcionamentos argumentativos internos e externos.

Também numa perspectiva enunciativa, fundamentada numa relação de conexão, Guimarães (2018) constitui a predicação no quadro teórico da enunciação, considerando a cena enunciativa como um fator constitutivo na explicação das relações predicativas.

Guimarães (2018, p.129) explica as noções de sujeito e predicado a partir de um ponto de vista semântico, considerando como ponto de partida o enunciado. O autor define o enunciado como “unidade de linguagem que apresenta uma consistência interna no seu funcionamento, aliada a uma dependência relativa”. Conforme essa visão, o enunciado é parte de um acontecimento de enunciação, e adquire consistência interna e independência relativa por integrar, isto é, por se apresentar como um fragmento enunciativo do texto.

Nessa direção, Guimarães (2018) mostra que há diversos tipos de enunciados, por exemplo, um determinado nome como ‘João’ acompanhado de um número de telefone ‘3222 5040’ se constitui como um enunciado de um texto do tipo lista telefônica. Itens como ‘leite’, ‘carne’, ‘banana’ podem integrar um texto do tipo lista de compras, entre outros. Dentre as mais variadas categorias de enunciados, existem os que possuem consistência interna e independência relativa por apresentarem uma relação de predicação marcada pelas entidades denominadas ‘sujeito’ e ‘predicado’.

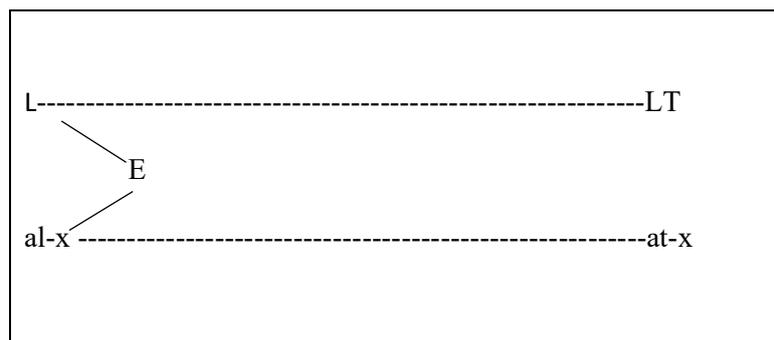
Guimarães (2018, p. 140) explica a predicação considerando uma relação de ‘conexão’ entre sujeito e predicado, caracterizando-os como “elementos que se equiparam quanto ao nível em que estão, nenhum se subordina ao outro, e não estão coordenados, os dois elementos constituem uma unidade sintático-semântica, a do enunciado”. Do ponto de vista semântico, o autor explica que essa conexão se dá por uma relação de ‘interconstituição’ entre sujeito e predicado.

Tendo em vista que a relação entre sujeito e predicado não se dá por coordenação, dependência ou subordinação, Guimarães (2018, p.53-62) mostra a diferença entre sujeito e predicado, conforme a perspectiva do acontecimento de enunciação, tomando como base o funcionamento do que ele chama de cena enunciativa.

O estabelecimento da cena enunciativa se dá a partir das seguintes figuras da enunciação: (L) Locutor (lugar de dizer) → (LT) Locutário e (al-x) alocutor (lugar social do dizer) → (at-x) alocutário. Desse modo, quando o Eu se agencia em Locutor, ele o faz do lugar social de alocutor, dirigindo-se respectivamente aos lugares enunciativos de Locutário e alocutário. Além disso, aquilo que é dito pelo alocutor pode assumir diferentes perspectivas enunciativas de (E) enunciador: universal, individual, genérico, coletivo entre outros.

A cena enunciativa pode, portanto, ser representada da seguinte forma (GUIMARÃES, 2018, p.61):

Quadro10: cena enunciativa



Fonte: Guimarães (2018, p. 61)

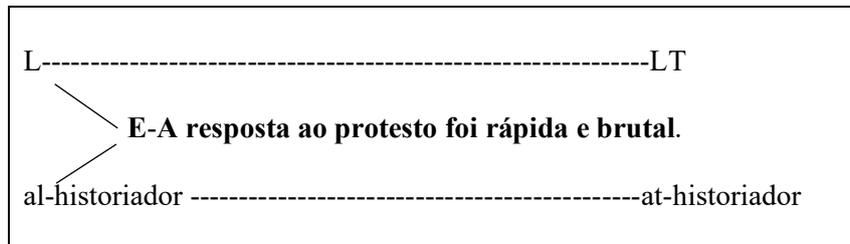
Com fundamento no arranjo da cena enunciativa, Guimarães (2018, p. 139) analisa a relação entre sujeito e predicado do seguinte enunciado: “A resposta ao protesto foi rápida e brutal”, extraído do livro *O Brasil colonial 1720-1821*.

Nas palavras do autor, a cena enunciativa desse enunciado, que tem como sujeito ‘a resposta ao protesto’ e predicado ‘foi rápida e brutal’, se constitui a partir do lugar

social de alocutor-historiador que remete ao alocutário-historiador, uma vez que esse enunciado foi recortado de um livro de história do Brasil sobre as atividades econômicas da colônia.

Conforme o esquema acima, esse enunciado pode ser representado da seguinte forma:

Quadro 11: cena enunciativa

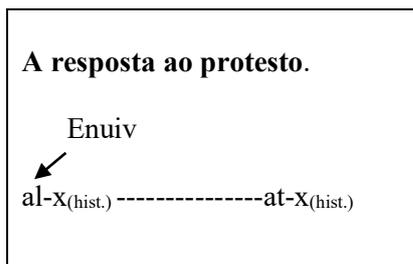


Fonte: Guimarães (2018, p. 142)

Nessa direção, para explicar o funcionamento do sujeito no enunciado “A resposta ao protesto foi rápida e brutal”, Guimarães (2018, p.142,143, 144) argumenta que a expressão ‘a resposta ao protesto’ fala de algo que está fora da relação eu-tu, pois se refere à relação do dizer de Enunciador com “algo de que se fala”. Isto é, a expressão sujeito tem relação com a perspectiva enunciativa que o dizer assume nessa cena enunciativa, de enunciador universal. Essa perspectiva se apresenta como uma realidade indiscutível. Isso pode ser observado tendo em conta a seguinte paráfrase “Sabe-se que houve uma resposta ao protesto. Esta resposta foi rápida e brutal”. Dessa forma, “o sujeito significa algo como uma relação com as coisas, como se fosse independente da predicação[...] como algo que se significa como se fosse independente do enunciado.” De acordo com essa compreensão, o autor observa ainda que “podemos dizer que a relação do alocutor-historiador como o que se diz na expressão sujeito é afetada pela alusão do enunciador (lugar de dizer) àquilo que se diz do lugar social de dizer”. (GUIMARÃES, 2018, p. 144).

Portanto, a relação do sujeito ‘A resposta ao protesto’ fala de algo fora da enunciação, como se fosse independente da predicação, tendo em vista a perspectiva enunciativa que o dizer assume na cena enunciativa. Por isso, o enunciador ‘impõe ao al-x’ (seta apontada para baixo) o modo de configuração do ‘real’ sobre o qual se fala (A resposta ao protesto), conforme o quadro abaixo:

Quadro 12: relação entre o sujeito e enunciador



Fonte: Guimarães (2018, p. 143)

Quanto à relação de predicação, isto é, a conexão que se estabelece entre predicado ‘foi rápida e brutal’ e sujeito ‘a resposta ao protesto’, Guimarães (2018, p. 144) explica que o predicado está significado na relação de alocação entre alocutor-historiador e alocutário-historiador, ou seja,

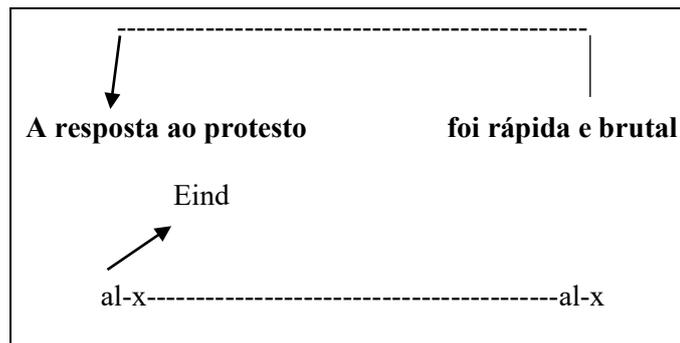
o predicado se caracteriza pela mesma relação de alocação do enunciado. Não há neste caso uma disparidade entre o predicado e o enunciado em que está integrado, diferentemente do que ocorre na relação que se significa pela expressão sujeito. O predicado se integra ao texto pelo modo de integração no próprio enunciado.

Além disso, Guimarães (2018) salienta que é preciso mostrar a relação entre o alocutor- historiador e o enunciado, a qual se caracteriza pelo fato de a ‘predicação significar uma avaliação’, considerando que a conexão do alocutor-historiador com o predicado e o enunciado é da mesma natureza. Nesse sentido, Guimarães (2018, p. 145, 146) diz ainda “por outro lado, esta “avaliação” do al-x, é significada pela apresentação que o alocutor faz do lugar de dizer (o enunciador), com esta apresentação significa-se que o alocutor-x (enquanto lugar social do dizer) assume o enunciador”. Ao assumir o enunciador, é possível compreender, conforme o autor, que

o lugar social de dizer marca o engajamento do al-x no acontecimento, diferentemente de como se dá este engajamento na expressão sujeito, onde o que se tem é a alusão que o lugar de dizer, cujo foco é relação com as coisas, faz do dizer do alocutor.

Pelo exposto, a predicação, isto é, a relação de conexão estabelecida entre o sujeito ‘A resposta ao protesto’ e o predicado ‘foi rápida e brutal’ se dá como um modo de apresentar, caracterizado pelo fato de a predicação significar, no dizer do alocutor-x, perspectivado por um enunciador individual, como uma avaliação (seta apontada para cima), conforme o quadro abaixo:

Quadro 13: relação sujeito/predicado na predicação



Fonte: Guimarães (2018, p.146)

Assim, Guimarães (2018) considera que, embora sujeito e predicado sejam semelhantes, tendo em vista a conexão enunciativa que essas entidades estabelecem no enunciado, as duas funções funcionam de forma díspar em relação à configuração da cena enunciativa, pois enquanto o sujeito se constitui como algo fora da enunciação, a constituição do predicado é relativa à própria constituição do enunciado.

Tendo em vista essa explicação, a concepção de Guimarães (2018) mantém uma remota relação com a abordagem de Searle (1981), no que se refere à distinção entre os papéis de sujeito e predicado na constituição da sentença. Ambos observam um funcionamento díspar dos dois componentes. No entanto, há uma diferença fundamental entre as duas abordagens: para Guimarães (2018), esse funcionamento se dá em relação à cena; para Searle (1981), em relação à performatividade. Esse funcionamento díspar, de alguma forma, também é observado por Halliday (2004), como veremos a seguir, na medida em que ele localiza no predicado o modo característico da interação. Esse paralelismo aqui apontado não se superpõe às diferenças dos quadros teóricos que sustentam os três modelos de pensamento sobre a predicação.

Conforme a gramática funcionalista de Halliday (2004, p. 115, 116, 119, 121), a predicação é “uma relação interpessoal, encenada na relação orador e ouvinte”. Nesse sentido, a predicação está fundamentada no movimento de interação MODO, constituído pela relação entre ‘sujeito gramatical’ e ‘operador finito’. Apesar de apenas o sujeito gramatical participar da concepção de predicação, Halliday (2004) explica que o conceito de sujeito se fundamenta em três funções: ‘tema’, ‘sujeito’ e ‘ator’. Essas funções permitem, conforme o autor, estabelecer diferentes padrões de oração. Nesse sentido, o tema corresponde ao sujeito psicológico, ‘assunto da mensagem’. O sujeito

coincide com sujeito gramatical ‘alvo do predicado’. E o ator se refere ao sujeito lógico ‘executor da ação’.

No quadro abaixo é possível visualizar como essas três funções se distinguem. Na primeira sentença, o sintagma ‘duke’ representa o tema, sujeito e ator. Já na segunda sentença, tema, sujeito e ator correspondem, respectivamente, aos sintagmas ‘teapot’, ‘my aunt’ e ‘duke’. (HALLIDAY, 2004, p.57, 58).

Quadro14: funções do sujeito

Frase	tema	sujeito	ator
The duke gave my aunt this teapot. [O duque deu a minha tia este bule.]	duke		
This teapot my aunt was given by the duke. [Este bule minha tia recebeu do duque.]	teapot	My aunt	duke

Fonte: autoria própria

De acordo com Halliday (2004), a dinamicidade da linguagem faz com que essas funções, muitas vezes, não coincidam num mesmo elemento, dependendo de como a frase é organizada pelo falante. Por isso, o autor afirma que, apesar de relacionadas, essas funções devem ser compreendidas de maneira distinta, uma vez que não há um conceito unificado de sujeito.

A justificativa para a apreciação dessas três funções está no fato de que cada uma desempenha uma configuração funcional distinta, agregando três significados à estrutura da oração. O ‘tema’ se constitui como mensagem da oração, é aquilo sobre o qual falante desenvolve a mensagem. O ‘sujeito’ (gramatical) representa um elemento recorrente na troca comunicativa entre falante e ouvinte, por ser “o elemento que o orador responsabiliza pela validade do que ele está dizendo”. E o ‘ator’ funciona como uma representação, isto é, configura “o elemento que o orador retrata como aquele que faz a ação”. Desse modo, é a união dessas três funções que constitui o significado da oração. (HALLIDAY, 2004, p. 58,59),

Retomando a concepção de predicação, Halliday (2004, p. 113, 116, 119, 121) explica que ‘sujeito’ e ‘operador finito’ conjugam o que o autor chama de MODO. Dessa maneira, o sujeito gramatical, substantivo ou pronome que mantém concordância com o verbo em número e pessoa é o “responsável pelo funcionamento da oração como um evento interativo”, ou seja, pela predicação, visto que o sujeito se constitui como um parâmetro sobre o qual algo pode ser afirmado ou negado. Já o ‘operador finito’ se

apresenta como o verbo que constitui um ponto de orientação temporal no contexto da atividade comunicativa. Assim, é possível observar, segundo a visão de Halliday (2004), que o Modo é o motivador do movimento interativo da predicação.

A relação de predicação pode ser, portanto, representada da seguinte forma (HALLIDAY, 2004, p.121):

Quadro 15: constituição da predicação

sujeito gramatical	operador finito	demais partes da oração
(parâmetro sobre o qual algo pode ser afirmado ou negado)	(verbo: orientação temporal)	predicador, complementos e adjuntos
Modo		Resíduo

Fonte: autoria própria

Para demonstrar a composição da sentença, o autor apresenta o exemplo “Sister Susie’s sewing shirts for soldiers” [Irmã Susie está costurando camisas para os soldados], no qual o Modo, responsável pela predicação, é constituído pelo sujeito gramatical ‘Sister Susie’ e operador finito s’/to be [está]. E o resíduo pelas demais partes da oração: ‘sewing’ (predicador/verbo principal da oração), ‘shirts’ (complemento) e ‘for soldiers’ (adjunto), conforme o quadro abaixo:

Quadro 16: composição da sentença

Sister Susie	‘s	sewing	shirts	for soldiers
Sujeito	finito	predicador	complemento	adjunto
modo		resíduo		

Fonte: Halliday (2004, p. 121).

Por outro lado, sentenças com apenas um verbo consubstanciam ‘finito’ e ‘predicador’. Em português, por exemplo, ‘operador finito’ e ‘predicador’ costumam estar unificados no mesmo verbo, como em (a) ‘José é prudente’, excetuando-se ocorrências compostas por dois verbos como (b) ‘Nós estamos bebendo café’³⁰.

Essa afirmação está demonstrada nas sentenças dos quadros abaixo:

³⁰ Exemplos de nossa autoria.

Quadro 17: composição da sentença: exemplo (a)

(a)	José	é	prudente
	sujeito gramatical	operador finito e predicador	complemento nominal
	Modo		resíduo

Fonte: autoria própria

Quadro 18: composição da sentença: exemplo (b)

(b)	Nós	Estamos	bebendo	café
	sujeito gramatical	operador finito	predicador	complemento verbal
	Modo		resíduo	

Fonte: autoria própria

Como pudemos observar, em Halliday (2004), os fundamentos sintáticos da predicação não estão na apreensão cognitiva dos eventos. A apreensão dos eventos se dá pela interação entre os atores. Dessa maneira, o funcionamento da oração e consequentemente da predicação se constitui pelo movimento interativo. O que explica as relações entre as unidades são as modularidades da interação. Essa abordagem apresenta um paralelo com a perspectiva de Searle (1981), no aspecto em que ele afirma que a predicação nunca se apresenta de forma neutra, mas determinada sempre por um modo ilocutório. Essa perspectiva aprofunda a visão comunicativa que as gramáticas tradicionais apenas esboçam desde o final do século XIX.

Na sequência, veremos como Langacker (2008), (1991) concebe a predicação a partir dos aspectos do alinhamento cognitivo entre trajetor e marco.

No modelo de gramática cognitiva praticada por Langacker (2008), a predicação pode ser concebida tomando como ponto de partida o verbo. Na visão do autor, o verbo é uma expressão que exprime um processo, sendo o motivador da origem da oração, isto é, o responsável por estruturar o discurso. Por conseguinte, o processo se refere ao modo de organizar a relação entre os referentes nominais e o verbo. Nessa direção, essas entidades linguísticas são determinadas pelos papéis semânticos (agente, paciente, instrumento, etc.) e gramaticais que desempenham na organização da oração (sujeito e objeto).

Em relação aos papéis gramaticais, Langacker (2008, p.363-366) explica que o lugar de sujeito na gramática cognitiva não é visto por meio de critérios puramente formais como, por exemplo, a concordância entre sujeito e verbo. A gramática cognitiva se propõe a explicar o sujeito e o objeto por meio de aspectos do alinhamento cognitivo das expressões linguísticas, em termos de trajetor e marco. Nesse sentido, Langacker (2008, p.365) considera que “o sujeito é um nominal que codifica a relação perfilada do trajetor, e o objeto como codificador do marco”³¹. Conforme essa concepção, o trajetor se constitui como entidade avaliada, destacada ou descrita, sendo o foco da relação perfilada. E o marco como a entidade que possui foco secundário.

Para explicar as noções de trajetor e marco, Langacker (2008, p. 71) apresenta o seguinte exemplo³²:

Quadro 19: trajetor e marco

(P)	Onde está a lâmpada?
R.1	A lâmpada (trajetor) está acima da mesa. (marco)
R.2*	A mesa (trajetor) está abaixo da lâmpada. (marco)

Fonte: autoria própria

Nesse quadro, a primeira resposta é considerada por Langacker (2008) como ‘feliz’, isto é, adequada, pois produz foco para o objeto que está sendo localizado (lâmpada), destacando, portanto, o trajetor. O autor considera ainda que ocorrências com apenas um participante focal, como em “eles finalmente chegaram”, a entidade ‘eles’ corresponde ao trajetor. O verbo ‘chegar’ apresenta um status de movimento espacial, o qual é deixado em segundo plano, pois o que interessa é a entidade focalizada ‘eles’. Nesse caso, a noção de movimento espacial não focaliza o marco de referência. Sendo assim, não se faz necessário, para a interpretação, identificar o local de chegada. (LANGACKER, 2008, p.71).

Langacker (2008, p. 72, tradução nossa) afirma que as noções de trajetor e marco não são aplicadas apenas a uma classe verbal específica,

trajetor e o marco são definidos em termos de proeminência focal primária e secundária, não em termos de alguma função semântica

³¹ subject is a nominal that codes the trajetor of a profiled relationship; an object is one that codes the landmark.

³² Where is the lamp? (i) The lamp (tr) is above the table (lm). (ii) *The table (tr) is below the lamp (lm).

específica ou conteúdo conceitual. As noções são, portanto, aplicáveis a qualquer tipo de domínio cognitivo³³.

Sobre a proeminência focal, o autor mostra que as coisas não estão pré-determinadas a serem trajectores ou marcos. Conforme Langacker (2008, p.73), “a proeminência é um fenômeno conceitual, inerente à nossa apreensão do mundo, não ao mundo em si”. Ela depende, portanto, da interpretação semântica e da organização estrutural das entidades linguísticas empreendidas pelo falante.

Nessa conjuntura, a predicação abrange uma relação entre participantes, sendo um deles, caracterizado como trajector, o responsável pelo relacionamento perfilado. Assim, as respostas para a pergunta ‘onde está a lâmpada?’, do quadro acima, podem ser compreendidas da seguinte forma:

acima e abaixo aparentemente têm o mesmo conteúdo conceitual e o perfil da mesma configuração espacial. Sua não sinonímia só pode ser atribuída à organização figura / base: se o participante superior é interpretado como localizado em relação ao inferior, ou vice-versa. (LANGACKER, 1991, p. 5, tradução nossa)³⁴.

Ao considerarmos que a predicação se constitui na relação entre trajector e marco, compreendemos, conforme Langacker (1991, p. 4), que a predicação “não reside apenas no conteúdo conceitual, mas necessariamente incorpora uma maneira particular de interpretar e retratar esse conteúdo”. Isso quer dizer que temos a capacidade de interpretar um conteúdo conceitual de diversas maneiras. Essa capacidade de interpretação é denominada pelo autor de ‘imagem figurativa’. Assim, a predicação se constitui quando evocamos a imagem de um conteúdo para caracterizar uma determinada ocorrência.

Além disso, Langacker (1991, p. 5) argumenta que a predicação designa o conteúdo conceitual de uma entidade. Nesse sentido, conforme as palavras do autor, entidades linguísticas como “‘hub’, ‘spoke’ e ‘rim’ [eixo, raio e aro] invocam como base a configuração geral de uma roda, mas contrastam semanticamente em virtude de se tratar do perfil de diferentes partes dela”.

Nessa direção, Langacker (1991, p. 362) afirma que os participantes (trajector e marco), entidades dotadas de substância, são independentes da interação de que

³³ Instead, trajector and landmark are defined in terms of primary and secondary focal prominence, not in terms of any specific semantic role or conceptual content. The notions are therefore applicable to any kind of cognitive domain.

³⁴ For instance, above and below apparently have the same conceptual content and profile the same spatial configuration. Their non-synonymy can only be attributed to figure/ground organization: whether the higher participant is construed as being located in relation to the lower one, or conversely.

participam. O autor compreende que a interação é transitória e que os participantes possuem uma ‘extensão temporal indefinida’, ou seja, a interação não se concebe sem os participantes. Essa relação interativa entre os participantes representa, para Langacker (1991, p.362), um modelo prototípico de cláusulas transitivas.

Contudo, há ocorrências nas quais os participantes são dependentes do processo desencadeado pelo evento verbal. É o caso, por exemplo, de ocorrências como “knit a sweater” [tricotar um suéter] e “write a letter” [escrever uma carta]. No inglês, essa dependência pode ser melhor observada na diferença entre “He cut a slice of cake” e “He cut up a slice of cake” [Ele cortou uma fatia de bolo]. Na primeira ocorrência, entende-se que a “slice of cake” [pedaço de bolo] passa a ter ‘existência’ mediante o processo verbal. Já na segunda ocorrência, a incorporação do elemento ‘up’ passa a significar que “slice of cake” [pedaço de bolo] preexiste ao evento verbal. (LANGACKER, 1991, p. 362).

Essa noção de ‘dependência do participante’ não se aplica, conforme Langacker (1991, p. 363), à construções com o chamado ‘objeto cognato’, como em “sing a song” [cantar uma canção] e “dance another” dance [dançar outra dança]. Nesses casos, o autor considera que

o objeto é uma nominalização do radical do verbo (ou pelo menos está relacionada morfologicamente) e designa um único episódio do tipo de processo em questão; na verdade, esse episódio é identificado com a instância de processo específica perfilada pelo verbo. (LANGACKER, 1991, p. 363, tradução nossa)³⁵

Nesse sentido, podemos conceber que há uma explicitação do convergente ‘objeto’ ‘song’ [música] e ‘dance’ [dança], o qual, para Langacker, possui existência “limitada ao período de tempo do perfil temporal do verbo”. De acordo com Langacker (1991, p. 363), a gramática cognitiva caracteriza o objeto cognato como redundante, pois verbo e objeto descrevem o mesmo evento ao invocar o mesmo conteúdo conceitual. Tais construções são possíveis devido ao fato de que a

organização gramatical não está sujeita à previsibilidade absoluta, com base no conteúdo conceitual (sem falar em circunstâncias objetivas), pois existem diferentes maneiras de interpretar o mesmo

³⁵ the object's head noun is a nominalization of the verb stem (or is at least morphologically related) and designates a single episode of the process type in question—in fact, that episode is identified with the specific process instance profiled by the verb.

conteúdo e distribuí-lo pelos constituintes orais. (LANGACKER, 1991, p.364, tradução nossa)³⁶.

O conteúdo conceitual do verbo se encontra, portanto, especificado no objeto, uma vez que, para Langacker (1991, p. 364), o verbo apenas indica que o sujeito “faz alguma coisa e que o evento constitui uma ocorrência limitada e distinta”.

Veremos agora, ainda na perspectiva cognitivista, como a predicação se constitui a partir do evento de movimento, conforme a abordagem de Talmy (2000). O trabalho desse autor se situa numa semântica cognitiva centrada na organização conceitual do conteúdo experimentado pela consciência.

Talmy (2000) aborda as relações sistemáticas estabelecidas entre significado e expressão superficial, isto é, as relações entre as formas linguísticas, expressões superficiais, que o autor denomina como satélites, e os elementos semânticos de significado que compõem a estrutura conceptual (cognitiva) do evento de movimento. Essa abordagem trata de como a linguagem estrutura o conteúdo conceitual, prevendo que o significado linguístico está localizado na experiência do consciente, local no qual devem ser buscados, pela introspecção, os dados de análise. Nesse sentido, o evento de movimento é composto pelos seguintes elementos semânticos: ‘movimento’, ‘caminho’, ‘figura’, ‘terreno’, ‘maneira’ e ‘causa’. (TALMY, 2000, p.25)

O evento de movimento, denominado ‘macro-evento’, ocorre quando uma ‘figura’ (objeto) se movimenta ou se localiza em relação a um ‘terreno’ (objeto de referência), constituindo o que o autor chama de ‘evento principal’. Nesse quadro, o ‘caminho’ é considerado como direcionamento ou ocupação da ‘figura’ em relação ao ‘terreno’. E o “movimento”, por sua vez, se apresenta como o próprio deslocamento ou localização do evento. Nessa conjuntura, compreendemos que a predicação pode se constituir como a lexicalização da estrutura do evento de movimento.

Nessa direção, Talmy (2000, p. 57) explica que o evento de movimento é expresso pela raiz do verbo tendo em vista diferentes padrões tipológicos de Conflação³⁷, a qual ocorre quando os “morfemas de certas classes de palavras participam da significação verbal”. (TALMY, 2000, p.11). Dessa forma, o evento de movimento apresenta os seguintes modelos de lexicalização: ‘Movimento + Co-

³⁶ grammatical organization is not subject to absolute predictability on the basis of conceptual content (let alone objective circumstances), as there are different ways to construe the same content and distribute it over the clausal constituents.

³⁷ conflation.

Evento’, ‘Movimento + Caminho’ e ‘Movimento+figura’. Conforme Talmy (2000, p.25), o padrão Movimento + Co-Evento’, comum a verbos do Inglês, estabelece relações de ‘maneira’ ou ‘causa’, constituídas como ‘co-evento’ externo.

O modelo Movimento + Co-evento é apresentado por Talmy (2000, p. 26) da seguinte maneira:

Quadro 20: modelo de lexicalização: Movimento + evento

	MANEIRA	CAUSA
1 Movimento:	The pencil rolled off the table. [O lápis rolou para fora da mesa.]	The pencil blew off the table. [o lápis caiu da mesa]
2 Localização	The pencil lay on the table. [O lápis assentou na mesa.]	The pencil stuck on the table (after I glued it). [O lápis grudou na mesa. (depois que eu cole)]

Fonte: autoria própria

Por meio dessa representação, Talmy explica que ‘pencil’ ocupa o lugar da ‘figura’ e ‘table’, o de ‘terreno’. E que as formas em (1) ‘rolled’ e ‘blew’ manifestam a movimentação do lápis, tendo como referência a mesa. Já as formas verbais em (2) ‘lay’ e ‘stuck’ expressam uma noção de localização, isto é, a compreensão da posição do lápis em relação à mesa. Nessa direção, o ‘caminho’ se constitui como deslocamento ativo em (1) ‘rolled’ e ‘blew’ e posicionamento inativo em (2) ‘lay’ e ‘stuck’. Além disso, o significado das formas verbais ‘rolled’ e ‘blew/ lay’ e ‘stuck’ juntamente com as preposições ‘off’ e ‘on’ designam, respectivamente, uma maneira ou causa pela qual o lápis é afetado.

No modelo Movimento+ caminho, com predominância em línguas como o espanhol, a trajetória está lexicalizada no próprio verbo. Nesse sentido, o modo passa a ser representado como uma indicação opcional, geralmente expresso por verbos no gerúndio ou expressões adverbiais, conforme a forma verbal entre parênteses em “La botella entró a lá cueva (flotando)” [A garrafa entrou na caverna (flutuando)].

O quadro abaixo demonstra, conforme Talmy (2000, p.49), “expressões de movimento (não agentivas) do espanhol com confluência de caminho”. O contraste com o exemplo desse mesmo tipo, no inglês, mostra a diferença no padrão de lexicalização:

Quadro 21: diferenças entre padrões de lexicalização

	Exemplos	Padrão de lexicalização
Espanhol	La botella entró a lá cueva. (flotando) [A garrafa entrou na caverna. (flutuando)]	Movimento+caminho
Inglês	The bottle MOVED-in to the cave (floating) [A garrafa moveu-se para a caverna.]	Movimento+ Co-Evento
	The bottle floated into the cave. [A garrafa flutuou para dentro da caverna.]	

Fonte: autoria própria

O padrão de lexicalização Movimento+ figura que abrange a estrutura lexical do verbo ‘chover’ será abordado no capítulo 4 desse trabalho.

Na abordagem cognitiva, vimos que a predicação compreende a relação entre unidades gramaticais e a apreensão conceitual de recortes do mundo. Em Langacker (2008), (1991) essa apreensão ocorre tendo em vista o alinhamento cognitivo das expressões linguísticas, em termos de trajetora e marco. Já em Talmy (2000) essa apreensão se dá pelos diferentes padrões de lexicalização do evento de movimento. Desse modo, a organização sintática do léxico é concebida tendo em vista essa apreensão cognitiva.

Síntese

Vimos, na primeira parte do presente capítulo, que o processo de constituição de sentidos se submete a uma dinâmica enunciativa, com base em argumentos que rechaçam a dualidade de sentido estabelecida entre sentido literal e figurado. Observamos ainda o modo como as diferentes perspectivas dos estudos da enunciação abordam essa dinâmica do dizer.

Na segunda parte, vimos como nasce o conceito de predicação na Grécia antiga, além do modo como esse conceito foi evoluindo a partir de novas concepções teóricas da linguística moderna. Considerando esse quadro, observamos um avanço teórico nos estudos da predicação.

No próximo capítulo, vamos apresentar o dispositivo de análise denominado ‘rede enunciativa’, que de acordo com Dias (2018, p. 36), se constitui como um “procedimento de demonstração das relações entre unidades articuladas, por meio de semelhanças e diferenças entre construções linguísticas”. Isso quer dizer que vamos

observar construções linguísticas em enunciados agrupados em rede, para descrever o modelo pelo qual faremos a análise da predicação autonômica.

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA

Esta pesquisa se concentra na análise enunciativa de uma descrição focada de abordagem qualitativa. Neste capítulo, apresentamos o procedimento denominado ‘rede enunciativa’. Por meio dele, analisamos o fenômeno linguístico da predicação autonômica a partir de uma semântica da enunciação. Nosso método de análise, incluindo a organização metodológica deste trabalho, está vinculado à teoria fundamentada (TF), formulada inicialmente por Glaser e Strauss na obra *The Discovery of Grounded Theory*, em 1967. Desse modo, abordamos os principais aspectos sobre como a TF trabalha com a análise de dados, a partir de Fragoso *et. al* (2011).

Essa metodologia passa por quatro etapas: aproximação do campo, coleta de dados, codificação e a sensibilidade teórica. Nesse sentido, apontamos que o nosso procedimento de análise denominado rede enunciativa, elaborado por Dias (2018), corresponde ao que as autoras definem como “codificação”. Na sequência, mostramos exemplos de rede enunciativa abrangendo as quatro articulações enunciativas da língua: ‘articulação subnominal’, ‘articulação intranominal’, ‘articulação internominal’ e ‘articulação predicativa’. Tendo em vista que o nosso objeto de estudo está focado na predicação de verbos que genericamente são chamados de “fenômenos da natureza”, nossas análises são elaboradas a partir das articulações predicativas de enunciados agrupados em rede. Esses enunciados, coletados do Twitter, se constituem como a base da nossa pesquisa.

Ao final deste capítulo, apresentamos uma pequena síntese com os principais pontos levantados, os quais contribuíram para as análises feitas posteriormente.

2.1. Teoria fundamentada

Neste item, abordamos os pressupostos da teoria fundamentada TF, com base em Fragoso *et.al* (2011). A partir dessa metodologia de pesquisa, vamos mostrar como é possível desenvolver redes nunciativas para analisar fatos linguísticos, do ponto de vista da semântica da enunciação.

Conforme Fragoso *et.al* (2011, p. 83), a teoria fundamentada (TF) é construída por meio de uma “sistemática observação, comparação, classificação e análise de similaridades e dissimilaridades”.

Nesse sentido, a TF se constitui como uma metodologia qualitativa aplicável a diversas áreas do conhecimento,

a partir do campo empírico, a TF recomenda a coleta sistemática de dados, bem como a constante comparação e análise desses dados (processo denominado codificação), que construirão, a partir dessa análise sistemática, memos teóricos que vão, ao final do processo, construir a teoria. (FRAGOSO *et.al*, 2011, p. 85).

Assim formulados, os procedimentos da TF estão em consonância com o objetivo deste trabalho e com a construção de redes enunciativas, as quais detalharemos adiante.

Conforme as autoras, a TF se apresenta como um profícuo método para pesquisas no ciberespaço¹, “pois propõe a atuação da análise em conjunto com o processo de coleta de dados, de forma a permitir que a teoria emerja do empírico”. (FRAGOSO *et. al*, 2011, p. 87). Nessa direção, o pesquisador é intrinsecamente atuante no método da TF, principalmente no que se refere ao trabalho com o ciberespaço, tendo em vista que essa metodologia possibilita ao pesquisador, no desenvolvimento da pesquisa, construir os seus próprios procedimentos².

De acordo com Fragoso *et.al* (2011), a TF é uma teoria que produz foco sobre os dados, com base nas variáveis (categorias, conceitos e propriedades) que surgem do processo sistemático de coleta e codificação, realizado pelo pesquisador, por meio do que as autoras descrevem como “sensibilidade teórica”.

Nesse sentido, conforme Fragoso *et.al* (2011), o trabalho de pesquisa com a TF ocorre a partir de quatro etapas:

- (1) aproximação do campo
- (2) coleta de dados
- (3) codificação
- (4) sensibilidade teórica

O primeiro passo, aproximação do campo (1), consiste no levantamento de um panorama sobre o problema de pesquisa, formado pelo referencial teórico que abrange o tema, incluindo-se aí os estudos realizados por outros autores acerca do mesmo problema de

¹ As autoras realizam, como forma de demonstrar a aplicabilidade da TF, um estudo de caso sobre o Twitter com o objetivo de “compreender as práticas sociais que emergem do Twitter, sua utilização e seus valores para os usuários brasileiros”. (FRAGOSO *et.al*, 2011, p.91).

² Cf. Fragoso *et. al* (2011, p. 87) isso não quer dizer que o pesquisador vá a campo desprovido de qualquer tipo de conhecimento sobre o tema.

pesquisa. A construção desse pano de fundo auxilia o pesquisador no desenvolvimento da interpretação dos dados³.

Os capítulos 4 e 3 deste estudo atendem a essa instrução. No cap. 3, a partir dos trabalhos desenvolvidos no âmbito do Núcleo de Estudos da Enunciação, coordenado por Dias, produzimos um quadro de conceitos capaz de dar suporte para a análise dos dados, com base nos pressupostos teóricos apresentados no capítulo 1. No cap. 4, realizamos a análise crítica de um conjunto de abordagens sobre a predicação focada em verbos de “fenômenos da natureza”. Não foi apenas um exercício de arrolar os trabalhos já publicados sobre o tema. Os estudos foram analisados à luz das diferentes abordagens teóricas e foram apresentados segundo os critérios de distância e aproximação em relação ao referencial teórico da semântica da enunciação que sustenta o nosso trabalho, bem como em relação aos objetivos e hipóteses desta pesquisa.

A fase da coleta de dados⁴(2), que pode se dar tanto de forma qualitativa quanto quantitativa, compreende “um processo de retroalimentação constante entre o empírico e a análise”. Isto é, a coleta e a análise de dados são processos que ocorrem de forma simultânea. As autoras apontam que diversos métodos podem ser utilizados na coleta de dados, como entrevistas, observações do campo, fontes documentais etc. (FRAGOSO *et.al*, 2011, p. 92)

No presente estudo, nossos dados são coletados no Twitter⁵. Fizemos buscas por ocorrências de predicações com suporte orgânico nos verbos: chover, chuveirar, neblinar, garoar, gear e nevar (cap.5); trovejar, relampejar, ventar, nublar, esfriar, esquentar, ensolarar, estiar, amanhecer, entardecer, anoitecer e sextar (cap.6), considerando as seguintes coordenadas de conformação gramatical (desinências verbais): tempo (presente/passado/futuro), número (1º, 2º e 3º pessoa do singular/plural), modo (indicativo, subjuntivo e imperativo) e as formas nominais (infinitivo, gerúndio e particípio). Os verbos analisados são os que foram citados como “verbos de fenômeno da natureza” nas principais gramáticas da língua portuguesa. Já o verbo ‘sextar’ aparece como projeção de possibilidade de funcionamento similar aos verbos tradicionalmente considerados como fenômenos da natureza.

³ Essa aproximação com o campo de pesquisa também pode se ocorrer de forma mais “crua”. No estudo de caso sobre o Twitter, as autoras optaram por fazer a revisão bibliográfica posteriormente, com objetivo de “confrontar os dados e possibilitar o refinamento das observações de campo”. (FRAGOSO *et.al*, 2011, p. 90).

⁴ Para o estudo de caso do Twitter, as autoras escolheram coletar tweets “através de incursões ao campo diárias, observando a utilização da ferramenta e observando o conteúdo, ou seja, aquilo que estava escrito nos tweets. [...] Dois critérios foram utilizados para o recorte: a) a mensagem ter sido escrita em português e b) ter sido publicada por um usuário brasileiro”. (FRAGOSO *et al*, 2011, p.93)

⁵ Disponível em: < <https://twitter.com/home?lang=pt> >.

Escolhemos trabalhar com o Twitter pelo fato de essa rede social apresentar ocorrências da língua em uso entre os falantes. Criado em 2006, o Twitter apresenta diversas funcionalidades pelas quais a comunicação é realizada em tempo real. Para ter acesso, o usuário deve criar uma conta por meio de um endereço de e-mail. A partir disso, o usuário pode seguir e ser seguido por outras contas, compartilhando tweets (textos de até 280 caracteres) com imagens e vídeos entre outros recursos. Pelo Twitter, é possível ainda realizar buscas sobre os mais variados assuntos, inclusive no que a rede social chama de ‘assunto do momento’, no qual o usuário pode participar de uma interlocução mundial. Conforme a política de utilização da própria rede social, “a busca do Twitter é uma forma eficiente de descobrir sobre o que as pessoas estão falando no momento”⁶.

Sendo assim, os dados foram selecionados manualmente na caixa de buscas do Twitter. Acreditamos que a dinamicidade do uso da língua entre os falantes nessa rede social justifica a escolha do Twitter como fonte de pesquisa. Além disso, diversos estudos, como por exemplo Fragoso *et.al* (2011), têm utilizado o Twitter como ferramenta de pesquisa e/ou base de dados.

Considerando essas especificidades, é possível encontrar tweets com as mais variadas ocorrências de enunciados com usos de verbos que comumente expressam fenômenos observados na natureza, tendo em vista que o objetivo deste trabalho é analisar o funcionamento enunciativo das articulações predicativas concebidas como predicação autonômica, nos capítulos (5) e (6).

Na fase de codificação (3), o pesquisador deve produzir a categorização dos dados. De acordo com Fragoso *et.al*, (2011, p. 92), a “codificação é já, em si, uma forma de análise e consiste numa sistematização dos dados coletados, de forma a reconhecer padrões e elementos relevantes para a análise e para o problema”. Nesse sentido, a categorização dos dados ocorre por meio de uma análise sistematizada dos dados e pela “construção de memos teóricos a partir das observações de campo e das próprias categorias geradas”. O processo de constituição das categorias consiste na comparação das semelhanças e diferenças entre os dados, as quais dão origem à análise teórica. Desse modo, os memos são observações “de campo” escritos durante o processo de análise de um corpo de dados. São notações teóricas que estão refletidas na discussão de como os códigos, conceitos e categorias relacionam-se com a literatura. (FRAGOSO *et.al*, 2011, p. 94).

⁶Disponível em:< <https://help.twitter.com/pt/rules-and-policies/twitter-rules-and-best-practices#:~:text=A%20busca%20do%20Twitter%20%C3%A9,links%20duplicados%2C%20por%20exempl&page=15/10/21>>

As autoras explicam ainda que o fechamento da coleta de dados ocorre no ponto de saturação. Isto é, quando “não há mais novas categorias emergindo ou há repetição naquilo que é colocado e geralmente apontado como o momento da saturação” (FRAGOSO *et.al*, 2011, p. 92, 94).

Tendo em vista a codificação dos dados, as categorias passam a ser apresentadas por meio dos conceitos decorrentes dessa organização. Em relação aos conceitos, Fragoso *et.al* (2011, p. 104) afirmam que

são os primeiros resultados da análise realizada pela Teoria Fundamentada. Consistem, assim, na primeira descoberta do processo de pesquisa, dos primeiros padrões encontrados. O conceito, para ser acrescido à teoria, precisa aparecer de forma sistemática nos dados. Quanto mais aparecer, mais relevante é para a teoria que está sendo desenvolvida.

Nessa fase da pesquisa, a nossa análise dos dados (Capítulos 5 e 6) se desenvolve com base nas redes enunciativas, cuja constituição atende, de maneira geral, aos requisitos da codificação, conforme apresentados por Fragoso *et.al*. Adiante, vamos descrever com detalhes a elaboração de redes enunciativas.

A última etapa da TF, denominada ‘sensibilidade teórica’ (4), trata da fase de discussão dos dados, realizada pelo pesquisador, no que se refere a “exercitar sua capacidade de perceber as idiosincrasias oferecidas pelo campo empírico, questionando-se permanentemente e construindo uma sensibilidade para a pesquisa”. (FRAGOSO *et.al*, 2011, p. 106). Nesse sentido, a sensibilidade teórica pode ser construída a partir de leituras teóricas, experiência profissional e pessoal, além de discussões com outros pesquisadores. Compreendemos a ‘sensibilidade teórica’ como síntese de cada capítulo, bem como fechamento final do trabalho, nos quais imprimimos nossa visão teórica acerca do objeto de estudo.

Considerando a conjuntura do quadro teórico da TF, é possível afirmar que a teoria permite ao pesquisador produzir foco para os dados. Tendo em vista a viabilidade de recorte sobre um fato específico, muitos especialistas em metodologia científica abordam procedimentos análogos à TF como “descrição focada”.

Nessa direção, Larson (2010, p. 170-172, tradução nossa)⁷ afirma que a análise de dados linguísticos deve se pautar em um suporte teórico. Para ele, a metodologia precisa construir argumentos, a partir de quatro etapas:

⁷(1) A general characterization of the structure/ (2) A statement of data and a summary of what the data show/ (3) Principles linking data to structure/ (4) A conclusion that brings together structures, data, and principles.

- (1) Caracterização geral da estrutura, abrangendo a apresentação dos dados e a definição de seus constituintes.
- (2) Descrição detalhada dos dados, com apontamento do foco da análise.
- (3) Explicação dos princípios teóricos que ligam dados à estrutura, com os quais a análise teórica é realizada com base nos passos (1) e (2).
- (4) Conclusão, com o resultado da análise, constituída a partir dos passos (1) caracterização geral da estrutura, (2) descrição dos dados e (3) explicação dos princípios teóricos.

Essas etapas, no geral, acompanham os passos apresentados na Teoria Fundamentada, reforçando o caráter qualitativo da análise. Segundo Gass e Mackey (2007), a descrição focada na área dos estudos linguísticos apresenta um escopo voltado para uma parte específica do sistema de linguagem, com foco na análise linguística e não em como a linguagem é processada ou usada no contexto.

Ainda na mesma direção, Beavers e Sells (2013) reforçam o papel fundamental da argumentação na análise linguística. A grande questão é, segundo eles, como se constroem argumentos em pesquisas que operam na base linguística. Nos seus termos, “construir argumentos é um exercício criativo, para desenvolver e motivar uma hipótese que forneça *insights* sobre um conjunto de fatos⁸”. (BEAVERS e SELLS, 2013, p. 397).

Desse modo, para esses autores, a constituição da argumentação a partir de dados empíricos de língua envolve a proposição clara e específica de uma hipótese a favor da qual se pode argumentar; a descrição de um conjunto de dados que a hipótese deve considerar; uma explicação clara de como a hipótese explica os padrões descritos nos dados (BEAVERS e SELLS, 2013, p.398).

Considerando que a nossa pesquisa produz foco para uma parte da língua em uso que abrange a predicação de verbos que costumam manifestar ocorrências de fenômenos da natureza, o nosso procedimento de análise se vincula aos argumentos metodológicos da TF. Assim, no próximo item, vamos demonstrar o procedimento de análise das redes enunciativas, concebido por Dias (2018).

⁸ “Making an argument is a creative exercise, to develop and motivate a hypothesis which provides some insight into some set of facts”.

2.2. Rede enunciativa

Dias (2018b) explica que o processo de construção de uma rede enunciativa ocorre por meio do agrupamento de enunciados nos quais é possível observar semelhanças e diferenças. Nesse sentido, a rede enunciativa se apresenta como um conceito operativo que possibilita a análise de ocorrências linguísticas em foco, tendo em vista a relação entre o referencial histórico e a pertinência enunciativa. Com essa perspectiva, torna-se possível, de acordo com Dias (2018), mostrar a articulação das unidades linguísticas, para além da estrutura formal da sentença, considerando o ponto de vista enunciativo.

Nesse sentido, Dias (2018b, p. 35, 36) explica que

a constituição de uma rede enunciativa envolve a formação de contrastes entre a construção linguística em estudo e outras construções com estruturas semelhantes e palavras iguais, no sentido de permitir a percepção do valor semântico que a enunciação sustenta. Essas construções outras, trazidas para a rede enunciativa, são construídas pelo próprio pesquisador e também buscadas em usos efetivos, como no Google e nos bancos de dados que abrigam usos orais e escritos da nossa língua.

Considerando essa definição, elaboramos redes enunciativas com enunciados tweets que apresentam articulações predicativas apreendidas por verbos como “chover”, “nevar”, “ventar”, “trovejar”, “sextar” entre outros, conjugados na dimensão orgânica. Dessa forma, a partir do agrupamento desses enunciados em rede enunciativas, podemos, de acordo com Dias (2022), observar as articulações predicativas, tendo em vista os domínios de mobilização da língua.

Além da articulação predicativa, demonstramos ainda como as unidades linguísticas podem ser observadas nas sentenças conforme as articulações subnominal, intranominal e internominal. Abordamos, a seguir, essas articulações com o objetivo de mostrar e exemplificar como se dá a elaboração e análise de redes enunciativas.

Sobre as articulações subnominais, Dias (2018, p.118) afirma:

nomes são condensações de enunciados, resultando em potencial temático. Eles advêm da concentração de enunciados descritivos e passam por uma estabilização de sentidos, tendo em conta as pertinências enunciativas que os nomes contraem nas discursividades constituídas na língua.

Essa concepção pode ser verificada na rede enunciativa do quadro abaixo, o qual expõe como os sentidos são condensados na unidade nominal *bullying* (DIAS, 2018, p. 119):

Quadro 22: Domínio de mobilização e constituição de unidade nominal básica

enunciados descritivos	-colega atormentando outro colega pessoa sendo humilhada no trabalho aluno constrangido pelo tratamento agressivo dos colegas. -incômodo pela repetição de um apelido indesejado. -discriminação por parte de amigos em razão de uma deficiência física -humilhações e agressões sofridas pelos próprios colegas
condensação	⤵
unidade nominal em posição temática	bullying

Fonte: Dias (2018, p. 119)

A partir desse quadro, Dias (2018, p. 119, 120) considera que o nome *bullying* “se constitui a partir de um domínio de mobilização em que enunciados dispersos se articulam em pertinência enunciativa favorecendo uma condensação”. Isto é, a pertinência do nome *bullying* passa a manifestar uma “capacidade temática” como em “escreve sobre *bullying*”, “fala do *bullying*”, “vamos falar do *bullying*” e “falei sobre o *bullying*”, conforme demonstrado na rede de enunciados recortados de *sites* da internet:

Quadro 23: rede enunciativa tematizando o *bullying*

Famosa entre os adolescentes pelos livros que escreve sobre <i>bullying</i> e empatia, Vanessa usa sua própria história de superação para promover a paz nas escolas.
Joaquim Lopes fala do <i>bullying</i> que sofreu na escola por ser gordo: “Foi uma desgraça”.
Bem pessoal hj nós vamos falar do <i>bullying</i> , um comportamento ridículo, de pessoas que se acham melhores que as outras, mas que não são melhores que ninguém.
No último post falei sobre o <i>bullying</i> , e hoje vou explicar uma das consequências do bullying, OS DISTURBIOS ALIMENTARES.

Fonte: Dias (2018, p.120)

É preciso ressaltar que, para Dias (2018, p. 120), a constituição da unidade nominal não passa pela explicação do porquê as coisas recebem o nome x ou y. Dessa forma, o autor estabelece que,

do ponto de vista de uma abordagem enunciativa, trata-se de saber que há um cenário de constituição de sentidos (domínio de mobilização) que precede e motiva um nome. Nessa direção, a relação entre um nome e uma entidade ou situação designada não é direta. Um nome resume uma história

enunciativa da percepção das entidades expressa nos enunciados descritivos. Essa percepção das entidades e situações advém da constituição do seu sentido na história. A descrição dessa entidade já é efeito de um gesto de percepção de uma entidade ou situação, tendo passado por sua estabilização na história.

Para explicar as articulações intranominais, as quais abrangem os processos de composição e derivação, do ponto de vista enunciativo, Dias (2018c) apresenta um estudo sobre composição nominal com o formante METRO. O autor desenvolve redes enunciativas para explicar a composição de dois grupos de palavras. O grupo (1) é constituído por palavras como tesourômetro, impostômetro. O grupo (2) é integrado pelas palavras chatômetro, achômetro e sitocômetro. Essas palavras são consideradas como formações nominais tendo em vista que a agregação do formante a uma base [base+METRO] resulta numa construção nominal, na qual duas formas linguísticas se articulam formando um nome substantivo. (DIAS, 2018b, p.12)

Considerando essa proposição, Dias (2018c) elabora redes enunciativas para observar como o formante METRO se comporta na composição das palavras dos grupos (1) e (2):

Quadro 24: rede enunciativa grupo (1): tesourômetro e impostômetro

(1) FIGURA 1 – Placa de indicação de cortes de verbas para a ciência, Campus Pampulha da UFMG, Belo Horizonte (MG), 2017



(2) O total de impostos pagos pelos brasileiros somente neste ano atingiu R\$ 1,2 trilhão nesta sexta-feira (21). Os dados são do **Impostômetro** da ACSP (Associação Comercial de São Paulo), sistema que estima quanto de tributo foi pago aos governos federal, estaduais e municipais.

(3) No próximo dia 10 de agosto, às 9h será inaugurado o “**Impostômetro**” em São Luís. O painel eletrônico, que divulga em tempo real o valor de toda a arrecadação proveniente dos impostos pagos pelo brasileiro, ficará localizado na Praça do Panteon (ao lado da Praça Deodoro) no centro da capital maranhense.

Fonte: Dias (2018c, p. 253)

Quadro 25: rede enunciativa grupo (2) chatômetro, achômetro e sitocômetro

(1) Qual botão aciona o chatômetro alimentar do seu pai? (...) o chatômetro bate recorde quando falamos de alimentação”.
(2) “Se o varejista planeja o futuro e permanentemente realiza correções no presente, pode deixar de lado o “ achômetro ” e utilizar dados concretos, próprios e precisos da sua organização.
(3) Tem sempre alguém com o achômetro ligado, o opinômetro afinado e o venenômetro Abastecido.
(4) O que falta no paranoico é o tal do sitocômetro , ou veio com defeito de fábrica ou acabou enferrujado por falta de uso. O que ele precisa entender é que a CIA não tá nem aí pra ele, o FBI nem sabe que ele existe, a INTERPOL não sabe xongas da vida dele nem quer saber e Polícia Federal acha que ele é um merda

Fonte Dias (2018c, p.254-258)

A tese de Dias (2018c) é a de que, no acontecimento de enunciação, captado por diferentes enunciados, o referencial histórico do Formante-METRO se vincula à base das FNs constituído pertinência enunciativa. Por exemplo, em palavras de alta recorrência enunciativa como cronômetro, termômetro, gasômetro, velocímetro, taxímetro e bafômetro, o referencial de “instrumento de medição” do formante METRO torna-se pertinente, ao se agregar a base da palavra, como um “aparelho medidor” de tempo, calor, gás, velocidade, distância percorrida e quantidade de álcool corporal.

Nesse sentido, Dias (2018c, p.261) afirma

o presente estudo apresenta a proposta de tratamento da articulação entre o formante -METRO e uma base constituinte como razão enunciativa para a constituição do nome. (...) Sendo assim, o conceito de FN compreende não apenas a articulação da unidade nome com os seus convergentes, mas também a articulação dos constituintes internos à unidade nominal, como é o caso de [-----+METRO].

Portanto, Dias (2018c) compreende que as redes enunciativas do grupo (1) e (2) mostram que o referencial de METRO na composição das FNs não agrega pertinência de “aparelho de medição” às bases iniciais. Nesse sentido, Dias afirma que tesourômetro e impostômetro apresentam

uma configuração de convergência do tipo [impostos arrecadados ao tesouro ← METRO]”. [...] Dessa maneira, tesourômetro e impostômetro não medem X, mas instrumentalizam uma revelação quantificada da carga de impostos. Essas são as bases da sua pertinência enunciativa: **um instrumental que se orienta enunciativamente para a revelação**. E seria assim que se confira a sua significação no acontecimento enunciativo. (DIAS, 2018c, p.264). (grifo nosso).

No caso das FNs chatômetro, achômetro sitocômetro, Dias (2018c, p.264, 265) considera que “a agregação do formante [METRO] com o constituinte inicial envolve um baixo grau de conformidade morfológica, sustentando-se em articulações sintáticas e discursivas complexas.” Nessa direção, essas FNs apresentam a seguinte composição: (1)

chatômetro [eu considero isso muito ou pouco chato ← METRO]; (2) e (3) achômetro [eu considero que eu sei isso ← METRO]; (4) sitocômetro: [se toca! / capacidade de autopercepção ← METRO]. Conforme Dias (2018c), a pertinência do formate METRO produz sentidos de “aparelhamento virtual”, uma vez que não é possível conceber, por exemplo, um aparelho físico para medir “chatice” ou a capacidade de “se tocar”.

Sobre as articulações internominais, Dias (2018 a, p.159) afirma que são “relações articulatórias responsáveis por fornecer unidade às construções nominais constituídas por núcleo e convergentes (determinantes)”. Esse tipo de articulação pode ser observado nas redes enunciativas analisadas por Dias e Souza (2018d). Nesse trabalho, os autores mostram o funcionamento enunciativo da formação nominal ‘igualdade’.

Apresentamos a seguir duas amostras de redes enunciativas, elaboradas a partir do texto do STF sobre a constitucionalidade das cotas raciais para o ingresso em universidades públicas. Essas amostras são compostas de ‘igualdade + sintagma preposicional’ (rede1) e ‘igualdade + adjetivo’ (rede2):

Quadro 26: rede enunciativa da ‘igualdade’ (1)

(1) É escusado dizer que o constituinte de 1988 – dada toda a evolução política, doutrinária e jurisprudencial pela qual passou esse conceito – não se restringiu apenas a proclamar solenemente, em palavras grandiloquentes, a igualdade de todos diante da lei . (Ricardo Lewandowski)
(2) A igualdade formal é a igualdade perante a lei . (Rosa Weber)
(3) A experiência demonstrou que o livre acesso à Universidade – a igualdade “na lei” – foi incapaz de promover a devida implementação do princípio da diversidade. (Luiz Fux)
(4) E como é difícil fazer com que ela se torne efetiva, plena e que tenhamos uma sociedade com igualdade para todos . (Carmen Lúcia)

Fonte Dias e Souza (2018d, p. 186, 187)

Quadro 27: rede enunciativa da 'igualdade' (2)

(2) A transformação da igualdade formal , de cunho liberal clássico, em uma igualdade material , partiu de uma necessidade ética. (Luiz Fux)
(3) No presente processo, a questão que se põe diante desta Corte Constitucional é, a rigor, a da igualdade racial . (Rosa Weber)
(4) Terceiro ponto do meu voto é a questão da responsabilidade social e estatal de fazer com que o princípio constitucional da igualdade dinâmica , dessa igualdade que muda para transformar a sociedade e que está posta no artigo 3º da Constituição – que não é apenas um aviso, um conselho, mas é uma norma - que se cumpra, ou seja, que nós tenhamos políticas que cumpram o objetivo do Brasil, de fazer com que o Brasil seja uma sociedade livre, justa, solidária, com a igualdade como seu valor fundamental inscrito, como valor mesmo, desde o preâmbulo. (Carmen Lúcia)

Fonte Dias e Souza (2018d, p.187)

Os enunciados dessas redes podem ser sumarizados, conforme Dias e Souza (2018d, p. 187), da seguinte forma:

Quadro 28: sumarização das redes enunciativas (1) e (2)

Foco	convergentes
igualdade	-de todos diante da lei -perante a lei -na lei -para todos
	-formal -material -racial -dinâmica

Fonte Dias e Souza (2018d, p.187)

As FNs descritas no quadro acima mostram, conforme Dias e Souza (2018d, p.187, 188), que o referencial histórico de igualdade condensa enunciados do tipo X igual a Y, pertinentes como ausência de diferença. Contudo, a partir dos convergentes que acompanham a FN 'igualdade' nos enunciados dos ministros do STF, é possível constituir novas pertinências enunciativas. Nesse sentido, os convergentes “de todos diante da lei”, “perante a lei”, “na lei”, e “para todos” produzem pertinência enquanto “uma perspectiva de identificação, reconhecimento e muitas vezes de localização do referencial” (X igual a Y). De outro modo, os convergentes “formal”, “material”, “racial” e “dinâmica” produzem pertinência enquanto um redirecionamento do referencial da igualdade (X igual a Y), no qual “X passa a ser igual a Y em termos Z”.

A diferença entre o que a formação nominal ‘igualdade’ significa nas redes (1) e (2) está na reorientação da pertinência enunciativa, na qual os convergentes estabelecem uma nova perspectiva sobre a ‘igualdade’ (rede 1) para além do reconhecimento dessa ‘igualdade’ (rede 2). Nesse sentido, Dias e Souza (2018, p. 191) afirmam as formações nominais de ‘igualdade’ “apresentam como fundamento e razão enunciativa as articulações entre os referenciais históricos da relação entre *A* e *B* e as pertinências que essa articulação contrai no presente do enunciar. Isso caracteriza o acontecimento enunciativo”.

Nessa direção, Dias e Souza (2018, p. 189) afirmam que

assim, a igualdade situada na pertinência enunciativa é uma proposição decretada em lei. Em outros termos, ela é o resultado de *A deve ser igual a B*, sendo que “A” e “B” são os indivíduos e grupos diferentes socialmente; sendo ainda “deve ser igual” o discurso da imposição legal para criar a igualdade, isto é, a proposição que faz *A* ser igual a *B*. Sendo assim, na verdade, a palavra “igualdade”, ao invés de designar uma realidade, produz a condensação de um efeito de realidade no Brasil.

Por fim, abordamos a articulação predicativa, a partir da rede enunciativa elaborada por Dias (2022b, p.16), com foco para a relação entre a formação nominal e o verbo ‘esquecer’, conforme exposto a seguir:

Quadro 29: rede enunciativa de articulações predicativas



Fonte: Dias (2022b, p.16)

Nessa rede enunciativa, podemos observar os modos como o verbo ‘esquecer’ é afetado pelas formações nominais ‘alguém’, ‘nós’, ‘você’, ‘eu’, ‘todos’ ‘quem’ e ‘tu’, constituindo a predicação ‘esqueceu’, ‘esquecemos’, ‘esqueci’, ‘esquece’. Na abordagem que estamos desenvolvendo neste estudo, a predicação se constitui na medida em que o verbo sai do estado de virtualidade adquirindo coordenadas flexionais enunciativas da base predicativa.

Nessa direção, Dias (2022b, p. 15) afirma:

podemos dizer que um dos fundamentos de consistência e unidade do enunciado está na articulação entre as suas partes, especificamente, nos lugares sintáticos que se articulam com verbos, propiciando a entrada de formações nominais na enunciação.

Essas bases predicativas adquirem formas na unidade da sentença. Nós as captamos pelo conceito de formação nominal. Desse modo, para que a predicação se realize, é necessário que a formação nominal, dada a sua anterioridade, retire o verbo do infinitivo.

O modo como a base predicativa realiza esse processo leva para a articulação predicativa o referencial histórico da formação nominal. Esse é o ponto nodal que pode ser observado em cada um dos enunciados da rede enunciativa acima. Conforme abordaremos no capítulo 3, o verbo ‘esquecer’ encontra-se acionado por diferentes formas de ‘definitude em ancoragem’, dada a opacidade de identificação do referente. Percebemos, dessa forma, que no enunciado (1) a formação nominal ‘alguém’ não permite a identificação do referente na localização da sentença. De outro modo, nos enunciados (2), (3), e (6) podemos ver a configuração de uma perspectiva constituída por posições pessoais de interlocução em ‘nós’, ‘você’, ‘eu’ e ‘tu’. No entanto, as formações nominais ‘eu’ e ‘tu’ apresentam a especificidade de não se atualizarem na sentença, isto é, elas não passam da dimensão enunciativa para a dimensão orgânica. Por fim, no enunciado (5) a formação nominal ‘quem’ projeta um perfil genérico de identificação.

Na análise dessa rede, pudemos comparar o modo de funcionamento das articulações predicativas entre o lugar sintático de sujeito e o verbo ‘esquecer’ nos enunciados. O efeito de não transparência do referente reforça a perspectiva de que o referencial da base predicativa, que estabelece pertinência com o verbo, é constituído pelas relações enunciativas advindas de outros enunciados, em outros acontecimentos de enunciação.

Síntese

De modo geral, vimos nesse capítulo os pressupostos da TF como uma metodologia de pesquisa que permite o trabalho com a análise de construções linguísticas em foco. Com base nesse modelo metodológico, apresentamos o procedimento denominado rede enunciativa, o qual nos possibilita produzir foco para as articulações linguísticas, considerando a relação entre as dimensões enunciativa e orgânica da língua.

Desse modo, pudemos observar no agrupamento de enunciados em rede quatro formas de articulação da formação nominal. Nessa direção, o trabalho de análise com as redes enunciativas depende da natureza dos dados a ser analisados. Como vimos, a relação entre o referencial histórico e a pertinência enunciativa permite que a língua seja observada a partir da articulação subnominal, a qual condensa uma sedimentação enunciativa na nominalidade, da articulação intranominal, pelo processo de derivação/composição, da articulação internominal, na constituição da unidade nominal complexa e pela articulação predicativa, a qual abrange a relação da formação nominal com a sentença.

Salientamos que as amostras de redes enunciativas descritas nesse capítulo não têm o compromisso de realizar uma análise completa de cada uma das articulações, mas sim de demonstrar como é possível construir um procedimento de análise de construções linguísticas em foco. Assim, para o estudo da predicação autonômica, vamos trabalhar apenas com a análise das articulações predicativas.

CAPÍTULO 3

PREDICAÇÃO AUTÔNOMICA: FUNDAMENTOS

Neste capítulo, apresentamos, em linhas gerais, a abordagem de Dias, a qual se alicerça no desenvolvimento de uma dinâmica do dizer, tal como fizemos no Capítulo 1. Nessa direção, o autor aborda as relações sintáticas do ponto de vista enunciativo, considerando que a dinâmica do dizer é perpassada pela relação entre o referencial histórico e a pertinência enunciativa. Trata-se, portanto, de um trabalho de natureza semântica. Dias (2009, 2018) produz uma especificidade em relação ao trabalho de Guimarães, ao desenvolver um foco na abordagem das articulações linguísticas, buscando a constituição de um modelo de análise enunciativa das sistematicidades gramaticais.

Veremos como Dias (2022) desenvolve o conceito de predicação, observando a relação entre a dimensão do enunciável e a dimensão da organicidade. Especificamente, a partir dos estudos de Dias (2009, 2018), poderemos especificar o conceito de predicação autônoma, com o qual iremos analisar as articulações predicativas envolvendo verbos que costumemente são considerados de “fenômenos da natureza”.

No fechamento desse Capítulo, apresentaremos uma síntese, ressaltando o modo como a dinâmica do dizer é concebida no percurso teórico desse trabalho. Além disso, vamos apontar como essa dinâmica enunciativa corrobora com o estudo da predicação autônoma desenvolvida nos Capítulos 5 e 6.

3.1 Acontecimento de enunciação: referencial histórico e pertinência enunciativa

Na perspectiva de Dias (2018), o processo de constituição de sentidos está vinculado à dinâmica enunciativa de produção do enunciado, na relação entre uma demanda do presente do enunciar e memoráveis de outros enunciados. Observamos que essa proposição estabelece uma relação com a temporalidade do acontecimento formulada por Guimarães (2002). Conforme observado no Capítulo 1, Dias (2022) também compreende que a constituição de sentidos do enunciado não apresenta um caráter literal ou figurado. O sentido é produzido pela relação que o referencial histórico e a pertinência enunciativa estabelecem no acontecimento de enunciação.

Desse modo, veremos nesse item que a tese de Dias (2018) é formulada considerando o acontecimento de enunciação, no qual formas linguísticas, conformadas em formação nominal (FN), são qualificadas em lugares sintáticos. Essa transição é

realizada pelos ‘domínios de mobilidade’, configurados pela relação entre o referencial histórico e a pertinência enunciativa. Nesse sentido, essa mobilidade faz com que a dimensão do enunciável se associe à dimensão da organicidade. Esse vínculo, quando estamos abordando o enunciado que apresenta a sentença como contraparte, constitui a sentença por meio do acionamento do verbo pelo lugar sintático de sujeito (base predicativa, na perspectiva de Dias (2022)), instalando a predicação. A partir do conceito de predicação, com fundamentos sintáticos na semântica da enunciação, vamos poder especificar a predicação autonômica, a qual se aplica a verbos que expressam, de forma comum, fenômenos naturais.

A seguir, veremos como o autor desenvolve cada aspecto dessa proposta, começando pelo referencial histórico.

Dias (2018) explica que faz parte do referencial histórico tudo o que as palavras ou sintagmas nos conduzem a perceber, imaginar, acreditar, seja no meio em que nos situamos, em termos de objetos, pessoas, situações, seja no universo das crenças, do imaginário, dos conceitos em geral, ou seja,

o dizer se faz pertinente nas práticas de linguagem cotidianas quando uma demanda do presente produz relação com memoráveis de outros dizeres. [...] esse memorável de outros dizeres, constituídos na instância do “já enunciado”, são parte desse referencial histórico, isto é, desses domínios de ancoragem do enunciado, tendo em vista o funcionamento histórico-social. (DIAS, 2018, p. 101-102)

O conceito de referencial histórico tem inspiração na diferença, estabelecida por Foucault, entre referência e referencial. Nessa direção, Dias (2018, p.99) argumenta que

[...] aquilo a que o enunciado se refere (referente), o que é “posto em jogo” por ele, não se situa apenas no “que é dito”, mas também naquilo “de que fala”. Essa diferenciação parece se assentar em um fio bastante tênue. No entanto, ela abriga um potencial bem interessante, quando se trata de abordar a relação entre linguagem e exterioridade do ponto de vista da enunciação. [...] pela expressão “de que fala”, Foucault considera os domínios em relação aos quais palavras ou sintagmas significam, não pelas singularidades do que elas dizem, mas por relações que o enunciado que as absorve estabelece. Essas relações formariam um domínio de referências, ou simplesmente referencial.

Concebido na relação com o referencial histórico, Dias propõe o conceito de pertinência enunciativa. Dessa maneira, os enunciados também significam, conforme Dias (2016, p. 38), pela “pertinência enunciativa contraída em determinado espaço de enunciação”. Assim, o conceito de pertinência não tem a ver com dizer algo adequado a

uma determinada situação, mas sim com a possibilidade de projeção de um espaço de consistência¹ no presente do enunciar. A concepção de consistência do enunciado advém dos estudos de Guimarães (2018). Na sua perspectiva, enunciado é uma “unidade de linguagem que apresenta, no seu funcionamento, uma consistência interna, aliada a uma independência relativa” (GUIMARÃES, 2018, p.15).

Nessa direção, Dias (2016, p.37) denomina de pertinência enunciativa “a relação que um enunciado mantém com os determinantes da enunciação em atualidade, incluindo-se outros enunciados do presente do enunciar”. Então, o conceito de pertinência enunciativa também se assenta na ideia de adesão, pois conforme Dias (2018, p. 103)

Enquanto seres de linguagem, vale dizer, enquanto seres constitutivamente históricos, nós somos instados a responder, a interpretar, a interferir enunciativamente nas situações que se nos apresentam. É a “demanda do presente” que estamos denominando pertinência enunciativa. As respostas, as interpretações, as interferências que se efetivam na enunciação, isto é, as respostas às demandas do presente são constitutivas do acontecimento enunciativo.

Nesse sentido, o referencial histórico e a pertinência enunciativa concebem o que Dias (2018), (2016) chama de ‘domínios de mobilização’ do acontecimento de enunciação. Considerando o enunciado “Pedro quebrou a porta”, Dias (2018, p. 109) mostra em quatro cenas² distintas como os domínios de mobilização estabelecem relações de sentidos com as formas linguísticas.

(1)

- A. Situações de pressa perturbam Pedro.
- B. Ele quebrou a porta.
- C. Então, ele se irrita facilmente.

(2)

- A. Pedro se irrita facilmente.
- B. Ele quebrou a porta.
- C. Então, situações de pressa o perturbam.

(3)

- A. As entradas desta residência estão frágeis.
- B. Pedro quebrou a porta.
- C. Então, a segurança aqui está deficiente.

(4)

- A. A segurança nesta residência está deficiente.

¹ Adiante, veremos a constituição desse espaço de consistência no enunciado.

² Cena enunciativa, conforme a concepção de Guimarães (2018).

- B. Pedro quebrou a porta.
C. Então, as entradas desta residência estão frágeis.

De acordo com Dias (2018), a relação entre referencial histórico e pertinência enunciativa configura os enunciados (B) “Pedro quebrou a porta” como um acontecimento de enunciação. Essa configuração ocorre tendo em vista um precedente enunciativo representado pelos referenciais de (A): perspectiva da pressa (1), perspectiva da irritação (2), perspectiva da vulnerabilidade (3), perspectiva da segurança (4), os quais são pertinentes, na “presentificação” dos enunciados (B) “Pedro quebrou a porta” como uma projeção enunciativa, representada pelos enunciados em (C). (DIAS, 2018, p.110).

Diante do exposto, compreendemos que o referencial histórico engloba enunciados que compõem as condições históricas da significação. Nesse sentido, o presente da enunciação, materializado nas formas linguísticas do enunciado (na dimensão da organicidade), é perpassado pelo referencial para que o dizer seja pertinente como novas possibilidades de sentidos, em novos enunciados (na dimensão do enunciável). Dessa maneira, o referencial histórico e a pertinência enunciativa conjugam o que Dias (2018) compreende como ‘domínios de mobilização’ da forma linguística³.

3.2 Forma linguística, formação nominal e lugar sintático

Do ponto de vista enunciativo, a constituição da forma linguística tem base na concepção de que a “língua é um sistema de regularidades” (GUIMARÃES, 1996). De acordo com Dias (2015, p. 118),

por ser sistema, entenda-se que há uma ordem de relações que sustenta as unidades que por ela são constituídas. Por sua vez, a concepção de regularidade [...] é edificada pela tese segundo a qual aquilo que regula essa ordem de relações não advém de propriedades do corpo de elementos do sistema, mas são circunscrições de modos de enunciar constituídos na memória do dizer.

Desse modo, a forma linguística se constitui na vinculação das unidades lexicais à unidade sintática. Por meio desse movimento, as palavras se tornam formas linguísticas pelo modo como se integram aos lugares sintáticos da sentença.

Nessa direção, Dias (2015, p. 119) afirma:

a forma linguística é relativa aos lugares de entrada do léxico na constituição da unidade sentencial. [...] ser forma linguística é significar

³ Adiante, veremos a especificação do conceito de domínio de mobilização.

em relação de pertinência com os espaços de enunciação⁴ e com os espaços sintáticos; especificamente, com os espaços de enunciação pelos referenciais, com os espaços sintáticos, pelas especificidades da conformação lexical.

De acordo com Dias (2018), esse modo de compreender a forma linguística a partir dos domínios de mobilização permite que ela possa ser observada em quatro planos: articulação subnominal, articulação intranominal, articulação internominal e na articulação predicativa.

Considerando os enunciados “virei esquerdopata das polêmicas” e “Esperto é quem vota em direitopata que mora no Leblon”, Dias (2022 b, p. 21) explica que a articulação subnominal ocorre a partir das “relações que motivam a constituição de um nome (‘esquerda’, ‘direita’, ‘esquerdopata’, ‘direitopata’, do ponto de vista político, por exemplo), produzindo conseqüentemente o fundamento para a entrada desses nomes no léxico de uma língua”.

Quanto à articulação intranominal, Dias (2022 b, p. 21) explica que ela envolve as razões enunciativas de agregação de formantes nos processos de composição e derivação de palavras. Nesse sentido, o foco está em como o referencial do formante [pata] passa a ser pertinente às bases “esquerda” e “direita”, no processo de composição das palavras “esquerdopata” e “direitopata”.

Já as articulações internominais, de acordo com Dias (2018, p. 118), compreendem “as motivações enunciativas das articulações que o nome contrai na constituição da unidade nominal complexa (grupo nominal)”. Isto é, o ponto central está nas razões enunciativas, segundo as quais os convergentes “das polêmicas” e “que mora no Leblon” se agregam aos nomes “esquerdopata das polêmicas” e “direitopata que mora no Leblon”. (DIAS, 2022b, p. 21).

Por fim, a articulação predicativa se constitui pelas razões enunciativas que conectam as formas linguísticas ‘Eu’ e ‘esperto’ (como bases predicativas) às predicções “virei esquerdopata” e “é quem vota em direitopata” pelo acionamento dos verbos ‘virar’ e ‘ser’.

Com isso, percebe-se que a tônica do olhar enunciativo sobre a sintaxe diz respeito à relação que o nome, concebido como formação nominal, estabelece com os demais integrantes da sentença. Buscamos, principalmente, levantar a contribuição da semântica

⁴ Nesse texto, a expressão “espaço de enunciação” deve ser compreendida como dimensão enunciativa língua configurada pela relação referencial histórico-pertinência enunciativa.

da enunciação para o que consideramos central no processo de constituição sintática: o papel da nominalidade na articulação predicativa.

O modo como Dias concebe a unidade nominal, especificando as relações de sentido das articulações das formas linguísticas, produz as bases do conceito de formação nominal. Nesse sentido, Dias (2015) afirma que esse conceito estabelece um novo plano de compreensão do sintagma nominal, cujo ponto de partida se encontra no modo de conceber a língua pela enunciação.

Nessa direção, Dias (2015, p. 119,120) considera que a formação nominal compreende “um espaço enunciativo no qual as nomeações, designações ou unidades descritivas estão ancoradas em referenciais históricos e pertinência enunciativa”. (DIAS, 2022, p. 4)

A concepção de formação nominal (FN) nasce de uma visão crítica do conceito de sintagma nominal, empregado nos estudos estruturalistas em geral. Dias (2015, p. 118) afirma que a unidade sintagmática é um fragmento sequencial da organicidade linguística que pode apresentar relativa completude em si. Nessa estrutura componencial, um substantivo é antecedido ou sucedido por determinantes, como, por exemplo: “casa”, “a casa” ou “a casa bonita”.

Em suma, se o conceito de sintagma nominal se relaciona com o produto da constituição da cadeia orgânica da língua; o conceito de formação nominal está voltado para o processo ou a dinâmica da produção da significação.

A adoção do conceito de formação nominal, ao invés de sintagma nominal será imprescindível para a concepção de predicação, pois nos permite mostrar como a forma linguística pode ocupar um lugar sintático na sentença (*site*), sem necessariamente adquirir uma nucleação orgânica (*place*)⁵. Para explicar a predicação autonômica, necessitamos de uma categoria que possa se inscrever como formação nominal, abrangendo a dimensão do enunciável e não unicamente a dimensão da organicidade, como no conceito de sintagma, tendo em vista que vamos postular a convergência de formações nominais no verbo, sem que elas possam adquirir nucleação orgânica (*place*).

Em relação ao modo como a formação nominal se qualifica como lugar sintático na sentença, Dias (2015, p. 120, 121) diz que

quando um item lexical se torna integrante de uma sentença, ele passa a se constituir em uma forma linguística qualificada na enunciação

⁵ Abordaremos o conceito de *site* e de *place* em seguida neste capítulo.

dessa sentença. Em outros termos, esse item lexical contrai compromissos com a regularidade da língua. Os nomes se constituem em formas linguísticas na medida em que contraem relações de determinação localizadas, as formações nominais, e relações de determinação dos lugares de regularidade, como sujeito e objeto verbal. Esses lugares de regularidade, por sua vez, se relacionam com as formações nominais, com ou sem ocupação orgânica do lugar, [...].

Tendo em vista esses aspectos de conformação do lugar sintático, Dias (2009, p. 13), afirma que “a sentença é uma face regular da unidade configurada como enunciado. Como tal, ela detém uma geografia de lugares sintáticos nos quais a memória do dizível e uma demanda de atualidade encontram pontos de contato”. Para sustentar essa afirmação, Dias (2009) toma como parâmetro o conceito de *site* desenvolvido por Milner (1989).

Dias (2009, p. 15) explica que o lugar sintático diz respeito a um lugar qualificado na sentença, um *site*. Conforme essa perspectiva, o lugar sintático qualifica os termos lexicais para contraírem funções [gramaticais]”. Por outro lado, a sentença também apresenta um local posicional, *place*, que abriga as materializações sintáticas.

Para esclarecer essa diferença, na terminologia de Milner (1989) *site* e *place*, apresentamos os exemplos⁶ a seguir:

Quadro 30: diferença entre *site* e *place*

a.	Os estudantes fizeram a prova em três horas.
b.	A prova, os estudantes fizeram em três horas.
c.	A prova, fizeram os estudantes em três horas.
d.	Fizeram a prova em três horas, os estudantes .

Fonte: autoria própria

Quadro 31: diferença entre *site* e *place*

a.	João odeia José .
b.	José odeia João .

Fonte: autoria própria

⁶ O quadro 30 e 31 apresentam exemplos próprios. Já o exemplo do quadro 32 consta em Dias (2009, p. 15)

Quadro 32: diferença entre *site* e *place*

a.	O cineasta doou ao teatro novas poltronas
b.	O cineasta foi ao teatro

Fonte: autoria própria

Observamos que, nas ocorrências do quadro 30, a expressão ‘os estudantes’ muda de posição na estrutura da sentença sem alterar o lugar sintático de sujeito. De outro modo, nas ocorrências do quadro 31, a troca de posição das expressões ‘José’ e ‘João’ modifica a ocupação do lugar sintático de sujeito na sentença. Em (a) o sujeito é ‘João’, e em (b) ‘José’. Dias (2009, p. 15) apresenta ainda os exemplos do quadro 32, nos quais a expressão ‘ao teatro’ não muda de posição, apenas o lugar sintático é modificado. Em (a), ocupa o lugar sintático de objeto, e em (b) de complemento circunstancial ou oblíquo nuclear (adjunto adnominal obrigatório).

Por meio desses exemplos, é possível verificar que, de acordo com Dias (2009), o *place* pode ser observado enquanto um posicionamento no encadeamento estrutural da sentença, e ainda que o *site* é relativo ao lugar em que os termos lexicais assumem uma função sintática, podendo migrar o *place*.

Nesse sentido, Dias (2009, p. 15) concorda com a afirmação de Milner:

as funções gramaticais clássicas (sujeito, complemento, adjunto, verbo principal) não são nada mais do que relações entre lugares sintáticos, e só assim elas podem ser consideradas como relações propriamente sintáticas⁷.

Sobre o lugar sintático, Dias (2009, 2015) afirma ainda que há sentenças nas quais a posição estrutural não se atualiza. Ou seja, há o lugar sintático, mas ele não se materializa na sentença. Tradicionalmente, esses lugares sintáticos são conhecidos como sujeito oculto e oração sem sujeito, como é possível observar, respectivamente, em ‘[eu] Passei o dia todo estudando’ e ‘Nevou em Belo Horizonte’. Isso também ocorre com o lugar de objeto verbal, que pode não se materializar na sentença.

Dessa maneira, encontramos aqui o fio condutor da relação entre a dimensão do enunciável e a dimensão da organicidade. Como pudemos observar, o *site* apresenta um compromisso primordial com a dimensão enunciativa e o *place* com a dimensão orgânica. Assim, é possível termos lugares sintáticos, como a base de predicação (sujeito), que não

⁷ Milner (1989, p. 295)

se atualizam na sentença. Vimos isso com a base predicativa ‘neve’ na articulação predicativa com “Nevou em Belo Horizonte”.

Por outro lado, conforme Dias (2002, p. 52), o lugar sintático de sujeito se constitui como uma categoria gramatical no arranjo da sentença, e como tal ocupa o seu lugar na sentença tendo em vista uma demanda de saturação. Nessa direção, compreendemos que o lugar sintático de sujeito sempre será ocupado, mesmo que não esteja materializado na sentença. Conforme as palavras de Dias (2009, p.12), “o enunciado habita a unidade que a sintaxe apreende como sentença, domina os lugares sintáticos, antes mesmo dos componentes linguísticos se instalarem na organicidade oracional”. A impossibilidade de negar o lugar sintático de sujeito também reside no fato de que ele se constitui como base para a realização da predicação. Assim, conforme Dias (2015, p.128), na sentença “Aquele que morreu na cruz para nos salvar não existiu, [...]”, a predicação em caráter negativo incide sobre a discursividade que cria a perspectiva da existência de Jesus, considerando-a falsa”. E não sobre o lugar sintático ocupado por aquele que morreu na cruz [Jesus].

Um dos argumentos da indispensabilidade da base de predicação (sujeito) na “geografia” dos lugares sintáticos pode ser vislumbrado em uma sequência de ocorrências construídas com base em Fillmore (1968, p. 25), frequentemente citada nos estudos sobre papéis temáticos:

- a. João abriu a porta com a chave.
- b. A chave abriu a porta.
- c. A porta abriu.

O nosso interesse aqui não está voltado para a estrutura argumental, mas para a proeminência do lugar de sujeito, como suporte da predicação. Na sequência de (a) a (c), na medida em que há uma redução de informações do cenário de pertinência enunciativa, o lugar da base de predicação vai sendo preservado.

Essa necessidade da constituição de uma base de predicação seria um dos traços do “sistema de regularidades” (GUIMARÃES, 1986) da língua portuguesa.

Desse modo, a denominada ‘demanda de saturação’ advém da necessidade de constituição do lugar sintático (*site*) de sujeito, do ponto de vista enunciativo, bem como das limitações que favorecem ou impedem a constituição dessa ocupação. Portanto, discutir as condições de saturação do lugar sintático de sujeito é parte fundamental do conceito de predicação autonômica, conforme veremos adiante.

3.3 Enunciação e articulação predicativa

Uma das bases da significação do ponto de vista enunciativo é a ideia de que ela não é estática, e a sua dinâmica advém da constituição histórica da sociedade. A base da história é a dinâmica das perspectivas com as quais se concebe socialmente o sensível. Conforme Foucault (1971), nós significamos socialmente tendo em vista as regulações, admissões, proibições, incentivos etc. E isso constitui os nossos modos de ver e de ser vistos, como também o que torna possível que se veja, regulando a admissibilidade do que dizemos socialmente (DELEUZE, 1998).

Essa dinâmica da significação, assim concebida, nos conduz à necessidade de se posicionar e produzir perspectivas no enunciar. As formações nominais adquirem pertinência e adesão no enunciado pelas articulações sintáticas. Na articulação sintática básica, a predicativa, o verbo sai do estado de infinitivo pela necessidade de se produzir posicionamentos, perspectivizações e pertinência. (DIAS, 2022, p. 11)

Pela abordagem de Dias (2009, p. 19), pudemos observar que a dinâmica do dizer é encaminhada para a compreensão das relações sintáticas, a partir de uma perspectiva enunciativa. Entendemos, portanto, que a predicação ocorre quando uma formação nominal aciona o verbo, constituindo a sentença. A captação desse movimento envolve dois aspectos fundamentais, a relação entre referencial histórico e pertinência enunciativa, que constitui a anterioridade de predicação⁸ (dimensão do enunciável), e a concepção de formação nominal como uma base predicativa que ocupa o lugar sintático de “sujeito” na sentença (dimensão da organicidade). Esses aspectos, como visto, explicam o modo como a sintaxe da predicação é concebida pela enunciação.

De acordo com Dias (2015, p. 121), a ocupação do lugar sintático de “sujeito” na sentença, pela relação entre a dimensão do enunciável, estabelecido pelos referenciais históricos, e a dimensão da organicidade das articulações linguísticas, promove a ativação da predicação. Desse modo, a predicação se realiza no deslocamento do verbo do estado de virtualidade⁹, isto é, do estado infinitivo. Esse movimento é promovido pelo lugar sintático de sujeito, o qual abre o espaço para que o verbo projete no predicado da sentença o lugar sintático de objeto¹⁰. Sendo assim, o verbo “vencer”, por exemplo, em estado de virtualidade, se constitui como possibilidade de uma atualidade, de uma

⁸ A anterioridade de predicação tem relação com a tese de o sujeito (base de predicação) é anterior, do ponto de vista enunciativo e não processual, à predicação (DIAS, 2009, p. 9).

⁹ Com base na leitura de Deleuze, a partir de Sousa Dias (1995).

¹⁰ A tese de Dalmaschio (2013) aborda do ponto de vista da enunciação a constituição do lugar do objeto.

representação sintático-semântica. Por outro lado, em “eu venci esta luta”, estabelece-se o atual, isto é, o verbo “vencer” é ativado na sentença pela ocupação do lugar sintático de sujeito (eu), projetando o lugar sintático de objeto (esta luta).

O conceito de “ocupação”, conforme Dias (2015), merece um destaque nessa abordagem. Não é algo necessariamente orgânico. A ocupação é a projeção enunciativa de uma formação nominal no lugar sintático de sujeito para retirar o verbo do estado de infinitivo. Essa projeção ocorre quando há uma demanda de pertinência enunciativa do presente da sentença, motivada pela relação com o referencial histórico. Essa relação entre referencial histórico e pertinência é constitutivo da dinâmica do dizer, especificamente, do que Dias (2018, p. 15) chama de domínio de mobilização do sentido, como apresentamos acima, o qual determina as articulações do enunciado.

Nesse sentido, Dias (2009, p.11) afirma

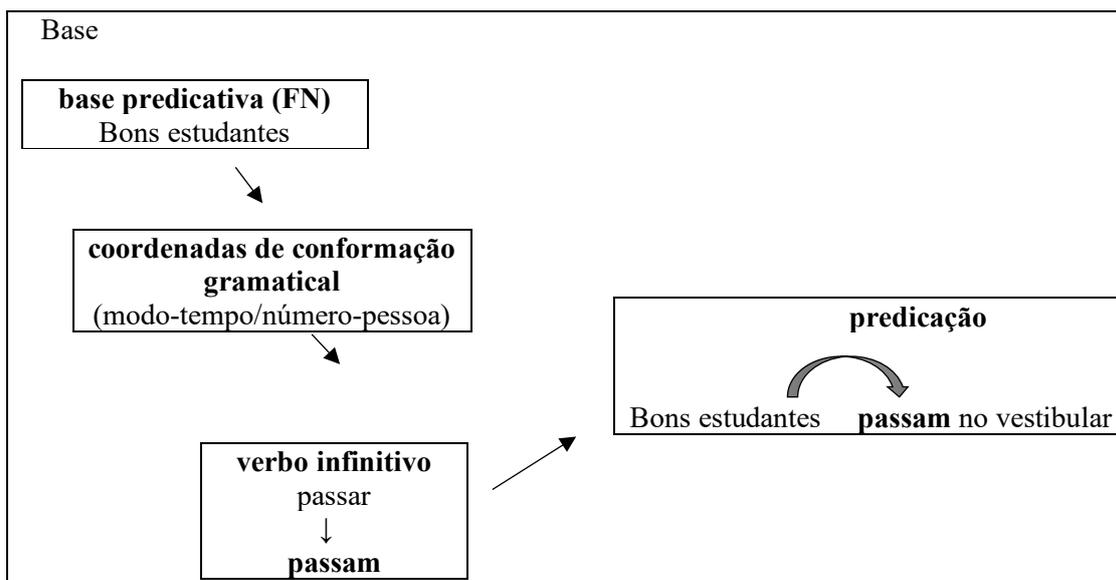
os verbos em estado de infinitivo são afetados pela articulação sintática, isto é, ganham finitude na constituição de um predicado, mas, ao mesmo tempo, não perdem o seu estatuto de devir, na medida em que continuam aptos para serem acionados em sentenças futuras. Nessa concepção, a especificidade do verbo reside no fato de eles constituírem-se em virtualidade, em um devir, em um movimento infinitivo.

A retirada do verbo da sua condição de virtualidade, pelo lugar sintático de sujeito, está fundamentada na relação que a anterioridade de predicação¹¹ estabelece com as “coordenadas de conformação gramatical” (DIAS, 2022, p. 5). Conforme Dias (2009, p. 9), a anterioridade de predicação deve-se ao fato de que a base predicativa precede a predicação, sendo a motivadora do acionamento do verbo do seu estado infinitivo pela ativação das coordenadas de conformação gramatical, especificadas adiante. Nesse sentido, Dias (2009, p.19) afirma que “a instalação do predicado, e por conseguinte de uma unidade mínima da sentença, é devida ao lugar sintático de sujeito [base predicativa]. Daí afirmarmos que o lugar sintático sujeito se constitui nessa anterioridade de predicação”.

A seguir, demonstramos essa proposição a partir da sentença “Bons estudantes passam no vestibular”:

¹¹ Há a possibilidade de concebermos ainda, conforme Dias (2009, p. 19, 20), as seguintes possibilidades: anterioridade de orientação, anterioridade actorial e anterioridade processual, as quais não fazem parte do escopo desse estudo.

Quadro 33: constituição da predicação



Fonte: autoria própria

Nesse quadro, é possível observar que a anterioridade de predicação é o motivo pelo qual a base predicativa “bons estudantes” ativa as coordenadas de conformação gramatical do verbo “ser” retirando-o do infinito. Isso mostra que a predicação não se dá no espaço orgânico do predicado, ela precisa de algo que a faça existir. Nesse sentido, a base predicativa é a responsável pela predicação, tendo em vista que a formação nominal ‘bons estudantes’ adquire pertinência enunciativa no enunciado devido à ativação do verbo, a partir do referencial histórico que reúne enunciações relativas à ‘rotina de estudos’, ‘frequência nas aulas’, ‘boas notas’, entre outros. Dessa forma, o referencial histórico da base predicativa é fundamental para as relações de sentido do verbo na predicação.

Veremos agora os modos de ocupação da base predicativa na sentença.

Nesse sentido, Dias (2009) argumenta que a formação nominal ocupa o lugar sintático de sujeito, na sentença, tendo em vista uma definitude¹², a qual pode ocorrer em ‘núcleo’, ‘ancoragem’ e ‘confluência’. Sobre a concepção de definitude, Dias (2009, p.21) explica que “esses modos de ocupação operam diferentemente na sustentação de uma anterioridade na instância da atualidade na enunciação”.

De acordo com Dias (2009, p.21), a “definitude em núcleo” abrange os casos em que a base predicativa ocupa a sentença sendo efetivamente localizada (em *place*), como

¹² Em Dias (2009) há um maior detalhamento dos modos de ocupação do lugar sintático de sujeito na sentença, os quais não interessam para o desenvolvimento desse trabalho.

mostram os termos em destaque em ‘[O gato] pulou o muro’, [Bons estudantes] passam no vestibular. Já a “definitude em ancoragem” ocorre nos casos em que a base predicativa ocupa um lugar na dimensão da organicidade do enunciado, adquirindo uma relação de apontamento (demonstração), “pessoalização” (1ª pessoa do discurso) ou de retomada de uma entidade que não é identificada na localização da sentença como em “[Aquilo] veio ao nosso encontro”, “[...] entrei no quarto” e “Um gato entrou pela janela e [...] assustou a criança”. Essas ocorrências são chamadas tradicionalmente de sujeito indeterminado, sujeito oculto, sujeito elíptico.

Sobre as condições de definitude, Dias (2015, p. 131) afirma que o lugar sintático de sujeito abriga uma base predicativa que pode se atualizar na sentença deixando

pistas de remissão, como em algumas “elipses de sujeito”, na terminologia tradicional, ou em ancoragem na dimensão da locução, como em “(eu) detesto”, [...]ou mesmo em casos de constituição de uma identidade referencial em outra dimensão da enunciação, como nos casos de sujeito indeterminado, na terminologia tradicional. [...]. A FN pode também estar sujeita a formas de absorção na predicação (absorção predicativa), com amálgama no lexema verbal (no caso de “chove”).

As ocorrências delimitadas como ‘definitude em confluência’, como em “chove” e “troveja” serão desenvolvidas nos Capítulos 5 e 6, nos quais especificaremos o conceito de predicação autonômica.

Até o momento, concentramos a explicação da articulação predicativa no lugar sintático de sujeito, tendo em vista que a base predicativa aciona o verbo na predicação. Veremos brevemente o papel do lugar sintático de objeto na sentença.

Nessa direção, Dias (2009, p. 25) afirma que o lugar sintático de objeto é “uma projeção do verbo, isto é, ele é constituído na mesma instância em que o verbo circula na língua como virtualidade, como pertinência ao dizível em língua portuguesa. No entanto, isso não significa que ele seja integrante do sentido do verbo”. Dessa forma, o lugar sintático de objeto se encontra no âmbito do predicado, já o lugar sintático de sujeito se situa como vimos numa anterioridade de predicação.

Do ponto de vista de uma abordagem enunciativa, segundo Dias (2022), a predicação é conceituada como a articulação da dimensão enunciativa de uma unidade do dizer em uma dimensão orgânica, constituindo dessa maneira uma sentença:

Nessa articulação, o verbo adquire finitude pelo acionamento de uma base de predicação. Isso faz com que o verbo seja o ponto de contato entre um enunciado e uma sentença, pois ele concentra a articulação de uma FN ativadora para o seu movimento de finitude (DIAS, 2022, p. 12).

Nesse sentido, Dias (2022, p. 9-10) estabelece quatro padrões de articulação predicativa.

No primeiro padrão, o verbo é um suporte de predicação, e sua significação é compartilhada por atributos. São casos de verbos de ligação, principalmente o verbo ‘ser’. A adesão de pertinência da base predicativa a esses verbos opera na relação com o predicativo. Exemplo: “Maria é bonita”.

O segundo padrão envolve um grupo altamente produtivo na língua portuguesa: ‘fazer’, ‘dar’, ‘tirar’. Eles apresentam um grau de fluidez maior quanto à significação, e por isso adquirem mais dependência da predicação. Sendo assim, a FN que se apresenta como base de predicação pode requer a participação efetiva de complementos e adjuntos para a constituição de sua pertinência na predicação. Exemplos: “Carlos fez careta”; “João fez mal ao sair”; “A UFMG fez 80 anos”; “Marina fez uma casa”; “Quem fez, fará” (projeta-se no lugar de objeto um grupo aberto de referentes: “quem fez o bem, fará o bem”, “quem fez obras, fará mais obras”, “quem fez o mal, fará o mal”).

O terceiro padrão engloba um alto grau nominalidade no próprio verbo, como em “churrasquear”, “pipocar” ou “amarelar”. Em “churrasquear”, trata-se da concepção do churrasco em perspectiva de fazer, comer, participar etc. O acionamento do verbo pela base predicativa envolve adesão a essa nominalidade. Por exemplo: “Paulo churrasqueou ontem”; “Aqueles que estão de férias churrasqueiam até na segunda-feira”. Essa adesão de pertinência que “Paulo” e “Aqueles que estão de férias” adquirem na articulação predicativa proporciona a saída do verbo do estado de infinitivo.

Observamos que esses três padrões exigem que a base predicativa ocupe um lugar sintático na sentença, tendo em vista a ativação do verbo pela formação nominal, podendo, como no primeiro padrão, favorecer uma atribuição (é X), e no segundo padrão, favorecer uma complementação (fez X).

No quarto padrão, temos os casos de “fenômenos da natureza”. Eles também suportam um grau máximo de nominalidade, a ponto de amalgamar em confluência a própria FN que funciona como base de predicação. Dessa forma, o verbo pode abrigar a FN base da predicação. Trata-se do fenômeno da predicação autonômica, objeto desta tese.

A nossa proposta é a de que todos os aspectos que envolvem a predicação estão presentes na predicação autonômica. No entanto, ela se aplica a verbos como ‘chover’, ‘amanhecer’, ‘ventar’, ‘trovejar’, entre outros, que, ao saírem do estado de virtualidade,

têm a autonomia tanto para condensar a base predicativa e, portanto, realizar uma predicação de caráter autônomo (“ensolarou”), sem a explicitação da base (‘sol’), como para permitir a nucleação de uma base autônoma fora do predicado (“o dia ensolarou”). Daí o nome que estamos propondo para esse grupo de verbos: predicação autonômica.

Nesse sentido, no caso de ‘choveu’, por exemplo, a base predicativa ‘chuva’, responsável pela ativação da predicação, está condensada em confluência no verbo ‘chover’. Desse modo, a predicação de caráter autônomo é configurada numa ‘definitude em confluência’. Por outro lado, em ocorrências como “Choveu uma chuva fina”, a base predicativa ‘chuva fina’ ganha uma “localização na sentença independente da base lexical do verbo, no sentido de receber qualificação”, sendo concebida como uma ‘definitude em núcleo’. (DIAS, 2009, p.22).

Também podemos ter “Deus choveu bênçãos sobre o seu povo”. Nesse enunciado, temos um exemplo da força da regularidade sistemática da língua portuguesa, que se mostra no modelo canônico SUJEITO-VERBO-OBJETO. Por isso, vamos mostrar que os enunciados que estão sob confluência na predicação autonômica estão sempre sujeitos a essa força da ocupação dos lugares sintáticos de sujeito e objeto em núcleos organicamente fora do predicado, como acabamos de ver nas formações nominais “o dia”, “uma chuva fina”, “Deus” e “bençãos”.

3.4 Articulação predicativa: pressuposição de informação interlocutiva

O fenômeno da predicação autonômica apresenta como efeito a possibilidade de um enunciado se desvincular daquilo que estamos denominando “pressuposição de informação interlocutiva”¹³ (DIAS, 2022, p. 13-16). Para a compreensão dessa expressão, observemos as situações de interlocução a seguir.

Começemos por esses dois enunciados:

(1) João comeu uma comida gostosa / Bons estudantes passam no vestibular.

Esses enunciados podem começar um evento de fala, sem que apresente efeito de incompletude, pois a base de predicação está configurada como uma FN fora da

¹³ Por “pressuposição de informação interlocutiva” entendemos como a possibilidade de iniciar uma interlocução sem necessidade de um pressuposto enunciativo anterior, isto é, uma fala anterior.

predicação, mas no âmbito da sentença (definitude em núcleo): ‘João’ e ‘Bons estudantes’.

Vejamos o próximo enunciado:

(2) Comi uma comida gostosa.

Apesar de não apresentar uma base de predicação configurada em núcleo, esse enunciado não requer informação anterior à locução, porque há a indicação de que a base de predicação está informada na pessoalidade indicada pela pessoalidade do sufixo verbal, levando a uma ancoragem no locutor. Nesse caso, a perspectiva flexional do verbo indica essa base de predicação. Ela está na sentença, mas “oculta”, nos termos da GT (definitude em ancoragem). O [eu] de “comi uma comida gostosa” se ancora na primeira pessoa.

Agora observemos o seguinte enunciado:

(3) ? Comeu uma comida gostosa.

Esse enunciado requer um pressuposto de informação (produz efeito de incompletude, caso seja proferido no início de um evento de fala), conforme Dias (2022, p. 14). Caso tivéssemos um tópico ativo num evento de fala com foco em ‘José’, por exemplo, e esse enunciado fosse proferido na referência direta com esse tópico, teríamos um sujeito em ancoragem: ‘José’. Dessa maneira, teríamos um sujeito elíptico, conforme a gramática tradicional, pois estaríamos falando de ‘José’, não materializado na oração, dizendo que ele “comeu uma comida gostosa”.

Vejamos outra situação virtual de interlocução:

(4) ?Comeu.

Esse enunciado requer um pressuposto mínimo de informação interlocutiva e sua configuração sintática é estranha na língua portuguesa. Está faltando a base de predicação, não recuperável pela desinência verbal. Assim, há necessidade de uma informação na interlocução: quem comeu? Portanto, supõe-se que há uma formação nominal constituída em outro lugar, mas não está no alcance de um tópico (não foi explicitado no tema da interlocução). Se tivéssemos “Ele comeu”, ainda teríamos a requisição de uma

informação interlocutiva, embora o enunciado não seja mais configurado como estranho na língua portuguesa.

Vejamos agora como funciona a dinâmica enunciativa da predicação autonômica quanto à necessidade do pressuposto de informação interlocutiva.

A predicação autonômica ocorre quando a base de predicação se encontra nos domínios do predicado. O lugar sintático de sujeito não está situado fora do predicado. A formação nominal aciona o verbo pelas coordenadas de conformação gramatical. O referencial histórico advém da nominalidade da FN em convergência no verbo.

Nos enunciados a seguir, é possível observarmos essa autonomia ao se iniciar um tópico na interlocução, sem a dependência de uma informação anterior.

(5) Choveu/chove/vai chover.

Esse enunciado não requer um pressuposto de informação interlocutiva. A base de predicação está no domínio do predicado, tornando o enunciado autossuficiente em um evento de interlocução, podendo inclusive estabelecer o início de um evento de fala. A base de predicação está condensada em convergência no verbo (definitude em confluência), configurando-se uma predicação autonômica.

Vejamos o enunciado a seguir:

(6) Choveu uma chuva fina.

Esse enunciado não requer um pressuposto de informação interlocutiva, pois, além da FN “chuva”, com definitude em confluência no verbo, temos a explicitação “chuva fina” que se constitui como uma segunda base predicativa com definitude em núcleo.

Em (7), a seguir, temos uma variação nesse quadro:

(7) Chove pedras de gelo

Esse enunciado não requer um pressuposto de informação interlocutiva, pois, além de base de predicação ‘chuva’ em convergência na articulação predicativa, há a ocupação orgânica feita por uma segunda base ‘pedra de gelo’ em definitude em núcleo.

Observemos agora o próximo enunciado:

(8) Ele amanheceu cansado

A execução desse enunciado requer um pressuposto de informação interlocutiva. No entanto, essa necessidade do pressuposto é devida unicamente à presença de um pronome que invoca a ancoragem em um referente anterior, em processo de anáfora. Diferentemente da primeira e da segunda pessoa, a terceira pessoa determina uma ancoragem anafórica, fazendo com que busquemos a referência do pronome ‘ele’. A constituição de uma base de predicação nucleada pelo pronome de terceira pessoa ‘ele’ se configura como uma base em ancoragem. Se esse enunciado é proferido em início de uma interlocução buscamos necessariamente saber quem “amanheceu cansado”. Já em “Está amanhecendo”, não temos a necessidade do pressuposto de informação interlocutiva.

Por fim, vejamos (9):

(9) O Ministério da Saúde está chovendo vacinas

Postulamos que a FN promotora do referencial histórico “chuva” está em confluência no verbo. A latência dessa FN permite que diversas formações nominais, de caráter motivador ou agentivo (‘o Ministério da Saúde’, por exemplo), possam atualizar o referencial histórico em cenários de pertinência enunciativa. Com isso, queremos dizer que o cenário de pertinência faz com que a FN “Ministério da saúde” funcione como motivador. Nesse sentido, esse enunciado, não requer um pressuposto de informação interlocutiva. Além disso, compreendemos que enunciados desse tipo se enquadram no sistema de regularidades da língua, no que diz respeito à organização sintática SUJEITO-VERBO-OBJETO. Por outro lado, se tivéssemos uma ocorrência como “Está chovendo vacinas no Brasil”, também não necessitaríamos do pressuposto.

Dessa maneira, esperamos ter mostrado que o fenômeno da predicação autonômica se apresenta como uma predicação diferenciada quando se trata da produção de tópicos de interlocução. Sem que se tenha dito nada, alguém pode dizer “Sextou!”, e não ser cobrado por uma referência anterior a algo na interlocução. Ocorrências como essa podem ser facilmente ouvidas entre os falantes e encontradas nas redes sociais. Daí defendermos que a predicação autonômica prescinde de pressuposto de informação interlocutiva.

3.5 Predicação autonômica: o fundamento da análise

Do ponto de vista enunciativo, na medida que se constitui um acontecimento enunciativo, a dimensão da enunciação e a dimensão da organicidade adquirem relação.

Essa relação é concebida a partir de Dias (2018; 2022) como domínio de mobilização. Dias (2022, p. 5) afirma:

a relação entre os referenciais históricos e as demandas de pertinência enunciativa formam os domínios de mobilização das formas linguísticas. Em outros termos, as articulações do já significado, social e historicamente configurados, e o a significar de uma atualidade determinam as formas expressivas na constituição de unidades linguísticas, bem com as suas articulações, na dimensão da formulação orgânica do enunciado. O esteio da concepção de mobilidade no nosso quadro teórico encontra-se na própria natureza do sentido, que é mobilizado na relação entre referenciais históricos e pertinências enunciativas.

O domínio de mobilização é apreendido por uma concepção da história como espaço de mobilização da significação. Nessa direção, Dias (2022, p. 6) complementa:

temos, de um lado, os referenciais históricos que balizam as significações anteriores do dizer, e, de outro, as demandas de significação do presente do enunciar, que instigam o fazer sentido, produzir consistência, adquirir pertinência, na contemporaneidade do dizer.

A concepção de domínio de mobilização adquire especificação em outra formulação de Dias (2022c, p. 2):

na enunciação, tudo aquilo que é sensível para nós é significado. Tudo o que nos afeta constitui essa concepção do sensível: entidades das mais diversas naturezas, dimensões e conceitos são capazes de mobilizar a nossa relação com a linguagem, no exercício da significação. Na perspectiva teórica que adotamos, a significação tem como ponto de partida os modos sociais de conceber as categorias do sensível. Desde ‘pedra’, passando por ‘saúde’, chegando a conceituações mais abstratas ainda como ‘inconsciente’, tudo isso é discernido por perspectivas sociais historicamente constituídas.

Nessa direção, os “modos sociais de conceber as categorias do sensível” não são logicamente estáveis, mas concebidos no movimento das tensões sociais no espaço histórico. E assim, Dias (2022c, p. 3) arremata:

Os modos de conceber o sensível são diversos, dinâmicos e formam domínios com variáveis condições de acessibilidade (são afetados pelo necessário, pelo permitido, pelo conveniente). Enfim, são históricos.

Nos termos de Guimarães (1996, p. 27), “a língua é exposta a uma memória dizível”. Essa dimensão do dizível pelos modos de conceber o sensível entra em relação com as demandas do presente do enunciar. Nesse ponto, a predicação participa dessa relação de maneira a propiciar uma conexão entre a dimensão do dizível e a dimensão da organicidade linguística.

A predicação se constitui nesse contato na medida em que um verbo sai do estado de infinitivo e adquire as coordenadas de conformação gramatical (DIAS, 2022, p. 6). No entender de Dias (2022c, p. 3),

compartilhamos interativamente fonemas, morfemas, padrões sintáticos e esquemas textuais, mas os sentidos escapam das sistematicidades orgânicas, e dessa forma não são compartilhados. Há uma dimensão enunciativa que se instala inexoravelmente nas locuções e nas interlocuções. A dimensão orgânica é constituída por conexão de unidades de ordem fonético/fonológicas, morfológicas e sintáticas em estruturações hierárquicas. Por sua vez, a dimensão enunciativa é constituída por filiações aos modos de ver/conceber/observar/compreender tudo aquilo que nos é sensível e que contrai pertinência ao nosso existir.

Dessa maneira, na predicação, as coordenadas de conformação gramatical são inicialmente captadas pelo verbo. Com isso, ele deixa o estado de infinitivo e integra uma unidade sentencial, que no nosso trabalho é apreendida na sua condição de unidade enunciativa (DIAS, 2022, p. 6).

Especificando, as coordenadas de conformação gramatical são formadas basicamente por “formas presas”, segundo concepção de Câmara Júnior (1970, p. 61). Elas envolvem os morfemas de modo/tempo e número/pessoa. Além dessas formas, temos também formas livres configuradas como coordenadas de conformação gramatical.

Quanto às formas presas, essas coordenadas participam da “presentificação” da predicação, isto é, da constituição do cenário de pertinência enunciativa. Elas atualizam no cenário constituído pelo presente do enunciar combinações possíveis da grade morfológica da língua portuguesa, tanto de tempo (formas temporais do presente, do passado e do futuro), quanto de modos da adesão do falante na relação com o seu dizer (certeza, dúvida, suposição etc), configura-se o indicativo, o subjuntivo e o imperativo,

como das perspectivas de locução, configurada em personalidade (1^a, 2^a e 3^a pessoa), e em número (singular e plural).

Formas livres, como os advérbios ‘agora’, ‘ontem’, ‘amanhã’ entram nessas coordenadas de conformação gramatical, na medida que são integrantes do quadro da temporalidade. Por exemplo, em “Eu viajo amanhã”, quem define o tempo futuro da viagem é o advérbio ‘amanhã’. Além disso, formações nominais conectadas por preposição (formando adjuntos adnominais) também integram essas coordenadas, como em “Eu viajo na segunda-feira”, em que a preposição ‘em’, na contração com o artigo ‘a’, guia a formação nominal “segunda-feira” para a constituição do cenário de pertinência que tem o verbo ‘viajar’ como componente nuclear.

O que estamos denominando, a partir de Dias (2022, p. 8), como “cenário de pertinência enunciativa” envolve tudo o que especifica o referencial instalado na predicação tendo em vista um presente do dizer, como também tudo o que orienta esse referencial tendo em vista as demandas do presente do enunciado. Dessa maneira, “a predicação proporciona a construção de um espaço de consistência no enunciado” (DIAS, 2022, p. 9). Essa consistência agrega as ocupações dos lugares sintáticos em torno de uma unidade de cenário de pertinência enunciativa. É na arquitetura de lugares sintáticos (sujeito, objeto, adjuntos) que se assentam esses componentes do cenário de pertinência na predicação.

Na análise, vamos dividir a abordagem em dois grupos. No primeiro, analisaremos as predicções constituídas pelo referencial histórico da “afluência”; no segundo, analisaremos as predicções concebidas pelos referenciais da “ocorrência” e da “periodização”. A partir desses referenciais, destacaremos elementos pertinentes das coordenadas de conformação gramatical e do cenário de pertinência enunciativa, no âmbito da atualização desses referenciais no presente do enunciar. Nos termos de Dias (2022, p. 15), “essa relação entre o referencial histórico e a pertinência enunciativa proporciona as bases do enunciado, construídas na relação entre a dimensão enunciativa e a dimensão orgânica.”

Síntese

Vimos, no presente Capítulo, que Dias explora as diferentes perspectivas dos estudos da enunciação que abordam a dinâmica do dizer apresentada no Capítulo 1 para constituir um olhar voltado para a compreensão enunciativa das formas linguísticas em

articulação na constituição do enunciado, concebido como contraparte da sentença, a partir da relação entre o referencial histórico e a pertinência enunciativa.

Nessa direção, mostramos que o alicerce do conceito de predicação autonômica advém de domínio de mobilização do sentido. Do ponto de vista enunciativo, na medida que se constitui um acontecimento enunciativo, a dimensão da enunciação e a dimensão da organicidade adquirem necessariamente uma articulação.

No próximo capítulo, iremos ver como se constitui a predicação de verbos que expressam “fenômenos da natureza” em estudos de língua portuguesa e de outras línguas, embasados em diferentes pontos de vista teóricos.

CAPÍTULO 4

PREDICAÇÃO AUTONÔMICA: APROXIMAÇÕES

Neste capítulo, vamos mostrar como diferentes concepções teóricas compreendem a predicação dos verbos de fenômeno da natureza.

Inicialmente vamos apresentar a concepção de predicação de fenômenos da natureza em gramáticas e estudos teóricos de língua portuguesa. Na sequência, mostraremos, a partir de estudos em língua estrangeira, como essa predicação é conceituada em ocorrência do inglês, francês, espanhol, entre outras. Dessa forma, será possível observar que esse tipo de predicação ganha novas abordagens, abrangendo diversos aspectos sintáticos e semânticos.

Ao final desse capítulo, apresentaremos uma síntese com os principais pontos de aproximação e distanciamento entre as diferentes perspectivas, bem como questionamentos e contribuições, buscando delimitações para a abordagem de predicação autonômica que pretendemos desenvolver nos dois capítulos subsequentes, abrangendo os referenciais históricos de “afluência” e “ocorrência”, no Capítulo 5, e o da “periodização”, no Capítulo 6.

4.1 A constituição de sentenças com predicados de fenômenos da natureza em língua portuguesa

De modo geral, em língua portuguesa, as sentenças formadas por verbos de “fenômenos da natureza” são consideradas como oração sem sujeito. Sendo assim, a forma como a predicação desses verbos é abordada tende a se modificar dependendo do ponto de vista adotado. Nesse item, veremos que a abordagem tradicional de Cunha e Cintra (2001), Bechara (2009), Azeredo (2010) e Vilela (1999) ainda guarda relações com a perspectiva essencialista, tendo em vista que a ausência do sujeito se ancora na perspectiva da ‘pessoalidade gramatical’, da ‘referência’ e do ‘sentido figurado’. Rompendo com essa visão, a perspectiva estruturalista de Perini (2010) prevê essa ausência por meio do argumento de que o sujeito é o sintagma localizado à esquerda do verbo.

Numa visão gerativista, veremos ainda que alguns autores admitem parcialmente a existência de um argumento que funciona como sujeito na predicação de sentenças com

verbos de “fenômeno da natureza”. Para Raposo *et. al* (2013), esse ‘quase argumento’ possui um conteúdo referencial mínimo, admitindo ainda usos metafóricos. Nessa direção, Almeida (1989) propõe que esses usos sejam interpretados como predicação metafórica. Por outro lado, Castilho (2010) considera que essas sentenças não apresentam sujeito, tendo em vista a ausência de argumentos. Para Duarte e Brito (2003), esses verbos podem compor sentenças de zero argumentos ou ainda com um argumento sombra. Na perspectiva de Berlinck *et. al* (2009), os verbos de fenômeno da natureza não possuem argumentos. No entanto, admitem que sentenças com esses verbos apresentem um sujeito pronominal não-argumental.

Veremos a seguir como Cunha e Cintra (2001) concebem a predicação da sentença com verbos de fenômeno da natureza.

Conforme visão da gramática tradicional, Cunha e Cintra (2001, p.129) explicam que o sujeito, ser sobre o qual algo é declarado, pode ser simples, composto, oculto ou indeterminado. Além dessa classificação, afirmam ainda que há orações em que o processo verbal não é atribuído a nenhum ser, tais como “De volta, com a garrafa na mão, apenas chuviscava”, “Era março e ainda fazia frio”, “Anoitecia e tinham acabado de jantar”. Para Cunha e Cintra (2001), essas orações se caracterizam pela impessoalidade do verbo e pela inexistência do sujeito.

Para Cunha e Cintra (2001, p.445), os verbos de fenômeno da natureza são empregados apenas na terceira pessoa do singular, com exceção para orações as quais denotam sentido figurado, como em “Os oficiais anoiteceram e não amanheceram na propriedade”.

No entanto, o conceito de ‘verbo de fenômeno da natureza’ contradiz o conceito de sujeito e predicado apresentado por esses gramáticos, para os quais o sujeito é o ser sobre o qual se faz uma declaração, e o predicado, tudo aquilo que se diz sobre o sujeito. Portanto, entendemos que, se o predicado é aquilo que se diz do sujeito, não é compreensível dizer que há verbos que participam de orações sem sujeito.

Além disso, há um alto grau de inconsistência no conceito de “impessoalidade” verbal. Tradicionalmente, quando o verbo deixa o estado de infinitivo, com exceção das formas nominais gerúndio e participio, ele passa a manifestar desinência de pessoalidade: 1ª, 2ª e 3ª pessoas do discurso. Em todas as gramáticas tradicionais o fenômeno da saída do verbo do infinitivo não é abordado, gerando, dentre outros problemas, imprecisões como essa.

Na concepção de Bechara (2009, p. 45, 226, 227, 408), na sua clássica gramática reconstruída em 1999, com fundamentos linguísticos, são “defectivos os verbos impessoais (pois não se referem a sujeito) em orações como “Chove muito” e “Relampeja”. A definição de sujeito para esse autor está baseada em três perspectivas: a semântica, na qual o sujeito é o termo referente, a lexical, em caso de explicitação léxica do sujeito, e a gramatical (formal), na qual o sujeito é efetivamente o traço número-pessoal inscrito no verbo.

Desse modo, em sentenças como ‘Eu vendi’, temos o sujeito gramatical (1^o pessoa do singular) e sua explicitação léxica ‘Eu’. Já em ‘Vendi’, há apenas o sujeito gramatical, pois o referente ‘Eu’ está implícito. Contudo, ambas as orações possuem predicação referida, isto é, sujeito semântico. No caso de “Chove”, Bechara (2009, p. 408) explica que essa sentença apresenta somente o sujeito gramatical (3^a pessoa do singular) e predicação não-referida, pois o sujeito implícito, conforme as suas palavras, “é a não-pessoa, é a não-eu nem meu interlocutor”. Ou seja, não há um ‘termo’ efetivamente referido.

Nessa direção, Bechara (2009, p. 45) afirma

o estrato gramatical da oração é caracterizado pela função “predicativa”. Nela, o “sujeito” e o “predicado” são funções sintagmáticas e puramente relacionais: o predicado é o termo “referido”, e o sujeito, o termo “referente”, a função sintagmática é a de “referência”, e a unidade resultante é a “predicação referida”, que se opõe, neste nível, à “predicação não referida”. Em O aluno estuda temos uma predicação referida; em Chove, Faz calor, uma predicação não referida.

Bechara (2009, p.227) aponta ainda que o verbo pode ser conjugado em qualquer pessoa quando empregado em sentido figurado, como em “Chovam as bênçãos do céu!”. Frente a essa abordagem, podemos questionar o seguinte: na medida em que referente e referido constituem a completude proposicional (referido + referente), como se sustenta um conceito de ‘predicação não-referida’?

Vimos que a questão da pessoalidade é parcialmente resolvida em Bechara (2009). No entanto, o problema da passagem entre literal e figurado ainda se apresenta latente.

Por sua vez, Azeredo (2010, p. 232-234) argumenta que são impessoais os verbos de fenômenos da natureza. Eles seriam desprovidos de sujeito quando se referem a “estados ou processos que, em nossa cultura, não são atribuídos a um dado ser, indivíduo ou entidade”. Para ele, apenas o verbo ‘amanhecer’ apresenta uma excepcionalidade, pois admite o sujeito ‘dia’, como no exemplo “O dia amanhece com uma algazarra de

pássaros”. Nessa direção, também reconhece a existência de sujeito em construções literárias.

Azeredo (2010) argumenta ainda que o verbo ‘fazer’ acompanhado de um SN, “objeto direto”, também pode apresentar uso impessoal ao expressar fenômenos da natureza, como nas ocorrências “Vai fazer sol esse fim de semana”, “Fazia um inverno rigoroso”, “Não estava fazendo frio”. Além disso, Azeredo (2010, p. 233) considera que podem ser impessoais os verbos ‘peneirar’, ‘pingar’ e ‘clarear’, quando empregados para indicar fenômenos da natureza, com sinônimo de ‘chuviscar’ e ‘amanhecer’, como em “Leve a sombrinha, porque está peneirando/pingando” e “Já está clareando”. O uso impessoal do verbo ocorre também com a substantivação/adjetivação do fenômeno da natureza, como mostra os termos em destaque nas sentenças: “Está [calor]” e “Já era [madrugada]”, ou ainda sob forma de um adjetivo: “Na varanda está mais [fresquinho]”.

Azeredo (2010, p.200) propõe que, na estrutura da oração, o verbo “é a garantia formal da existência do predicado” fornecida pela atribuição das funções sintáticas de sujeito e objeto. Contudo, o autor afirma que essa explicação vale para todos os verbos, exceto os verbos impessoais. Nesse grupo, estão incluídos os verbos de fenômeno da natureza, como “amanhecer” e “trovejar”, os quais não se articulam a um constituinte, geralmente um substantivo, como é possível observar no termo em destaque “[A bomba] explodiu”.

Nesse sentido, Azeredo (2010, p. 232, 233) explica que sentenças que expressam fenômeno da natureza podem se constituir a partir de “uma estrutura bimembre de sujeito e predicado, objetivável em um substantivo”. Desse modo, o processo ou estado denotado por verbos como ‘chover’, ‘ventar’ e ‘anoitecer’ é substantivado em ‘chuva’, vento e ‘noite’, e a sentença realiza-se por meio de um verbo de predicação ‘completa’ como ‘atravessar’, ‘soprar’ e ‘cobrir’ em sentenças tais como “A chuva atravessou o dia”, “O vento sopra”, “A noite cobria a floresta”.

Diferentemente do que pensa Azeredo (2010), do nosso ponto de vista, essa ‘substantivação’ se aplica apenas a casos como “choveu uma chuva fina”, no qual há uma explicitação do sujeito ‘chuva’.

Na concepção de Azeredo (2010), sujeito e predicado são posições sintáticas ocupadas por palavras e sintagmas na hierarquia interna da oração, sendo o verbo o realizador da predicação, a qual agrega um atributo a um ser que, na oração, desempenha a função de sujeito. Diante dessa proposição, é possível questionar: se o predicado agrega um atributo a um ser, como admitir que haja oração sem sujeito, apenas com um

predicado? Da mesma forma, indagamos a extensão dessa aparente ‘excepcionalidade’ em relação ao verbo ‘amanhecer’. Isso se aplica também a ‘madrugar’, em ‘Carla madrugou hoje’? E ainda, cabe uma interrogação quanto à diferenciação clara entre construções literárias e não literárias. Além disso, mais uma dúvida se destaca: afinal, ter sentido figurado significa retirar o verbo chover do seu estatuto lexical? Trata-se de outro verbo?

A seguir, vamos observar como Vilela (1999) trata a questão da predicação dos verbos de fenômeno da natureza.

Na *Gramática da língua portuguesa* Vilela (1999, p. 63, 359, 361) propõe que os verbos de manifestações da natureza também são considerados impessoais. Analisando o português europeu, ele classifica os verbos “amanhecer”, “chover”, “trovejar” e “nevar” como verbos de processo, isto é, “verbos que designam mudanças nas entidades às quais os verbos se aplicam e implicam um ‘acontecer’, um ‘passar-se com’” (VILELA, 1999, p. 63). No entanto, conforme o autor, esses verbos não apresentam sujeito, salvo em ocorrências nas quais há

marcadores de lugar ou usos enfáticos, próprios da linguagem falada: Ele sempre neva hoje!¹ (...) Pode ocorrer um sujeito com os verbos próximos dos meteorológicos, como amanhecer, anoitecer, etc.: O dia amanheceu-me muito turbulento (VILELA, 1999, p. 361).

O conceito de impessoalidade, bem como as suas exceções, contrasta com o que o autor define como sujeito e predicado. Nesse sentido, Vilela (1999, p. 357, 359) afirma que o sujeito “é o elemento frásico sintacticamente obrigatório, [que] conjuntamente com o predicado [expressão linguística que “configura a propriedade de um indivíduo”] constitui a frase mínima.”

Observamos que o autor defende a ideia de que os verbos meteorológicos podem apresentar um sujeito em dois casos, com ‘marcadores de lugar ou usos enfáticos próprios da linguagem falada’ e com ‘verbos próximos dos meteorológicos’. Na nossa perspectiva, isso produz uma inconsistência. Se o sujeito constitui a frase mínima, elemento sintático obrigatório, como justificar a sua ausência em determinadas sentenças? O que significa uso enfático? Ele implica em desvirtuamento da condição lexical do verbo, isto é, passamos a ter outro verbo? A que tipo de sentenças se aplicam os marcadores de lugar? Uma vez que os verbos ‘amanhecer’ e ‘anoitecer’ aparecem como ‘verbos próximos dos meteorológicos’, o que seria um verbo meteorológico?

¹ Ocorrência do português europeu.

Numa visão formalista não gerativista, Perini (2010, p. 67, 68, 79, 81) não usa do argumento da excepcionalidade conotacional, como a grande parte das abordagens. Na sua concepção, a maioria dos verbos meteorológicos que expressam ‘fenômenos da natureza’ como ‘chover’, ‘ventar’, ‘relampejar’, ‘esfriar’ e ‘esquentar’ “preferem” ocorrer sem sujeito, mas podem vir acompanhados de adjuntos como em “[Em Curitiba] neva de 20 em 20 anos”. Para o autor, esses verbos pertencem à categoria das orações sem sujeito.

Nesse sentido, o sujeito, para Perini (2010), se constitui na relação entre a forma e o sentido, isto é, o sujeito é um termo linguístico (SN) que deve estar marcado à esquerda do verbo e no sufixo pessoa-número verbal. Essa caracterização do sujeito pode ser observada no seguinte exemplo: “Eu vendi meu lote” (sujeito Eu) em oposição a “vendi meu lote” (oração sem sujeito). Dessa forma, Perini (2010, p.81) considera “problemática” a oração “Choveram pedras de mais de 5 centímetros”, pois “soa mais como português padrão do que como PB”. Apesar de o verbo apresentar as marcas de pessoa e número, o SN ‘pedras’ está posicionado à direita do verbo. Por isso, Perini (2010) diz “prefiro ver nele um objeto, ou seja, um não sujeito, mesmo porque a concordância nesses casos dá maus resultados”. Esse “problema” é solucionado quando se opta pela sentença “Choveu pedras de mais de 5 centímetros” (PERINI, 2010, p.81).

Entendemos que considerar “Pedras de mais de 5 centímetros” como objeto apenas em razão do posicionamento do sintagma e da realização ou não da concordância é um argumento vulnerável. Além disso, a diferença entre português brasileiro e português padrão é também frágil. Em que se sustenta essa diferença? Como diferenciar um ‘bom resultado’ de um ‘mau resultado’ em termos de ocorrência linguística?

Na sequência, vamos observar nos capítulos da *Gramática do português*: “Verbo e sintagma verbal” de Gonçalves e Raposo (2013) e “Sujeito Nulo: sintaxe e interpretação” de Lobo (2013) como esses autores explicam orações constituídas de verbos de fenômeno da natureza na sentença.

Sobre a “pessoalidade” desses verbos, Gonçalves e Raposo (2013, p. 1193) afirmam: são impessoais verbos que “não selecionam argumentos com função de sujeito gramatical; podem ou não selecionar complementos”. Nessa categoria verbal, se incluem um pequeno grupo de verbos, tais como “alvorecer”, “amanhecer”, “anoitecer”, “chover”, “chuviscar”, “nevar”, “trovejar”, “ventar”. Em conformidade com essa proposição, Gonçalves e Raposo (2013, p. 1194) consideram que esses verbos possuem um “sujeito não-argumental”, isto é, um pronome expletivo nulo, sem conteúdo fonético, conjugado na 3ª pessoa do singular, como no inglês “It rains” [chove] e em registros enfáticos de

algumas variantes do português europeu “ele chove a potes” e “ele faz realmente muito frio”. Isso, na visão dos autores, não altera o fato de que essas orações são impessoais, uma vez que esses verbos não selecionam argumentos.

Em consonância com essa visão, Lobo (2013, p. 2313) propõe que orações com verbos meteorológicos podem apresentar um “quase argumento”, ou seja, um “sujeito cujo conteúdo referencial é mínimo”.

Nesse sentido, afirma:

Tal como os sujeitos não argumentais, também estes recebem a designação de expletivos. Trata-se, na sua maioria, de sujeitos de verbos meteorológicos, verbos que designam fenómenos atmosféricos. Embora no seu uso normal estes verbos descrevam por si sós uma determinada situação meteorológica, como em (11), eles podem apresentar um argumento realizado, como nas frases em: (11) a. [-] expl. Chove. (11) b. [-] expl. Neva. (12) a. Chovem *pedras de gelo*. 12 b. Nevam *minúsculos flocos de neve*. (LOBO, 2013, p. 2313).

Considerando essas ocorrências, Lobo (2013, p. 2313) argumenta que, para alguns autores como Chomsky (1981) e Rizzi (1986), o sujeito nulo, não explicitado nas frases (11), pode corresponder aos constituintes ‘pedras de gelo’ e ‘minúsculos flocos de neve das frases’ (12). Ocorrências isoladas como as frases em (11) seriam equivalentes a ‘chove chuva’ e ‘neva neve’. Por isso, casos como esses recebem o nome de “quase argumento”.

Essa posposição verbal, que Lobo (2013) chama de “quase argumento”, equivale ao que Gonçalves e Raposo (2013, p. 1213) definem como “argumento cognato”, o qual ocorre quando

alguns verbos intransitivos permitem, em condições estilisticamente marcadas, acrescentar um argumento, estruturalmente realizado como sintagma nominal. Este argumento permite reificar o próprio conceito lexical do verbo, introduzindo frequentemente na frase uma afirmação adicional, ou exprimindo uma avaliação do falante sobre a situação descrita. Chama-se a este argumento **argumento cognato**. (grifo dos autores).

Nesse sentido, ocorrências como “Amanheceu uma manhã soalheira” e “Anoiteceu uma noite escura e tenebrosa” (GONÇALVES e RAPOSO 2013, p. 1214), os argumentos cognatos, ‘uma manhã soalheira’ e ‘uma noite escura e tenebrosa’ ocupam a posição de sujeito cognato, concordando, portanto, em número e pessoa com verbo.

Segundo Gonçalves e Raposo (2013, 1214),

a lógica da realização dos argumentos cognatos é, pois, a seguinte: “se o verbo não seleciona um sujeito, o argumento cognato realiza-se como

sujeito, se o verbo seleciona um sujeito o argumento cognato realiza-se como complemento direto.

Conforme essa visão, nas frases acima, ‘amanhecer’ e ‘anoitecer’ estão empregados de modo metafórico, assim como ‘chover’ em “Choveram tiros no assalto ao banco” e “Os relatórios negativos chovem na mesa do diretor”. Desse modo, o papel de ‘tiros’ e ‘relatórios negativos’ é essencialmente de sujeito. Para ocorrências como essas, Gonçalves e Raposo (2013, p.1214) afirmam: “nestes casos, o sujeito é obrigatório, visto que o verbo deixa de incorporar uma componente semântica ligada ao fenômeno da queda natural de água”.

Perini (2010), por sua vez, como vimos, consideraria como ‘objeto’ ambos os sintagmas em destaque nas seguintes orações: “Choveram [pedras de 5 cm]”, mas não apresenta uma posição sobre ocorrências como “[Os relatórios negativos] chovem na mesa do diretor”.

Apesar das abordagens Gonçalves e Raposo (2013) seguirem uma mesma direção, observamos que Lobo (2013) não faz qualquer menção ao ‘uso metafórico’. Por outro lado, a visão de Gonçalves e Raposo (2013) lança um aspecto novo nas abordagens de gramáticas: o verbo ‘chover’, por exemplo, comporta uma dinâmica de componentes semânticos capazes de interferir no seu status sintático, isto é, o verbo ‘chover’ pode apresentar mais de um componente semântico, além da queda natural de água, e ainda assim ser o mesmo verbo. Qual o alcance dessa tese dos autores? Qual a relação entre essa dinâmica e o ‘uso metafórico’ mencionado pelos autores?

Considerando ainda o uso literal/metafórico dos verbos de fenômenos da natureza, a abordagem cognitivista de Almeida (1989, p. 154) vai ao encontro do que propõem Gonçalves e Raposo (2013). Nesse sentido, a autora explica que os verbos meteorológicos, quando utilizados em sentido metafórico, possuem um argumento “verdadeiro”, como em “[as civilizações] amanhecem”, “choveram [palpites]” e “[nossos corações] estão nevando”. Nessas sentenças, os argumentos em destaque desempenham o papel de sujeito, constituindo o que a autora chama de “predicação metafórica”. Por outro lado, ocorrências como “amanheceu”, “anoiteceu” e “choveu durante a madrugada”, apresentam um quase argumento [*pro*] (sujeito nulo), o que impede, conforme Almeida (1989, p. 154, 161), uma leitura metafórica, pois “a metáfora é compreendida a partir da criação de dois espaços mentais: um referencial [argumental] e outro predicativo [ou das categorias gramaticais].”

Essa perspectiva apresentada por Almeida (1989) possibilita questionarmos sobre qual seria o alcance de uma ‘predicação metafórica’. Como diferenciar uma predicação metafórica de uma predicação não-metafórica?

A seguir, observamos a posição de Castilho (2010) sobre a predicação de verbos de fenômenos da natureza.

Em relação ao estatuto argumental dos verbos impessoais, Castilho (2010, p. 329) afirma que

os verbos não argumentais constituem sentenças simples sem quaisquer argumentos: *Chove e Relampeja*. Os verbos não argumentais são simultaneamente impessoais e intransitivos, não dispoño nem de sujeito nem de argumento interno. Maior pobreza!

Tendo em vista a relevância da *Nova Gramática do Português Brasileiro*, dentre as gramáticas contemporâneas, trata-se de uma visível fragilidade a falta de exploração do conjunto de verbos que compõem os fenômenos naturais, quando ocorrem com argumentos. Se os verbos ‘chover’ e ‘relampejar’ são não argumentais, que funções sintáticas exerceriam os sintagmas nominais de construções como “Choveu granizo”, uma ocorrência tão corriqueira no português?

Observando os estudos já realizados sobre a predicação e extensão lexical dos verbos que compreendem fenômenos naturais, vimos que os estudos gramaticais não consideram a existência de sujeito explícito agregado ao predicado, exceto em casos de linguagem informal, literária ou em sentido figurado, ou quando exercem papel de argumento cognato. A noção de sentido figurado, presente em quase todas as concepções gramaticais, com exceção de Perini (2010), se vincula ao fato de que as palavras podem ser empregadas em dois sentidos, um conotativo (sentido figurado) no qual as palavras têm um uso simbólico e variado, e outro denotativo (sentido literal), em que as palavras apresentam um uso primitivo e referencial, relativo ao estado de dicionário.

Na sequência, veremos como Duarte e Brito (2003) especificam a predicação, considerando uma categorização argumental do verbo.

Duarte e Brito (2003, p.181, 182) afirmam que “predicar é atribuir propriedades a entidades ou estabelecer relações entre entidades”, isto é, uma relação entre o verbo e seus argumentos, sujeito e objeto. Sobre a estrutura argumental do verbo, Duarte e Brito (2003, p.185) explicam que o número de argumentos selecionados pelo verbo determina como os predicados serão tipificados.

O quadro abaixo apresenta exemplos dessa tipificação:

Quadro 34: tipificação dos predicados

A Maria gritou, porque teve um pesadelo ⊖ 1 argumento (Maria)	O Boavista venceu o campeonato. ⊖ dois argumentos (O Boavista / o campeonato)	Pedro emprestou os apontamentos de física ao João. ⊖ Três argumentos (Pedro/ os apontamentos/ ao João)	Hoje amanheceu às 5h43m. ⊖ Sem argumentos
predicado unário	predicado binário	predicado ternário	–

Fonte: autoria própria

Considerando essa perspectiva, Duarte e Brito (2003, p. 186) dizem ainda que a estrutura argumental do verbo prevê a “seleção categorial que o verbo especifica para cada um de seus argumentos”, ou seja, quais argumentos são compatíveis com o sentido do verbo. Assim, uma frase como “Hoje amanheceu às 5h43m”, analisada de forma isolada, é considerada agramatical tendo em vista que o verbo ‘amanhecer’ é uma palavra predicativa de zero argumento, pois o sintagma ‘hoje’ não se constitui como argumento do verbo ‘amanhecer’.

Nesse sentido, Duarte e Brito (2003, p. 184, 185) identificam três tipos de argumento²: “argumento verdadeiro”, “argumento por defeito” e “argumento sombra (argumento cognato)”.

Os ‘argumentos verdadeiros’ são aqueles cuja realização sintática é obrigatória, dada a incompletude verbal, conforme os termos em destaque na sentença “[Os atletas] comeram [bife grelhado] ontem à noite”. Por outro lado, há argumentos, que, conforme as autoras, não exigem “necessariamente” uma manifestação sintática associada à palavra predicativa (verbo), tratam-se dos ‘argumentos por defeito’ e ‘argumentos sombra’. Eles podem ser observados nas seguintes sentenças: (1) “O arquiteto construiu a marquise [com tijolos de vidro]”, em que o termo em destaque exemplifica ‘um argumento por defeito’, tendo em vista que participa “na descrição do significado da palavra predicativa”; (2) “Chovia [uma chuva miudinha]”, na qual o termo em destaque indica um ‘argumento sombra’. Esse tipo de argumento pode aparecer, de acordo com as autoras, “semanticamente incorporado na palavra predicativa”, como em ‘chovia’ ou “autonomizado”³, como no exemplo em (2). Conforme Duarte e Brito (2003, p. 185), a

² Com base em Pustejovsky (1998).

³ A palavra ‘autonomizado’, no texto das autoras, faz referência ao ‘argumento sombra’ explicitado a direita do verbo.

autonomização do argumento ocorre ainda em sentenças como: “A vítima chorou [lágrimas de raiva]”, “Dormimos [um sono reparador]”, “Os guerreiros dançam [uma dança frenética] à volta de um totem”.

Além de apresentar uma terminologia pouco adequada (‘argumento por defeito’), a visão de agramaticalidade é pouco compreensível. No entanto, a principal questão está na falta de um aprofundamento quanto aos comportamentos sintáticos de ‘lágrimas de raiva’, claramente complemento verbal, e ‘uma chuva miudinha’, cujo status gramatical requer um fundamento mais consistente. Ambos foram classificados no indefinido conceito de “autonomização”.

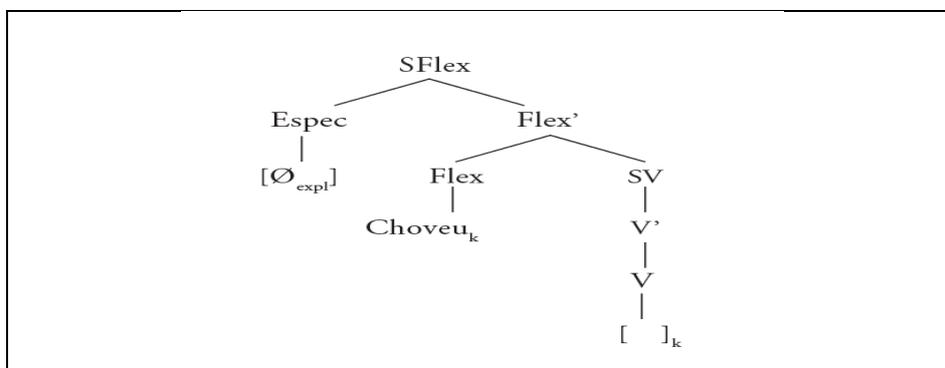
Veremos, a seguir, como Berlinck *et.al* (2009) analisam a existência de sujeito em sentenças com o verbo ‘climático chover’, a partir de sua estrutura argumental.

Tomando o ponto de vista da gramática gerativa, Berlinck *et.al* (2009, p.109) afirmam que verbos como “choveu” não possuem argumentos, e que a marca morfossintática da terceira pessoa do singular do pretérito perfeito <-u> se move para o núcleo de SFlex. No inglês ou francês, essa posição é preenchida pelo pronome expletivo, sem conteúdo semântico, ‘it’ ou ‘il’ [ele], o qual ocupa a posição de sujeito do verbo “it rains”, “il pleut” [chover].

Apesar de o português brasileiro não apresentar um pronome expletivo foneticamente realizado, na visão de Berlinck *et. al* (2009, p.109), isso não impossibilita considerar a ocorrência de um pronome foneticamente nulo, assim como acontece no sujeito oculto, para ocupar a posição de especificador de Flex.

Assim, teríamos para o verbo chover um ‘sujeito não argumental’ (*pro*) expletivo sem conteúdo fonético e semântico:

Quadro 35: estrutura argumental da predicação do verbo chover



Fonte: Berlinck *et. al* (2009, p.111)

Desse modo, Berlinck *et. al* (2009, p.111) afirmam que

a proposição de um pronome expletivo nulo na posição de especificador de Flexão está em consonância com a regra geral segundo a qual toda sentença tem sujeito. [...] essas reflexões mostram que a noção de sujeito não se confunde de modo algum com a de argumento externo. Nem tampouco com a de tópico. Ambas as noções são necessárias para a compreensão da estrutura sintática sentencial e desfazem o aparente paradoxo encontrado nas GTs, segundo as quais o sujeito é um termo essencial da sentença, embora haja sentenças sem sujeito.

Nessa direção, as autoras passam a considerar a presença de um sujeito pronominal [\emptyset_{expl}] em sentenças como: (1) “[...] [\emptyset_{expl}] choveu muito uma temporada quando a gente ia com o SESC.”, ainda que o verbo chover não selecione argumentos. Portanto, para as autoras, a ausência de argumentos externos não impossibilita a existência de um sujeito pronominal (BERLINCK *et. al*, 2009, p. 119, 121). Além disso, essa ‘posição vazia’ pode ainda ser ocupada por outros elementos. Em falas espontâneas, por exemplo, há uma predisposição em preencher a posição à esquerda do verbo [argumento externo], como em “São Paulo chove. O Rio faz sol”⁴. Na visão de Berlinck *et. al* (2009, p. 143, 144), isso “se deve à rejeição que se observa em PB a construções #V⁵ (com verbo em primeira posição)”.

Desse modo, Berlinck *et.al* (2009, p. 171,172) reforçam o argumento de que um pronome nulo expletivo pode ocupar o lugar de especificador do verbo, e, portanto, de sujeito sintático em sentenças com verbos climáticos e também com verbos inacusativos, tais como “It rained all day” [Choveu o dia todo] e “There came a man” [Veio um homem].

Conforme essa perspectiva, o argumento interno de sentenças com verbos inacusativos pode se mover para a esquerda do verbo, manifestando concordância e ocupando a posição de sujeito sintático, como em ‘[As cartas] chegaram’. Ou pode ainda ficar à direita do verbo, como ocorre com o argumento ‘carta(s)’ em: “ \emptyset_{expl} chegou a(s) carta(s)” e “ \emptyset_{expl} chegaram as cartas”. Nesse caso, Berlinck *et.al* (2009, p. 176) explicam que “o que se tem aqui é, como no caso dos verbos impessoais, a inserção de um pronome expletivo nulo na posição de especificador de Flexão”. Isso mostra que em ocorrências

⁴ Falas de rádio.

⁵ Kato *et.al* (1996), no âmbito do Projeto da Gramática do Português Falado, apontam a preferência na amostra analisada pelo padrão XVY, podendo X ser o sujeito. Na sua falta — isto é, se o sujeito referencial é nulo ou se o predicador não seleciona um argumento externo — qualquer outro elemento pode aparecer à esquerda do verbo, ocupando a primeira posição na sentença. Kato e Duarte (2005) atribuem a resistência a ter uma posição vazia à esquerda de V no PB à sua proeminência para o tópico, como o chinês e o japonês. (BERLINCK *et.al*, 2009, p.188).

como “Chegou as cartas”, a marca plural de “as cartas” faz referência ao pronome expletivo nulo [elas].

Com essa proposta, Berlinck *et. al* (2009) acreditam ser possível diferenciar entre a função sintática de sujeito e a função semântica de argumento externo, e ainda organizar uma descrição completa dos pronomes nulos para a posição de sujeito do português do Brasil. Desse modo, seria possível afirmar a existência de duas categorias de pronomes, de um lado os pronomes nulos referenciais (sujeito oculto), e de outro os pronomes nulos não-referenciais, com função sintática de sujeito para verbos climáticos.⁶ A distinção entre posição e argumento parece ser uma das saídas para o paradoxo da oração sem sujeito, ou “impessoalidade” do verbo climático ‘chover’. Na tese gerativista apresentada por Berlinck *et.al* (2009), não haveria sentença sem sujeito (especificamente, a posição de especificador da flexão).

Tendo visto como os estudos de língua portuguesa compreendem a sintaxe das sentenças meteorológicas, a seguir, veremos como a predicação dos verbos meteorológicos é tratada nas línguas estrangeiras.

4.2 A constituição de sentenças com predicados de fenômenos da natureza em línguas estrangeiras

Assim como na língua portuguesa, o modo de conceber os predicados meteorológicos em línguas estrangeiras também se mostra bastante diversificado. Nesse item, vamos observar a abordagem de diferentes autores, como Eriksen *et.al* (2010), (2012), (2015), os quais consideram que as línguas têm a liberdade para escolher o modo como irão representar os fenômenos da natureza. Em Halliday (2004), a predicação é representada conforme modelos de interpretação da realidade. Nessa linha, embora a partir de outros argumentos, Langacker (1991) compreende que a predicação se fundamenta no modo como o lexema ‘rain’ é interpretado. Na visão de Talmy (2000), a predicação do verbo ‘chover’ incorpora o morfema ‘chuva’ à raiz verbal. A partir da perspectiva de Talmy (2000), Meulleman e Paykin (2016) ampliam o entendimento sobre estrutura conceitual dos verbos meteorológicos, englobando diferentes verbos.

De outra forma, Stockman (2010) mostra que o uso pessoal na predicação dos verbos ‘chover’ e ‘amanhecer’ está fundamentada nos aspectos de ‘alternância causativa’ e ‘transferência de sentidos’. Já a perspectiva de Darden (1973) possibilita o entendimento

⁶ Essa proposta também se aplica a verbos existenciais e inacusativos que expressam a ordem V-S.

de que a predicação dos verbos meteorológicos tem relação com a entidade expressa pelo verbo. Levin e Krejci (2019) argumentam que os verbos de precipitação podem manifestar um ‘sujeito substância’. No ponto de vista de Roldán (2000), (2013), é possível constatar que os verbos meteorológicos aceitam a presença de um argumento com função de sujeito da predicação. Por fim, a abordagem de Ruwet (1986) possibilita a compreensão de que a predicação dos verbos meteorológicos se constitui pelo mecanismo de incorporação do sujeito pelo verbo.

Veremos agora como Eriksen *et.al* (2010), (2012), (2015) produzem uma padronização dos predicados meteorológicos em diferentes línguas.

Eriksen *et.al* (2010, p.5) compreendem que eventos meteorológicos não possuem participantes nos termos de agente e paciente, embora certos verbos possam indicar possíveis entidades participantes como “snow” (flakes) [neva flocos], “rain” (drops) [chove gotas], “hail” (stones) [graniza pedras] e “lightning” (bolts) [relampeja raios], as quais parecem estar envolvidas gramaticalmente no evento meteorológico.

No entanto, Eriksen *et. al* (2010, p. 5,6) apresentam três razões para que entidades como essas não sejam participantes gramaticais. Em primeiro lugar, essas entidades se limitam a eventos específicos. O verbo “dançar”, por exemplo, admite diferentes participantes como ‘mulher’, ‘criança’, ‘homem’, entre outros. Por outro lado, com exceção de usos metafóricos, “to snow” [nevar] e “to rain” [chover] só estabelecem relação com ‘snow’[neve] e ‘rain’[chuva]. Para os autores, essas entidades são partes do próprio evento, sendo, consideradas, portanto, como “objeto cognato”.

A segunda razão reside no fato de que não é possível especificar a entidade que participa de “to rain” [chover] ou “to snow” [nevar]. De outra forma, verbos como “prender” apresentam como sujeito, por exemplo, a entidade “policial”, a qual pode ser especificada como “policial-x” ou referenciada como “esse policial” ou “aquele policial”. A partir desse argumento, os autores consideram que, em sentenças como “That cloud will soon be raining”⁷[Essa nuvem logo estará chovendo], o participante “impróprio” ‘that cloud’ não possui as características semânticas e pragmáticas comuns aos participantes de eventos. (ERIKSEN *et.al* 2010, p. 5-7).

Nesse sentido, os autores não concordam que a entidade de verbos meteorológicos possa ser designada ou referenciada. O que confirma a ideia de que essas entidades são inerentes aos verbos. Por fim, os autores colocam como última razão o ponto de vista de

⁷(trad. finlandês: *Tuo pilvi sataa pian*).

que a função semântica, isto é, a entidade causadora desses verbos, não pode ser facilmente verificável. Por isso, afirmam que não é possível saber ao certo o que acontece, por exemplo, quando chove, ou seja, fazer uma distinção entre causa e resultado da chuva.

Posto o fato de que os verbos meteorológicos não possuem um participante agente, e que as entidades que os acompanham são classificadas como objeto cognato, Eriksen *et. al* (2012, p. 3) descrevem os eventos meteorológicos classificando-os em três tipos de predicados, considerando “o elemento que é o principal responsável pela expressão do evento meteorológico”. Desse modo, os predicados se constituem da seguinte forma: “No predicado padrão, o predicado da frase é responsável pela expressão do tempo. No argumento padrão, o argumento se refere ao evento meteorológico. Finalmente, no tipo argumento-predicado, ambos estão envolvidos”.

A partir dessa categorização de predicados, o predicado padrão dos eventos meteorológicos (ERIKSEN *et. al*, 2012, p. 4-6) se subdivide da seguinte forma:

- (1) Valência zero: o predicado meteorológico (verbo) é o único elemento obrigatório na sentença climática como em ‘pluit’[choveu].
- (2) Expletivo: O predicado do tipo expletivo requer um argumento obrigatório, um pronome ou advérbio espacial como em “the wind is blowing”⁸[o vento está soprando] e “it is cold outside”⁹ [está frio lá fora]
- (3) Intransitivo: No predicado intransitivo, há a presença de um argumento “semanticamente mais rico do que o sujeito expletivo não referencial”. Trata-se dos casos que envolvem as seguintes conjunturas: locacionais, “world rain”¹⁰[o mundo chove], temporais, “day rain”¹¹[o dia chove] e atmosféricas, “sky rain”¹²[o céu chove]
- (4) predicado transitivo padrão: integra predicados com dois argumentos, um na posição de sujeito e outro funcionando como objeto. Os autores comentam que esse tipo de predicado é raro, e apontam apenas um único exemplo: “The cumulonimbus-cloud rained half-centimetre thick hailstones”¹³. [A nuvem cúmulonimbus choveu pedras de gelo com meio centímetro de espessura”

⁸ trad. holandês: *Het waait.*

⁹ trad. dinamarquês: *Der er koldt udenfor.*

¹⁰ trad. árabe palestino: *id-dunya ti-shti.*

¹¹ trad. *Riau Indonesian: hari hujan.*

¹² trad. *Kham: Nəm wa-ke).*

¹³ trad. finlandês: *Cumulonimbus sato-i puolisenttis-i-ä rake-i-ta.*

Eriksen *et.al* (2012, p. 5) comentam que algumas línguas registram ocorrências, tais como “Jupiter rains” / “Jupiter sends rain”¹⁴, [Jupiter chove/ Jupiter envia chuva] “God thunder”¹⁵, [Deus troveja], nas quais a origem de fenômenos meteorológicos é atribuída a divindades. Essas sentenças costumam aparecer apenas em contextos que abordam o mundo sob o ponto de vista religioso.

O predicado meteorológico pode apresentar ainda uma variação no discurso, isto é, o predicado pode ser verbal ou não verbal. Nesse sentido, temos como predicado verbal ocorrências como “It is snowing”¹⁶ [Está nevando], em que o sujeito é um expletivo nulo ‘It’. Já o predicado não-verbal aparece em sentenças como “The sun is shining”¹⁷ [O sol está brilhando], na qual o predicado adverbial faz referência ao clima, sem que o argumento nominal descreva circunstâncias meteorológicas. E “Now we have frost”¹⁸ [Agora temos geada], cujo predicado apresenta um substantivo que descreve um determinado evento meteorológico (ERIKSEN *et. al*, 2012, p. 5).

A segunda categoria de predicação de eventos meteorológicos consiste no argumento padrão. Nessa categoria, o evento meteorológico é expresso pelo argumento. Conforme Eriksen *et.al* (2012, p.6-8), essa categoria pode ocorrer de três formas, com ‘argumento padrão intransitivo’, expressões meteorológicas de ‘padrão existencial’ e ‘argumento transitivo padrão’.

No argumento padrão intransitivo, a ideia do evento meteorológico está no próprio argumento conforme as ocorrências “rain falls/hits” [chuva cai/bate]. Os autores apontam que o predicado, nesses casos, é “semanticamente vago”, podendo indicar “aspecto, modo ou tempo”. Essa classe se limita, geralmente, a verbos como “go” [ir] e “fall”¹⁹ [cair]. Eriksen *et.al* (2012, p.7) comentam ainda os seguintes exemplos de argumento padrão intransitivo: (a) “The wind is blowing”²⁰[O vento está soprando] e (b) It was raining²¹ [Estava chovendo]. Em (a) o “argumento surge como um elemento semelhante ao sujeito”, tendo em vista a posição anterior ao verbo e a concordância verbal em número. Em (b) o argumento é pós-verbal, “ele se revela como sujeito ao concordar com o verbo

¹⁴ trad. *Latin: Juppiter pluit.*

¹⁵ trad. *Mari: Jumo küðərt-a.*

¹⁶ trad. *norueguês: Det snør.*

¹⁷ trad. *Volga Tatar: Kön qojash-ly.*

¹⁸ trad. *finlandês: Nyt on pakkane.*

¹⁹ Um estudo mais abrangente de verbos que “denotam chuva” foi feito, conforme os autores, por Saarinen (1997), abrangendo os verbos: *go, flow, fly, return or fall.*

²⁰ trad. *motuna: hiing ngo-wo-ito-no.*

²¹ trad. *russo: šel dožd’.*

em número e gênero”²². Para algumas línguas, esse argumento único é considerado como objeto, conforme os exemplos: “It is raining”²³ [Está chovendo] e “To begin to snow heavily” [Começou a chover forte]/“To begin to rain”²⁴ [Começou a chover]. (ERIKSEN *et.al*, 2012, p. 6,7)

As predicções integradas por expressões meteorológicas de padrão existencial são formadas a partir de um argumento, que expressa o evento meteorológico, e um verbo existencial ou cópula, como em “There is thunder in Lapland”²⁵ [Há trovões na Lapônia] e “There are clouds”./“It is cloudy”²⁶ [Há nuvens/ está nublado]. (ERIKSEN *et. al*, 2012, p. 7,8)

No argumento transitivo padrão, as sentenças são compostas por predicados de dois argumentos. Essa categoria, conforme os autores, é rara e representa casos como “The sun is shining”/ “The sun has illuminated the world”²⁷[O sol está brilhando/O sol iluminou o mundo]. Conforme os autores, também fazem parte da classe argumento transitivo padrão os verbos transitivos: “give” [dar], “do” [fazer], “put” [colocar], “throw” [lançar], “bring” [trazer], “drive” [dirigir] e “have” [ter]²⁸, quando remetem ‘chuva’. No entanto, afirmam que esses verbos não funcionam como nas construções transitivas prototípicas, tendo em vista que apresentam a estrutura ‘ V + NP ’ ou ‘ Pron. + V + NP ’. Além disso, essas estruturas não comportam “argumentos semanticamente distintos”. (ERIKSEN, *et.al* 2012, p. 8).

A terceira categoria comporta construções de eventos meteorológicos do tipo argumento-predicado padrão. E apresenta sentenças nas quais verbo e argumento expressam o mesmo conteúdo, ao modo das estruturas de objeto cognato, como em “There is rain raining”²⁹ [Há chuva chovendo] e “It is raining thin rain”³⁰ [Está chovendo uma chuva fina] (ERIKSEN *et.al*, 2012, p.8).

Eriksen *et.al* (2012, p.9-12) produzem ainda uma classificação dos eventos meteorológicos conforme o tipo de evento. Nesse sentido, os eventos podem ser codificados em eventos dinâmicos com ou sem precipitação, e eventos estáticos,

²² Em referência ao russo: *šel' dožd'*

²³ trad. grego: *rixni vroxi*.

²⁴ trad. North sami: *Dahka-t borgga / arvvi*.

²⁵ trad. finlandês: *Lapi-ssa on ukkos-ta*.

²⁶ trad. Gungbe: *Akpokpo tin*

²⁷ trad. Northern Akhvakh: *Miži-de gōšwel-āri duna*

²⁸ Cf. o estudo de Saarinen (1997).

²⁹ trad. Erzya: *piz'eme piz'i*.

³⁰ trad. grego: *vréxi psilh' vroxi*.

abrangendo fenômenos atmosféricos, de temperatura, e condições de luz e brilho do sol, conforme o quadro abaixo:

Quadro 36: tipologia de eventos climáticos

Tipos de eventos		Exemplos
Eventos dinâmicos	precipitação	Rain /Snow/Hail/ Sleet [Chuva / neve / granizo / geada]
	não-precipitação	Thunder/Lightning/Wind [Trovão / Raio / Vento]
Eventos estáticos	atmosféricos/temperatura condições de luz	Cold temperature [Temperatura fria] Warm temperature [Temperatura morna] Hot temperature [Temperatura quente] Humid atmosphere [Temperatura humida]
	brilho do sol	Daylight/ Darkness/ Sunshine [Luz do dia/escuridão/ brilho do sol]

Fonte: Eriksen *et.al* (2012, p.9)

Considerando esse quadro, os autores explicam que, em relação aos eventos dinâmicos, todos os eventos meteorológicos de precipitação, fenômeno “cognitivamente saliente e facilmente percebido”, podem ser codificados tendo em vista os três tipos de predicados descritos acima: (1) predicado padrão, (2) argumento padrão e (3) padrão argumento-predicado. De acordo com autores, os eventos com precipitação podem apresentar ainda o padrão predicado generalizado, o qual se constitui pela associação entre os tipos (1) e (2). Nesse sentido, Eriksen *et.al* (2012, p.10,11) estabelecem que fazem parte do tipo (1) sentenças como “walk snow”³¹[está nevando] e “rain come”³²[está chovendo]. O padrão (2) pode ser representado por “rain”³³[choveu] e rain

³¹ trad. Russo: Idët sneg.

³² trad. Koreano: pi-ka o-nta .

³³ trad. North Sami: arvá.

snow³⁴[choveu neve]. E a categoria (3) abrange ocorrências como “rain rain”.[chove chuva]³⁵

O predicado generalizado, por sua vez, decorre de casos como “rain water” [It’s raining/chove água](trad. finlandês: sataa vettä), no qual ‘saata’, “verbo de movimento que significava ‘cair’, adquiriu um novo significado: precipitar. Dessa maneira, em finlandês, esse verbo passa a ser exigido em todas as construções que fazem referência à precipitação, como em sataa lun-ta→ “rain snow” [it’s snowing/chove neve] e sataa rake-i-ta→ “rain hail” [It’s hailing/ chove granizo]. (ERIKSEN *et.al*, 2012, p.12).

Entre os eventos dinâmicos, há aqueles que não tratam de precipitação, tais como “trovejar”, “ventar” e “relampejar”. Conforme Eriksen *et.al* (2012, p. 13-14), esses eventos meteorológicos não possuem um padrão de codificação semelhante ao da precipitação. Em norueguês, por exemplo, foram encontradas apenas ocorrências de predicado padrão, como “Det tordn-a” [It thunder//Thunder cracked/clapped →troveja//O trovão estalou e bateu palmas], “Det lyn-te” [It lightning //Lightning flashed → É relâmpago/ O Relâmpago brilhou] e “Det blås-te” [it blow//Wind blew→ soprou/ O vento soprou]. Já em línguas como o Swahili e o coreano são encontradas apenas ocorrências do argumento padrão. Isto é, um argumento nominal que denota o evento meteorológico em conjunto com um verbo de significado modificado, como em “Dhoruba i-li-to-k-e-a” [Storm give/take //Storm happened /appeared →Obter/receber tempestade// Tempestade acontece/aparece] e “Radi hu-ngurum-a” [thunder roars //It is thundering→ O trovão ruge/está trovejando]³⁶.

Nessa direção, Eriksen *et.al* (2012) argumentam que as diferenças na codificação dos eventos dinâmicos estão relacionadas ao fator semântico. A precipitação, por exemplo, pode ser percebida pelos sentidos da visão, audição e tato. Além disso, a precipitação é o único tipo de evento no qual mais de uma substância pode cair do céu. Por outro lado, o trovão e o relâmpago, por exemplo, são respectivamente captados apenas pela audição e visão.

Sobre as condições dos eventos meteorológicos estáticos, Eriksen *et.al* (2012, p.14,15) explicam que as circunstâncias atmosféricas/ de luz ou de temperatura como “it is hot” [está quente] e “it is humid/dry” [está úmido/seco] são geralmente representadas pelo predicado padrão. Os autores comentam que os eventos estáticos, em comparação

³⁴ trad. *Choctaw*: Óba-cha oktosha-h,

³⁵ trad. *Mwotlap*: Na-smal me-smal.

³⁶ Ocorrências da língua Swahili.

aos demais eventos meteorológicos, são a categoria que mais emprega o predicado padrão, considerando o tipo do predicado padrão que cada língua seleciona:

- (1) padrão impessoal atransitivo: “become warmer //It is getting warmer³⁷” [Ficar mais quente// Está ficando mais quente];
- (2) padrão expletivo: “It become cold//It is getting colder³⁸” [ficou frio// Está ficando mais frio];
- (3) padrão intransitivo: “hot day//it is hot³⁹”[dia quente//está quente].

Por fim, os eventos estáticos que descrevem o brilho do sol são, conforme Eriksen *et.al* (2012, p. 16), codificados pelo argumento padrão ou padrão argumento-predicado, como mostram os exemplos: “sun shine”⁴⁰ [sol brilha] e “the sun is shine”⁴¹[o sol está brilhando]. Nesse sentido, a codificação do brilho de outros astros também se assemelha ao brilho do sol, tal como em “The moon is shining” // “The stars are shining” [A lua está brilhando // As estrelas estão brilhando] e “The moon was shining through the window into the house”⁴² [A lua estava brilhando pela janela da casa].

A partir desse panorama, Eriksen *et. al* (2012, p. 16) buscaram demonstrar como diferentes idiomas codificam o clima, tendo em vista três padrões: predicado padrão, argumento padrão e padrão argumento-predicado. Nessa direção, os autores afirmam que, embora “os eventos meteorológicos careçam de participantes adequados, “a linguagem tem a ‘liberdade de escolher’ tipos diferentes de construções sintáticas e / ou semânticas para codificar eventos climáticos”.

De acordo com Eriksen *et.al* (2012, p. 17), o quadro a seguir ilustra a correlação entre os tipos de eventos e os formatos de codificação dos fenômenos meteorológicos:

³⁷ trad. *Serbian: postaje toplije.*

³⁸ trad. *Dutch: Het wordt koud-er.*

³⁹ trad. *Malagasy: mafana ny andro.*

⁴⁰ trad. *Northern Akhvakh: miłi hwar-ari .*

⁴¹ trad. *Kina e-anga: East Mekeo.*

⁴² trad. *finlandês: Kuu paisto-i ikkuna-sta sisään.*

Quadro 37: Correlações entre tipos de eventos e formatos de codificação.

Tipos de eventos		Exemplos	Codificação
Eventos dinâmicos	precipitação	Rain [chuva]	padrão argumento
		Snow [neve]	padrão predicado padrão
		Hail [granizo]	padrão argumento-predicado
		Sleet [chuva de neve/granizo]	padrão predicado de precipitação generalizada
	não-precipitação	Thunder [trovão]	padrão argumento
		Lightning [relâmpago]	padrão predicado
		Wind [vento]	padrão argumento-predicado
Eventos estáticos	atmosféricos/ temperatura/ condições de luz	Cold temperature [Temperatura fria]	Predicado padrão(tendência)
		Warm temperature [Temperatura morno]	
		Hot temperature [Temperatura quente]	
		Humid atmosphere [Humidade atmosférica]	
	brilho do sol	Daylight [Luz do dia]	padrão argumento padrão argumento-predicado
		Darkness [Escureidão]	
		Sunshine [Brilho do sol]	

Fonte: Eriksen *et.al* (2012, p. 17)

Considerando a afirmação de que os eventos meteorológicos não possuem “participantes adequados” para os papéis de agente, paciente e experienciador, Eriksen *et. al* (2015) argumentam que os sintagmas nominais funcionam como sujeitos em construções que expressam eventos meteorológicos, tendo em vista o padrão de codificação dos predicados meteorológicos descritos em Eriksen *et.al* (2012). Nesse sentido, os sintagmas nominais passam a se comportar como sujeito em ocorrências como ‘it’ → sujeito expletivo de “it snow” [neva] e ‘day’ → sujeito lexical de “day rain” [dia chove].

Para os autores, o modo como as línguas se organizam gramaticalmente se constitui como fator determinante para a constituição de predicados meteorológicos. Portanto, Eriksen *et.al* (2015, p. 22) afirmam: “mesmo nos casos em que faltam os elementos necessários para um padrão ‘sujeito-predicado’ típico, as línguas tendem a criar essa estrutura a partir de outras fontes na gramática e / ou no léxico”.

Na abordagem de Eriksen *et.al* (2010), (2012), (2015), observamos uma ampla categorização dos fenômenos meteorológicos, não só de ordem verbal, mas também de ordem nominal. Embora esses autores considerem que os verbos meteorológicos não

apresentam um participante agente, afirmando que as entidades ligadas ao verbo exercem a função de objeto cognato, vimos, por exemplo, que as sentenças formadas por predicado transitivo padrão (1º categoria) são compostas por dois argumentos distintos.

Isso nos leva a questionar: Qual seria o papel desses argumentos na sentença? Além disso, no predicado intransitivo (categoria 1º), o que seria um argumento ‘semanticamente mais rico do que o sujeito expletivo não referencial’? A conclusão dos autores é a de que, mesmo não havendo participantes adequados, a heterogeneidade gramatical e lexical das línguas permite que os sintagmas que acompanham os verbos meteorológicos possam funcionar como sujeito. Na nossa visão, além da excepcionalidade de ‘usos metóricos’, essa ‘resposta’ se mostra pouco produtiva tanto do ponto de vista sintático como semântico.

Observamos que a classificação de objeto para unidades nominais associadas a verbos meteorológicos será refutada em abordagens posteriores.

Na sequência, veremos como Halliday (2004) concebe a predicação dos verbos meteorológicos, tendo em vista o movimento de interação MODO.

Nessa direção, Halliday (2004, p. 113, 114) aponta que o elemento ‘it’ em “it’s raining” [está chovendo] funciona como sujeito no inglês moderno. Isso ocorre devido ao fato de que, no desenvolvimento da interação, o ‘it’ integra o Modo com a função de sujeito gramatical. Contudo, essa entidade não representa um participante do processo de ‘chover’, isto é, essa cláusula não aponta o envolvimento da experiência humana em tal evento.

No entanto, o sujeito ‘it’ é necessário para que se estabeleça, no ato de comunicação, uma diferenciação entre uma afirmação e uma interrogação: “it’s raining” / “is it raining?” [está chovendo/ está chovendo?]

Essa afirmação pode ser observada no quadro a seguir, o qual demonstra como sujeito +operador finito conjugam o MODO, em sentenças de verbos de fenômeno da natureza:

Quadro 38: sujeito e finito

Sujeito				
finito				
It	's	not going to rain	Is	it?
-Não vai chover			-Vai?	

Fonte: Halliday (2004, p.114)

Em relação à afirmação de que esses verbos não possuem participantes humanos, Halliday (2004, p. 175) argumenta que a representação simbólica da experiência humana é constituída de três aspectos: “(1) um processo que se desenrola com o tempo; (2) os participantes envolvidos no processo; (3) circunstâncias associadas ao processo. Esses elementos se organizam para compor modelos de interpretação da realidade. Para Halliday (2004), quando vemos um pássaro voando no céu, esse movimento é captado pela nossa fala e pela interpretação do evento que estamos observando. Assim, nós atribuímos significado para essa experiência ao dizer algo como “Pássaros estão voando no céu”. Nessa direção, essa cláusula apresenta um processo realizado pelo grupo verbal “estar voando”, um participante inerente ao processo de voar, “pássaros”. E uma circunstância espacial “no céu”. A partir dessa configuração semântica, é possível dizer que “algo está voando”, “um pássaro”, “um avião”, “um balão” entre outros. Dessa mesma forma, Halliday (2004) considera que é possível dizer “está chovendo” sem se especificar os componentes dessa experiência.

Em relação a “chover”, Halliday (2004, p. 175) afirma que há dialetos do idioma chinês em que a ‘chuva’, enquanto queda de água, é representada por sentenças como “o céu está caindo água”. Contudo, Halliday (2004, p. 175) afirma que, no inglês, fenômenos meteorológicos como “it’s raining” [está chovendo], “it’s snowing” [está nevando]] não podem ser analisados conforme a configuração: processo, participante e circunstância. Conforme Halliday (2004), isso não se aplica, por exemplo, a “the wind’s blowing” [o vento está soprando], em que ‘the wind’s’ participa do processo de ‘blowing’, haja vista que, no inglês, não há ocorrência de “it’s winding” [está ventando], ocorrência de uso comum no português. Nessa direção, Halliday (2004, p. 178) explica que, conforme a sentença, a chuva pode ser compreendida tanto como processo (fenômeno centrado no verbo), na forma “it’s started to rain again” [começou a chover de novo], ou como participante (fenômeno centrado no substantivo), conforme “the rain’s started again” [a chuva começou de novo].

De toda forma, Halliday (2004) considera que os verbos meteorológicos apresentam um processo. No entanto, esses verbos não possuem transitividade, pois não é possível, tendo em vista a ocorrência “it’s raining”, perguntar, por exemplo, “o que está chovendo?”, motivo pelo qual esses verbos não podem ser Tema de predicado, ou seja, não é possível identificar um Tema ou Rema. (HALLIDAY, 2004, p.178). Além disso, os verbos em geral apresentam, conforme Halliday (2004, p. 284, 288), um elemento chamado “meio”, o qual dá existência e atualiza o processo realizado pelo verbo. Nesse

sentido, o “meio” equivale à função objeto direto de um verbo transitivo. De acordo com Halliday (2004), no exemplo “I am going to send a great flood” [Eu vou enviar uma grande inundação], o grupo nominal ‘great flood’ atualiza o processo do grupo verbal ‘going to send’, tendo em vista a atuação de um participante externo “I” na execução do processo verbal.

Halliday (2004, p.289) explica que o “meio” é exigido em todas as ocorrências nas quais há um processo realizado pelo verbo. Entretanto, o autor afirma ainda que os processos meteorológicos como “it’s raining” [está chovendo] não apresentam um meio. Nesses casos, “seria mais correto dizer que aqui o meio está combinado com o processo”.

Em Halliday (2004), foi possível observar que os verbos meteorológicos são verbos que exprimem um processo sem participantes agentes. Desse modo, o sujeito ‘it’ tem apenas a função gramatical de diferenciar uma pergunta de uma afirmação, na interação entre falantes. Além disso, esses verbos não apresentam um ‘meio’ com a função de atualizar o processo verbal. Para Halliday (2004), o meio parece estar integrado ao processo. Para alguns autores, o meio poderia ser visto como um objeto, Perini (2010), ou como um objeto cognato, Eriksen *et. al* (2012).

Destacamos ainda que, para Halliday (2004), os modelos de interpretação da realidade, com base na experiência humana, é que nos permite dizer frases como ‘it’s raining’, ainda que o agente humano não seja parte do processo de ‘chover’. Nesse ponto, observamos que Roldán (2000), (2013) concebe a experiência humana de modo distinto ao de Halliday (2004), como veremos adiante. Para essa autora, o agente humano pode participar da predicação de verbos meteorológicos como um argumento META.

O fato da perspectiva de Halliday (2004) produzir foco no exemplo ‘it’s raining’ deixa sem explicação diversas ocorrências com o verbo ‘chover’ como ‘rain rains’ ou ainda ‘it’s raining a big drops’, debatidas por Langacker (1991), a seguir. Além disso, não fica claro se essa abordagem se aplica aos demais verbos meteorológicos, como ‘chover’, ‘ventar’ e ‘nevar’.

Na sequência, veremos como Langacker (1991) explica a predicação dos verbos meteorológicos.

Langacker (1991, p.365) considera que a dinâmica de distribuição do conteúdo conceitual, pela relação entre trajetória e marco, é importante para compreender expressões meteorológicas. Nesse sentido, o autor argumenta que em sentenças como “it’s raining a big drops” [está chovendo grandes gotas], o nominal ‘big drops’ não se constitui como objeto de ‘it’s raining’. Além disso, ‘big drops’ também não pode ser sujeito, tendo em

vista que essa sentença não pode ser apassivada: “big drops are being rained by it” [grandes gotas estão sendo chovidas por ele].

Isso mostra que, ‘rain’ e ‘snow’ [chuva e neve], por exemplo, são fenômenos experienciais que, conforme Langacker (1991, p.366, tradução nossa),

não necessitam de uma divisão clara entre estabelecimento, processo e participantes distintos [sujeito e objeto] que ditariam sua codificação por cláusulas com um tipo específico de organização léxico-gramatical.⁴³

No entanto, o modo de interpretar o lexema ‘rain’ [chuva] pode indicar a qual classe gramatical esse nominal pertence: verbo ou substantivo. Em ocorrências como “It’s rain fall” [chuva caindo], que tratam do processo de queda de água do céu, ‘rain’ será um verbo, na construção de língua inglesa. Por outro lado, será um substantivo nos casos em que represente água, tal como “some rain came through the window” [alguma chuva entrou pela janela], ou ainda quando se tratar de uma representação abstrata da reificação do processo, como em “the rain continued” [a chuva continuou]. Nessa direção, “rain falls” [chuva cai] apresenta a concepção de um fenômeno meteorológico, sendo “It falls rain” [ela cai chuva] apenas uma variação do cenário pela inserção do sujeito gramatical ‘it’. Já em ‘rains is’/ ‘rain goes’ [chuva é/chuva vai], as formas verbais do verbo *to be* e *to go* predicam a existência do sujeito [rain]. De todo modo, Langacker (1991, p. 366) afirma que ‘rain’ “transmite o conteúdo semântico essencial com qualquer um de seus sentidos nominais, produzindo uma concepção coerente”.

Conforme Langacker (1991, p. 366), a predicação com o verbo chover ocorre de dois modos. No inglês, ocorrências como ‘it’s raining’ [está chovendo], o ‘it’ age como um “manequim sintático” de função unicamente gramatical. No espanhol, o verbo pode aparecer de forma isolada, como em “llueve” [chove]. Esses casos são considerados tradicionalmente como predicados de lugar zero, isto é, predicados sem expressão do sujeito.

Nesse sentido, conforme a gramática cognitiva, Langacker (1991, p. 366, 367) prevê que a predicação processual, nos casos de verbos meteorológicos, não apresenta uma trajetória, isto é, não destaca uma entidade como a responsável pela ativação do processo verbal. Portanto, em “it’s raining” [está chovendo], e “llueve” [chove] não há uma entidade participante como agente modificadora da “posição das gotas de água ao

⁴³ they lack the clear-cut division into setting, process, and discrete participants that would dictate their coding by clauses with a particular type of lexico-grammatical organization.

longo do tempo e do eixo vertical”. Ou seja, os verbos meteorológicos não podem ser explicados de acordo com os aspectos do alinhamento cognitivo da relação entre trajetor e marco. De outra forma, Langacker (1991, p.366) admite que, quando “água” é interpretada como participante, e, portanto, como sujeito, conforme “rain rains” [chove chuva], ocorre o que o autor chama de sujeito cognato, “no qual o sujeito e o verbo transmitem redundantemente o mesmo conteúdo conceitual”.

A concepção de ‘conteúdo semântico conceitual’ expresso pela relação entre o trajetor e o marco é fundamental para a compreensão de que verbos meteorológicos como ‘chover’ não apresentam uma entidade encarregada pela ativação do processo verbal. De acordo com Langacker (1991), é o lexema ‘rain’ que carrega o conteúdo semântico essencial, quando acompanhado pelas formas verbais de *to fall* e *to go*, por exemplo. Isso é o que permite que, em casos com ‘rain rains’, haja a ocorrência de sujeito cognato, levando a uma visão centrada apenas numa redundância. Nela, a noção de cognato explica apenas parcialmente as ocorrências. Em português, a questão requer uma abordagem mais ampla, tendo em vista que são atestáveis ocorrências com ‘entidade participante’ como em “Deus choveu bençãos sobre o seu povo⁴⁴”. Pelo exposto, observamos ainda que, exceto pela concepção de sujeito cognato, a abordagem de Langacker (1991) se aproxima da de Halliday (2004).

A seguir, veremos como Talmy (2000) e Zaefferer (2002) compreendem o evento de movimento na predicação do verbo ‘chover’. Além disso, apresentaremos o estudo de Meulleman e Paykin (2016), o qual produz uma nova compreensão para o evento de movimento dos verbos meteorológicos.

Talmy (2000) considera que o evento de movimento do verbo ‘chover’, enquanto deslocamento de gotas de água numa determinada direção, segue padrão tipológico de conflação Movimento + figura, no qual o verbo e a figura externam o movimento em direção ao terreno, sendo a figura integrada à raiz do verbo. Nesse sentido, Talmy (2000, p.57) explica que os verbos como “to spat” (agentivo) e “to rain” (não-agentivo) são exemplos desse tipo de conflação, na qual o morfema participa da significação verbal. Desse modo, nas ocorrências “It rained in through the bedroom window” e “I spat into the cuspidor”, as figuras ‘rain’ e ‘spit’ estão, respectivamente lexicalizadas nos verbos ‘to rain’ e ‘to spat’. Essas ocorrências equivaleriam, no português, a sentenças como ‘choveu uma chuva pela janela do meu quarto’ e ‘Eu cuspi um cuspe na cuspeira’.

⁴⁴ Dicionário Houaiss.

Em conformidade com essa posição, Zaefferer (2002, p.40) afirma que o verbo ‘chover’ contém um evento de movimento, no qual uma entidade (gotas de água) desenvolve uma atividade de movimento através de um caminho, limitado pela fonte (local de onde partem as gotas de água), numa determinada direção. Essa compreensão permite que o verbo ‘chover’ apresente as seguintes concepções: “To fall in drops of water from the clouds” [Cair gotas de água das nuvens]; “Water condensed from atmospheric vapor and falling in drops” [Água condensada do vapor atmosférico caindo em gotas]; “Drops of water falling from the clouds” [Gotas de água caindo das nuvens]; “To fall in drops of water from the clouds” [Caindo em gotas água das nuvens].

Meulleman e Paykin (2016), com base em Talmy (2000), realizam um estudo da estrutura semântica dos verbos meteorológicos, observando se a estrutura conceitual do verbo “to rain” [chover], enquanto um verbo de movimento, pode ser aplicada aos demais verbos meteorológicos, tendo em vista que autores como Talmy (2000) e Jackendoff (1983) abordam apenas verbos de precipitação como “to rain”, sem explicar os demais verbos meteorológicos.

Em relação ao verbo “to rain”, Meulleman e Paykin (2016, p. 2-4) mostram, conforme Jackendoff (1983, p.185), que o evento de movimento incorpora uma ‘coisa’ (chover) através de um ‘caminho’ (para baixo): [*Event*GO ([*Thing*RAIN], [*Path*DOWNWARD])]. Diferentemente de Jackendoff (1983), que trata apenas do verbo chover, as autoras acreditam que essa estrutura conceitual se aplica a todos os verbos de precipitação. Nesse sentido, Meulleman e Paykin (2016, p. 2-4) afirmam ainda que, por analogia, essa proposta também pode se aplicar a “to thunder” e “to lightning”, pois o evento de aparecimento incorpora uma coisa (barulho/luz) através de um caminho (trajetória de uma descarga): [*Event*APPEAR ([*Thing*NOISE/LIGHT], [*Path*DISCHARGE TRAJECTORY])]. De outro modo, Talmy (2000), de acordo Meulleman e Paykin (2016), analisa o verbo *to rain* com base nos padrões semânticos de confluência se concentrando em explicar os “padrões de lexicalização de eventos de movimento usados em várias línguas”. No entanto, a abordagem do autor não produz uma análise específica sobre o verbo ‘to rain’.

Para Meulleman e Paykin (2016, p. 4, 5), os verbos meteorológicos se constituem como verbos de movimento autônomo⁴⁵, uma vez que não é possível conceber um agente no “uso atmosférico” desses verbos. No entanto, as autoras dizem que esse movimento

⁴⁵ No sentido de movimento independente, não agentivo.

pode ser observado nas entidades como “rain” “snow”, “hail” e “drizzle” etc [chuva, neve, granizo e garoa], as quais implicam num “movimento de uma entidade, ou seja, água sob qualquer forma de condensação, ao longo de um CAMINHO do céu em direção à terra.” Esse movimento pode ainda ser concebido pelo arranjo entre um substantivo que expressa a substância e um verbo de movimento como *to go* ou *to fall*, como em “goes / falls hail” [vai/cai granizo]. Nessa direção, afirmam ainda que “recentemente, Bleotu (2012) estendeu explicitamente a estrutura conceitual “FALL SOMETHING” para todos os verbos meteorológicos”. (MEULLEMAN E PAYKIN, 2016, p. 4)

Observamos que essa visão Meulleman e Paykin (2016), na qual os verbos meteorológicos apresentam uma mesma estrutura conceitual, vai ao encontro da concepção de que esses verbos possuem um único referencial histórico, conforme o conceito desenvolvido por Dias (2018), (2022), o qual será aplicado na abordagem que empreenderemos sobre a predicação autonômica.

Os verbos meteorológicos constituem uma classe bastante heterogênea ao denotar eventos de movimento que, na visão de Meulleman e Paykin (2016, p.15, tradução nossa), podem ser orientados vertical ou horizontalmente, unidirecionais ou multidirecionais, ou mesmo sem qualquer direção, dinâmicos ou não dinâmicos. Além disso, podem envolver uma ou várias substâncias ou nenhuma substância⁴⁶.

Considerando essa perspectiva, as autoras dizem que “se os eventos de precipitação parecem se comportar como eventos de movimento, surge a questão se isso também se aplicaria a outros fenômenos atmosféricos”. Nesse sentido, a ocorrência “The wind fell” [O vento caiu], na qual o fenômeno meteorológico é expresso pelo substantivo ‘wind’ + ‘fell’, não parece apresentar um caminho, mas sim uma restrição da força do vento, uma vez que não é possível identificar a orientação do movimento. (MEULLEMAN E PAYKIN, 2016, p. 6).

Meulleman e Paykin (2016) observam ainda que alguns verbos expressam fenômenos atmosféricos estacionários, envolvendo figuras como ‘dew’, ‘black ice’, ‘hoarfrost’ e ‘fog’ [orvalho, gelo negro, geada e nevoa], em ocorrências “There is dew”, na qual ocorre apenas a expressão da substância. Além disso, nos verbos que constituem predicados de temperatura, como em “it freezes” / “it appears partitive ice” [congela/parece gelo partitivo], não é possível identificar nenhuma figura ou movimento.

⁴⁶ they can be vertically or horizontally oriented, one- or multi- directional, or even without any direction at all, dynamic or non-dynamic. Moreover, they can involve one or several substances or no substance at all.

Portanto, as autoras concluem que “a classe dos verbos meteorológicos é bastante heterogênea no que diz respeito à sua estrutura conceitual”. (MEULLEMAN E PAYKIN, 2016, p. 6,7).

Com base em Jackendoff (1983) e Talmy (2000), Meulleman e Paykin (2016, p. 8) comentam que, assim como verbo “to rain” tem a propriedade de incorporar a figura à raiz verbal, ou expandi-la, constituindo o que vários autores chamam de sujeito cognato, a expansão do sintagma nominal que ocorre em “It was raining little cold rain” [Chovia um pouco de chuva fria] não pode ser aplicada a todos os verbos. Esse é o caso de “A cold late October wind is blowing”⁴⁷[Um vento frio de final de outubro está soprando]. Na visão das autoras, essa ocorrência causa estranhamento, além de ser agramatical. No entanto, ocorrências como essa são perfeitamente possíveis no português, como em “Está ventando um vento frio do fim de outubro”.

Meulleman e Paykin (2016, p.9,10) observam ainda que os verbos de precipitação podem ainda expandir substâncias diferentes das que são incorporadas pela raiz verbal, como em “It was raining melted snow” [Estava chovendo neve derretida]. Contudo, isso não pode ser aplicado a todas as ocorrências, tal como “there thunders a heavy rain” [troveja uma chuva forte]. Essa constatação mostra que é questionável a afirmação de que os verbos de precipitação incorporam a figura. Nessa direção, quando um verbo de precipitação é usado na sua forma metafórica, como em “It was raining bullets” [estava chovendo balas], as autoras se perguntam: “o que então está codificado na raiz verbal?”.

Para as autoras, os usos dos verbos metafóricos podem ser melhor explicados considerando a MANEIRA como o objeto ou entidade abstrata cai. Conforme os exemplos:

Quadro 39: usos metafóricos de verbos de precipitação

(1) “The book thundered down.” ⁴⁸ [O livro trovejou.]	(3) “The general thundered a few commands towards the soldiers.” [O general trovejou alguns comandos para os soldados.]
(2) “He stormed into / out of / through the room.” [Ele entrou/atravessou a sala como uma tempestade.]	(4) “His eyes flashed of anger” ⁴⁹ [Seus olhos brilharam de raiva.]

Fonte: autoria própria

⁴⁷ trad. francês: “Il vente un vent froid de fin d’octobre”.

⁴⁸ trad. holandês: “Het boek is naar beneden gedonderd”.

⁴⁹ trad. espanhol: “Sus ojos relampagueaban de cólera”.

Meulleman e Paykin (2016, p. 10-12) explicam que em (1) o verbo *trovejar* está sendo usado para expressar o barulho da queda de um objeto, isto é, o verbo incorpora a maneira como este objeto cai e não da figura ‘book’. Em (2), o verbo ‘storm’ denota a forma ‘descontrolada’ como a entidade *He* entra/sai de um determinado ambiente ‘room’. Em (3), o verbo ‘thunder’ exprime a maneira estrondosa de falar. Já em (4), o verbo ‘flash’ expõe a luminosidade da entidade ‘eyes’. Desse modo, as autoras afirmam que os verbos meteorológicos nessas quatro ocorrências expressam claramente uma MANEIRA, portanto, “surge a questão de saber se não devemos analisar predicados meteorológicos em geral como verbos que combinam MOVIMENTO e MANEIRA em vez de MOVIMENTO e FIGURA”. (MEULLEMAN; PAYKIN 2016, p. 10-12).

Nessa direção, Meulleman e Paykin (2016, p. 9-12) argumentam ainda que os verbos meteorológicos podem apresentar uma figura, vinculada ao verbo, diferente daquela que “supostamente” está agregada à raiz verbal, como em “It rained hailstones” [Choveu granizo]. Por outro lado, conforme o exemplo “it snows huge drops of rain” [Neva enormes gotas de chuva], a FIGURA ‘drops of rain’ não pode ser compatível com a MANEIRA expressa pelo verbo ‘snows’. Nesse caso, a substância agregada à raiz verbal é ‘neve’, e não ‘chuva’. De modo semelhante, Turazza (2002) explica que o verbo “chover”, por exemplo, pode englobar tudo o que “cai ou parece cair como chuva”, tal como em “Choveu maná no deserto”, em que o lexema “maná” marca a atividade atancial do verbo, isto é, os “atores” pressupostos pelo verbo: sujeito e objeto.

Portanto, Meulleman e Paykin (2016) afirmam que os verbos meteorológicos, no uso atmosférico ou metafórico, são verbos de movimento que expressam MANEIRA, em vez de FIGURA, como proposto por Talmy (2000). A tese da predicação autonômica que pretendemos desenvolver nesse trabalho se aproxima dessa visão de Meulleman e Paykin (2016), no sentido de que os empregos semânticos dos verbos meteorológicos não devem ser analisados de maneira distinta. No entanto, do nosso ponto de vista, não há mudança no estatuto lexical do verbo em ocorrências como ‘Choveram pedras de gelo’ e ‘Choveram críticas’, em ambos os casos ‘chover’ se constitui como um verbo de predicação autonômica.

No próximo item, vamos observar como Stockman (2010) aborda o uso pessoal dos verbos ‘chover’ e ‘amanhecer’, no espanhol.

Stockman (2010) desenvolve um estudo sobre a atuação sintática dos verbos ‘chover’ e ‘amanhecer’, observando o modo como se comportam os sintagmas nominais

selecionados por esses verbos. Para a autora, a “origem do uso pessoal” tem fundamentos numa visão formal e diacrônica.

Do ponto de vista formal, Stockman (2010, p. 33) argumenta que a origem da expansão do verbo ‘chover’, isto é, dos sintagmas nominais que acompanham esse verbo, está na conversão do acusativo em nominativo, numa “transferência de sentidos a outras substâncias ou objetos em certos tipos de movimentos análogos⁵⁰”.

Essa afirmação é ilustrada por meio dos exemplos do seguinte quadro:

Quadro 40: conversão do acusativo em nominativo

<p>(1) Gotas de lluvia caen. [Gotas de chuva caem.]</p> <p>(1) se converte em (2):</p> <p>(2) Piedras caen. [Pedras caem.]</p> <p>(2) que muda para (3):</p> <p>(3) Llueve piedras. [Chove pedras.]</p> <p>O objeto direto ‘piedras’ em (3), posteriormente, pode resultar em sujeito ‘piedras’ em (4):</p> <p>(4) Llueven piedras. [Chovem pedras.]</p>

Fonte: autoria própria

Conforme Stockman (2010, p.11), a expansão do verbo chover também pode ser explicada pela perspectiva da “alternância causativa”, a qual ocorre quando um objeto direto (acusativo) se transforma em nominativo (versão inacusativa do verbo), como em “Juan rompió el vaso” / “El vaso se rompió” [Juan quebrou o vaso/ O vaso quebrou]. Com base nessa concepção de alternância causativa, a autora afirma que, em ocorrências como “Su boca llovía injurias” [Sua boca chovia injúrias], o objeto direto ‘injurias’ pode vir a ser uma expansão do verbo em “llueven [injurias]” [chovem injúrias]. (STOCKMAN, 2010, p.34).

Para a autora, sentenças como “Los dioses no llueven⁵¹” [Os deuses não chovem], a qual expressa um argumento externo religioso como causa para o fenômeno ‘chover’, são responsáveis pela existência de ocorrências “Su boca llovía injurias”. Nessa direção, Stockman (2010) explica que a sentença apresenta um sujeito ‘su boca’ e um objeto ‘injurias’. Desse modo, Stockman (2010) considera que a expansão abstrata ‘injurias’ “tem o valor de tema e que a alternância causativa, em conjunto como a concordância

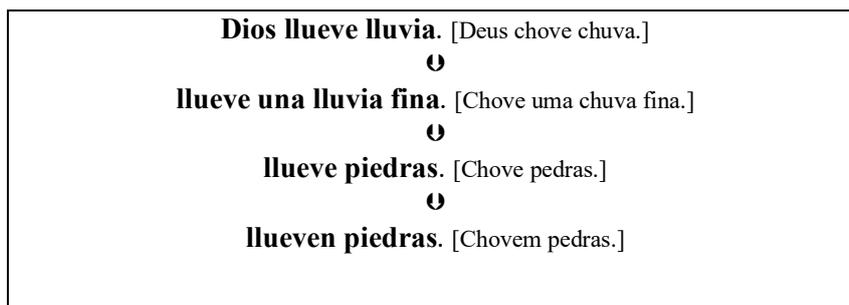
⁵⁰ Cf. Vivas (1977, p.66)

⁵¹ Cf. Dabène (1985)

entre o sintagma nominal e o verbo, podem explicar a origem do uso pessoal dos verbos de fenômenos naturais.” (STOCKMAN, 2010, p.34).

Com base na alternância causativa e na possibilidade de expansão de sentidos, Stockman (2010, p. 34, 35) afirma ser possível perceber como a sentença “Dios llueve lluvia” dá origem às demais, conforme a sequência exposta no quadro a seguir:

Quadro 41: expansão de sentidos do verbo chover



Fonte: autoria própria

De acordo com Stockman (2010, p.35), a expansão de sentidos do verbo ‘chover’ se vincula ainda a duas hipóteses⁵². A primeira está relacionada ao objeto direto do verbo “haver”. Conforme os exemplos (a) “Hay piedras” [Existem pedras] e (b) “Hay una lluvia de piedras” [Há uma chuva de pedras], a autora apresenta a seguinte explicação: uma sentença como “Llueven piedras” [Chovem pedras] se origina de “Hay piedras” [Há pedras], a qual, por sua vez, se constitui como uma possível paráfrase de “Hay una lluvia de piedras” [Há uma chuva de pedras]. A segunda hipótese consiste na observação de que em “Caen piedras como lluvia” [Caem pedras como chuva], por exemplo, a expansão ‘pedras’ “não tem valor de objeto cognato, mas sim de circunstancial de modo”. Observamos que essas hipóteses são pouco esclarecedoras.

Na vertente diacrônica, Stockman (2010, p.36,37) menciona duas origens para a expansão dos verbos ‘chover’ e ‘amanhecer’: a latina e a árabe. Considerando a origem latina, a autora diz que o verbo “amanhecer”, de origem mítica, assim como “chover”, aceita tanto o uso pessoal como a expansão “dia”.

Por outro lado, a explicação de origem árabe⁵³ revela que o uso pessoal de verbos meteorológicos como “amanecer” [amanhecer] e “llover” [chover] está vinculada ao fato de o árabe apresentar uma tendência a expressar os verbos meteorológicos por meio de um agente da ação, tal como “Yo amanezco enfermo” [eu amanheci doente], “Vino una

⁵² Cf. Sechehaye en Vivas (1977: 89)

⁵³ Cf. Winet (1995)

nube y ella llovió” [Uma nuvem veio e choveu], “Dios llovió sobre ellos” [Deus choveu sobre eles], “El cielo nos llovió” [O céu choveu sobre nós] e “Llovimos”[choveu]. De modo diferente, as línguas de origem românica optam por perífrases para formar sentenças com verbos meteorológicos, como em “Il se fait jour” [está amanhecendo] e “Si fa giorno” [É dia] (STOCKMAN, 2010, p.36-38).

Notamos que o uso pessoal dos verbos ‘chover’ e ‘amanhecer’ se ancora em aspectos formais e diacrônicos, fundamentados na alternância causativa e na expansão de sentidos. Essa expansão se dá por meio de uma operação de ‘transferência de sentidos’, a qual parece funcionar de maneira semelhante à escala de metaforização, proposta por Roldán (2000), (2013), como veremos adiante. Desse modo, Stockman (2010) se coloca junto a autores que admitem que os ‘verbos meteorológicos’ possuem um vínculo semântico e sintático com os sintagmas que os acompanham. Como veremos, essa autora afirma de forma categórica que esse sintagma opera como sujeito da sentença. Observamos ainda que esse estudo não menciona como se comportariam verbos como “nevar” ou “trovejar”. As hipóteses relacionadas ao verbo ‘haver’ e ‘cair’ ou ainda a ‘aspectos diacrônicos’ também se aplicariam a esses verbos?

No item a seguir, observaremos como Darden (1973) concebe a predicação em sentenças com verbos meteorológicos.

Conforme Darden (1973, p.523), a gramática gerativa-transformacional prevê que toda frase, em sua estrutura profunda, deve apresentar um sujeito. Contudo, algumas línguas não comportam essa afirmação como, por exemplo, o russo e o grego. Além disso, essa proposta apresenta problemas diante de frases do inglês como “It rained /snowed/ thundered/ lightnined” [choveu, nevou, trovejou relampejou], nas quais o ‘it’ não corresponde a requisitos como pronome pessoal, dêitico, referencial ou de entidade nomeada por outra frase substantiva.

Nessa direção, Darden (1973, p. 523) aponta que muitos linguistas produziram explicações para esse tipo de construção, como Fillmore (1968) e Langendoen (1966). Para sentenças como “It's windy in Chicago” [Está ventando em Chicago] e “Chicago is windy” [Chicago está ventando] que “partilham da mesma estrutura profunda”, Fillmore propõe que Chicago possui função locativa. No entanto, Darden (1973) argumenta que, para que Fillmore (1968) esteja certo, seria necessário oferecer explicações para sentenças como “It rained in Chicago” [Choveu em Chicago] e “Chicago rained” [Chicago choveu].

Além desses autores, Darden (1973, p. 524) cita ainda Millet (1964, p. 358), o qual “sugeriu que verbos impessoais surgiram historicamente no indo-europeu a partir da

atribuição de fenômenos meteorológicos a seres divinos”, visão também adotada por Stockman (2010). Contudo, Darden (1973) argumenta que essa observação não se estende ao inglês, visto que “um deus não especificado é referido como He”. Desse modo, ocorrências como “Some god lost [its] thunderbolt” [Algum Deus perdeu seu raio] não são aceitas em comparação, por exemplo, a “Some god lost [his] thunderbolt” [Algum Deus perdeu o raio dele].

Por outro lado, Darden (1973, p. 524) explica que a origem de ocorrências como “it rains” [chove], “it snows” [neva] está relacionada com “rain rains” [chove chuva], “snow snows” [neva neve]. Conforme o quadro abaixo, o autor mostra que as sentenças da primeira coluna, aceitas pelos falantes do inglês, têm como sujeito base ‘the rain’ [a chuva], the snow [a neve] e the thunder [o trovão]. Além disso, há ainda uma relação de equivalência entre as sentenças da primeira e a segunda colunas.

Quadro 42: chuva como sujeito de chover

	1°		2°
a.	It rained and turned the road into a quagmire. [Choveu e transformou a estrada em um atoleiro.]		It rained and the rain turned the road into a quagmire. [Choveu e a chuva transformou a estrada em um atoleiro.]
b.	It rained and flooded my basement. [Choveu e inundou o meu porão.]	↔	It rained and the rain flooded my basement. [Choveu e a chuva inundou meu porão.]
c.	It snowed and covered our tracks. [Nevou e cobriu nossos rastros.]		It snowed and the snow covered our tracks. [Nevou e a neve cobriu nossos rastros.]
d.	It snowed but didn't stick. [Nevou, mas não grudou.]		It snowed but the snow didn't stick. [Nevou, mas a neve não grudou.]
f.	It thundered and scared hell out of me. [Trovejou e assustou o inferno fora de mim.]		It thundered and the thunder scared hell out of me. [Ele trovejou e o trovão assustou o inferno fora de mim.]

Fonte: autoria própria

Dentre essas sentenças, Darden (1973) afirma que alguns falantes entendem como necessária a inserção de um segundo ‘it’ nas sentenças da primeira coluna, principalmente na sentença (d) ‘It snowed but[it] didn't stick’. No entanto, o autor observa que o possível acréscimo de um segundo ‘it’⁵⁴ não teria função anafórica em relação ao primeiro ‘it’, mas sim de produto do verbo, isto é, uma referência a ‘the snow’. Portanto, Darden (1973,

⁵⁴ Cf. Douloureux (1971)

p. 524) afirma que sentenças como “It rained” [choveu], “It snowed” [nevou] e “It thundered” [trovejou] são fundamentadas em “Rain rained” [Chuva choveu], “Snow snowed” [Neve nevou] e “Thunder thundered” [Trovão trovejou].

Nessa conjuntura, Darden (1973) aponta que a gramática gerativa explica apenas sentenças como “it’s rained” [está chovendo], nas quais o ‘it’ ocupa o lugar de sujeito gramatical. Assim, ocorrências como as expostas no quadro acima ainda continuam sem explicação, desse ponto de vista teórico.

Na abordagem de Darden, (1973) vimos que o autor aponta como problemático o fato de ocorrências com verbos meteorológicos como ‘rain rains’ não encontrarem uma explicação na gramática gerativa. Além disso, o reconhecimento de que ‘it’ é um sujeito apenas gramatical também aparece em outras perspectivas, como Halliday (2004), Langacker (1991), entre outros. Embora careça de uma explanação mais abrangente, Darden (1973) admite a possibilidade de que a origem da ocorrência ‘it’s rain’ está relacionada ‘rain rains’. No entanto, o autor não afirma, como Bolinger (1977), que o ‘it’ seja um sujeito referencial. Essa afirmação, conforme a perspectiva de Darden (1973), implicaria a consideração de que ‘chuva’ é sujeito de ‘chover’.

A seguir, veremos como Levin e Krejci (2019) explicam a predicação dos verbos de precipitação.

Levin e Krejci (2019) desenvolvem uma reflexão sobre modos de interpretar os eventos de precipitação no inglês. Nesse sentido, as autoras afirmam que “os eventos de precipitação são facilmente conceituados em termos de emissão de substância: entidades de onde a precipitação cai - o céu ou as nuvens - são a fonte da precipitação, e a própria precipitação é a substância emitida.”, conforme os exemplos (a) “The clouds rained blood” [As nuvens choveram sangue], (b) “The skies rained ice on Tuesday”(…) [Choveu gelo no céu na terça-feira] e (c) “The sky snowed gray soot ashes over us and the land”(…) [O céu nevou fuligem cinza sobre nós e a terra] (LEVIN e KREJCI, 2019, p. 8,9).

Na visão de Levin e Krejci (2019, p. 10), os verbos de precipitação podem ser interpretados de duas formas, ora como inergativos, ora como inacusativos. Com base nos exemplos: (a) “It/the dark sky rained a light rain/sulfuric acid” [Ele /o céu escuro choveu uma chuva leve / ácido sulfúrico] e (b) “A light rain rained from the dark sky” [Uma chuva leve choveu do céu escuro], as autoras explicam que construções como (a) são consideradas como inergativas, tendo como “sujeito fonte” ‘it’ ou o argumento explícito ‘the dark’, já a substância emitida pela precipitação “a light rain/sulfuric acid” ocupa o lugar de “objeto opcional”. De outro modo, ocorrências como (b) se constituem

como inacusativas, tendo em vista que a substância precipitada ‘light rain’ passa a desempenhar o papel de “sujeito substância”.

Em relação ao status do ‘it’, enquanto sujeito fonte, Levin e Krejci (2019, p. 4, 5) declaram que, conforme Bolinger (1977) e Chomsky (1981), ocorrências climáticas com “it” apresentam algum conteúdo semântico. Para Chomsky (1981), trata-se de um “quase-argumento” não-referencial. Já Bolinger (1977), considera o ‘it’, nesses casos, como um argumento totalmente referencial. As autoras, por sua vez, não assumem nenhum desses pontos de vista:

Não tomamos posição sobre se a precipitação ‘it’ é um argumento referencial completo ou um quase-argumento. O que importa aqui é que ‘it’ tenha algum conteúdo semântico, distinguindo-o do expletivo de construções de alçamento. Embora argumentemos na Seção 4 que a precipitação ‘it’ tem o mesmo papel semântico que o argumento do emissor (totalmente referencial) dos verbos de emissão da substância central, nossa proposta não exige que a precipitação ‘it’ seja referencial. LEVIN e KREJCI, 2019, p. 4, tradução nossa)⁵⁵.

Por outro lado, Bleotu (2012, p.78) considera que ‘it/pro’ em ocorrências como “[It] sometimes rains after [PRO] snowing” [Às vezes chove depois de nevar] se constituem como um sujeito pseudo-referencial, isto é, “às vezes, IT é uma CAUSA (DEUS, “o céu”, “natureza”), às vezes IT é a entidade indicada por um substantivo meteorológico [chuva, neve].”

Levin e Krejci (2019, p.18) afirmam ainda que ocorrências como “The sky rained huge drops” [O céu choveu grandes gotas] se enquadram no que elas chamam de “frase proposicional direcional”. Essas frases apresentam um sujeito-fonte nominal ‘The sky’ e se caracterizam pela emissão de substância, portando ainda um segundo participante reconhecido como objeto ‘huge drops’. As autoras classificam os verbos dessas estruturas como transitivo “não essencial”, sendo o objeto, nesses casos, opcional.

Nessa direção, Levin e Krejci (2019, p.19, tradução nossa) afirmam que

o complemento de frase proposicional direcional não é predicado da fonte, mas de um argumento de substância não expresso, da mesma forma que é no padrão substância-como-sujeito. Há claramente algum processo mais geral em ação aqui, cuja análise deixamos para trabalhos futuros⁵⁶.

⁵⁵ We do not take a position on whether precipitation *it* is a full, referential argument or a quasi-argument. What matters here is that it has some semantic content, distinguishing it from the expletive *it* of raising constructions. Although we argue in Section 4 that precipitation *it* bears the same semantic role as the (fully referential) emitter argument of core substance emission verbs, our proposal does not require precipitation *it* to be referential.

⁵⁶ the directional prepositional phrase complement is predicated not of the source, but of an unexpressed substance argument, just as it is in the substance-as-subject pattern. There is clearly some more general process at work here, whose analysis we leave for future work.

Observamos que, em Levin e Krejci (2019), o modo de interpretar a predicação do evento de precipitação irá determinar o caráter inergativo ou inacusativo dos verbos. No primeiro caso, a sentença apresenta um sujeito fonte 'it' e objeto opcional, no segundo, um sujeito substância. As autoras apontam ainda um tipo de 'predicação direcional' com verbos de precipitação transitivo 'não essencial', sendo o objeto facultativo, nesses casos. Embora Levin e Krejci (2019) abordem apenas os verbos de precipitação, ignorando as demais categorias de verbos meteorológicos, observamos que a posição das autoras se aproxima da tese de predicação autonômica que vamos desenvolver nesse trabalho, uma vez que admitem que esses verbos podem apresentar um sujeito.

Na sequência, vamos observar como Roldán (2000) explica a predicação dos verbos meteorológicos, pressupondo a existência de um argumento interno que ocupa o lugar sintático de sujeito na sentença.

Roldán (2000, p. 87, 88) aborda os verbos meteorológicos considerando um ponto de vista pragmático-discursivo. A autora propõe que os verbos meteorológicos sejam incluídos nos fenômenos dos argumentos implícitos, relacionando-os com as hipóteses da inacusatividade e transitividade. Nessa direção, assume a posição de que não há uma distinção evidente entre sentido denotativo e conotativo dos verbos meteorológicos. Roldán (2000) argumenta ainda que, dentre os verbos meteorológicos, o verbo 'chover' possui a propriedade de escolher o seu sujeito. Essa hipótese pode ser explicada pela seguinte "escala de metaforização", em ocorrências do espanhol:

Quadro 43: escala de metaforização

Argumentos	Exemplos
1. Argumento implícito	Llovía. [Chovia]
2. Argumento da mesma raiz verbal	Llovía una lluvia muyfina. [Chovia uma chuva fina]
3. Argumento com raiz diferente da do verbo, mas que se refere ao mesmo fenômeno meteorológico	Llovían gotas muyfinas. [Choviam gotas muito finas]
4. Argumento que não se refere ao mesmo fenômeno meteorológico, mas a fenômenos do mesmo campo conceitual	Llovían bolas de granizo. [Choviam bolas de granizo]
5. Argumento que pertence ao mesmo campo conceitual do verbo, mas que difere em algum aspecto do seu significado, por exemplo, um fenômeno atmosférico que não é precipitação	Llovían los truenos. [Choviam trovões]
6. Argumento que não pertence mais ao campo conceitual dos fenômenos atmosféricos, mas o lugar de origem do movimento é o mesmo, o céu	Llovían meteoros. [Choviam meteoros]
7. Argumento que não compartilha mais o lugar de origem com os fenômenos atmosféricos, mas cujo referente é concreto	Llovían piedras. [Choviam pedras]
8. Argumento cujo referente é de natureza abstrata	Llovían las desgracias. [Choviam desgraças]

Fonte: Roldán (2000, p. 87, 88)

Essa escala de “usos metaforizados” demonstra que a maior parte das ocorrências com o verbo chover aparecem na forma (1) ‘Llovía’, apresentando as seguintes características: argumento implícito, sujeito nulo e sentença impessoal. Em relação ao uso metafórico, Roldán (2013, p. 133,154) mostra que é possível coordenar diversos argumentos numa mesma sentença, tal como em “Aquel verano llovieron el granizo y las desgracias” [Naquele verão choveram granizo e desgraças]. Nessa direção, sob o ponto de vista da gramática de construções, a autora afirma que não há diferença entre sentido metafórico ou figurado. Com isso, ficaria estabelecido que ocorrências com o verbo ‘chover’ apresentam usos mais ou menos metafóricos, conforme a escala de metaforização proposta.

Os empregos metafóricos são, para Roldán (2013, p.155), “extensões da estrutura prototípica das construções com verbos de precipitação”. Os usos metafóricos do verbo ‘chover’ são considerados derivados, do ponto de vista semântico e sintático, das construções não metafóricas. A autora observa ainda que as extensões metafóricas sempre apresentam uma entidade independente da atividade de chover/cair, sendo,

portanto, construções com argumentos explícitos (TEMA), tal como “malas noticias” em “Últimamente llueven las malas noticias” [Ultimamente chovem más notícias]. Além do Tema, algumas ocorrências podem apresentar ainda uma (META), isto é, um locativo humano afetado pela ação do verbo como “los ganadores” / “políticos europeos” em “A los ganadores les llovían las felicitaciones y los halagos” [Aos ganadores choviam felicitações e elogios] e “Llueven las críticas sobre los políticos europeos” [Chovem críticas sobre os políticos europeus].

Em relação à pessoalidade dos verbos que expressam fenômenos meteorológicos, a explicação da autora se baseia na hipótese de que esses verbos são inacusativos, considerando que, independentemente de ser fonologicamente nulo ou lexicalmente realizado, o sujeito do verbo ‘chover’ se caracteriza como argumento do verbo. Nesse sentido, Roldán (2000, p. 90,94) apresenta argumentos para sustentar a hipótese de que o verbo meteorológico ‘chover’ manifesta as mesmas características dos demais verbos inacusativos, assemelhando-se aos verbos transitivos.

O quadro a seguir descreve alguns de seus argumentos:

Quadro 44: características de verbos inacusativos presentes no verbo ‘chover’

Argumentos	Exemplos de verbos inacusativos	Exemplos com o verbo chover
1. Integram orações absolutas.	Nacidas las malas hierbas, Juan las arrancó. [Nasceram as ervas daninhas, Juan arrancou-as.]	Llovida una gran cantidad de agua, se arruinaron todas las cosechas. [Choveu muita água, todas as plantações foram arruinadas.]
2. Podem fazer parte de sentenças não flexionais que modificam um SN.	un regalo caído del cielo. [um presente caído do céu.]	la cantidad de agua llovida hoy. [a quantidade de água chovida hoje.]
3. Admitem auxiliares do tipo aspectual com os quais formam complexos verbais nos quais o auxiliar atua como suporte para participios flexionados.	un libro acabado de traducir. [um livro acabado de traduzir.]	agua acabada de llover. [água acabada de chover.]
4. Aceitam a presença de um SN plural sem determinante em posição pós-verbal.	Crecen hierbajos. [ervas daninha crescem.]	Llueven piedras. [Chovem pedras.]
5. Admitem o advérbio aspectual <i>recién</i> .	recién publicado. [recém publicado.]	recién llovido. [recém chovido.]
6. Grande parte desses verbos podem aparecer em construções aspectuais com <i>estar al</i> , as quais denotam um processo do qual um sujeito participa.	estar al caer. [estar a cair.]	*estar al llover. [estar a chover.]
7. Não são compatíveis com o uso impessoal da flexão verbal	En este bar gritan mucho. [Nesse bar gritam muito.]	*Llueven con fuerza. [Chovem com força.]
8. Permitem a ausência de um artigo com substantivos mensuráveis ou contínuos.	Llega gente. [Chega gente.]	Llueve aguanieve. [Chove granizo.]
9. Quando nominalizado, o substantivo pode significar "o fato de que".	Verifiqué la llegada de Juan. [Verifiquei a chegada do Juan/ o fato de que Juan chegou.]	Comentamos la lluvia de ayer. [Comentamos a chuva de ontem/ o fato de que choveu.]

Fonte: autoria própria

A partir desses argumentos, a autora considera que o verbo ‘chover’ funciona como um verbo inacusativo. Nesse sentido, Roldán (2013, p.48) defende que o verbo ‘chover’ apresenta a seguinte estrutura: “[exp] Llueve [pro]”, na qual, do ponto vista semântico e sintático, “chover seleciona o seu argumento, atribui-lhe o papel temático de Tema.” Ainda sobre o entendimento de que ‘Llueve’ apresenta um argumento implícito, a autora afirma que autores gerativistas (FERNÁNDEZ LAGUNILLA Y ANULA, 1995, p. 99) reconhecem a ocorrência do argumento implícito em sentenças como: “Juan comía a las dos” [Juan comeu às duas], diferentemente da ocorrência “Juan comía carne a las dos” [Juan comeu carne às duas], na qual o argumento se encontra explícito.

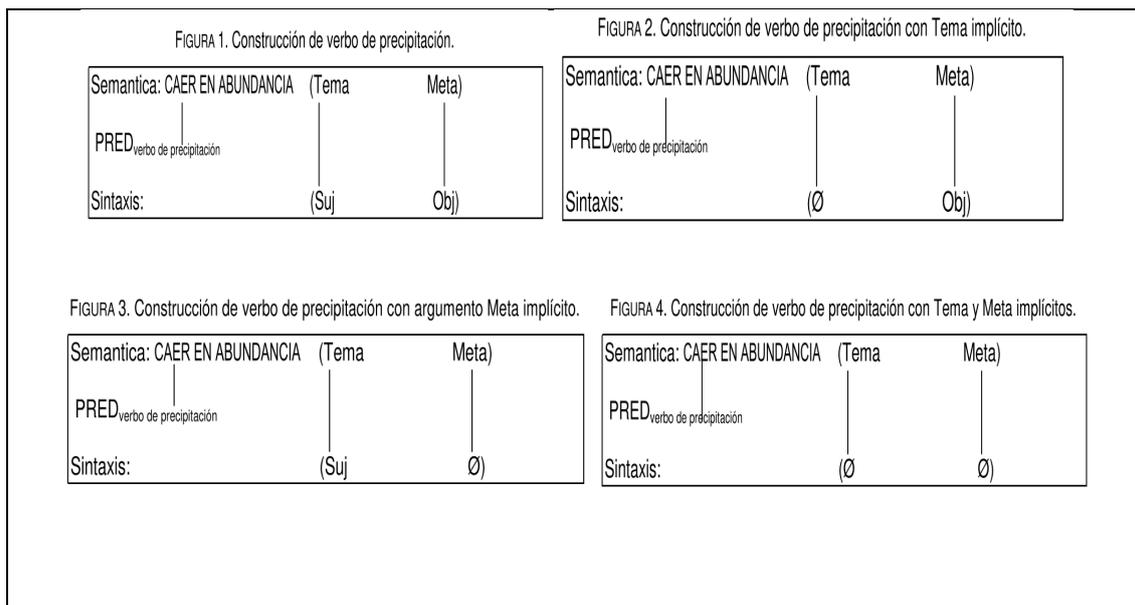
Com base na proposta de que o sujeito Tema é gerado na posição pós-verbal dos verbos inacusativos como em “There arose an unfortunate misunderstanding” [Surgiu um infeliz mal-entendido] (RADFORD, 1997), a autora afirma que o mesmo ocorre em sentenças como “There rained all day a little drizzling rain” [Choveu o dia todo um pouco de chuva forte]. Nessa direção, Roldán (2013, p. 52) propõe que, nos casos de ‘chover’, o sujeito pode se deslocar para a posição [Esp, T] como em “Las cenizas del incendio llueven [h] sobre los tejados” [As cinzas do incêndio chovem sobre os telhados] ou permanecer em seu lugar de origem, conforme “[exp] Llueven cenizas del incendio sobre los tejados e Llueve” [Chovem cinzas do incêndio sobre os telhados].

Além do ponto de vista gerativo, Roldán (2013) produz uma explicação para os verbos meteorológicos de precipitação considerando a perspectiva da Gramática de Construções, acatando concepção de que “os tipos básicos de sentenças geralmente representam cenas executadas de alguma forma por seres humanos”. (ROLDAN, 2013, p. 166).

Nesse sentido, Roldán (2013, p. 73) afirma que essa gramática “possui um caráter simbólico no qual todas as expressões sintáticas possuem regras de interpretação semântica associadas a elas”. Conforme essa perspectiva, a autora explica que as construções com verbos meteorológicos de precipitação são formadas pelos argumentos Tema e Meta, que na perspectiva tradicional correspondem a sujeito e predicado. Nessa direção, o Tema é representado pela substância/objeto que cai ou ainda pela própria precipitação, nos casos de argumentos implícitos. Já o argumento Meta indica um agente humano afetado pela ação direcional. Roldán (2013) ilustra essa proposição considerando os seguintes exemplos: “Nos llovieron las críticas” [A crítica choveu sobre nós], oração com Tema e Meta explícitos e “Está lloviendo” [Está chovendo], oração tradicionalmente apontada como impessoal com Tema e Meta implícitos.

Nessa direção, considerando os exemplos como “Nos llovió barro” [Lama choveu sobre nós] (figura 1), “Nos llovió” [Choveu sobre nós] (figura 2), “Llueven las desgracias” [desgraças chovem] (figura 3) e “Llueve” [Chove] (figura 4), Roldán (2013, p. 150, 151) mostra as possíveis configurações para construções com verbos de precipitação:

Quadro 45: exemplos de construções com verbos de precipitação



Fonte: Roldán (2013, p. 150, 151)

Em relação à omissão dos argumentos implícitos de construções com verbos de precipitação, como nos exemplos acima, Roldán (2013, p.153), em conformidade com a gramática de construções, diz que “o Tema é um elemento previsível (não focal) e irrelevante (não tópico), devido a sua recuperabilidade semântica e natureza de informação de fundo”.

Nessa conjuntura, Roldán (2013) explica que a Gramática de construções⁵⁷, na perspectiva da linguística cognitiva, compreende a linguagem por meio de padrões e esquemas de conceitualização. Desse modo, Roldán (2013, p. 87, 89) afirma: “o estudo da sintaxe dos verbos meteorológicos se relaciona, necessariamente, com a nossa conceitualização dos fenômenos naturais.” Os verbos meteorológicos como ‘chover’, ‘nevar’, ‘amanhecer’ expressam, portanto, acontecimentos advindos da própria experiência/percepção humana, como em “Javier amaneció con fiebre” [Javier amanheceu com febre] ou “Nos cayó una buena nevada” [Uma boa neve caiu sobre nós].

Tendo em vista que, para a Gramática de construções, os predicados são relacionais, e que as construções correspondem a orações básicas relacionadas a eventos da experiência humana, Roldán (2013, p. 95, 98, 99) se pergunta pela constituição do predicado de ‘chover’ em relação à experiência humana:

“O predicado de chover implica conceitualmente a existência de um participante do processo? Existe um argumento diferenciado para o

⁵⁷ Em suas análises, Roldán (2013) trabalha com a Gramática de construções conforme o modelo teórico proposto por Goldberg (1995), (2003), (2005a), (2005b), (2006) e (2010).

próprio fato de chover? Se o que cai no processo de chover geralmente é chuva ou água da chuva, a substância está incluída no processo? (RONDÁN, 2013, p. 98, tradução nossa)⁵⁸.

Para a autora, “chover implica algo que cai e sobre quem cai”. Desse modo, em relação ao espanhol, a autora pergunta ainda o seguinte: chuva é uma substância ou uma precipitação? Além disso, para alguns autores, conforme Roldán (2013, p.99), “a Linguística Cognitiva é baseada no pressuposto de que as diferenças sintáticas infalivelmente desencadeiam diferenças semânticas”. Sendo assim, a autora questiona se existem e quais seriam as diferenças entre chuva e chover.

Nesse sentido, conforme o idioma, a opção pelo uso do verbo ou do substantivo para expressar um fenômeno meteorológico pode resultar em algumas diferenças semânticas. A ação desencadeada pelos verbos “chover”, “nevar” ou “granizar” é, geralmente, acompanhada de expressões adverbiais indicativas, por exemplo, de quantidade de água que cai, intensidade da chuva, tempo de duração, entre outros. Assim, o fenômeno pode ser apresentado por expressões verbais (verbo + advérbio), como “llueve abundantemente” [chove abundantemente] ou substantivas (substantivo + advérbio), tal como “lluvia abundante” [chuva abundante]. (ROLDÁN, 2013, p. 99-101)

No caso de perífrase com significado incoativo ou ingressivo, em referência ao princípio da ação ou iminência do princípio, como em “Comenzó a llover / nevar / granizar después de comer” [Começou a chover/ nevar/granizar depois de comer], Roldán (2013, p. 101) afirma que o uso do substantivo no lugar do verbo pode resultar em ocorrências estranhas no espanhol, como “La lluvia / la nieve / el granizo comenzó después de comer”

[A chuva/neve/granizo começou depois de comer].

A autora argumenta ainda que, algumas vezes, só é possível fazer referência ao fenômeno meteorológico por meio de um substantivo, como em:

(1) “lluvia monzónica / tropical” [chuva monção/tropical] → (*Llueve monzónicamente / tropicalmente [Chove monzónicamente/tropicalmente])⁵⁹,

(2) “un amanecer hermoso” / bello / bonito” [Um amanhecer lindo] → (??Amanece hermosamente / con hermosura / de manera hermosa [amanhece lindamente]).

⁵⁸ El predicado *llover*, ¿implica conceptualmente la existencia de algún participante en el proceso? ¿Existe un argumento diferenciado del propio hecho de llover? Si lo que cae en el proceso de llover es normalmente la lluvia o el agua de lluvia, ¿está la sustancia incluida en el proceso?

⁵⁹ Os símbolos *,? e ?? são utilizados pela autora para expressar diferentes graus de aceitabilidade das sentenças, no espanhol.

Para Roldán (2013, p.103), em sentenças como essas, “parece que concebemos a ação do nascer do sol ou da chuva mais como um objeto do que como um evento”. Observamos que, no português, algumas das ocorrências citadas acima não causam estranhamento.

Considerando essas particularidades semânticas sobre o uso do verbo ou do substantivo para expressar o fenômeno meteorológico, Roldán (2013, p.104) argumenta que, na maior parte das vezes, chuva exprime uma precipitação, e não uma substância.

Por isso os contrastes chover-chuva são aqueles que normalmente ocorrem entre um verbo e sua nominalização: usamos o verbo quando a ação é concebida por meio de uma sequência de passos, o substantivo quando a ação é concebida em bloco e verbo ou substantivo indistintamente quando as duas interpretações se encaixam. (ROLDÁN, 2013, p. 104, tradução nossa)⁶⁰.

Nessa direção, Roldán (2013, p. 104) argumenta que chuva se constitui como uma precipitação, tendo em vista o uso da expressão “chuva de”, a qual remete a algo que é lançado em uma determinada direção, como em “chuva de balas”, “chuva de pétalas”, “chuva de arroz”, “chuva de fogo”. Além disso, chuva só pode ser compreendida como substância enquanto está caindo, conforme o exemplo: “El agua que había llovido el día anterior cubría las aceras” [A água que choveu no dia anterior cobriu as calçadas] → (??La lluvia que había llovido el día anterior cubría las aceras [A chuva que choveu no dia anterior cobriu as calçadas]). Nesse sentido, apenas a primeira ocorrência é cabível, pois se tratam de sentenças posteriores ao fenômeno da queda de água.

Por outro lado, são consideradas exceções ocorrências com os substantivos “neve” e “granizo”, uma vez que é possível a existência de sentenças como “El suelo estaba cubierto de nieve” [o solo estava coberto de neve], diferentemente de “*El suelo estaba cubierto de lluvia [O solo estava coberto de chuva]”. A autora menciona ainda que há ocorrências nas quais em ‘neve’ e ‘granizo’ representam, respectivamente, ‘substância’, como em “nieve resbaladiza / blanca” [neve escorregadia/branca] // “granizo enorme” [granizo enorme], e ‘precipitação’, como em “nieve intermitente” [neve intermitente] // fuerte granizo [granizo forte].

⁶⁰ Por eso los contrastes llover-lluvia son los que se dan normalmente entre un verbo y su nominalización (por ejemplo entre aterrizar y aterrizaje): usamos el verbo cuando la acción se concibe mediante una secuencia de pasos, el sustantivo cuando la acción se concibe en bloque y el verbo o el sustantivo indistintamente cuando caben las dos interpretaciones.

De modo geral, para Roldán (2013), ‘neve’ e ‘granizo’ só se constituem como substância durante o processo de queda. Isso mostra que essas entidades não são totalmente independentes do processo de nevar e granizar, tendo em vista que a existência dessas substâncias é dependente da atividade verbal. Do mesmo modo, em relação ao predicado de ‘chover’, Roldán (2013, p. 105, tradução nossa) afirma que

chover implica "algo que cai", que é a própria chuva. Dado que a chuva não é uma substância independente do processo de chover, mas sim a própria precipitação expressa pelo verbo, em sentenças como *Llueve* é praticamente impossível separar um argumento de um predicado⁶¹.

Nessa direção, Givón (1984, p.89) também afirma que, em sentenças com verbos de fenômenos naturais ou meteorológicos, não é possível fazer uma separação entre sujeito, verbo e predicado. É o caso de “*Llueve*”, por exemplo. Isso mostra, conforme Roldán (2013, p. 106), que *llover* possui um argumento implícito representado pela própria precipitação expressa no verbo. De outro modo, ocorrências como “*Llueve aguanieve*” [Chove granizo], “*Llueve barro* [Chove barro]”, “*Llueven las hojas secas* [Chovem folhas secas]” e “*Llueven los problemas* [Chovem problemas]” apresentam, nessa ordem, uma substância um objeto físico e um objeto abstrato.

Considerando essas sentenças, Roldán (2013, p. 106, tradução nossa) argumenta:

Portanto, não haveria um verbo impessoal para chover e outro intransitivo, trata-se da mesma construção sintática com a diferença de que em *Llueve* o argumento está implícito (interno, cognato, incorporado...) e em *Llueve aguanieve*, *Llueve barro*, *Llueven las hojas secas*, *Llueven los problemas* não, porque nestes casos o conteúdo semântico do argumento não está completamente incluído no próprio verbo⁶².

Ao encontro dessa compreensão, Jiménez Juliá (2005, p. 6) explica que, apesar de metafóricos, os usos dos verbos “*llover*”, “*tronar*” e “*nevar*” obedecem ao mesmo regime de ocorrências como “*Está lloviendo*” [Está chovendo]. Isto é, não se trata de ocorrências intransitivas ou impessoais, visto que possuem “um sujeito totalmente adaptável ao verbo”. A diferença está no fato de que “*Está lloviendo*” apresenta um “sujeito interno com a mesma natureza semântica do verbo, funcionando de modo parecido com

⁶¹ *llover* implica «algo que cae», que es la propia lluvia. Dado que la lluvia no es una sustancia independiente del proceso de llover, sino que es la precipitación misma que expresa el verbo, en las oraciones como *Llueve* resulta prácticamente imposible separar un argumento de un predicado.

⁶² No habría, por tanto, un verbo *llover* impersonal y otro intransitivo, sino que se trata de la misma construcción sintáctica con la diferencia de que en *Llueve* el argumento está implícito (interno, cognato, incorporado...) y en *Llueve aguanieve*, *Llueve barro*, *Llueven las hojas secas*, *Llueven los problemas* no, debido a que en estos casos el contenido semántico del argumento no está completamente incluído en el verbo mismo.

“complementos diretos internos”. O autor exemplifica essa proposição com as seguintes sentenças: “Ante la subida de las tarifas de los taxis, nos llueven las críticas de comunicantes que protestan” [Diante do aumento do preço dos táxis, choveu críticas de comunicadores que protestam], “De pronto, tronaba la voz de Mario Esteban” [De repente, a voz de Mario Esteban trovejou] e “Un pisapapeles de cristal que nevaba virutas de algodón sobre la Torre Eiffel” [Um peso de papel de vidro estava nevando lascas de algodão na Torre Eiffel].

Com base na gramática de construções e na teoria da metáfora conceitual, Roldán (2013, p. 124) afirma que as construções estão ligadas a estruturas semânticas que refletem a experiência humana. Com esse ponto de vista, a autora propõe que construções formadas com verbos meteorológicos participam de uma cena na qual “alguém experimenta algo”, sendo composta por verbo, argumento Tema, que, frequentemente, aparece implícito, representando uma precipitação ou a própria substância do fenômeno natural. E pelo argumento humano experienciador da atividade verbal, como em “¿Os llovió el día de la excursión?” [Choveu no dia da excursão?]

Nessa direção, Roldán (2013, p. 125) diz que por trás de toda construção meteorológica há um participante humano. Em “¿Os llovió el día de la excursión?”, o participante humano se constitui como aquele que faz a indagação sobre chover. Já em “Está lloviendo” [Está chovendo], o participante encontra-se generalizado. A autora reforça essa perspectiva por meio do exemplo “A María le sorprendió la lluvia” [A maria ficou surpresa com a chuva], no qual o participante, Maria, aparece afetado pelo fenômeno meteorológico (chuva). Além disso, sentenças como “Nos llovió” [Nos choveu] e “Hay / hace viento” [Há vento/ está ventando] e ocorrências metafóricas como “llueven las desgracias/las ofertas/los problemas/las críticas” [chovem desgraças, ofertas, problemas e críticas] constituem-se como prova de que há um participante humano que experiencia a atividade meteorológica do verbo.

Considerando a estrutura argumental do verbo *llover*, Roldán (2013, p. 130, tradução nossa) sintetiza a sua perspectiva da seguinte forma:

- Um argumento que se refere à substância ou objeto que cai (Chove granizo, Chove as balas) ou a algo que acontece ou chega em abundância (Chove os problemas). Este argumento está implícito quando se refere à própria precipitação, pois não contribui com nada além do evento expresso pelo verbo (Está chovendo).
- Um argumento que se refere à pessoa afetada de alguma forma (física ou psicologicamente) pela ação verbal. É um complemento direcional no sentido de que indica o destino do movimento da chuva que cai. Gramaticalmente, pode ter a forma de um dativo (Nos llovieron las

balas) ou como um complemento proposicional (Llovieron las balas sobre nosotros), caso em que não deve ser confundido com os complementos circunstanciais espaço-temporais, que não são argumentos do verbo (Está chovendo em Madrid). Este argumento locativo humano também pode estar implícito (Está chovendo; As balas choveram)⁶³.

Observamos que, na perspectiva de Roldán (2013, p.165), os verbos meteorológicos apresentam “um argumento interno que funciona como sujeito sintático da oração”. Esse argumento TEMA pode estar implícito como em ‘Chovia’ ou explícito como em ‘Chovia [uma chuva fina]’. O argumento TEMA pode ainda vir acompanhado de um argumento META, representado pelo agente experienciador que conceitua o fenômeno. Esse argumento também pode aparecer tanto explícito como implícito, conforme destacado nos exemplos: ‘Choveu sobre [nós]’, Chovem desgraças [Ø]. Já em [Ø]Chove[Ø], META e TEMA estariam implícitos. Em relação aos “usos metafóricos” dos verbos meteorológicos, Roldán (2000), (2013) considera que não há distinção entre sentido metafórico e figurado, embora afirme que o sentido metafórico é ‘derivado’ do sentido primitivo. Para justificar essa inconsistência, Roldán (2000) propõe uma espécie de escala de metaforização, com a qual consegue explicar a predicação dos verbos meteorológicos, abrangendo diversos tipos de ocorrências que não se referem a fenômenos da natureza.

A proposta de Roldán (2000), (2013) guarda semelhanças com a perspectiva que desenvolvemos neste estudo, tendo em vista que ambas afirmam que os verbos meteorológicos possuem uma unidade nominal que exerce a função de sujeito da sentença. Contudo, a constituição de sentidos desses verbos, para Dias (2022), não passa por uma escala de metaforização. Ela se dá na relação entre o referencial histórico e a pertinência enunciativa. Por isso, nossa proposta é de que esses verbos constituem uma predicação autonômica.

⁶³ • Un argumento que se refiere a la sustancia u objeto que cae (*Llueve aguanieve; Llueven las balas*) o bien a algo que sobreviene o llega en abundancia (*Llueven los problemas*). Este argumento está implícito cuando se refiere a la propia precipitación porque no aporta nada distinto del evento que expresa el verbo (*Está lloviendo*).

• Un argumento que se refiere a la persona afectada de alguna manera (física o psicológicamente) por la acción verbal. Se trata de un complemento direccional en el sentido de que indica el destino del movimiento de caída de la lluvia. Gramaticalmente, puede tener forma de dativo (*Nos llovieron las balas*) o bien de complemento preposicional (*Llovieron las balas sobre nosotros*), en cuyo caso no debe confundirse con los complementos circunstanciales espacio-temporales, que no son argumentos del verbo (*Está lloviendo en Madrid*). Este argumento humano-locativo puede también estar implícito (*Está lloviendo; Llovieron las balas*).

A seguir, veremos como Ruwet (1986) compreende a predicação dos verbos meteorológicos, a partir do argumento de que o sujeito está incorporado ao verbo.

No texto *Note sur les verbes météorologiques*, Ruwet (1986) desenvolve uma reflexão acerca do fato de que os verbos meteorológicos não apresentam, em sua estrutura preposicional, um predicado convencional. Ruwet (1986, p. 43,44) toma como ponto de partida a relação sinonímica ou quase sinonímica, estabelecida por uma parte dos linguistas, entre as seguintes sentenças: “Il pleut depuis deux heures” [Está chovendo por duas horas] e “La pluie tombe depuis deux heures / Il tombe de la pluie depuis deux heures” [A chuva está caindo há duas horas / está chovendo há duas horas]. Comparando essas ocorrências, o autor questiona o porquê dos pares de sentenças⁶⁴ a seguir não serem produtivos:

Quadro 46: comparativo entre sentenças não produtivas / produtivas

a)	*Il herbe. [*grama.]	L'herbe pousse. [a grama cresce.]
b)	*Il a pierre. [*pedrou.]	Il est tombé une pierre/ des pierres. [ela caiu uma pedra/pedras.]
c)	* Il navire. [*navio.]	Le navire flotte. [o navio flutua.]
d)	*Il Paulera/Julera/Jacquera. [*Paulerá/Julerá/Jacquerá.]	Paul/Jules/Jacques arrivera. [Paul / Jules / Jacques chegará.]

Fonte: autoria própria

Tendo em vista esse questionamento, Ruwet (1986, p. 44, 45) comenta que alguns linguistas, como Chomsky (1981) e Rizzi (1985), consideram que os verbos meteorológicos apresentam um sujeito expletivo ou nulo, conceituado como um não-argumento ou quase-argumento. Outros afirmam que “o expletivo de *it's raining* realmente tem um valor referencial e um significado. [...] o *it* ‘ambiente’ em *it's raining*, *it's late*, *it's hot* se refere a um ‘estado abrangente’” (BOLINGER, 1977, p. 77, 78). No entanto, Ruwet (1986) diz que Bolinger (1977) não apresenta explicações para o caso do italiano ‘piove’ [chove], no qual não há a presença do pronome expletivo. De outro modo, Ruwet (1986) argumenta que não vê diferença de significado ou referência entre as ocorrências “*it's raining*” [está chovendo], “*il pleut*” [está chovendo] ou “*piove*” [chove]. Nessa direção, considera ainda que o ‘ambiente’, isto é, o contexto espaço-temporal, está

⁶⁴ As sentenças da primeira coluna (não produtivas), nas quais o verbo “incorpora” o sujeito, estão funcionando como verbo.

implicitamente presente em qualquer afirmação que descreva um evento do mundo real, principalmente os fenômenos atmosféricos.

Na perspectiva de Ruwet (1986, p. 45), conforme a tese de Bolinger (1977, p. 79), em casos como “It's so hot that it's giving me a headache” [Está tão quente que está me dando dor de cabeça] e “It's cold enough to freeze the balls on a brass monkey” [Está frio o suficiente para congelar as bolas em um macaco de bronze], o clima é o responsável pela “dor de cabeça” e pelo congelamento das “bolas do macaco”. Entretanto, Ruwet (1986) argumenta que Bolinger (1977) deveria ter explicado ocorrências como “It snowed but didn't stick” [Nevou, mas não grudou].

Nesse sentido, Ruwet (1986, p. 46, tradução nossa) afirma que

Darden interpreta esses fatos de uma maneira totalmente diferente do que eu imagino que Bolinger faria; para ele *it* em *it snowed* seria a cópia pronominal, na superfície, de um sujeito profundo real (a neve) incorporado na superfície no verbo⁶⁵.

Ruwet (1986, p.46, 47) aponta ainda que muitos linguistas optam por traduzir/explicar as estruturas “*il pleut*”// “*it's raining*” [está chovendo] tomando como base o arranjo proposicional ‘normal’, isto é, sujeito lexical+ verbo de movimento, como em “a chuva está caindo”.

Considerando essas, entre outras proposições, Ruwet (1986) argumenta que os linguistas não explicam o motivo pelo qual o sujeito é incorporado ao verbo apenas em predicados meteorológicos, tendo em vista que esse mecanismo resulta em ocorrências inconcebíveis como as demonstradas anteriormente, por exemplo, “*Il herbe*” e “*Il a pierre*”. Nessa direção, Ruwet (1986, p. 47) compara três sentenças para mostrar a condição de incorporação do sujeito no verbo meteorológico: “*La pluie tombe*” [A chuva está caindo], “*La pomme tombe (de l'arbre)* [A maçã está caindo (da árvore)]”, “*Max tombe (sur les pavés)*” [Max está caindo (nas pedras do pavimento)]. Nas três ocorrências, o verbo *tombe*, em português ‘cair’, apresenta a mesma concepção de movimento de cima para baixo. No entanto, apenas o lexema ‘*pluvie*’ [chuva] prevê essa ideia. Além disso, ‘*pomme*’ e ‘*Max*’ se constituem como sujeitos preexistentes à predicação que podem ou não ser afetados pelo movimento de cima para baixo, o mesmo não se aplica a ‘*pluvie*’ uma vez contém em si a ideia do movimento.

⁶⁵ Darden interprète ces faits d'une tout autre manière que ne le ferait, j'imagine, Bolinger; pour lui, le *it* de *it snowed* serait la copie pronominale, en surface, d'un vrai sujet profond (*the snow*) incorpore en surface dans le verbe.

O autor aponta ainda que a nossa experiência frente aos fenômenos meteorológicos como “Il pleut”/ “Il tombe de la pluie” [está chovendo], “il tonne” [troveja] e “il gèle” [congela] nos impossibilita, por exemplo, de distinguir entre ‘o que acontece’ e ‘quem faz acontecer’, ou seja, distinguir entre o predicado e argumento diante de ocorrências como “Il tonne”[está trovejando], “le tonnerre éclate” [o trovão raja], “le tonnerre gronde” [o trovão estronda], “le tonnerre tonne” [o trovão troveja].

essas sentenças expressam a ocorrência, não necessariamente em um céu tempestuoso, de um ruído mais ou menos violento, mais ou menos duradouro, que acompanha (não necessariamente), com deslocamento variável, raio; esse ruído é difícil de localizar, parece invadir todo o espaço, parece, no máximo, mais ou menos próximo ou distante, não parece ter causa nem agente detectável (compare com: ‘le canon tonne’ [o canhão troveja]). (RUWET, 1986, p. 48, 49, tradução nossa)⁶⁶.

Conforme essa reflexão, Ruwet (1986, p. 49) compreende que a sintaxe enfrenta problemas para representar fenômenos meteorológicos, isto é, “há um conflito entre a nossa experiência desses fenômenos e os requisitos analíticos da sintaxe”. Do ponto de vista sintático, os idiomas procuram descrever a percepção da experiência entre sujeito e predicado. Assim, o autor afirma que sentenças como “la pluie tombe” [a chuva cai], “le tonnerre éclate” [o trovão raja] e “le vent souffle” [o vento sopra] parecem ser tão “estranhas” quanto “il pleut” [está chovendo], “il tonne”[está trovejando] e “il vente” [está ventando], tendo em vista que, sintaticamente, elas apresentam “um sujeito ‘real’ e um predicado ‘verdadeiro’, mas semanticamente o predicado ocupa parte ou um aspecto do que já está expresso no sujeito”. Contudo, esse mecanismo semântico, como já dito, se aplicaria apenas a verbos meteorológicos.

A abordagem de Ruwet (1986) apresenta uma visão teoricamente incompleta, mas fortemente consistente e que caminha paralelamente à concepção de predicação autônoma que vamos propor, principalmente quando ele afirma que ‘pomme’ e ‘Max’ se constituem como sujeitos preexistentes à predicação que podem ou não ser afetados pelo movimento de cima para baixo, o mesmo não se aplica a ‘pluvie’ uma vez que contém em si a ideia do movimento.

⁶⁶ ces phrases expriment l'occurrence, pas nécessairement dans un ciel d'orage, d'un bruit plus ou moins violent, plus ou moins durable, qui accompagne (pas nécessairement), avec un décalage variable, un éclair; ce bruit est difficilement localisable, il semble envahir tout l'espace, il semble, tout au plus, plus ou moins proche ou lointain, il ne semble avoir ni cause ni agent repérable (comparer à : *le canon tonne*).

Percebemos que, para casos como ‘il pleut’, Ruwet (1986) considera que o sujeito está incorporado ao verbo, por isso a sintaxe encontra problemas para explicar a predicação de fenômenos meteorológicos. Em razão disso, defenderemos nesse estudo que a explicação sintática e semântica para esse tipo de predicação se dá na relação entre o plano do enunciável e o plano da organicidade.

Considerando a forma como a predicação do conjunto de verbos de “fenômeno da natureza” foi abordada neste Capítulo, faremos a seguir um apanhado das diferentes visões teóricas da predicação.

Síntese

Na primeira parte deste Capítulo, traçamos um panorama sobre as diversas perspectivas teóricas da predicação de verbos que expressam fenômenos da natureza em estudos de língua portuguesa. Percebemos que o principal ponto comum a todos os autores está no fato de que esses verbos são impessoais. Na tentativa de explicar ocorrências nas quais o verbo expressa um componente semântico diferente, autores como Cunha e Cintra (2001), Bechara (2009), Azeredo (2010), Vilela (1999), Raposo *et.al* (2013) se apoiam no uso metafórico, figurado, literário, entre outros. Os demais autores apresentados não abordam exemplos dessa natureza.

Além disso, observamos que alguns autores explicam a predicação dos verbos meteorológicos a partir da ausência de argumentos, é o caso de Perini (2010), Castilho (2010), e Berlinck *et. al* (2009). Para Perini (2010), esses verbos não apresentam um componente sintático à esquerda do verbo. Nesse sentido, o autor escolhe tratar os sintagmas que acompanham o verbo como objeto. Castilho (2010), por sua vez, considera a total ausência de argumentos, sendo esses verbos, na sua visão, uma ‘pobreza’. De outro modo, Berlinck *et.al* (2009) afirmam que, apesar de não manifestar argumentos externos, esses verbos podem apresentar um ‘sujeito pronominal’. Essa posição é também acompanhada por Bechara (2009) ao considerar a possibilidade de ‘predicação não-referida’ e ‘sujeito implícito’.

Apesar de afirmarem que os verbos meteorológicos são impessoais, autores como Raposo *et.al* (2013) e Duarte e Brito (2003) mostram a possibilidade de existência de argumentos cognatos associados a esse verbo. Duarte e Brito (2003) dizem que esse argumento pode aparecer ‘semanticamente incorporado na palavra predicativa’ ou ‘autonomizado’. No entanto, não explicam qual seria o papel desse argumento na

sentença. Por outro lado, Raposo *et. al* (2013) admitem que esse argumento pode exercer o papel de ‘sujeito gramatical’, com a função de introduzir uma afirmação adicional, reificando o processo verbal.

Na segunda parte, mostramos estudos sobre os predicados meteorológicos em diferentes línguas estrangeiras. Nesses estudos, pudemos observar uma diversidade de perspectivas, as quais, em relação aos estudos de língua portuguesa, buscam construir argumentos mais produtivos para explicar a predicação de fenômenos da natureza, considerando os pontos de vista sintático e semântico.

De modo geral, os estudos de língua estrangeira mostram que os verbos meteorológicos não possuem um participante agente, excetuando-se o fato de que alguns autores admitem a possibilidade de um agente divino. Roldán (2000), (2013), excepcionalmente, propõe que esses verbos dispõem um agente humano experienciador. Sendo assim, começamos pela abordagem de Eriksen *et. al* (2010), (2012), (2015) os quais se manifestam mais distantes da tese de predicação autonômica que pretendemos desenvolver nos próximos capítulos. A relação de aproximação com a nossa perspectiva foi o critério que escolhemos para a apresentação desses estudos. Na visão desses autores, esses verbos não permitem a participação de um agente, sendo as entidades ligadas ao verbo um tipo de ‘objeto cognato’. Essa concepção parece ser também acompanhada por Langacker (1991), ainda que isso não esteja explicitado, muito embora o autor considere que, quando ‘água’ é interpretada como participante estamos diante de um ‘sujeito cognato’, pela redundância em relação ao conteúdo conceitual do verbo. Compactuando com a visão desses autores de que os predicados meteorológicos não apresentam participantes, Halliday (2004) afirma que a predicação de fenômenos da natureza depende de modelos de interpretação da realidade.

Na abordagem cognitiva de Talmy (2000), vimos que o verbo ‘chover’ é conceituado como uma confluência evento de movimento + figura. Nesse modelo, o verbo incorpora em sua raiz a figura ‘chuva’, a qual participa da significação verbal. A partir dessa perspectiva, Meulleman e Paykin (2016) desenvolvem um estudo mais abrangente da predicação de verbos meteorológicos, acrescentando outros verbos de fenômenos da natureza. Nesse sentido, as autoras passam a considerar que esses verbos expressam MANEIRA, em vez de figura. Com isso, as autoras acreditam ser possível abarcar todos os tipos de verbos.

Na sequência, Stockman (2010) mostra que ‘uso pessoal’ dos verbos ‘chover’ e ‘amanhecer’ tem origem em fatores formais e diacrônicos, com base em alternância

causativa e na expansão de sentidos. Na visão dessa autora, encontramos a expressão de que há um vínculo sintático-semântico entre esses verbos e os sintagmas que os complementam. Na perspectiva de Darden (1973), também foi possível observar evidências de que os verbos meteorológicos estão vinculados a entidade que expressam. De modo similar, Levin e Krejci (2019), consideram que a predicação de verbos de precipitação pode ocorrer com um ‘sujeito substância’. Em Roldán (2013), encontramos a afirmação de que os verbos meteorológicos possuem um ‘sujeito sintático’. Por fim, a perspectiva de Ruwet (1986) permite a compreensão de que os verbos meteorológicos possuem a capacidade de incorporar o seu sujeito.

Ainda que em campos teóricos distintos, essas últimas abordagens estão próximas aos conceitos teóricos da semântica da enunciação que desenvolvemos no capítulo 3. Notamos que o conceito de referencial se mostra paralelo ao padrão de confluência desenvolvido por Meulleman e Paykin (2016) e também ao modo com Roldán (2013) concebe a estrutura da predicação de verbos de fenômeno da natureza. Entretanto, na nossa perspectiva teórica, não é necessário recorrer a ‘usos metafóricos’, tendo em vista que, na predicação autonômica, os conceitos de referencial e pertinência sustentam a constituição de sentidos. Desse modo, não há mudança no estatuto lexical, trata-se do mesmo verbo. Isso justifica a nossa abordagem. Além disso, a dificuldade da sintaxe em explicar esses verbos, apontada por Ruwet (1986), será resolvida a partir da relação entre o plano da organicidade e o plano do enunciável.

Observando os estudos que foram apresentados nesse capítulo, podemos compreender a não uniformidade na denominação dos verbos de fenômenos da natureza. Encontramos nomes tais como “verbo climático”, “verbo de precipitação”, “verbo de fenômenos atmosféricos”, verbo meteorológico e “verbos de fenômenos da natureza”, sendo esse o uso mais comum. Acreditamos que isso se deve ao fato de que os estudos trabalham com um número limitado de verbos. Notamos ainda que o verbo ‘chover’ é o que aparece com maior frequência. A nossa proposta é a de reunir o maior número possível de ocorrências de verbos que expressam “fenômenos naturais” para mostrar, por meio do procedimento de redes enunciativas, que a predicação desses verbos adquire natureza autonômica. Desse modo, vamos organizar nossas análises a partir dos referenciais históricos de “afluência”, no Capítulo 5, e de “ocorrências e periodizações”, no Capítulo 6.

CAPÍTULO 5

PREDICAÇÃO AUTONÔMICA: AFLUÊNCIAS

A sequência dos Capítulos até este ponto demonstra a execução daquilo que indica a Teoria Fundamentada (TF). Realizamos nos Capítulos 3 e 4 uma aproximação com o campo de pesquisa (fase1). A coleta de dados (fase 2), neste trabalho, é um processo de retroalimentação, e, portanto, em constante atualização. Este Capítulo e o próximo compreendem a fase da codificação, isto é, a etapa em que vamos agrupar enunciados em redes enunciativas para analisar as articulações predicativas com verbos afetados por referenciais de afluência, neste Capítulo, e com verbos afetados por referências de ocorrências e periodizações, no próximo Capítulo.

A afluência é apreendida por um ponto de vista sócio-histórico de recepção e chegada. O lado mais visível dessa perspectivação de afluência é captado pela “chuva”. Ela aparece (flui) de cima para baixo entre nós e não é acionada ou controlada por um ser. Nós apenas recebemos a manifestação do seu processo de constituição na atmosfera. Sabemos que o processo que envolve a chuva é complexo, mas a afluência é concebida pela perspectiva do modo como esse processo nos afeta. A significação que se produz nas articulações predicativas, envolvendo formações nominais e verbos, é relativa a essa concepção social de afluência.

Portanto, o referencial histórico que advém da FN de base predicativa na produção da predicação é o da recepção de elementos em afluência. Aquilo que se encontra em direcionamento afluyente envolve diferentes elementos em escala quantitativa. Esses elementos são entidades apreendidas sob a formação nominal “chuva”, como gotas de água, ou ainda como “chuva de dinheiro”, “chuva de pedras”, “chuva de mentiras” entre outras.

Neste Capítulo, analisamos a predicação autonômica voltada para os seguintes verbos afetados pelo referencial da afluência: chover, choviscar, neblinar, garoar, gear e nevar.

Conforme apresentamos no Capítulo 3, a análise será elaborada com a discussão sobre o modo como o referencial histórico adquire pertinência enunciativa no presente do enunciar, constituindo o acontecimento da enunciação. Essa pertinência enunciativa será observada pelas coordenadas de conformação gramatical e pela constituição do cenário de pertinência.

Como vimos no Capítulo 2, os enunciados analisados foram captados do Twitter.

A seguir, temos a primeira rede enunciativa, centrada na predicação que tem como núcleo material o verbo ‘chover’:

Quadro 47

REDE ENUNCIATIVA 1: CHOVER
a) previsão do tempo disse que amanhã choverá o dia todo... asism espero ¹
b) tempo louco, ontem choveu , ficou fresquinho, hoje ta ótimo, e no fim de semana marcando 40° como q guenta ²
c) quando chove deveria ser feriado ³
d) Já fechamos pareceria até com São Pedro. Sábado não chove!!! Baile do Dantas no Mandela einnn ⁴
e) Eu de branco HOJE CHOVE ⁵

Fonte: autoria própria

Vimos no Capítulo 3 que, na predicação autonômica, a formação nominal de base predicativa, equivalente ao sujeito gramatical, pode estar incorporada ao verbo. Essa concepção tem como fundamento os trabalhos desenvolvidos a partir de Dias (2018), nos quais o autor passa a considerar que a formação nominal (FN) pode não se materializar em unidade nominal na dimensão orgânica, quando é apreendida em enunciado. Por isso, o termo ‘formação’, em vez de ‘sintagma’.

Nos cinco enunciados da Rede Enunciativa 1, temos essa ausência de materialização da base de predicação, pois a FN ‘chuva’ está em confluência (DIAS, 2009, p, 22) no verbo ‘chover’.

Nessas ocorrências de predicação autonômica, o verbo recebe o referencial histórico da afluência advindo da base predicativa ‘chuva’.

Do ponto de vista das coordenadas de conformação gramatical, nos enunciados dessa rede, temos ‘choverá’, ‘choveu’ e ‘chove’ com tempos verbais diferentes projetados pela locução do presente do enunciar. Dessa maneira, temos a locução do presente como centralizadora da temporalização: ‘choveu’ como um antes, ‘choverá’ como um depois do

¹ Disponível em: <<https://twitter.com/fehlizz/status/1029919914507882496>> acesso: 06/09/2021.

² Disponível em: <<https://twitter.com/besticould/status/1438118895790010372>> acesso: 06/09/2021.

³ Disponível em: <https://twitter.com/milena_machado/status/1509103554497232901> acesso: 06/09/2021.

⁴ Disponível em: <<https://twitter.com/Meninodubem/status/1358869255375237122>> acesso: 06/09/2021.

⁵ Disponível em: <https://twitter.com/charizards_bomb/status/1434213434707566599> acesso: 06/09/2021.

momento da locução. Essa é a dinâmica que provoca a conformação gramatical da predicação no enunciado.

Assim, os morfemas (formas presas), como também os advérbios de tempo e de lugar (formas livres), cumprem o papel de materializar essa conformação gramatical. Especificamente, as conexões orgânicas do enunciado são número/pessoa (terceira pessoa do singular), tempo (passado, presente e futuro), modo (indicativo), na condição de formas presas, e também adjuntos adverbiais de tempo, nas formas livres ‘amanhã’, ‘ontem’, ‘hoje’.

Quanto ao cenário de pertinência enunciativa, afirmamos que os enunciados da rede enunciativa (1) correspondem, respectivamente, à (a) “choverá [chuva]”, (b) “choveu [chuva]”, (c), (d) e (e) “chove [chuva]”, nos quais a FN ‘chuva’, em confluência, adquire, na predicação, pertinência de gotas de água recebidas ou chegadas segundo as circunstâncias do presente do dizer.

Essa pertinência enunciativa de gotas de água adquire relação com outras predicações do enunciado que compõem o cenário de pertinência. No âmbito das condições atmosféricas, temos em (a) ‘previsão do tempo’ e em (b), ‘ficou fresquinho’. Já em (c), o ‘feriado’ passa a ser concebido como uma maneira de não sair de casa em caso de chuva; em (d), a realização do ‘baile’ aparece como um evento a ser favorecido pela ausência de chuva; e em (e) ‘eu de branco’, o uso do branco, provavelmente como vestimenta, parece funcionar como um motivador para a chuva. Essas relações de sentido possibilitam a resignificação do cenário de pertinência enunciativa da chuva como gotas de água.

Observemos agora a Rede Enunciativa a seguir, com uma alteração nas coordenadas de conformação gramatical, ainda no verbo ‘chover’.

Quadro 48

REDE ENUNCIATIVA 2: {aux} CHOVER
(a) desculpem a demora esteve chovendo muito aqui e fiquei sem Internet durante algum tempo ⁶
(b) É, depois de longos 5 meses sem chuva, está chovendo! ⁷
(c) Todo mundo indignado com a chuva e eu nem sabia que tinha chovido ⁸
(d) só pq lavei roupa de cama começou a chover do nada ⁹
(e) poxa queria beber depois do expediente mas deve chover ¹⁰

Fonte: autoria própria

Essa Rede demonstra que a predicação autonômica pode ser constituída também por uma estrutura verbal composicional ou por locuções verbais, em que o verbo principal é acompanhado de um verbo auxiliar, formando juntos uma forma verbal complexa: (a) “esteve chovendo [chuva]”, (b) “está chovendo [chuva]”, (c) “tinha chovido [chuva]”, (d) “começou a chover [chuva]”, (e) “deve chover [chuva]”.

Nessas ocorrências de predicação autonômica, a base predicativa também se incorpora ao verbo principal “chover”, o qual aparecesse nas formas nominais, indicativas de gerúndio, particípio e infinitivo. Em predicções compostas por formas verbais complexas, as quais amparam materialmente o cenário de pertinência, as coordenadas de conformação gramatical estão concentradas no verbo auxiliar, quais sejam número/pessoa (terceira pessoa do singular) e tempo (presente, passado e futuro). O modo, por sua vez, é configurado pelo todo da forma verbal complexa. Dessa forma, a saída do verbo ‘chover’ do estado de infinitivo, movimento característico da predicação, é manifestada pela forma verbal na qual se situam os afixos marcadores da finitude do verbo ‘chover’.

A diferença entre as Redes 1 e 2 está concentrada nessa complexidade de constituição da forma verbal da predicação. A relação entre referencial histórico e pertinência enunciativa não se altera em função da produção de formas verbais complexas.

O cenário de pertinência da predicação autonômica, em casos de formas verbais complexas, apresenta o mesmo funcionamento enunciativo da rede enunciativa I. Isto é, o

⁶ Disponível em: < <https://twitter.com/fnleaksandnews2/status/1402757068159913984> > acesso: 10/09/21.

⁷ Disponível em: < <https://twitter.com/luisfinal3/status/1437942241306288130> > acesso: 10/09/21.

⁸ Disponível em: < <https://twitter.com/Nicoloy94106525/status/1440310691244638209> > acesso: 10/09/21.

⁹ Disponível em: < <https://twitter.com/ventxia/status/1509609037314277376> > acesso: 10/09/21.

¹⁰ Disponível em: < <https://twitter.com/whoissevera/status/1509591664268132354> > acesso: 10/09/21.

verbo recebe o referencial histórico da afluência da base ‘chuva’ e se faz pertinente como precipitação de gotas de água.

Passemos a seguir à Rede Enunciativa 3, ainda com o verbo ‘chover’, mas com outra especificidade.

Quadro 49

REDE ENUNCIATIVA 3: [CHUVA] CHOVER
(a) A chuva choveu toda em cima do meu sofá ¹¹
(b) Resumindo, a chuva chove quando tem que chover ¹²
(c) E essa chuva que chove de 5 em 5 pingos ¹³ .
(d) a chuva que choverá na sexta será uma grande chuva ou apenas uma garoazinha? ¹⁴
(e) pensa numa pessoa ensopada, eu ontem. peguei toda a chuva que choveu ontem Nmrl ¹⁵

Fonte: autoria própria

Essa Rede é constituída de exemplos em que a base de predicação FN ‘chuva’ está explicitada, ocupando organicamente uma posição na estrutura do enunciado, tanto à esquerda, quanto à direita do verbo. O nosso foco está à esquerda do verbo, em que temos: (a) “chuva choveu”, (b) “chuva chove”, (c) “chuva que chove” (d) “chuva que choverá” e (e) “chuva que choveu”.

Ainda no que se refere às coordenadas de conformação gramatical, essa FN que adquire organicidade e nucleação fora do espaço do predicado entra em conexão com as coordenadas de pessoa-número/tempo e modo manifestadas nos afixos verbais.

Conforme vimos no Capítulo 3, a dinâmica da relação entre *site* e *place*, proposta por Milner (1989), nos leva a conceber, no “sistema de regularidades” (GUIMARÃES, 2007) da língua portuguesa, uma estabilidade histórica de constituição dos lugares (*sites*) “sujeito” (base de predicação) e “objeto”. Na relação entre *site* e *place*, esses lugares podem não receber existência orgânica. É o que apresentamos nas Redes 1 e 2. No entanto, a estabilidade desses lugares nas sistematicidades do Português apresenta condições de aceitação de um arcabouço sintático com a constituição orgânica dos lugares de sujeito

¹¹ Disponível em: < <https://twitter.com/Descontrollada/status/1055571088896389121> > acesso: 08/08/21.

¹² Disponível em: < <https://twitter.com/FortesMayran/status/813402595125579776> > acesso: 05/08/21.

¹³ Disponível em: < <https://twitter.com/Gucateix1/status/1347037285963997193> > acesso: 03/08/21.

¹⁴ Disponível em: < <https://twitter.com/zenascimento/status/200589093804052480> > acesso: 03/08/21.

¹⁵ Disponível em: < <https://twitter.com/Cyprya/status/703155975914565634> > acesso: 10/08/21.

(base de predicação) e de objeto, sendo que o lugar de sujeito é proeminente, conforme vimos no Capítulo 3.

Observemos que, em (a), “A chuva choveu toda em cima do meu sofá”, o verbo ‘chover’ recebe a confluência da base ‘chuva’, mas a estruturação do enunciado passa pela determinação da sistematicidade histórica da língua, produzindo uma definitude em núcleo com “duplicação” de FN, sendo uma configurada organicamente, e outra não configurada organicamente, em confluência verbal.

Quanto ao cenário de pertinência enunciativa, a FN ‘chuva’, explicitada em nucleação, reforça a pertinência de chuva como gotas de água, na relação com o referencial de afluência.

Observemos agora a constituição da Rede Enunciativa 4, ainda como verbo ‘chover’, apresentando outra especificidade.

Quadro 50

REDE ENUNCIATIVA 4: CHOVER {especif}
(a) Choveu grosso durante a noite e alagou a cidade toda. Aulas suspensas hoje ¹⁶
(b) Trânsito no Colorado segue tranquilo. Chove fino na região e a pista está bem molhada. Sem registro de acidentes ¹⁷ .
(c) Choveu preto em SP meu Deus ¹⁸
(d) Segundo a previsão do tempo, divulgada no Jornal Nacional, amanhã choverá forte no Espírito Santo ¹⁹ .
(e) Ufa, Butantã choveu rápido e abriu sol. Vamos ver na Paulista ²⁰
(f) Aqui chove sem parar mas uma chuva fina Deus nos acuda e nos proteja ²¹

Fonte: autoria própria

Os enunciados de (a) a (c), nessa Rede, apresentam qualificações voltadas para uma virtual nucleação da base predicativa ‘chuva’. No entanto, essa nucleação não se materializa, fazendo com que ‘chuva’ fique apenas no plano virtual, como sustentação dos adjetivos ‘grosso’ (a), ‘fino’ (b) e ‘preto’ (c). No enunciado (f), por sua vez, temos a

¹⁶Disponível em: < <https://twitter.com/jiyushori/status/1060547755775610881> > acesso: 09/09/21.

¹⁷Disponível em: < <https://twitter.com/correio/status/157752342027051008> > acesso: 09/09/21.

¹⁸Disponível em: < <https://twitter.com/ohbrunana/status/1163965103877885953> > acesso: 09/09/21.

¹⁹ Disponível em: < <https://twitter.com/DNatyprinces/status/415252022435123200> > acesso: 09/09/21.

²⁰Disponível em: < <https://twitter.com/tecamelotov/status/1398710745274142721> > acesso: 09/09/21.

²¹Disponível em: < <https://twitter.com/castrodedeia1/status/1220629772478418945> > acesso: 09/09/21.

materialização da FN em nucleação fora do predicado, da mesma forma que ocorre na Rede 3, mas aqui essa FN recebe o convergente adjetivo ‘fina’.

Dessa maneira, a predicação dos enunciados (a), (b), e (c) pode corresponder respectivamente a “choveu uma chuva grossa”, “choveu uma chuva fina” e “choveu uma chuva preta”. Nessas ocorrências, é possível notar que as especificações da base predicativa estão vinculadas a aspectos que a entidade precipitada pode assumir: quanto à espessura, ‘grossa’ ou ‘fina’, e à coloração, ‘preta’, significando, assim, como particularidade da base de predicação no cenário de pertinência enunciativa.

Por outro lado, em predicações como (d) “choverá forte” e (e) “choveu rápido”, as especificações ‘forte’ e ‘rápido’ parecem não manter relação com aspectos constitutivos da entidade precipitada (gotas de água). Nessas ocorrências, as especificações não qualificam a base predicativa ‘chuva’, mas sim a maneira de percepção da precipitação das gotas de água. Em outros termos, essas especificações incidem sobre o modo como se percebe a chegada da “chuva”. Trata-se de um aspecto relativo à constituição do cenário de pertinência, em que ‘rápido’ e ‘forte’ reforçam a pertinência de gotas de água frente ao referencial da afluência.

Por sua vez, na predicação do enunciado (f) “chove uma chuva fina”, a base de predicação FN “chuva” está expressa na estrutura do enunciado, em definitude de núcleo próprio. Ocorrências como essa se constituem como um padrão pelo qual é possível comprovar que a base de predicação pode estar, concomitantemente, incorporada ao verbo, apresentando uma definitude em confluência, e expressa na sentença com definitude em núcleo.

Nossa perspectiva está em consonância com a visão de Ruwet (1986) acerca dos “predicados meteorológicos”. Como vimos no Capítulo 4, esse autor considera que, na predicação de fenômenos meteorológicos, o sujeito está incorporado ao verbo. A possibilidade de qualificar a base de predicação é um argumento importante na nossa abordagem, no sentido de fortalecer essa tese, que no nosso ponto de vista teórico tratamos como predicação autonômica.

Na Rede 5, apresentada a seguir, a força da nucleação em base de definitude própria mostra-se mais evidente:

Quadro 51

REDE ENUNCIATIVA 5: CHOVER {x}
(a) Choveu pedras de gelo em cima do meu carro agora ele está todo amassado. BOM DIAA . ²²
(b) amanhã choverá granizo em belo horizonte ²³
(c) Choveu neve hoje, ta muito frio meu Deus ²⁴
(d) chove raios em SP mas não chove água ²⁵
(e) chove trovões em vitória. e vez ou outra, uma gota d'água ²⁶ .

Fonte: autoria própria

Nos enunciados dessa Rede, a base predicativa FN “chuva”, como nas redes apresentadas anteriormente, está em confluência no verbo ‘chover’, por meio das formas verbais de passado, presente e futuro, conforme as coordenadas de conformação gramatical. Considerando o referencial histórico da afluência, temos uma concepção social de precipitação de elementos. Tendo em vista a ordenação da regularidade sistemática da língua portuguesa, uma segunda FN (diferente daquela que está em confluência) se instala como nucleação no espaço exterior ao predicado. Nela os elementos que constituem o cenário de pertinência de elementos em afluência são (a) pedras de gelo, (b) granizo (c) neve, (d) raios, e (e) trovões.

Em suma, o cenário de pertinência enunciativa da predicação em (a) “choveu pedras de gelo²⁷”, (b) “choverá granizo” e (c) “choveu neve” pode ser descrito, primeiramente, pela constatação de que a FN ‘chuva’ está incorporada ao verbo em convergência. No entanto, é parte desse cenário de pertinência as especificações ‘pedras de gelo’, ‘granizo’ e ‘neve’, as quais incidem sobre a base de predicação ‘chuva’, equivalendo a ‘chuva de pedras de gelo’, ‘chuva de granizo’ e ‘chuva de neve’, isto é, a “gotas de água em estado sólido” ou “gotas de água cristalizadas”. Essas especificações associam-se à pertinência enunciativa de precipitação de gotas de água, cuja movimentação ocorre de cima para baixo. Na predicação do enunciado (d) “chove raios”/“chove água”, a FN de base predicativa ‘chuva’ recebe as especificações ‘raios’ e ‘água’, na constituição do

²²Disponível em: < <https://twitter.com/mariana/status/1188053697227579400> > acesso: 10/08/21.

²³ Disponível em: < <https://twitter.com/rxquelgreco/status/1387243266907779074> > acesso: 06/08/21.

²⁴ Disponível em: < https://twitter.com/niicolyg_/status/587460206814081026 > acesso: 08/08/21.

²⁵ Disponível em: < <https://twitter.com/virgemzinho/status/545995572755595264> > acesso: 08/08/21.

²⁶ Disponível em: < <https://twitter.com/rafacst/status/10275316611> > acesso: 10/08/21.

²⁷ Pelas normas gramaticais prescritivas, o enunciado deveria ser “Choveram pedras de gelo”.

cenário de pertinência: a imagem de um lugar que se apresenta pela quantidade de raios que ali afluem.

Na sequência, a predicação autonômica do enunciado (e) “chove trovões em vitória. e vez ou outra, uma gota d'água” apresenta duas especificações: (1) ‘trovões’ e ‘uma gota d'água’, equivalendo à ‘chuva de trovões e de uma gota d'água’. Nessa direção, as especificações associadas à base predicativa mantêm o referencial histórico de afluência, fazendo com que “chove uma gota” seja pertinente como precipitação, considerando que “chove uma gota” equivale ao mesmo que “chove uma baixa quantidade de chuva” ou mais especificamente como “chove 0,05 milímetros”. Isto é, “uma gota de água” não significa nessa predicação como uma medida exata da quantidade de entidades precipitada.

Por outro lado, considerando o referencial histórico da afluência, em “chove trovões”, a constituição da definitude em núcleo está em função do cenário de pertinência de um direcionamento em quantidade, tal qual chuva, mas identificado como contraparte audível de uma descarga elétrica.

Até o presente momento, a maior parte das predicções de enunciados com o verbo “chover”, agrupados em redes enunciativas, se constituem sob o domínio de mobilização do sentido centralizado em elementos percebidos na natureza, sejam gotas de água, sejam granizo, neve, raios ou trovões.

A partir da próxima rede enunciativa, vamos analisar a constituição enunciativa da predicação em enunciados que não expressam pertinência enunciativa vinculada à elementos percebidos na natureza.

Vamos a seguir à análise da Rede 6.

Quadro 52

REDE ENUNCIATIVA 6: CHOVER {y}
(a) não entendo o q acontece no RJ nesses últimos tempos tantas UPPS e chove tiros em todos os bairros ²⁸
(b) Chove flores em Maringá. ²⁹
(c) choverá sangue no meu boletim. beijos ³⁰
(d) ontem quase choveu suor de tanto calor ³¹
(e) E chove mentiras no twitter! ³²

Fonte: autoria própria

A Rede Enunciativa 6 é composta por enunciados em que a base predicativa FN ‘chuva’, incorporada ao verbo, em confluência verbal, recebe especificações que definem cenários de pertinências enunciativas que não se vinculam à precipitação de elementos percebidos na natureza. Nessa direção, a base predicativa ‘chuva’ passa a ser especificada como “chuva na forma de”: (a) tiros, (b) flores, (c) sangue, (d) pedras (e) suor e (f) mentiras. Há uma percepção de quantidade dos elementos em afluência, sendo que alguns ainda podem manifestar o movimento de cima pra baixo.

Na predicação do enunciado (a) “não entendo o q acontece no RJ nesses últimos tempos tantas UPPS e chove tiros em todos os bairros” a FN ‘tiros’ se destaca como elemento sintático e semântico diretamente articulado a predicação autônômica ‘chove’, correspondendo a “choveu chuva de tiros”. Esse desdobramento da FN ‘chuva’ na sentença mostra que a FN ‘tiros’ (em nucleação fora do predicado) produz uma especificação para a base de predicação que está incorporada ao verbo (‘chuva’), a qual pode ser pertinente, considerando o fator quantitativo, como “disparos de projéteis por meio de arma de fogo”, constituindo o cenário de pertinência enunciativa.

Na sequência, no enunciado (b) “Chove flores em Maringá”, a FN ‘chuva’ (em confluência) recebe na dimensão orgânica a especificação ‘flores’. Essa segunda base de predicação com definitude e núcleo pode produzir a seguinte pertinência enunciativa: “chove uma chuva de flores”, isto é, uma quantidade expressiva de flores é precipitada,

²⁸ Disponível em < <https://twitter.com/aeoliveira31/status/463165072211447808> >. Acesso: 14/08/21.

²⁹ Disponível em < <https://twitter.com/MaringaCom/status/910489202978099200> >. Acesso: 14/08/21.

³⁰ Disponível em < <https://twitter.com/itscacunha/status/55385693131771904> >. Acesso: 14/08/21.

³¹ Disponível em < <https://twitter.com/milewn/status/379281516565889025> >. Acesso: 14/08/21.

³² Disponível em < <https://twitter.com/rndlgs/status/11436153858> >. Acesso: 14/08/21.

dispersada ou aparece num determinado momento, como por exemplo, na chegada da primavera.

Na predicação “choverá sangue”, do enunciado (c) “choverá sangue no meu boletim”, a base predicativa FN ‘chuva’ recebe como especificador a FN ‘sangue’ (em nucleação), correspondendo a “choverá uma chuva de sangue”. Considerando o cenário de pertinência, ‘choverá sangue’ pode ser pertinente como uma afluência em quantidade expressiva de sangue.

No enunciado (d), “ontem quase choveu suor de tanto calor”, a predicação “choveu uma chuva de suor” é especificada pela FN “suor” (segunda base de predicação), o qual pode ter como participação no cenário de pertinência enunciativa tanto a queda, a produção ou a eliminação de quantidade expressiva de fluido corporal, percebidos como afluência.

Por fim, na predicação “chove mentiras no twitter” do enunciado (e), a base de predicação “chuva” recebe a especificação “mentiras” (segunda base de predicação), a qual produz pertinência enunciativa como disseminação, propagação ou ainda difusão de certa quantidade de afirmações, consideradas como não verdadeiras.

Nessa a direção, a Rede Enunciativa 7, a seguir, é composta por enunciados nos quais base predicativa (FN ‘chuva’) também está integrada ao verbo, apresentando especificações ainda não apresentadas até aqui.

Quadro 53

REDE ENUNCIATIVA 7: CHOVER DE {y}
(a) ... Coisas como essas me fazem perceber que mulher tá muito longe de poder viver normalmente na sociedade né, a gente n pode nem querer trabalhar que já chove de homem precoce no teu pé. Dificil ³³
(b) af quando quero conversar não aparece um, aí qnd eu não quero chove de gente ³⁴
(c) É engraçado umas coisas, sobre posts interativos que faço, se é algo mais “hot”, chove de comentários Agora quando é algo normal, quase ninguém fala nada ³⁵
(d) Não posso postar um story zoando e sendo eu mesma que chove de críticas ...mano???? Eu me sinto um lixo vcs não tem noção ³⁶
(e) Vei o grupo de trabalho ninguém fala nada de segunda a sexta mas sábado e domingo chove de coisa pra fazer (?) ³⁷

Fonte: autoria própria

³³ Disponível em < <https://twitter.com/fenotipicamentB/status/1436159762840891392> >. Acesso: 14/08/21.

³⁴ Disponível em < https://twitter.com/japa_ls/status/1436443317085130760 >. Acesso: 14/08/21.

³⁵ Disponível em < https://twitter.com/bru_amorim_/status/1436156247900925954 >. Acesso: 14/08/21.

³⁶ Disponível em: < <https://twitter.com/brazolinn/status/1436405606278107155> > Acesso: 14/08/21.

³⁷ Disponível em: < https://twitter.com/renatofig_/status/1434200188122435586 > Acesso: 14/08/21.

Considerando que a base predicativa ‘chuva’, portadora do referencial da afluência, está incorporada em confluência ao verbo, é possível inferir que o cenário de pertinência enunciativa dos enunciados dessa rede enunciativa se constitui com base na especificação que a FN chuva recebe na predicação: (a) ‘homem’, (b) ‘gente’, (c) ‘comentário’, (d) ‘crítica’ e (e) ‘coisa’. Para isso, consideramos que (a) ‘chove de homem’ e (b) ‘chove de gente’ podem equivaler a “chove uma chuva de homem” e “chove uma chuva de gente”. E ainda, em (c) “chove de comentários” e (d) “chove de críticas” e (e) “chove de coisa”, as especificações das formações nominais ‘chuva’, ‘comentários’ e ‘críticas’ passam a adquirir consistência no cenário de pertinência do enunciado a partir do referencial de afluência. Em todos esses casos, a pertinência enunciativa está constituída na relação com o quantitativo de chuva, tomado como parâmetro para o quantitativo considerável de homem, gente, comentário, crítica e coisa.

Algo diferente ocorre com os enunciados da Rede Enunciativa 8, a seguir:

Quadro 54

REDE ENUNCIATIVA 8: [x] CHOVE
(a) São Pedro choveu a semana toda já pode parar de chover porque quero curtir meu fds -- ³⁸
(b) ei são pedro chove aí pra nós só pra testar uma coisa rapidão ³⁹
(c) Alo Deus, chove amanhã não, tenho q ir em todas consultas, em guará, no centro, tudo de moto ⁴⁰
(d) Eeu to muito feliz, papai do céu choveu bençãos em minha vida essa semana! ⁴¹
(e) Aqui no rio o céu chove de pipa hahaha ⁴²

Fonte: autoria própria

Vimos que a influência das regularidades que sistematizam a língua portuguesa favorece a criação de FN definidas em núcleo próprio, fora do espaço do predicado. Na Rede Enunciativa 3, começamos a apontar essa especificidade na constituição da predicação, com uma constituição de definitude em núcleo, de caráter “redundante”, em relação a FN que converge para a base verbal: “a chuva choveu...”

³⁸ Disponível em: < <https://twitter.com/caarolluz/status/360917787381739520> > Acesso: 11/01/22.

³⁹ Disponível em: < <https://twitter.com/junimlagos/status/1380338267988590592> > Acesso: 11/01/22.

⁴⁰ Disponível em: < <https://twitter.com/owataya/status/1480370697956438017> > Acesso: 11/01/22.

⁴¹ Disponível em: < https://twitter.com/Max_Junior_07/status/1443054434548916234 > Acesso: 11/01/22.

⁴² Disponível em: < https://twitter.com/Bancoli_95/status/614119035400286208 > Acesso: 11/01/22.

Nas redes que se seguiram, esse caráter redundante não aparece mais: “chove fino/uma chuva fina”; “choveu suor/uma chuva de suor”; “chove de gente/chuva de gente”.

Na predicação autonômica, enunciados de (a) a (e), podemos observar a presença de duas bases de predicação. A primeira está em confluência no verbo ‘chover’, sendo a responsável pela saída do verbo do infinitivo, e, desse modo, pela predicação autonômica. Temos ainda uma segunda base de predicação, as formações nominais ‘São Pedro’, ‘Deus’ e ‘papai do céu’ e ‘céu’. A proeminência dessa base de predicação está vinculada à força da regularidade sistemática da língua portuguesa, que se mostra no modelo canônico SUJEITO-VERBO-OBJETO. Desse modo, ela consegue se sobrepor à base em confluência, compondo o cenário de pertinência enunciativa, funcionando como se fosse a base motivadora da predicação autonômica. Esse movimento de sobreposição dessas formações nominais advém da necessidade de se expandir o cenário de pertinência enunciativa, necessidade essa ligada ao presente da enunciação, isto é, daquilo que o presente da enunciação predica. Notamos ainda que o lugar de objeto só ganha dimensão orgânica nos enunciados (d) e (e) com definitude em núcleo por meio das formações nominais em “bençãos” e “pipa”. Nos enunciados de (a) a (c), o lugar de objeto permanece em estado de virtualidade.

Nessa direção, compreendemos que a força da sistematicidade da língua também está presente no modelo canônico da predicação em ocorrências em que há mais de uma base de predicação. Isto é, uma base em confluência e uma base com definitude em núcleo: choveu uma chuva fina, choveu granizo, choveu flores, choveu mentiras, São Pedro choveu.

Todo o quadro que apresentamos no Capítulo 1, em torno do rompimento de dicotomias, como literal/figurado, literal/metafórico, pode ser evocado aqui, na medida em que muitos escritos sobre verbos de fenômenos da natureza, principalmente nas gramáticas de linha tradicional, deixam a entender que a natureza figurativa do verbo altera o seu estatuto lexical. É como se, em “papai do céu choveu bençãos”, por exemplo, tivéssemos outro verbo, o qual aceitaria as funções de sujeito e predicado. No entanto, trabalhamos com a concepção de que, em todas as ocorrências nas redes apresentadas, o verbo é o mesmo.

A sustentação lexical do verbo ‘chover’ está no domínio de mobilização de um referencial histórico (afluência) que se articula com pertinências enunciativas as quais circunscrevem esse referencial no cenário de predicação.

Em todas as redes enunciativas até aqui apresentadas, o referencial constituído pela perspectiva social de afluência de elementos em quantidade significativa instala-se no verbo por meio da base de predicação ‘chuva’. Na última ocorrência da Rede 8 (“papai do céu choveu bênçãos”), essa perspectiva se instala da mesma maneira que as outras ocorrências das redes apresentadas. A força da sistematicidade do português na estrutura SUJEITO-VERBO-OBJETO, como já dito, favorece uma distribuição de componentes no cenário de pertinências, os quais podem funcionar como um “motivador” em forma de FN de nucleação externa (‘papai do céu’) e um objeto (‘bençãos’).

Nesse caso, a FN de nucleação externa, do ponto de vista das coordenadas de conformação gramatical, tendo em vista que não é uma especificidade da base ‘chuva’, se sobrepõe pela força da sistematicidade SUJEITO-VERBO-OBJETO à confluência no que se refere à determinação predicativa. Ele se associa à FN ‘chuva’ na retirada do verbo do infinitivo para constituir a predicação.

O referencial da afluência, possibilitando o cenário de pertinência de quantidade significativa, está presente em ‘chuva’, no âmbito do verbo ‘chover’, e favorece a entrada de “bençãos”, concebida também como quantidade significativa, na configuração de um cenário de pertinências na sistematicidade regular do português.

A concepção de predicação autonômica não é afetada pelo leque de possibilidades de configuração de predicções que apresentamos nas redes de 1 a 8. Ela tem relação com a convergência de uma FN no verbo, proporcionando uma base de predicação verbal forte (‘choveu’ [chuva]), no sentido de prescindir de uma nucleação fora da predicação, ou de uma base verbal de fundo, no sentido de aceitar a sobreposição de uma base de predicação saliente, fora da predicação, em nucleação própria (“pai do céu choveu bênçãos”).

Além do verbo chover, consideramos que a predicação autonômica pode se constituir com verbos como choviscar’, ‘neblinar’, ‘garoar’, ‘gear’ e ‘nevar’, tendo em vista que esses verbos também são afetados pelo referencial histórico da afluência. Desse modo, na predicação dos enunciados apresentados nas cinco redes enunciativa a seguir, os verbos saem do estado de infinitivo ativado pelas formações nominais de base predicativa ‘chuvisco’, ‘neblina’, ‘garoa’, ‘geada’ e ‘neve’.

Quadro 55

REDE ENUNCIATIVA 9: CHUVISCAR
(a) Aqui na Tijuca só chuviscou ⁴³
(b) essa chuva que vem chuvisca 3 minutos e já vai embora slk lamentável viu ⁴⁴
(c) O céu tá chuviscando com uma vazão de 1 nanometro ³ por hora, mas as pessoas sentem a necessidade de fechar todas as janelas e transformar o ônibus numa estufa mesmo assim ⁴⁵
(d) @vampireska Sei lá', tem doido pra tudo né. Aqui o tempo ta chuviscando , vamos ver mais tarde né ⁴⁶
(e) Aqui a imagem tá chuviscando um pouco ⁴⁷
(f) Assistindo no PC porque a TV ta chuviscando ⁴⁸
(g) @TopTVIbope É péssima!! O povo esta indignado. O Som é terrível, e pega muito, muito, muito mal. O Sinal chuvisca mesmo com antenas boas. :(⁴⁹
(h) Minha TV ta sem antena kkkkk a globo ta chuviscando , mas vai assim mesmo já que moio os links ⁵⁰

Fonte: autoria própria

A perspectiva que caracteriza o referencial histórico-social na confluência da FN no verbo desta Rede e nas que seguem também é marcada pela afluência. No entanto, há uma mudança em relação aos cenários de pertinência constituídos nas predicções com ‘chover’. A perspectiva social de afluência de unidades se mantém, embora haja uma diferença quanto à quantidade e forma dessas unidades.

No caso de ‘chuviscar’, essa diferença fica bem marcada. A percepção de unidades configuradas como partículas de densidade e quantidade reduzidas produz as condições para a predicação com ‘chuviscar’.

Em (a), “Aqui na Tijuca só chuviscou”, temos a confluência de ‘chuvisco’ no verbo ‘chuviscar’, que, passando pelas coordenadas de conformação gramatical, resulta na forma verbal do passado ‘chuviscou’. No cenário de pertinência enunciativa, gotas de água em forma reduzida em movimento de precipitação formam o quadro de atualidade desse enunciado.

⁴³ Disponível em: <<https://twitter.com/camargoantonie1/status/1479171441958477825>> acesso: 11/01/22.

⁴⁴ Disponível em: <<https://twitter.com/MITSKICOMUNISTA/status/1449566689725665281>> acesso: 10/08/21.

⁴⁵ Disponível em: <https://twitter.com/jairo_moutinho/status/1196348621664538625> acesso: 11/01/22.

⁴⁶ Disponível em: <<https://twitter.com/deivismendes/status/10795168227>> acesso: 11/01/22.

⁴⁷ Disponível em: <<https://twitter.com/YgorFremo/status/1471825504634388482>> acesso: 11/01/22.

⁴⁸ Disponível em: <<https://twitter.com/jhefersonjc/status/323598271631200257>> acesso: 11/01/22.

⁴⁹ Disponível em: <<https://twitter.com/filipiferreira/status/187170707778715648>> acesso: 11/01/22.

⁵⁰ Disponível em: <<https://twitter.com/karinamarigold/status/711638833473970176>> acesso: 11/01/22.

Em (b), (c) e (d), temos já a constituição de uma base de predicação externa que concorre com a base ‘chuvisco’. Essa base de nucleação externa é formada por ‘chuva’, ‘céu’ e ‘tempo’, respectivamente. Nesses três enunciados, essas bases ainda se encontram associadas semanticamente a ‘chuvisco’, pois são percebidas no cenário de pertinência enunciativa da meteorologia como entidades ‘agentes’ de precipitação.

Já em (e), (f), (g) e (h), temos a constituição das bases de predicação com as formações nominais ‘imagem’, ‘TV’, ‘sinal’ e ‘Globo’, todas elas constituindo um cenário de pertinência com ‘chuvisco’ fora da área meteorológica. Assim, a nucleação da base predicativa fora do âmbito da predicação se distancia semanticamente da FN ‘chuvisco’, em confluência.

No entanto, essa base predicativa em confluência continua a integrar a significação do predicado. Nesses enunciados, o cenário de pertinência envolve a existência de pequenos pontos que parecem se mover na tela dos aparelhos de TV analógicos. Isso é compreendido na relação com chuvisco, que pode ser percebido como gotículas de água que igualmente se movem no espaço atmosférico.

Observemos a seguir a Rede Enunciativa 10:

Quadro 56

REDE ENUNCIATIVA 10: NEBLINAR
(a) Recife está tão frio que aqui em casa neblinou ⁵¹
(b) Eu pensei que tinha so neblinado , mas choveu mssssm ⁵²
(c) se deus inventou algo melhor que tomar um banho quentissimo neblinando o banheiro todo, guardou para si ⁵³
(d) Neblinei a casa e to quase morrendo ⁵⁴
(e) Hoje eu neblinei o banheiro do bomba kkkkkk ⁵⁵

Fonte: Autoria própria

Nessa Rede, os dois primeiros enunciados apresentam diferenças nas coordenadas de conformação gramatical: o primeiro uma forma simples, o segundo uma forma verbal composta. Em ambos os casos, a FN ‘neblina’ atua como base de predicação, formando uma sustentação de base predicativa unicamente em confluência.

⁵¹ Disponível em: < <https://twitter.com/josaafa/status/1282163171126587392> > acesso: 11/11/21.

⁵² Disponível em: < <https://twitter.com/raisabessa/status/535067550946983937> > acesso: 11/11/21.

⁵³ Disponível em: < <https://twitter.com/tursemh/status/1261502857141985281> > acesso: 11/11/21.

⁵⁴ Disponível em: < https://twitter.com/P_Kill/status/1116803578033790976 > acesso: 11/11/21.

⁵⁵ Disponível em: < <https://twitter.com/luizaugustoma/status/1136829023299022849> > acesso: 11/11/21.

O cenário de pertinência enunciativa apresenta-se bastante próximo semanticamente daquele que vimos nas predicções com ‘chuviscar’. No entanto, é possível uma diferenciação. Se, na Rede anterior, pontos de luz intermitentes em afluência na tela de TV são associados com ‘chuvisco’, nesta Rede, é parte do cenário de pertinência enunciativa uma associação entre ‘neblina’ e algo como ‘fumaça’ ou ‘névoa’.

Observemos que, em (c), (d) e (e), temos, como coordenadas de conformação gramatical, a atuação da configuração canônica de predicação, por força da regularidade da língua portuguesa. Dessa maneira, as formações nominais ‘banho quentíssimo’ e ‘eu’, passam a se constituir em nucleação fora do predicado. Além disso, as formações nominais ‘o banheiro’ e ‘a casa’ operam na ocupação do lugar de objeto direto.

No cenário de pertinência enunciativa, ‘neblinei a casa’, por exemplo, projeta uma associação entre ‘neblina’ e ‘névoa’ ou ‘fumaça’. Isso quer dizer que os elementos que entram na percepção de ‘neblina’ são de tal forma que mais turvam o ambiente do que provocam umidade. A fumaça e a névoa favorecem essa percepção de forte opacidade no ambiente, levando a alguma dificuldade de respiração: ‘neblinei a casa e tô quase morrendo’ (d).

Algo um pouco diferente ocorre com as predicções que portam o verbo ‘garoar’ na Rede a seguir:

Quadro 57

REDE ENUNCIATIVA 11: GAROAR
(a) ZN de São Paulo, garoou boa parte da noite e garoa faz mais de uma hora. Parece ir assim durante o dia todo. Lado positivo é que evita aglomerações ⁵⁶ .
(b) Dia nublado, mas muito quente na zona leste paulista. Garouu mais cedo, mas já parou #trarenacor ⁵⁷
(c) hoje nao vai dar pra correr ta garoando ⁵⁸
(d) Alegria de pobre dura pouco. Está garoando e baixou pra 16°C ⁵⁹
(e) tá garoando uma garoa perfeita pra dormir e quem vai voltar pra cama sou eu ⁶⁰

Fonte: autoria própria

⁵⁶ Disponível em: < https://twitter.com/jota_pe13/status/1476938610934956035 > acesso: 15/11/21.

⁵⁷ Disponível em: < <https://twitter.com/brunocassucci/status/1087043646262792192> > acesso: 15/11/21.

⁵⁸ Disponível em: < <https://twitter.com/luanscarlate/status/1477008524597153798> > acesso: 15/11/21.

⁵⁹ Disponível em: < <https://twitter.com/PepeReale/status/1300225650175938561> > acesso: 15/11/21.

⁶⁰ Disponível em: < <https://twitter.com/josequeesha/status/1352576487136833538> > acesso: 15/11/21.

Nesses enunciados, as coordenadas de conformação gramatical indicam variação de temporalidade (presente e passado) e modo de configuração da forma verbal: simples e complexa, pela locução verbal.

Sobre a questão da sobreposição de predicções, somente em (e) “tá garoando uma garoa perfeita pra dormir”, temos uma FN ‘garoa perfeita para dormir’ que atua como uma segunda base de predicção que se constitui como uma especificação da base em confluência na predicção autonômica. No entanto, trata-se de uma base que não fica fora da área atmosférica.

Assim, tudo indica que ‘garoar’ seja um verbo de uso restrito em predicções com cenários de pertinência constituídos na área atmosférica.

Dessa maneira, o referencial de afluência entra em relação com o cenário de pertinência de maneira a estabilizar a confluência da FN ‘garoa’ no verbo. Apesar das variações nas coordenadas de conformação gramatical, o cenário de pertinência tende a marcar uma semelhança com as unidades e formas de gotas de água que estavam configuradas em ‘chuviscar’.

No entanto, há que se destacar no cenário de pertinência enunciativa uma diferença nas predicções com ‘garoar’, em relação às predicções com ‘chuviscar’. Na Rede enunciativa com ‘garoar’, temos traços de consistência do enunciado que indicam uma associação com duração mais longa (“garou boa parte da noite e garoa faz mais de uma hora”) e também com a temperatura (“Está garoando e baixou para 16°C”).

A Rede a seguir está constituída de enunciados de predicção em torno do verbo ‘gear’.

Quadro 58

REDE ENUNCIATIVA 12: GEAR
(a) Nesta quarta geou em várias cidades e amanhã pode gear de novo em quase todo o Rio Grande do Sul ⁶¹
(b) Quando eu era criança pequena lá em Catanduva, e faz tempo, o inverno era somente no mês de julho, quando até geava . ⁶²
(c) faz 20 graus e o carioca pensa que ta geando congelando nevando, quem me dera ⁶³
(d) No Recife já está geando . Cara com frio ⁶⁴
(e) Itu, geou gelo em cima de carros. Muito frioooo. ⁶⁵

Fonte: autoria própria

Nessa Rede, do ponto de vista das coordenadas de conformação gramatical, os quatro primeiros enunciados só apresentam alterações nas formais verbais, em simples e complexas. Porém, no enunciado (e), temos, ainda do ponto de vista das coordenadas de conformação gramatical, predicação sobreposta: a FN ‘gelo’ adquire nucleação independente do predicado, constituindo-se em sujeito suplementar, em relação a ‘geada’, tendo em vista a confluência no verbo ‘gear’.

A participação desse sujeito suplementar ‘gelo’ no enunciado é um elemento que produz a identidade do cenário de pertinência enunciativa. Isso é reforçado pelas nucleações no cenário de pertinência enunciativa desses enunciados, a percepção da afluência como perspectiva social está marcado na pertinência que ‘geada’ promove no sentido de ‘gear’, atuando em processo de confluência no verbo.

Nesse caso, um traço de pertinência marca o cenário de percepção das unidades que formam a geada: a intensidade do frio e o tempo úmido. Aliado a isso, no enunciado (c), temos ‘congelando’ como também um indicativo dessa especificidade desse cenário de pertinência com predicções ancoradas organicamente em ‘gear’.

Por fim, vejamos a Rede Enunciativa com predições ancoradas organicamente no verbo ‘nevar’.

⁶¹ Disponível em: < <https://twitter.com/jornalnacional/status/1144046121876107264> > acesso: 03/12/21.

⁶² Disponível em: < <https://twitter.com/cafrancoadv/status/1276698066595319810> > acesso: 03/12/21.

⁶³ Disponível em: < <https://twitter.com/lelarassi/status/460941928700604417> > acesso: 03/12/21.

⁶⁴ Disponível em: < <https://twitter.com/PAWM81/status/1270503423180517376> > acesso: 03/12/21.

⁶⁵ Disponível em: < <https://twitter.com/beneditosavioli/status/85664580788944896> > acesso: 03/12/21.

Quadro 59

REDE ENUNCIATIVA 13: NEVAR
(a) Reza a lenda que daqui a pouco nevará em Nova Iguaçu. ⁶⁶
(c) Em apenas uma hora, nevou cerca de 20 cm , criando um cenário digno de reino encantado do inverno ⁶⁷ . Corpus do português
(d) A previsão do tempo diz que o céu nevou OH OH OH ⁶⁸
(e) seus cabelos nevaram(-se) ainda na juventude ⁶⁹
(f) Estou ouvindo o P. Reginaldo. Aqui está nevando cinza da usina - tá tudo preto ⁷⁰

Fonte: autoria própria

Nesses enunciados, do ponto de vista das coordenadas de conformação gramatical, as predicções em (a) e (b) apresentam apenas variações de tempo, e não apresentam nucleações de FN em predicções suplementares.

Por outro lado, nos outros enunciados, temos predicções paralelas por meio de bases de predicação suplementares em nucleação externa, como ‘cerca de 20 cm’ (c), ‘o céu’ (d), ‘seus cabelos’ (e) e ‘cinza da usina’ (f).

Em (c), ‘cerca de 20 cm’ entra no cenário de pertinência como especificação da FN base ‘neve’, em termos das consequências da sua afluência. Por sua vez, em (d), a FN ‘o céu’ mantém uma relação muito próxima da base ‘neve’, pois se trata da percepção de origem da neve.

No entanto, em (e), o cenário de pertinência recebe a associação da base de predicação de fundo (‘neve’) com essa nova base: ‘seus cabelos’. O elemento de consistência dessa associação é a cor igual: o branco. Já em (f), a associação entre a FN base ‘neve’ e a FN ‘cinza da usina’, formando uma base de predicação suplementar, se dá na constituição da opacidade que neve e cinza produzem no ambiente. Trata-se de um acúmulo de cinza semelhante a neve. Assim se forma a consistência que relaciona ‘cinza’, ‘preto’ e a base ‘neve’.

⁶⁶ Disponível em: < <https://twitter.com/LeonardoBaguin1/status/1420864360902242317> > acesso: 03/12/21.

⁶⁷ Disponível em: < <https://hypescience.com/os-9-albuns-de-casamento-mais-extremos-do-mundo/> > acesso: 03/12/21.

⁶⁸ Disponível em: < <https://twitter.com/7KleineMonde/status/1353716818511323138> > acesso: 03/12/21.

⁶⁹ Disponível em: < https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v5-4/html/index.php#2 > acesso: 03/12/21.

⁷⁰ Disponível em: < <https://twitter.com/Cidinhatida/status/22615573413> > acesso: 03/12/21.

Síntese

Desenvolvemos, nessa fase de decodificação, conforme o modelo metodológico da Teoria Fundamentada, o nosso caminho na abordagem da “dinâmica do dizer”, que atravessa todo este estudo. No presente Capítulo, a articulação predicativa foi abordada a partir da concepção de predicação autonômica, tendo como foco o referencial de afluência que as formações nominais conduzem para o verbo, tornando as predicções capazes de se constituir sozinhas em uma unidade sentencial, do ponto de vista da dimensão orgânica. No entanto, a consideração da dimensão enunciativa nos mostra que a base de predicação está em confluência no verbo. Isso caracteriza a predicação autonômica.

Podemos perceber que os últimos estudos sobre os verbos de fenômenos da natureza apresentados no Capítulo 4 já apontavam aspectos na direção dessa nossa abordagem. Observamos que Levin e Krejci (2019), Roldán (2013) e Ruwet (1986), cada um a seu modo procuram uma categorização para um sujeito “interno” a esses verbos: sujeito substância, sujeito sintático, sujeito incorporado.

Quanto à dinâmica do dizer, ela se mostra desenvolvida no conceito de domínios de mobilização, que esteve determinando a relação entre o referencial histórico e as pertinências enunciativas constituídas nos diversos cenários dos enunciados.

CAPÍTULO 6

PREDICAÇÃO AUTONÔMICA: OCORRÊNCIAS E PERIODIZAÇÕES

No Capítulo anterior, abordamos as “afluências” como demarcadoras de predicções autonômicas. Neste Capítulo, analisamos as predicções autonômicas regidas por “ocorrências” e “periodizações”.

No que se refere a “ocorrências”, abordamos confluências de formações nominais nas predicções com suporte orgânico nos verbos ‘trovejar’, ‘relampejar’, ‘ventar’, ‘nublar’, ‘esfriar’, ‘esquentar’, ‘ensolarar’ e ‘estiar’. Por sua vez, quanto às periodizações, analisamos as confluências em predicções com suporte nos verbos ‘amanhecer’, ‘entardecer’, ‘anoitecer’ e ‘sextar’.

O primeiro grupo reúne as predicções constituídas sob o referencial de ocorrências percebidas no ambiente. Essas ocorrências envolvem alterações na relação som/silêncio, clarão/normalidade¹, mobilidade/imobilidade, turbidez/limpidez, quentura/frieza, claridade/normalidade², umidade/secura.

O segundo grupo reúne predicções constituídas sob o referencial da periodização, isto é, das fases regulares que nos afetam de forma inevitável. Por esses referenciais, organizamos nossa vida cotidiana com base nos períodos pelos quais somos afetados pela luz solar, ou ainda pelo período que compreende à passagem do tempo configurada, socialmente como dias da semana, que podem significar como “dias de trabalho” e “dias de ausência de trabalho” (sextar).

Os dois grupos têm em comum as percepções sociais formuláveis em língua. Trata-se de relações sociais com o sensível, que envolvem o ambiente comum de vivência nos acontecimentos enunciativos.

Vejamos a Rede Enunciativa 14, em que o verbo recebe o referencial de ocorrência da FN ‘trovão’.

¹ Entendemos por ‘normalidade’ a percepção de um ambiente não afetado por clarão de relâmpago.

² Entendemos por ‘normalidade’ a percepção de um ambiente não afetado por claridade do sol.

Quadro 60

REDE ENUNCIATIVA 14: TROVEJAR
a) Trovejou tanto e nem choveu ³
(b) Éeee Salvador... Nem parece que tava trovejando ⁴
(c) Poderosas explosões trovejaram no condado de Milam, Texas, depois que um trem que transportava produtos petrolíferos descarrilou ⁵
(d) [O presidente] TROVEJOU palavras de ordem à favor da liberdade de imprensa ⁶
(e) Lágrimas escorreram pelo meu rosto e meu coração trovejou no peito ⁷

Fonte: autoria própria

As duas primeiras ocorrências dessa rede são caracterizadas pela predicação autonômica com a participação plena da base de predicação “trovão” em confluência no verbo ‘trovejar’. Do ponto de vista das coordenadas de conformação gramatical, a diferença entre (a) e (b) está na constituição complexa do núcleo verbal da predicação em (b): ‘tava trovejando’.

Nos enunciados de (c) a (e), temos a ocupação orgânica de uma segunda base de predicação nucleada no mesmo predicado. Esse fenômeno, como vimos no capítulo anterior, é motivado, do ponto de vista enunciativo, pela força da regularidade canônica: SUJEITO-VERBO-PREDICADO. No âmbito dessas coordenadas de conformação gramatical, as formações nominais ‘poderosas explosões’, ‘o presidente’ e ‘meu coração’ ocupam o lugar de sujeito, e em (d), ‘palavras’ ocupa o lugar de objeto. A nucleação dessas formações nominais desempenha um papel importante na constituição do cenário de pertinência da predicação.

Em (a) e (b), a relação som/silêncio é captada por uma manifestação de forte intensidade em situação chuvosa.

Nesses três enunciados seguintes, isto é, em (c), (d) e (e), ainda no cenário de pertinência, a relação som/silêncio é captada de maneira a se conceber ocorrências marcadas pela intensidade, que transita entre o som em (c) e (d) e a vibração (e). Da mesma maneira que o trovão altera certa normalidade do ambiente, a alteração na intensidade das ‘poderosas

³ Disponível em: < <https://twitter.com/laiscacto/status/1492266714930761736> > acesso: 05/10/21.

⁴ Disponível em: < <https://twitter.com/Gustadan/status/1465778352829071361> > acesso: 05/10/21.

⁵ Disponível em: < <https://twitter.com/Eventomund/status/1364324355270995970> > acesso: 05/10/21.

⁶ Disponível em: < <https://twitter.com/Marconarede/status/1488974654563917824> > acesso: 05/10/21.

⁷ Disponível em: < <https://twitter.com/neeturna/status/1288132747744215041> > acesso: 05/10/21.

explosões’ (c), da ‘voz do presidente’ (d) e do ‘coração’ (e) também se torna pertinente na constituição desses cenários.

Essas formações nominais constituem o cenário de pertinência enunciativa da predicação, produzindo especificações, as quais a predicação de fundo (‘trovão’) incide na significação do verbo.

Especificando um pouco mais, no cenário de pertinência enunciativa, sabemos que a FN ‘trovão’ leva à predicação a alteração na normalidade do ambiente. Ela é a responsável por produzir a compreensão dessa alteração no ambiente. Já em “meu coração trovejou”, a intensidade dos batimentos do coração é significada pela intensidade do som do trovão. A constituição dessa FN nucleada participa do cenário de pertinência enunciativa. Assim, a presença da predicação em ‘trovejou’ produziu uma necessidade de nucleação favorecida pela regularidade da língua portuguesa.

Observemos a seguir a Rede Enunciativa 15, centrada no verbo ‘relampejar’:

Quadro 61

REDE ENUNCIATIVA 15: RELAMPEJAR
(a) Relampejou aqui, e eu já tô sentindo o cheirin de terra molhada ⁸
(b) relampejando /relampiando em são miguel do oeste ⁹
(c) O céu relampeja igual minha cabeça hj ¹⁰
(d) Eles ainda estavam com os olhos presos quando ele relampejou um sorriso para ela. ¹¹
(e) Ontem eu relampejei na mente: Brasil não precisa de reforma política. Precisa de reforma estrutural. Mas como fazê-la sem fazer revolução? ¹²

Fonte: autoria própria

Os dois primeiros enunciados iniciam a rede pela predicação autonômica com o papel constante da base de predicação “relâmpago” em confluência no verbo ‘relampejar’. Nas coordenadas de conformação gramatical registram-se diferenças no tempo do passado simples ‘relampejou’, em (a), e do gerúndio ‘relampejando’, em (b).

Por sua vez, o cenário de pertinência reflete a captação da intensidade da luz, na relação clarão/normalidade. Em ocorrência noturna, esse contraste fica mais nítido; em caso de ocorrência diurna, esse contraste é menos nítido, uma vez que ela ocorre no meio termo entre a claridade intensa de um relâmpago e a escuridão do céu à noite.

⁸ Disponível em: <https://twitter.com/search?q=relampejou&src=typed_query> acesso:09/10/21.

⁹ Disponível em <<https://twitter.com/edu4rdoh3nrique/status/1448453148453085184>> acesso: 09/10/21.

¹⁰ Disponível em: <<https://twitter.com/incolorr/status/1375273816541253633>> acesso: 09/10/21.

¹¹ Disponível em: <<https://twitter.com/TeamFallenBR/status/330770424688410625>> acesso em 09/10/21.

¹² Disponível em: <https://twitter.com/Chico_Assis/status/58178409393684480> acesso: 09/10/21.

Quanto aos três enunciados seguintes, no que se refere às coordenadas de conformação gramatical, temos novamente a atuação da força de regularidade canônica, produzindo as condições para a ocorrência de duas bases de predicação, com a nucleação de sujeito em base externa, como em ‘o céu’ (c), ‘ele’ (d) e ‘eu’ (e).

Essa constituição de base suplementar tem repercussões nos cenários de pertinência enunciativa. Observemos:

Em (c), ‘o céu’ aparece como uma especificação do lugar perceptível da procedência do relâmpago. Esse lugar de procedência é apresentado como paralelo a ‘cabeça’ como lugar de procedência de algo que significa como relâmpago (uma enxaqueca, por exemplo): “o céu relampeja igual minha cabeça hj”.

Por sua vez, em (d), a percepção da intensidade da claridade do relâmpago, como ocorrência, funciona como uma medida pela qual se concebe a percepção da intensidade de um sorriso (“ele relampejou um sorriso para ela”). A intensidade do sorriso é significada pela intensidade do relâmpago no cenário de pertinência enunciativa.

Essa ocorrência de intensidade do clarão do relâmpago é acompanhada de rapidez, instantaneidade. Da mesma maneira, em “eu relampejei na mente” (e), a ocorrência de relâmpago é tomada pano de fundo para se compreender como se deu a captação de ideias na mente: intensa e instantânea.

O cenário de pertinência, então, se constitui como um espaço enunciativo para a consistência do enunciado. A presença de uma segunda base predicativa, nos enunciados de (c)-(e), é participativa dessa consistência.

Passemos agora à Rede Enunciava 16, centrada nas predicções com o verbo ‘ventar’:

Quadro 62

REDE ENUNCIATIVA 16: VENTAR
(a) Ventou eu já fico gripada e sem voz ¹³
(b) tá ventando, ventos bons! ¹⁴
(c) Menos calor esta noite. Ventou um vento bem fresquinho, foi ótimo! ¹⁵
(d) ah que isso ventou um vento de 92 graus celsius na minha cara ¹⁶
(e) fui p academia sem casaco msm fazendo frio sai de lá com o corpo quente e ventou 12 graus na minha cara ¹⁷

Fonte: autoria própria

Os dois primeiros enunciados da rede apresentam uma predicação em que a FN ‘vento’ está em confluência no verbo, sendo que, em (a), a forma verbal é simples, e em (b), ele está em locução verbal.

Nos enunciados seguintes, há a constituição de formações nominais nucleadas em espaço sintático fora do predicado, e em todas elas, temos especificações da FN ‘vento’: ‘um vento bem fresquinho’, em (c); ‘um vento de 92 graus celsius’, em (d) e ‘12 graus’, em (e).

Do ponto de vista do cenário de pertinência, a predicação explora a relação entre o móvel e o imóvel, projetada pelo referencial de ocorrências.

Veremos agora alguns traços da participação dessas formações nominais suplementares no cenário de pertinência enunciativa.

Em (c), “ventou um vento bem fresquinho”, a constituição da FN em nucleação ‘vento’ aparece como base para a recepção do qualificador ‘bem fresquinho’ que incide sobre ‘vento’. Dessa maneira, a regularidade da língua portuguesa permite que uma FN seja nucleada fora do espaço predicado para receber qualificação, mesmo que essa FN externa seja uma “cópia” da FN interna, que também é ‘vento’.

O mesmo pode ser concebido em (d), no enunciado “ventou um vento de 92 graus celsius na minha cara”. A constituição de uma especificação ‘de 92 graus celsius’ no cenário de pertinência enunciativo leva à duplicação da FN ‘vento’, produzindo uma FN em núcleo para receber essa especificação.

Já em (e), tendo em vista a relação mobilidade/imobilidade, a percepção da mobilidade do vento é também atualizada e explorada no cenário de pertinência enunciativa.

¹³ Disponível em: < <https://twitter.com/Kamilla26413614/status/1452391864758378498> > acesso: 10/10/21.

¹⁴ Disponível em: < <https://twitter.com/brunoxav1er/status/1451222771548229637> > acesso: 10/10/21.

¹⁵ Disponível em: < <https://twitter.com/JuMalheiros/status/5557578635> > acesso: 10/10/21.

¹⁶ Disponível em: < <https://twitter.com/elisazanatta/status/1437757593758355460> > acesso: 10/10/21.

¹⁷ Disponível em: < <https://twitter.com/Mytti14/status/1450962136067461120> > acesso: 10/10/21.

A ocorrência de vento, em sua mobilidade, aparece no cenário como portadora de frio. A FN constituída fora do espaço do predicado, ‘12 graus’, marca essa medição em graus, indicativa do frio.

Enfim, é dessa maneira que essas bases de predicação suplementares recebem determinativos de consistência do enunciado.

A seguir, o verbo ‘nublar’ oferece suporte orgânico para a predicação autonômica configurada pelo referencial ocorrência na relação turvo/límpido.

Quadro 63

REDE ENUNCIATIVA 17: NUBLAR
(a) nublou ¹⁸
(b) O tempo nublou HOJE e o detran mandou mensagem cancelando minha prova de SEGUNDA ¹⁹
(c) O céu tá nublando pro lado de cá ²⁰
(d) a tormenta nublava todo o céu ²¹
(e) o desejo nublava meus olhos ²²

Fonte: autoria própria

Novamente, começamos pelo enunciado cuja predicação se constitui pela unicidade da base predicativa por uma FN não nucleada, e que leva ao enunciado a significação do referencial de ocorrência, por meio da FN ‘nuvem’. Em Português, ‘nublar’ é um verbo concorrente de ‘nuvear’. Este último fica circunscrito ao meio erudito. Por isso, ‘nublar’ é cobrir-se de nuvens, da mesma forma que ‘nuvear’.

Quanto às coordenadas de conformação gramatical, destacamos a presença orgânica de formações nominais nucleares externamente ao predicado, desempenhando a função de uma segunda base de predicação. Essas formações nominais são ‘o tempo’, ‘o céu’, ‘a tormenta’ e ‘o desejo’, na sequência de (b) a (e).

Vemos a participação dessas formações nominais na formação do cenário de pertinência enunciativa.

Em (b) e (c), as formações nominais ‘tempo’ e ‘céu’ aparecem como especificadores de local da ocorrência de nuvem. A constituição desse enunciado se vale da regularidade da

¹⁸ Disponível em: <<https://twitter.com/pipesflowerz/status/1448339742291107841>> acesso: 09/10/21.

¹⁹ Disponível em: <https://twitter.com/giad_1/status/1449047137472458761> acesso: 09/10/21.

²⁰ Disponível em: <<https://twitter.com/andreshalders/status/1433467377308639241>> acesso: 09/10/21.

²¹ Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v5-4/html/index.php#1> acesso: 09/10/21.

²² Disponível em: <<https://twitter.com/Icydreamsss/status/1373433321594757121>> acesso: 09/10/21.

estrutura gramatical da língua portuguesa, que abre espaço para essas formações nominais ocuparem lugar sintático na ordem SUJEITO-VERBO-OBJETO.

Já em (d), a FN ‘a tormenta’ participa do cenário de pertinência, como sujeito suplementar (“a tormenta nublava todo o céu”), provocando ocorrência de turbidez.

Por sua vez, em (e), a FN ‘o desejo’ entra na constituição do cenário de pertinência enunciativa de ocorrência na medida em que é provocador de turbidez nos olhos (“o desejo nublava meus olhos”). O desejo provoca uma nevoa nos olhos, atrapalhando a visão. Isto é, o desejo não permite que algo seja visto com clareza. Dessa maneira, a turbidez nos olhos é compreendida a partir da interposição de uma nuvem no céu, que se encontra em convergência no verbo ‘nublar’.

Vejamos a seguir a constituição da predicação em dois verbos, que se comportam enunciativamente de forma paralela: ‘esfriar’ e ‘esquentar’.

Quadro 64

REDE ENUNCIATIVA 18: ESFRIAR
(a) Esfriou né? Vem ver nossos tricôs lindos ²³
(b) quando chega no fim de semana esfria e cai o mundo em chuva ²⁴
(c) Não é por nada não, mas nunca vai esfriar nessa cidade? ²⁵
(d) Eu sinto q fico "mais" bonita quando o tempo esfria ²⁶
(e) os ventos esfriaram mesmo! #gooosto ²⁷

Fonte: autoria própria

²³ Disponível em: < <https://twitter.com/MariSRXimenes/status/1509919831264534551> > acesso: 22/10/21.

²⁴ Disponível em: < https://twitter.com/sara_manini/status/1512534728762609667 > acesso: 22/10/21.

²⁵ Disponível em: < <https://twitter.com/lauraresende/status/1512022125346967559> > acesso: 22/10/21.

²⁶ Disponível em: < <https://twitter.com/mdudacoorreia/status/1512457595902124036> > acesso: 22/10/21.

²⁷ Disponível em: < https://twitter.com/joao_alexandre/status/57539733244481537 > acesso: 22/10/21.

Quadro 65

REDE ENUNCIATIVA 19: ESQUENTAR
(a) Esquentou, né gente?! 🤗🤗🤗🤗 ²⁸
(b) Tá esquentando!! ²⁹ .
(c) O tempo está esquentando então vamos~passear ³⁰ .
(d) vocês estão sentindo a temperatura esquentar? eu tô sentindo o tempo fresquinho ir embora ³¹ .
(e) Quanto sua cidade esquentou? ³² .

Fonte: autoria própria

As predicções com esses dois verbos apresentam um desafio a mais. Elas adquirem as características da predicação autonômica, da forma como estamos desenvolvendo nesta tese. No entanto, não há clareza quanto aos limites dessa classificação.

Acreditamos que é legítimo postular que temos ‘frio’ como FN que se situa em confluência no verbo ‘esfriar’. Trata-se do substantivo ‘frio’. Por sua vez, temos a FN ‘quentura’ em confluência no verbo ‘esquentar’. Usamos pouco o substantivo ‘quentura’, mas ele é registrado na nossa língua desde o século XIII, como consta no *Dicionário Houaiss*. Na língua portuguesa, temos também os adjetivos ‘frio’ e ‘quente’. No entanto, preferimos ser cautelosos e não inserir na rede enunciados como “Eu esquentei a água”, no sentido de fornecer uma propriedade ao líquido.

Dessa maneira, quando tomamos o enunciado (a) da Rede 19 (“Esquentou, né gente?”) tudo indica que estamos falando do aumento da temperatura no ambiente (quentura), algo que surge em razão das alterações do meio natural. O mesmo ocorre no enunciado “Tá esquentando”, em (b). Nesse caso, temos uma alteração nas coordenadas de conformação gramatical, com a realização de uma locução verbal.

Paralelamente, a Rede 18 apresenta os primeiros três enunciados com o mesmo comportamento enunciativo: os dois primeiros enunciados, com as formas verbais ‘esfriou’, ‘esfria’, constituídos de unidade verbal simples, e o terceiro enunciado (“vai esfriar”) com unidade verbal complexa (locução verbal).

Os enunciados seguintes, nas duas redes, apresentam bases nucleares externas ao predicado: ‘o tempo’ e ‘os ventos’ (Rede 18); ‘o tempo’, ‘a temperatura’ e ‘sua cidade’ (Rede

²⁸ Disponível em: < <https://twitter.com/lyarecaldx/status/1512236059119300642> > acesso: 22/10/21.

²⁹ Disponível em: < <https://twitter.com/euamopg/status/1512345414770507780> > acesso: 22/10/21.

³⁰ Disponível em: < https://twitter.com/Snuper6_BR/status/1105251784493289472 > acesso: 22/10/21.

³¹ Disponível em: < <https://twitter.com/Nizoca/status/1481082888674291712> > acesso: 22/10/21.

³² Disponível em: < https://twitter.com/Duarte_Cau/status/1160328359072718854 > acesso: 22/10/21.

19). Nesse caso, essas formações nominais formam nucleação de base predicativa suplementar fora do predicado, incidindo sobre os verbos ‘esfriar’ e ‘esquentar’.

Quanto ao cenário de pertinência enunciativa, as duas predicções exploram as ocorrências percebidas socialmente na variação “quentura/frieza”. Observemos mais detalhadamente as ocorrências com os dois verbos.

Em 18 (d), “o tempo esfria” apresenta ‘o tempo’ como FN nucleada fora da predicção. Nesse caso, é incorporado ao cenário de pertinência a percepção do próprio ambiente como local em que a ocorrência da variação quentura/frieza se dá.

Já em 18 (e), “os ventos esfriaram”, ‘os ventos’ entram no cenário de pertinência pela percepção da veiculação do frio.

Por sua vez, na Rede Enunciativa 19, em (c) e (d), “o tempo está esquentando” e “a temperatura esquentar”, as formações nominais nucleadas como base de predicção sobreposta são análogas na participação do cenário de pertinência enunciativa. Elas especificam a percepção do próprio ambiente (‘o tempo’) e a própria escala de variação da quentura/frieza (‘a temperatura’) como elementos pertinentes da ocorrência do ‘esquentar’.

Por fim, em 19 (e), “sua cidade esquentou”, a FN base ‘sua cidade’ em sobreposição traz o recorte histórico do lugar em que a quentura se faz pertinente.

Abordaremos agora a Rede Enunciativa 20, com enunciados que utilizam o verbo ‘ensolarar’.

Quadro 66

REDE ENUNCIATIVA 20: ENSOLARAR
(a) Previsão de tempo em bh, ensolarou ³³
(b) Já tá ensolarando ... Não gosto ³⁴ .
(c) o sol me ensolarou , agora eu to com insolação ³⁵
(d) Essa notícia ensolarou o dia . ³⁶
(e) Ensolarei hoje ☀ ³⁷

Fonte: autoria própria

A regularidade de apresentação das redes enunciativas se mantém também nesta Rede.

³³ Disponível em: < <https://twitter.com/pedrogabriel853/status/1490209087400951812> > acesso: 20/10/21.

³⁴ Disponível em: < https://twitter.com/Tay_liss3/status/628209632742375424 > acesso: 20/10/21.

³⁵ Disponível em: < https://twitter.com/RCD_CNT/status/432311648905220096 > acesso: 20/10/21.

³⁶ Disponível em: < <https://twitter.com/Dulcineialeite/status/1426155882124021764> > acesso: 20/10/21.

³⁷ Disponível em: < <https://twitter.com/Valberro/status/1401569402240352259> > acesso: 20/10/21.

Do ponto de vista das coordenadas de conformação gramatical, os verbos que dão suporte às predicções se apresentam no passado e no futuro: alguns sob a forma de unidade verbal simples ('ensolarou' e 'ensolarei') e outro sob a forma de unidade verbal complexa ('tá ensolarando').

Ainda do ponto de vista de vista das coordenadas de conformação gramatical, nos dois primeiros enunciados, temos unicamente a formação nominal 'sol', como base, incidindo no verbo 'ensolarar'.

No terceiro enunciado ("o sol me ensolarou"), temos uma explicitação da FN 'sol' em base de predicação nucleada fora do predicado, pela influência da regularidade canônica da língua portuguesa. Nesse mesmo enunciado, produz-se um lugar de objeto ocupado por 'me'.

Nos enunciados (d) e (e), por sua vez, temos, também por força da regularidade canônica da língua, 'Essa notícia' e 'eu' como bases de predicação em superposição. No enunciado (d), a FN 'Essa notícia' é nucleada em definitude, no espaço orgânico próprio. Já em (e), ela é constituída em ancoragem, formando o que a gramáticas tradicionais denominam de sujeito oculto.

No que se refere ao cenário de pertinência enunciativa, a predicação explora o referencial da ocorrência na variação claridade/normalidade. A normalidade é uma percepção do ambiente em que o ensolarar não se apresenta como pertinente.

Especificando mais a constituição desse cenário, em (c), a FN 'o sol' é apresentada como fonte do 'ensolarar'. Já em (d), o 'ensolarar' é captado como algo positivo. No cenário de pertinência, 'a notícia' que provoca o 'ensolarar' produz o efeito de uma boa notícia.

Por sua vez, em (e), "ensolarei", há uma percepção da ocorrência do sol no corpo. Sendo assim, a base de predicação 'sol', em concomitância com a FN 'eu', produz um cenário em que o dizer coloca o locutor como "participante" desse efeito corporal, qual seja o tomar sol.

A Rede Enunciativa 21, a seguir, agrega enunciados centrados na predicação ancorada no verbo 'estiar'.

Quadro 67

REDE ENUNCIATIVA 21: ESTIAR	
(a) Finalmente estiuu!!! ³⁸	
(b) indo dormir e essa chuvinha boa mas desejando que estie amanhã cedo quando eu acordar ³⁹	
(c) “Bloquinho hoje, bora? Ta estiando já” kkkkkkkkkkkkkkk ⁴⁰	
(d) vou aproveitar q o tempo estiuu e da uma corrida na leste fi ⁴¹	
(e) Felizmente a chuva estiuu , que medo que deu. ⁴²	

Fonte: autoria própria

Na última rede enunciativa do primeiro grupo de verbos, temos predicções ancoradas no verbo ‘estiar’.

Na manutenção da regularidade, os enunciados (a), (b) e (c) apresentam predicções singulares, apenas determinadas pela FN ‘estio’, que significa ocorrência de tempo quente e seco, com falta de chuva, com sentido próximo de estiagem. Trata-se de um substantivo pouco utilizado atualmente, mas é muito antigo na língua portuguesa. Em (c), temos a especificidade da unidade complexa ‘tá estiando’.

Nos enunciados (d) e (e), as formações nominais ‘o tempo’ e ‘a chuva’ adquirem nucleação fora do predicado e constituem bases predicativas suplementares, nos enunciados (d) e (e), respectivamente.

No que se refere ao cenário de pertinência enunciativa, em (d) e (e), a formulação do enunciado explora o referencial histórico-social da ocorrência, incidindo na relação umidade/secura.

Nesse aspecto, a ocorrência do tempo quente e seco é trazida para o presente do enunciar como sensação de alívio, como facilitadora do despertar, como o possibilitar de liberdade de locomoção. As formações nominais ‘o tempo’ e ‘a chuva’ entram em nucleação como aquilo que proporciona o ‘estiar’. A alteração no tempo e o cessar da chuva são elementos que especificam a FN ‘estio’, na relação com o referencial de ocorrência.

Concluída a análise do primeiro grupo de predicções, centradas no referencial da ocorrência, vamos às predicções de três verbos já há muito tempo consolidados na língua

³⁸ Disponível em: < <https://twitter.com/robsonfalou/status/151255524583211012> > acesso: 20/10/21.

³⁹ Disponível em: < <https://twitter.com/bimaravilha/status/1510786757129912320> > acesso: 20/10/21.

⁴⁰ Disponível em: < <https://twitter.com/thay4raujo/status/1234132753802833922> > acesso: 20/10/21.

⁴¹ Disponível em: < https://twitter.com/ruy_willam/status/1321539824550109186 > acesso: 20/10/21.

⁴² Disponível em: < <https://twitter.com/EriksSantana/status/1512667734898880516> > acesso: 20/10/21.

portuguesa (‘amanhecer’, ‘entardecer’ e ‘anoitecer’), e de uma predicação ancorada no verbo ‘sextar’, de circulação recente na língua.

Passemos à próxima Rede Enunciativa, constituída em torno dos verbos ‘amanhecer’, ‘entardecer’ e ‘anoitecer’:

Quadro 68

REDE ENUNCIATIVA 22: AMANHECER
(a) Só pisquei e já amanheceu ⁴³
(b) Bom dia. Hoje amanheceu uma manhã chuvosa em SP ⁴⁴ .
(c) Até o dia amanheceu bonito hoje ⁴⁵
(d) Os carros amanhecaram cheio de gelo no teto ⁴⁶
(e) um rápido comunicado: amanheci exausto ⁴⁷
(f) Amanhecemos a tiros, entardecemos a tiros, anoitecemos a tiros ... ⁴⁸

Fonte: autoria própria

Quadro 69

REDE ENUNCIATIVA 23: ENTARDECER
(a) Entardeceu no meu país BH. ⁴⁹
(b) Preciso ler um livro, mas já vai entardecer ⁵⁰
(c) A tarde entardeceu daquele jeito ⁵¹
(d) Desculpa garelis mas a cidade de vcs n entardece com o céu rosa, mas aqui em Cruzeiro sim ⁵² .
(e) Hoje eu entardecí com vontade de comer um churrasco ⁵³

Fonte: autoria própria

⁴³ Disponível em: < <https://twitter.com/Lauryyya/status/1512377194139553792> > acesso: 02/10/21.

⁴⁴ Disponível em: < <https://twitter.com/APUGLIESI/status/852111665135058944> > acesso: 02/10/21.

⁴⁵ Disponível em: < https://twitter.com/nessa_zella/status/1512390989046067204 > acesso: 02/10/21.

⁴⁶ Disponível em: < https://twitter.com/_vianna/status/661475920528691200 > acesso: 02/10/21.

⁴⁷ Disponível em: < <https://twitter.com/igorhaarus/status/1512389412352671753> > acesso: 02/10/21.

⁴⁸ Disponível em:

< https://twitter.com/search?q=%22Amanhecemos%20a%20tiros%22&src=typed_query&f=top > acesso: 02/10/21.

⁴⁹ Disponível em: < <https://twitter.com/PedroSouza09/status/1290776152097923072> > acesso: 02/10/21.

⁵⁰ Disponível em: < <https://twitter.com/nataliakreuser/status/1103730631773691906> > acesso: 02/10/21.

⁵¹ Disponível em: < <https://twitter.com/collinsinha/status/1410676895788769295> > acesso: 02/10/21.

⁵² Disponível em: < <https://twitter.com/drikikiki/status/854106765021110274> > acesso: 02/10/21.

⁵³ Disponível em:

< https://twitter.com/search?q=Hoje%20eu%20entardecí%20com%20vontade%20de%20comer%20um%20churrasco&src=typed_query&f=top > acesso: 02/10/21.

Quadro 70

REDE ENUNCIATIVA 24: ANOITECER
(a) anoitece e n tem um convite p um datezin, um vinhozin, um lanchinho que mundo eh esse??????? muda brasil!!!!!!!!!! ⁵⁴
(b) tá anoitecendo com um ventinho bem de outono aí amanhã um solzao pra fazer a gente voltar pra realidade ⁵⁵ .
(c) A noite anoiteceu ótima em CDG ⁵⁶
(d) anoiteci no dia de hoje campeão 🏆 boa pra nois, segura minha raposa 🐾 ⁵⁷
(e) Anoitecemos por Marielle no Congresso Nacional! Nesses 3 anos sem respostas, exigimos justiça por Mari e Anderson! ⁵⁸

Fonte: autoria própria

Decidimos abordar as predicções autonômicas com suporte nos verbos ‘amanhecer’, ‘entardecer’ e ‘anoitecer’ em conjunto, tendo em vista a semelhança do comportamento desses três verbos nos três grupos de predicção. Essa semelhança está na constituição da pertinência enunciativa nessas predicções, como também na relação com o referencial de fase ambiental, tendo como base as passagens da fase de incidência solar.

Como regularmente apresentamos, do ponto de vistas das coordenadas de conformação gramatical, as redes começam com predicções constituídas unicamente pela força da FN que constitui a base de predicção no próprio verbo. Nesse caso, o verbo é afetado pela FN ‘manhã’, como na Rede 22 (a), que se basta para a constituição da predicção, configurando-se a predicção autonômica de modo simples. O mesmo ocorre com ‘tarde’ e ‘noite’, nas redes enunciativas 23 (a e b) e 24 (a e b).

Na sequência (Rede 22), uma segunda base predicativa adquire materialidade com a constituição de espaços, na dimensão orgânica fora do predicado, nucleados pelas formações nominais ‘uma manhã chuvosa’ (b), ‘o dia’ (c), ‘os carros’ (d). Em (e) e (f), “eu” e “nós” respectivamente, se constituem em formações nominais sustentadas em ancoragem, formando o que a gramáticas tradicionais denominam de sujeito oculto. Assim como em (b), (c) e (d), elas ocupam espaço sintático fora do predicado.

⁵⁴ Disponível em: < <https://twitter.com/rdsisa/status/1510403473858338822> > acesso: 02/10/21.

⁵⁵ Disponível em: < <https://twitter.com/jeonsstarx/status/1511812423119945730> > acesso: 02/10/21.

⁵⁶ Disponível em: < https://twitter.com/tonho_planetzoo/status/1292998472824651776 > acesso: 02/10/21.

⁵⁷ Disponível em: < <https://twitter.com/Gabriellautens/status/1034249523198152707> > acesso: 02/10/21.

⁵⁸ Disponível em: < <https://twitter.com/TalitaVictorDF/status/1371223293085241349> > acesso: 02/10/21.

Por sua vez, na Rede 23, temos ‘a tarde’ (c), ‘a cidade de vocês’ (d) e ‘eu’ (e) como formações nominais nucleadas que formam a base de predicação secundária nos três enunciados.

E, na Rede 24, a FN ‘noite’ é a base de predicação nucleada em espaço sintático próprio em (c). E em (d) e (e), respectivamente, temos as formações nominais [‘eu’] e [‘nós’] como bases fundamentadas em ancoragem (sujeito oculto). Em todos os três enunciados, portanto, a base de predicação secundária (sobreposição) é constituída fora do predicado.

No que se refere ao cenário de pertinência enunciativa, explora-se, no presente do acontecimento enunciativo, o referencial das periodizações, centradas nas passagens de fase de incidência solar. Na atualização do referencial, incorporam-se, na constituição da consistência do enunciado, vários elementos no cenário de pertinência enunciativa. É o que veremos a seguir.

Na Rede Enunciativa 22, em (c), a FN ‘o dia’, em “o dia amanheceu bonito”, exerce o papel de especificar no cenário de pertinência o período em que ocorre o recorte de percepção do ‘amanhecer’. Em “os carros amanhecera cheio de gelo teto” (d), a FN que ocupa o lugar de base enunciativa secundária participa do cenário de pertinência como ponto de observação dos efeitos do ‘amanhecer’ (o acúmulo de gelo). Em (e) e (f), esse ponto de observação do começo do dia está ancorado na perspectiva da locução: ‘amanheci’, ‘amanhecemos’, respectivamente. Essa ancoragem na locução insere-se no cenário de pertinência enunciativa.

Por sua vez, na Rede Enunciativa 23, em (c), ‘a tarde’ é uma FN da base de predicação suplementar que explicita a FN concebida como base predicativa de fundo (‘tarde’), no sentido de especificá-la (‘daquele jeito’). Em (d), ‘a cidade’, temos o ponto de ancoragem da observação do entardecer; em (e), esse ponto de ancoragem encontra-se na locução: “[eu] entardecí com vontade de comer um churrasco”.

Por fim, na Rede Enunciativa 24, em “a noite anoiteceu ótima’ (c), a FN ‘a noite’ aparece como explicitação da FN de base de fundo, proporcionando uma qualificação: ‘ótima’. Em (d) e (e), por sua vez, a percepção da chegada do período da noite ancora-se na locução: “[eu] anoiteci no dia de hoje campeão”, “[nós] anoitecemos por Marielle no Congresso Nacional!”. Isso significa que o período noturno se torna pertinente no cenário enunciativo a partir de algo que ocorre com o locutor: ser campeão, posicionar-se no prédio do Congresso, respectivamente. O ‘anoitecer’ não se estabelece numa relação direta e única com claridade/normalidade, mas a partir dos fatos pessoais relativos a ‘ser campeão’ e ‘militar por Marielle’.

Passemos a seguir à abordagem da última rede do nosso estudo, qual seja, a predicação assentada organicamente em um verbo recente, mas ao mesmo tempo muito produtivo nos dias hoje: ‘sextar’.

Quadro 71

REDE ENUNCIATIVA 25: SEXTAR
(a) Finalmente sextou ⁵⁹
(b) sextou e já sinto cheiro de whisky ⁶⁰
(c) parece que só eu sextei em casa, credo ⁶¹
(d) Bom diaaa sextou uma sexta-feira CARREGADINHA DE BOAS ENERGIAS PARA TODOS NÓS ⁶²
(e) O soninho e nenhuma vontade de levantar nesta sexta, a onça já tá sextando e a gente trabalhando rrsrsrs ⁶³
(f) hoje até o dia sextou , tá escuro super cedo ⁶⁴

Fonte: autoria própria

A análise dos enunciados dessa rede nos mostra que as predicações com o verbo ‘sextar’ adquirem o mesmo comportamento sintático e enunciativo em relação às outras predicações que vimos abordando.

Tendo em vista a característica marcante da predicação autonômica, essas predicações recebem da FN ‘sexta’ o referencial da periodização. No âmbito desse referencial, toma-se historicamente o dia de sexta-feira como marco da passagem de um período de trabalho para um período de ausência de trabalho.

Essa predicação autonômica aparece com a sua característica mais marcante nos enunciados (a) e (b). Eles se comportam em ambiente de diálogo de forma a não pressupor informação interlocutiva, conforme vimos no Capítulo 3. Isso significa que alguém pode começar um diálogo simplesmente dizendo “Finalmente, sextou” ou “Sextou e já sinto cheiro de whisky”. Não sentimos “falta” de uma base predicativa nucleada externamente ao predicado, como é normal no sistema de regularidades da língua portuguesa.

Nos enunciados seguintes, as predicações apresentam uma segunda base predicativa em termos de coordenadas de conformação gramatical. Em (c), temos uma FN formando a base ‘eu’, nucleada fora do espaço orgânico do predicado; em (d), essa base é constituída por ‘uma sexta-feira carregadinha de boas energias’; em (e), temos a base ‘a onça’; e em (f),

⁵⁹ Disponível em: < <https://twitter.com/meldobarzinho/status/1512371064424251396> > acesso: 14/10/21.

⁶⁰ Disponível em: < <https://twitter.com/nicollicarvalh3/status/1512386398199951362> > acesso: 14/10/21.

⁶¹ Disponível em: < <https://twitter.com/anabrt/status/1512634454614978561> > acesso: 14/10/21.

⁶² Disponível em: < https://twitter.com/Joaquim_Kinkas/status/987257625229385729 > acesso: 14/10/21.

⁶³ Disponível em: < <https://twitter.com/LuisHenriqueMV1/status/1512380907256168452> > acesso: 14/10/21.

⁶⁴ Disponível em: < <https://twitter.com/gihmemo2/status/1375560494463979526> > acesso: 14/10/21.

a base ‘o dia’. Cada uma delas se relaciona com o verbo de forma a mobilizar sentidos no cenário de pertinência enunciativa. Dessa maneira, em ‘eu sextei’, por exemplo, temos a FN ‘sexta’, que entra em convergência na predicação, constituindo o verbo ‘sextar’, como também a FN ‘eu’, contraindo relação de predicação com o verbo, constituindo-se como uma base de predicação suplementar. Como ela é organicamente perceptível, a tendência das análises sintáticas é considerar como sujeito apenas a FN ‘eu’.

No que se refere ao cenário de pertinência enunciativa, observamos que o referencial histórico da periodização é atualizado nos enunciados de diversas maneiras.

Em (a), o “finalmente” revela uma ansiedade pelo fim de um período (basicamente delineado pelo trabalho) e a entrada no novo período da semana. Manifestações como essa situam o referencial da periodização no presente do enunciado, demonstrando o modo como a periodização é pertinente no cenário construído pelo enunciado.

Em (b), o ‘cheiro de whisky’ entra no cenário de pertinência enunciativo como um elemento marcante da entrada no novo período da semana, que toma a sexta-feira como ponto central do fim de um período, em que não se deve beber, para o período liberado para a bebida.

Por sua vez, em (c), a constituição desse cenário de pertinência está na associação da chegada do novo período da semana às pessoas com suas atividades, e não exatamente ao recorte temporal. Isto significa que não é a entrada no dia de sexta-feira que faz o sextar, mas o encerramento de atividade (de natureza diversa) que tem na sexta-feira um marco. Pelo cenário de pertinência, nem todos que estão na sexta-feira compartilham desse fim das atividades. Daí, a possibilidade de termos, por exemplo, ‘eu sextei, mas vocês ainda não’.

Em (d), a qualificação da sexta se dá assim: ‘uma sexta-feira carregadinha de boas energias’. As “boas energias” funcionam pelo entusiasmo na entrada no novo período, que sempre é ansiosamente esperado, após o fim do período de trabalho, por exemplo. Essa qualificação/saudação da sexta é uma marcação importante do cenário de pertinência enunciativa construído no enunciado.

Em (e), por sua vez, há uma perspectivização enunciativa que contrasta as formações nominais “a gente” e “a onça” no que se refere à obrigatoriedade do trabalho formal. Nessa direção, é possível observar que o cenário de pertinência enunciativa da predicação autonômica “a onça já tá sextando” estabelece uma relação de sentido, dada pela consistência interna/independência relativa do enunciado, com outras predicações, como, por exemplo, “a gente trabalhando”, que integram o acontecimento de enunciação.

Por fim, em (f), em relação a consistência interna e a dependência relativa do enunciado, a predicação “o dia sextou” estabelece no cenário de pertinência uma relação de sentidos com “tá escuro”, significando que o período de incidência de luz solar teve uma duração menor que o habitual. Aqui a enunciação capta a percepção da passagem do tempo pelo referencial da periodização, na relação trabalho/inatividade-descanso, configurando a entrada num novo período: o “anoitecer”.

Síntese

Novamente, desenvolvemos o nosso caminho da dinâmica do dizer, a qual agrega os estudos enunciativos, como vimos no Capítulo 1. No presente Capítulo, essa dinâmica foi trabalhada na relação entre os referenciais da ocorrência e da periodização, instalados no verbo pelas formações nominais em confluência, e as variadas atualizações desses referenciais nos cenários de pertinência enunciativa, nos quais se assentam os fatores do presente do enunciar.

Também aqui, destacamos a afinidade que os últimos estudos sobre os verbos de fenômenos da natureza apresentados no Capítulo 4 mantêm com a nossa abordagem. Tanto aqueles estudos como a nossa abordagem consideram a existência de uma base predicativa interna ao verbo nas predicções. No entanto, naqueles estudos, o verbo ‘sextar’ não foi analisado. No nosso estudo, demonstramos que o seu comportamento predicativo mantém paralelo com os verbos afetados pela periodização: ‘amanhecer’, ‘entardecer’ e ‘anoitecer’.

Considerações finais

O trabalho foi desenvolvido a partir do eixo da dinâmica do dizer, que, na perspectiva de Dias (2018, 2022), reúne um conjunto representativo de estudos em enunciação.

No primeiro Capítulo, buscamos nos estudos da significação abordagens que desenvolvessem aspectos da dinâmica do dizer sob diferentes olhares, como uma forma de entrada na concepção da significação a partir da dinâmica enunciativa. Da mesma maneira, a apresentação dos conceitos de predicação também desenvolveu conexões com a concepção de dinâmica do dizer.

No segundo Capítulo, procuramos mostrar como a pesquisa foi desenvolvida e formulada na presente tese, a partir da Teoria Fundamentada. Acreditamos que essa visão metodológica seria a mais adequada para abordar fenômenos enunciativos. Buscamos inserir nos passos da pesquisa a constituição de redes enunciativas, com vistas à produção de evidências e argumentos em torno da maneira como trabalhamos a dinâmica do dizer na explicação da predicação autonômica.

No terceiro Capítulo, a dinâmica do dizer recebeu um tratamento mais específico com o conceito de “domínios de mobilização”. A partir dele, apresentamos os traços teóricos dos conceitos de referencial histórico, de pertinência enunciativa e de formação nominal, os quais constituem peças-chave na análise dos dados. Ainda neste capítulo, antecipamos um quadro de abordagem mínimo pelo qual produzimos a leitura dos enunciados das redes enunciativas, pelo olhar da semântica da enunciação, tendo em vista a formulação do conceito de predicação autonômica.

No quarto Capítulo, fizemos um percurso das abordagens voltadas para os verbos que tomamos como objeto desta pesquisa em estudos produzidos em língua portuguesa e estrangeira, em diferentes campos teóricos, no sentido de compreender os modos de enfrentamento da complexidade de abordagem desse grupo de verbos. Os estudos apresentados ao final do percurso apresentaram aspectos que destacaram a concomitância e a presença não orgânica de nominalidades nos verbos. Isso demonstrou que a nossa perspectiva da confluência de formações nominais nos verbos já tinha um caminho nesse percurso. A nossa abordagem agregava a esses estudos a perspectiva com a qual desenvolvemos a dinâmica do dizer.

Os Capítulos 5 e 6 coroam esse desenvolvimento de uma perspectiva enunciativa do dizer, pois analisamos a predicação autonômica considerando que o referencial

histórico se integra ao verbo a partir da confluência de formações nominais. Nessa direção, a predicação autonômica passa a constituir pertinências enunciativas pela presentificação desses referenciais. Com essa configuração, colocamos em prática um olhar específico da dinâmica do dizer.

Trabalhamos com fundamento na noção de que a significação se constitui a partir de domínios históricos, determinados pelas perspectivas de concepção do sensível. Essas perspectivas se estabilizam como pontos de vista sociais pelos quais se compreende tudo aquilo que nos toca, que requer entendimento, e reclama sentido (DIAS, 2022, p. 4). Os referenciais são concepções do sensível.

Nesta pesquisa, “afluências” são recortes do modo como socialmente recebemos a chuva, por exemplo. Não só a chuva, mas todos os elementos que afluem ambientalmente, como vimos no Capítulo 5. Da mesma maneira, no sexto Capítulo, “ocorrências” e “periodizações” são também recortes dessa perspectiva social. São modos de percepção.

Vimos que os estudos de linha cognitivista, produtivos atualmente, abordam a percepção do ponto de vista da organização do conhecimento, da categorização cognitiva. No presente estudo, o nosso foco esteve voltado para a percepção de ordem social e histórica, estabilizada pelos/nos acontecimentos enunciativos que suportam as regularidades e estabilidades dos referenciais históricos, mesmo que sejam submetidos à dispersão das pertinências enunciativas em cenários os mais variados. A predicação participa dessa dinâmica entre a estabilidade dos referenciais e variabilidade das pertinências enunciativas no presente do enunciar (DIAS, 2022, p. 5; 6)

Conforme apresentamos no Capítulo 3, a análise foi elaborada com a discussão sobre o modo como o referencial histórico adquire pertinência enunciativa no presente do enunciar, constituindo o acontecimento da enunciação. Essa pertinência enunciativa foi observada na constituição dos cenários de pertinência. Por sua vez, no plano da organicidade, mostramos que os verbos recebem, ao sair do estado de infinitivo, as coordenadas de conformação gramatical que os situam no presente do dizer.

Mostramos, nos Capítulos 5 e 6, que a predicação com os verbos em foco é autonômica. Nessas predicações, podemos ter bases de predicação concomitantes com a base de predicação em confluência no verbo. Notamos que as bases predicativas sobrepostas de “caráter agentivo” instalam na predicação diferentes pertinências do referencial.

Nessas formulações, a formação nominal que está latente no verbo suporta o referencial básico, a partir do qual se produzem relações, parâmetros, para a constituição da consistência do cenário de pertinência enunciativa.

Do ponto de vista metodológico, o fechamento da coleta de dados em 25 redes enunciativas poderia indicar que outros verbos poderiam ser contemplados na análise, como por exemplo, ‘alvorecer’. No entanto, pela Teoria Fundamentada, o fechamento da coleta de dados na codificação ocorre quando há um ponto de saturação. Em outros termos, quando “não há mais novas categorias emergindo ou há repetição naquilo que é colocado e geralmente apontado como o momento da saturação” (FRAGOSO et.al, 2011, p. 92, 94). No nosso estudo, a análise de outros verbos, como ‘alvorecer’, cairia numa repetição. Por isso, acreditamos que atingimos o momento da saturação, até porque as regularidades de comportamentos orgânicos e enunciativos dos verbos apresentados são suficientes para a confirmação da nossa hipótese apresentada na Introdução.

Pela hipótese, o referencial histórico, a pertinência enunciativa e a formação nominal deveriam participar decisivamente do quadro analítico, no sentido de apontar as regularidades do comportamento enunciativo de um grupo de verbos específico na constituição da predicação. Efetivamente, mostramos que os fundamentos teóricos fornecem as ferramentas necessárias para uma abordagem mais precisa das relações sintático-semânticas, principalmente no que se refere à delimitação da categoria ‘fenômenos da natureza’. Tendo em vista esses fundamentos, pudemos realizar uma distribuição consistente desses verbos frente às três perspectivas de concepção social do sensível: afluência, ocorrência e periodização.

Acreditamos que o conceito de predicação autonômica permite a resposta de boa parte das questões em aberto nos estudos sobre os verbos de fenômeno da natureza que apresentamos no Capítulo 4. Com esse conceito, podemos perceber o quanto as nossas gramáticas do cotidiano escolar abordam o fenômeno da “impessoalização” desses verbos de maneira superficial e pouco sistemática. Com efeito, frente à concepção segundo a qual as formações nominais entram em confluência no verbo, não há que se postular “impessoalização” nas predicações com os verbos em foco.

Sendo assim, refutamos a concepção de que a participação desses verbos na predicação resulta em orações sem sujeito. Na nossa perspectiva, as bases de predicação se fazem presentes em todas as ocorrências de predicação analisadas. Essas bases de predicação correspondem ao sujeito na sintaxe.

O conceito de predicação, compreendido como a saída do verbo do infinitivo acionado por uma formação nominal, ganha uma especificidade na predicação autonômica, qual seja, apresentar um lugar de sujeito gramatical, isto é, uma formação nominal (base predicativa), com a capacidade tanto de integrar-se ao verbo, constituindo uma definitude em confluência, como de ocupar um lugar na estrutura orgânica do enunciado.

Com a concepção da formação nominal, pudemos mostrar como a dimensão orgânica se articula com a dimensão enunciativa no presente da enunciação pela relação entre o referencial histórico e a pertinência enunciativa. Nesse sentido, trata-se de um conceito que adquire maior efetividade do que o de “sintagma nominal”.

Nessa direção, o procedimento de análise “rede enunciativa” foi fundamental para que articulações constitutivas da predicação autonômica pudessem ser colocadas em foco no momento da análise.

Consideramos ainda que o conceito de predicação autonômica consegue explicar de maneira satisfatória que o sentido é constituído pelo acontecimento de enunciação, na relação de pertinência enunciativa que o referencial histórico produz no presente do enunciar, nas articulações predicativas.

Com isso, podemos encerrar a discussão problemática acerca da dicotomização do sentido e ainda postular que não há mudança no estatuto lexical dos verbos que participam de predicações autonômicas. Essa afirmação se ancora no fato de que o referencial da formação nominal que retira o verbo do estado infinitivo se mantém conforme os referenciais de afluência, ocorrência e periodização.

Esses referenciais possibilitam que os verbos denominados de climáticos, atmosféricos, de fenômenos da natureza, de precipitação, de emissão de substância, possam ser configurados como verbos que realizam uma predicação autonômica.

No que se refere à dicotomia literal/metafórico (figurado), vimos que as abordagens mais conservadoras defendem que a passagem de “choveu hoje” para “o helicóptero choveu flores na casa de Maria”, por exemplo, determinaria uma alteração radical na natureza lexical do verbo ‘chover’, indicando que se trata de outra unidade lexical, isto é, outro verbo, resultando dessa maneira no fenômeno da homonímia.

Do nosso ponto de vista, as transições entre sentidos mais estabilizados e sentidos menos estabilizados (em processo de transposição), tendo como exemplo os dois enunciados com o verbo ‘chover’ que acabamos de apresentar, são fenômenos constituídos da dimensão lexical da língua, e não resultam em alteração na natureza

lexical do verbo. Sendo assim, nos dois exemplos, o verbo 'chover' é o mesmo, configurando-se o fenômeno da polissemia, e não da homonímia.

Por fim, esperamos ter mostrado que a noção de percepção, pela qual se concebe a perspectiva do referencial, adquire um caráter histórico. Ela faz parte da perspectiva social com a qual participamos da produção de sentido na sociedade, em outros termos, com a qual participamos dos domínios de mobilização da significação que se desenvolvem socialmente.

As formas de predicar o sensível, do ponto de vista enunciativo, é parte do conhecimento da sociedade, de como se produz sentido na linguagem pelas dinâmicas do dizer.

Referências

- ABRAHÃO, V. B. B. *Semântica, enunciação e ensino*. Vitória: EDUFES, 2017.
- ACHARD, P. Memória e produção discursiva do sentido. In: ACHARD, P. et alii. *Papel da memória*. Campinas: Pontes, p. 11-21, 1999.
- ALMEIDA, C. M. Predicação metafórica e gerativismo. In: GALVES, C.C. (org.). *Caderno de estudos linguísticos*, Campinas, n.17, Jul./Dez. 1989, p. 147-163.
- ANGIONI, L. *Introdução à Teoria da Predicação em Aristóteles*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.
- APOLONIO DISCOLO. *Sintaxis*. Introducción, traducción y notas de Vicente Bécares Botas. Madrid: Editorial Gredos, 1987. (Biblioteca Clásica Gredos, 100).
- ARNAULD, A; NICOLE, P. (1662). *La logique ou l'art de penser*. Paris: Gallimard, 1992.
- ARNAULD, A. & LANCELOT, C. *Gramática de Port Royal*. São Paulo: Martins Fontes. 2 ed. 200.
- AUSTIN, J. L. (1962). *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss*. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2010.
- BALLY, C. (1947) *Linguistique général et linguistique française*. 4. ed. Berne: Éditions A. Francke, 1965.
- BARBOSA, J. S. *Grammatica philosophica da lingua portugueza: Ou prinípios da grammatica geral applicados a nossa linguagem*. Academia das Ciências, 1822.
- BEAVERS, J., SELLS, P. Constructing and Supporting a Linguistic Analysis. In: PODESVA, R. J., SHARMA, D. (orgs.) *Research Methods in Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 403-427, 2013.
- BENVENISTE, E. (1966). *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 1988.
- BENVENISTE, E. (1974). *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes, 1989.
- BERBER SARDINHA, T. *Metáfora*. São Paulo: Parábola, 2007.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.
- BERLINCK, R. A., et. al. Predicação. In.: KATO, M. A.; NASCIMENTO, M. do. (orgs.) *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. A construção da sentença. Campinas: Ed. da Unicamp, p. 101-188, 2009.

- BLEOTU, A., C. Why Does IT Always Rain on Me? On Weather Verbs. *Proceedings of the First Central European Conference in Linguistics for postgraduate Students*, 2012, p.59–81.
- CÂMARA JÚNIOR, J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CAREL, M. *La semántica argumentativa*. In: CAREL, M.; DUCROT, O. (org.). Buenos Aires, Ediciones Colihue, 2005.
- CAREL, M. Significação e argumentação. *Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 42, n. 73, Jan./Abril 2017, p. 02-20,
- CAREL, M. A enunciação linguística: funções textuais, modos enunciativos e argumentações enunciativas. In: Louise Behe; Marion Carel; Corentin Denuc; Julio Cesar Machado [Orgs.] *Curso de semântica argumentativa*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.
- CASTILHO, A. T. DE. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do português contemporâneo*. 35. ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2001.
- DAVIDSON, D. What metaphors mean. In: —. *Inquiries into truth and interpretation*. Reprinted with corrections. New York: Oxford University Press, 1978, p. 245-64.
- DALMASCHIO, L. Predicação dirigida x predicação centrada: a (não)ocupação do lugar de objeto na perspectiva da semântica da enunciação. 2013. *Tese* (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- DARDEN, B, J. What rains?. *Linguistic Inquiry*, v. 4, n. 4, 1973, p. 523-526.
- DELEUZE, G. *Foucault*. Lisboa: Vega, 1998.
- DIAS, L. F. Fundamentos do sujeito gramatical: uma perspectiva da enunciação. In: ZANDWAIS, A. *Relações entre pragmática e enunciação*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2002, p. 47-63.
- DIAS, L. F. Articulação sintática em gramáticas brasileiras do século XIX. *Letras*, Santa Maria, v. 18, n. 2, jul./dez., 2008 a, p. 125–134.
- DIAS, L. F. Enunciação e regularidade sintática. In: GUIMARÃES, E.J.; ZOPPI-FONTANA, M. (orgs.). *Cadernos de estudos linguísticos*, Campinas, n.51, n.1, Jan. /Jun. 2009, p. 7-30.
- DIAS, L. F. Enunciação e forma linguística. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, v. 21, n. 1, jan. / jun., 2013, p. 223-238.
- DIAS, L. F. Acontecimento enunciativo e formação sintática. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, v.35, 2015a, p. 99- 138.
- DIAS, L. F. Sentido e enunciação: a atualidade do conceito de acontecimento na semântica. *Estudos da Língua(gem)*, v.13, 2015b, p. 229-248.

- DIAS, L. F. Nomes de cidades de Mato Grosso: uma abordagem enunciativa, In: KARIM, T. M.; DI RENZO, A. M.; BRESSANIN, J. A.; KARIM, J. M. (orgs) *Atlas dos nomes que dizem histórias das cidades brasileiras: um estudo semântico-enunciativo do Mato Grosso (Fase I)*. Campinas: Pontes, 2016. p.33-50.
- DIAS, L. F. Enunciar o ininteligível, In: MARIANI, B., et al. (orgs) *Indizível, ininteligível e imperceptível: O sujeito contemporâneo e seus arquivos*. Niterói: Eduff, 2017. p. 123-139.
- DIAS, L. F. *Enunciação e relações linguísticas*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2018.
- DIAS, L. F. Identificações do Mato Grosso: uma abordagem enunciativa. In: Guimarães, E.; DIAS, L. F.; KARIM, T. M.; DALLA PRIA, A. (orgs.). *Atlas dos nomes que dizem histórias das cidades brasileiras: um estudo semântico-enunciativo do Mato Grosso (Fase II)*. Campinas: Pontes, 2018b, p. 23-45
- DIAS, L. F. Da composição à formação nominal: forma linguística e enunciação. In: AGUTINI, C.; Eduardo RODRIGUES, E. (orgs.). *Uma vida pela linguagem. Homenagem a Émile Benveniste*. Campinas: Pontes, 2018c, p. 247-266.
- DIAS, L. F. Horizontes da significação. In: BEHE, L. et al (orgs). *Cours de Sémantique Argumentative: des concepts-clés*. Paris, 2021.
- DIAS, L. F. Enunciação e predicação. Porto Alegre, 2022 (no prelo)
- DIAS, L. F. Fundamentos: produção de sentido. In: *O português brasileiro no cotidiano: enunciação e ensino*, 2022a (no prelo).
- DIAS, L. F. Fundamentos: formação de enunciados. In: *O português brasileiro no cotidiano: enunciação e ensino*, 2022b (no prelo).
- DIAS, L. F. Dimensões enunciativas do vocábulo “amanhã”. In: VIANA, J.; VENTURA, A. Semântica: Estudos Enunciativos dos Sentidos. Campinas: Pontes, 2022c (prelo)
- DIAS, L. F. ; SILVA, E. E. R. da. Formas nominais designativas na constituição do perfil feminino: uma abordagem enunciativa. In: *Revista (Con)textos Linguísticos*. Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Linguística. v. 9, n. 12. 2015, p. 19-161.
- DIAS, L. F. SOUZA, T. N. de. A igualdade em paradoxo: uma abordagem enunciativa. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 11, n. 2, 2018d, p. 181-191.
- DUARTE, I.; BRITO, A. M. Predicação e classes de predicadores verbais. In.: MATEUS, M. H. M. et al. (orgs.). *Gramática da língua portuguesa*. 7.ed. Lisboa, p. 179-203, 2003.
- DUCROT, O. Enunciação. in: *Enciclopédia Einaudi*. vol. 2. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, p. 368-393, 1984.
- DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas, São Paulo: Pontes, 1987.
- ERIKSEN, P., et.al. Linguistics of weather: cross-linguistic patterns of meteorological expressions. *Studies in Language*. v.34, n.3, 2010, p.565-601.

- ERIKSEN, P., *et.al.* Weather and Language. *Language and Linguistics Compass*. v.6, n.5, 2012, p.01-20.
- ERIKSEN, P., *et.al.* The world is raining: meteorological predicates and their subjects in a typological perspective. In: Marja-Liisa Helasvuo & Tuomas Huumo (Eds.), *Subjects in constructions – canonical and non-canonical*. Amsterdam: Benjamins, 2015, p. 01-25.
- FILLMORE, C. J. The case for case. In: Emmon Bach, and Robert T. Harms (eds.) *Universals in linguistic theory*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1968.
- FOUCAULT. (1971). *A ordem do discurso*. São Paulo, Loyola, 1996.
- FOUCAULT, M. *L'archéologie du savoir*. Paris: Gallimard, 1969.
- FRAGOSO, S., et al. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- GARRÃO, M. U. Linguística de *corpus*: o lugar da fusão entre semântica e pragmática. *Calidoscópio*. São Leopoldo, v. 4, n.3, set/dez, 2006, p. 135-140.
- GASS, S., MACKEY, A. Linguistics-Based Research. in: _____ *Data elicitation for second and foreign language research*. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2007, p.71-107.
- GIVÓN, T. *Syntax: a Functional-typological Introduction*. v.I, Amsterdam: Benjamins, 1984.
- GUIMARÃES, E. Enunciação, língua, memória. *Revista da ANPOLL*. n. 2, 1996, p. 27-33.
- GUIMARÃES., E. *Semântica do acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002.
- GUIMARÃES, E. *Semântica; enunciação e sentido*. Campinas: Pontes, 2018.
- HALLIDAY, M, A, K. *An introduction to functional grammar*. London: Hodder Arnold, 2004.
- JACKENDOFF, R. S. *Semântica e cognição*. Cambridge, MA: MIT Press, 1983.
- JIMÉNEZ JULIÁ, T. Estructura sintáctica y constituyentes internos en español. *Estudios Hispánicos* (Asociación Coreana de Hispanistas, Seúl, Coreia), v.37, 2005, p.45-60.
- LANGACKER. R.W. *Cognitive Grammar: a basic Introduction*. Nova York: Oxford University Press, 2008.
- LANGACKER. R.W. *Foundations of Cognitive Grammar: descriptive application*. v.2 Stanford: Stanford University Press, 1991.
- LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.
- LARSEN-FREEMAN, D. & LONG, M. *An introduction to second language acquisition research*. New York: Longman, 1991.
- LARSON, R.K. *Grammar as science*. London: The MIT Press, 2010.

- LEVIN, B.; KREJCI, B. Talking about the weather: Two construals of precipitation events in English. *Glossa: a journal of general linguistics*. 4(1): 58, 2019, p.1–29.
- LIMA, R. *Gramática normativa da Língua portuguesa*. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- LOBO. Sujeito Nulo: sintaxe e interpretação. In: RAPOSO, E. B. P. *et.al* (org). *Gramática do Português*. v. I, II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.
- MEULLEMAN, M.; PAYKIN, K. Weather verbs sifted through a motion sieve. *Contrastive Linguistics*. *halshs-01467132*. Université Pédagogique d'Etat de l'Oural, 2016, 5, pp.58-67.
- MEILLET, A. *Introduction d' l' tude comparative des langues Indo-Europeenes*. Alabama: University of Alabama Press, 1964.
- MILNER, J-C. *Introduction à une science du langage*. Paris: Éditions du Seuil, 1989.
- NEBRIJA, A. DE. (1492). *Gramática de la lengua castellana*. Edição digital da Biblioteca Nacional de España. Salamanca, s/ed.
- NETO, N. A.S. O preenchimento de sujeito com verbos climáticos. *Revista Crátulo*. Patos de Minas, v.1, n.6, Jan/Jun, 2013.p. 72-84.
- ORLANDI, E. Recortar ou segmentar? In: *Linguística: Questões e Controvérsias*. Série Estudos. Uberaba: Faculdades Integradas de Uberaba, 1984. p. 09-26.
- ORLANDI, E. Destruição e construção do sentido: um estudo da ironia. *Web revista discursividade*. Campo Grande, v.1, n.9, Jan/Mai, 2012. p. 1-42.
- PEREIRA, B. K. *A convergência de sujeito e objeto: por uma sintaxe de bases enunciativas*. 2008.176 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) -Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.
- PONTES, E. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.
- PUNTER, D. *Metaphor*. New York: Routledge, 2007.
- PUSTEJOVSKY, J. *The generative Lexicon*. Cambridge: MIT Press, 1995.
- GONÇALVES E RAPOSO. Verbo e sintagma verbal. In: RAPOSO, E. B. P. *et.al* (org). *Gramática do Português*. v. I, II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.
- RICOEUR, P. *A metáfora viva*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- ROLDÁN, A, C. La impersonalidad de los verbos meteorológicos: una explicación pragmático-discursiva. *Dicenda. Cuadernos de Filología Hispánica*. Madrid, v.18, 2000, p.85-108.
- ROLDÁN, A, C. *Las oraciones con verbos meteorológicos em la gramática de construcciones*. 2013. 180p. Tese de doutorado (Departamento de Lengua Española y

Teoría de la Literatura y Literatura Comparada)- Facultad de Filología, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2013.

RUWET, N. Note sur les verbes météorologiques. *Revue québécoise de linguistique*, v.15, n.2, 1986, p. 43-55.

SAUSSURE, F. *Escritos de linguística geral*. BOUQUET, S.; ENGLER, R. (Orgs). São Paulo: Cultrix, 2002.

SEARLE, J, R. *Os actos de fala*. Coimbra: Livraria Almedina, 1981.

SMITH, A.D.M.; HÖFLER, S.H. The pivotal role of metaphor in the evolution of human language. In: DÍAZ VERA, J. E. (ed.) *Metaphor and metonymy across time and cultures: perspectives on the sociohistorical linguistics of figurative language*. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 123-139, 2015.

SOUSA DIAS, J. *Lógica do acontecimento: Deleuze e a filosofia*. Porto: Ed. Afrontamento, 1995.

STOCKMAN, N. *Lingüística Española: Los verbos meteorológicos*.2010.103p. Dissertação (Mestrado em Linguística e Literatura: Línguas Ibero-românicas)- Universidad de Gante, Gante, 2010.

TALMY, L. *Toward a cognitive semantics: typology and process in concept structuring*. v. II. Cambridge: The MIT Press, 2000.

TURAZZA, J. S. *O verbo: uma abordagem léxico-semântica*. São Paulo: Annablume, 2002.

VICO, G. *Opere*. Milano: Riccardo Ricciardi Editore, 1953.

VILELA, M. *Gramática da língua portuguesa*. 2.ed. Coimbra: Almedina, 1999.

ZAEFFERER, D. Polysemy, polyvalence, and linking mismatches: the concept of rain and its codings in English, German, Italian, and Spanish. *Delta*, São Paulo, v. 18, n. esp., 2002. p. 27-56.

ZIR, A. A tese da primazia da metáfora, defesa e problematização: um estudo a partir de vico. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 9, n. 1, jan./abr, 2009, p. 107-130.